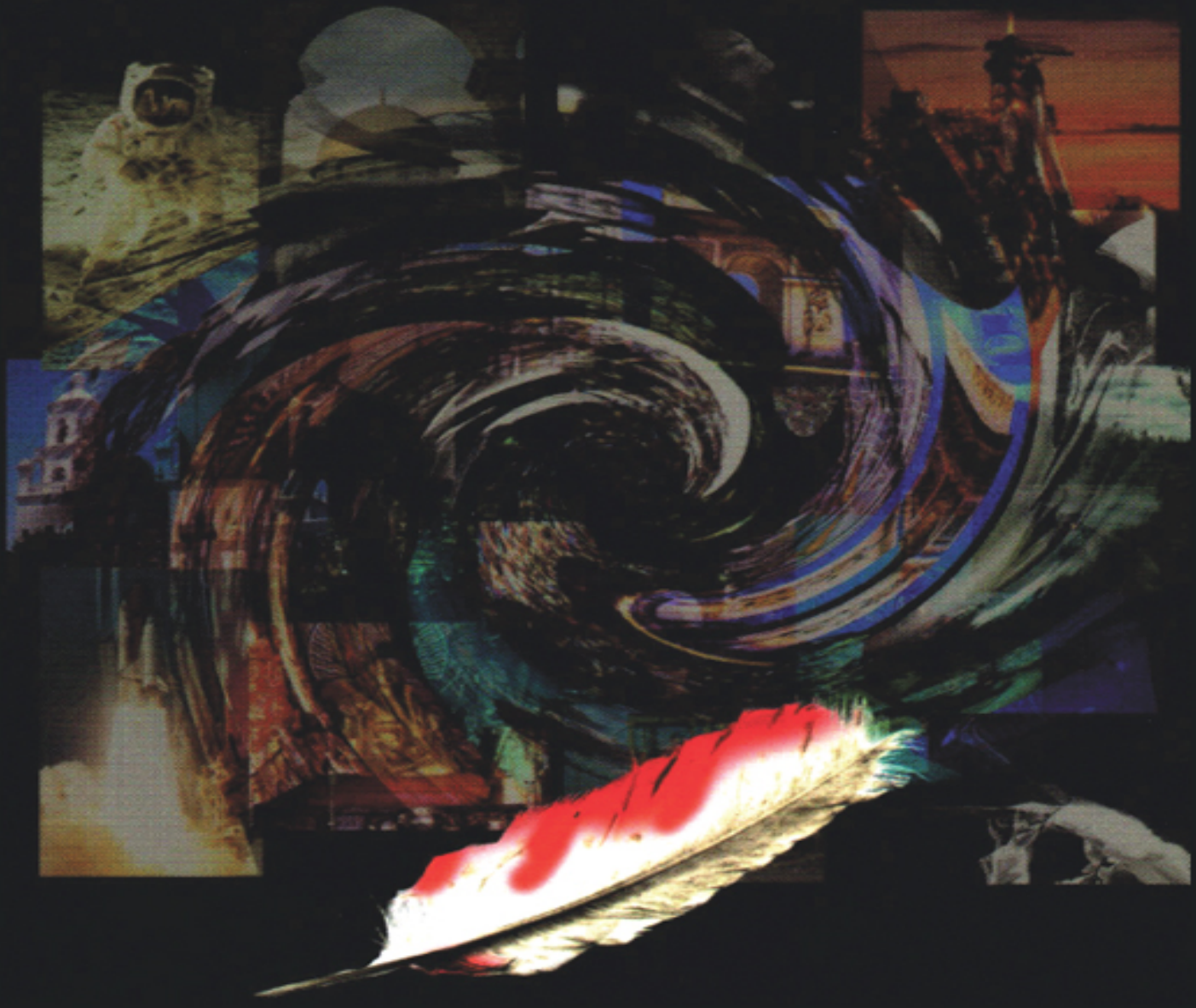
ICABODE

Da Mente de Cristo à Consciência Moderna



RUBEM AMORESE

ICABODE

Da mente de Cristo à consciência moderna

Rubem Martins Amorese

ICABODE

Da mente de Cristo à consciência moderna

ultimato
VIÇOSA|MG

À Angela, que já é, hoje,
muito do que ainda sonho
para minha vida espiritual.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Dedicatória

Prefácio

Apresentação

1. A IMPORTÂNCIA DO TEMA

2. A HISTÓRIA DE CABO VERDE

3. A MODERNIZAÇÃO DE CABO VERDE

4. CONSCIÊNCIA MODERNA

5. IGREJA MODERNA: O DESAFIO DAS CRISES

6. A IGREJA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

7. SOLUÇÕES?

EPÍLOGO

Bibliografia

Créditos

PREFÁCIO

> Cada pessoa, mergulhada em si mesma, comporta-se como se fora estranha ao destino de todas as demais. Seus filhos e seus amigos constituem para ela a totalidade da espécie humana. Em suas transações com seus concidadãos, pode misturar-se a eles, sem no entanto vê-los; toca-os, mas não os sente; existe apenas em si mesma e para si mesma. E se, nestas condições, um certo sentido de família ainda permanecer em sua mente, já não lhe resta sentido de sociedade.
>
> — *Tocqueville*

Em toda a sua história, o cristianismo sempre soube, bem ou mal, reconhecer, enfrentar e combater seus inimigos. Fossem eles teólogos, com suas heresias e desvios doutrinários; impérios, com seus reis e exércitos; ou mesmo demônios, com seus ataques sutis e enganosos, os cristãos sempre souberam discerni-los e reagir de forma a preservar a vocação da Igreja e sua aliança com o Criador. Discerni-los não era tarefa muito difícil, à exceção de algumas heresias que trouxeram, por certo tempo, confusão e divisão. Porém, mesmo sendo ameaçado com torturas e perseguições, todos os inimigos do cristianismo foram enfrentados com coragem e fé, e contribuíram direta ou indiretamente para o crescimento e fortalecimento da igreja de Cristo, tanto na sua fé como na sua vocação.

Em nossa história mais recente vemos que o conflito deu-se basicamente no campo da dogmática. O liberalismo teológico do

início do século foi, e continua sendo, o grande vilão que ameaça a integridade da fé evangélica, levantando dúvidas quanto às doutrinas básicas do cristianismo. A reação a esse "inimigo" foi o movimento fundamentalista que, a princípio, buscou resgatar e preservar os princípios fundamentais da fé cristã, mas que acabou sendo absorvido por outros valores ideológicos e teológicos, transformando-se ele mesmo numa outra ameaça. Atualmente, vivemos a redescoberta da "guerra espiritual", com forte ênfase nos "principados" e "potestades", que atuam no mundo espiritual, cujo combate também se dá com as armas do Espírito. Essa guerra de natureza mais metafísica tem dominado quase todo o cenário dos conflitos da igreja evangélica nos últimos anos.

No entanto, hoje a Igreja se vê diante de uma nova realidade, que a ameaça e traz uma característica muito peculiar e incomum: não se trata de um inimigo. Pelo menos não no sentido em que os outros mostraram-se na história. A bem da verdade, trata-se mais de um aliado que oferece inúmeros recursos considerados imprescindíveis para o avanço do evangelho do que uma ameaça à fé e missão da Igreja. Mas é exatamente aqui que mora o perigo. Ao mostrar-se como um aliado inofensivo, aceito e admirado por todos, que cria uma atmosfera de possibilidades e realizações, tira da Igreja a capacidade de discernir o que realmente está acontecendo à sua volta. E, sem que ela perceba, vai devagar minando suas bases até comprometer sua identidade.

Estamos falando da modernidade. Obviamente, não se trata de nenhum inimigo ideológico nem teológico, nem mesmo de um inimigo. É apenas a realidade constatada no chamado mundo civilizado. Ela está aí, admirada por todos, contribuindo com o que de melhor o homem pode experimentar. Mas, paradoxalmente, ela traz também a maior ameaça e o maior desafio que o cristianismo

jamais experimentou. Refletir sobre a modernidade e seus desdobramentos sobre a fé e a missão da Igreja é a grande tarefa que temos pela frente.

A ameaça que a modernidade traz não se encontra no campo da teologia dogmática, das formulações doutrinárias nem das confissões de fé da Igreja. Nada disso se encontra ameaçado de deformação ou extinção. Nem mesmo se trata de uma ameaça maligna, de um ataque satânico que poderia ser exorcizado mediante a "oração de guerra", livrando a Igreja de uma crise sem precedentes. Também não se trata de nenhuma conspiração idealizada por estruturas políticas contrárias aos valores do reino de Deus. Trata-se mais de uma ameaça à natureza própria da Igreja, ao significado de ser Igreja. Na verdade, o desafio que temos pela frente em relação à modernidade não é o de lutar pelas doutrinas evangélicas nem pela moral religiosa (embora continuem sendo temas importantes), mas o de preservar o propósito original da aliança de Deus com o seu povo, de conseguir simplesmente ser Igreja.

Quando olhamos para a realidade protestante da Europa pós-moderna, continente que foi o berço do protestantismo, percebemos a força devastadora da modernidade sobre a fé e a Igreja. Aquilo que imperadores com seus exércitos ou mesmo homens com suas heresias não conseguiram ao longo destes quase dois mil anos de cristianismo, a modernidade conseguiu sem grandes esforços. Para nós, brasileiros, que experimentamos um momento de grande entusiasmo e crescimento evangélico, pode parecer pura especulação de mau gosto tratar deste tema como uma ameaça a uma igreja que nunca esteve tão sólida e segura da sua vocação. Talvez valesse a pena relembrar aqui as palavras do Senhor Jesus à igreja de Laodiceia: "Pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e

nu” (Ap 3.17). A modernidade cega, empobrece e descaracteriza a Igreja.

Infelizmente poucos têm se preocupado com este tema. Talvez, por se encontrar tão próximo de nós, o assunto esteja, ao mesmo tempo, mais distante do que nunca. Fazemos parte dele, somos beneficiados por ele e, sem que percebamos, somos conduzidos por ele. Nossos valores, cultura e religião são sutilmente influenciados e transformados pela modernidade, e absorvemos tudo isso sem nenhuma resistência. Somos hoje uma igreja moderna, não porque incluímos instrumentos modernos na nossa liturgia, mas porque incorporamos valores próprios de uma sociedade moderna. A secularização, o individualismo, a pluralização são algumas dessas novas realidades que têm mudado o cenário das relações humanas e religiosas.

Modernidade é o tema deste livro. Sua abordagem é profética, feita por alguém que tem estado preocupado com este assunto já há algum tempo. É profética porque contém os três elementos que considero indispensáveis numa profecia. Primeiro, compromisso com o passado, com os oráculos de Deus, com o propósito da aliança. Toda a profecia mantém sempre um pé no passado como referencial bíblico e histórico do chamado e vocação da Igreja. Segundo, analisa, à luz do passado, dos oráculos de Deus e de sua Palavra, o presente, procurando discernir a modernidade não por ela nem a partir dela, mas pela aliança de Deus com sua Igreja. Esta é, particularmente, uma tarefa difícil, principalmente em se tratando de uma igreja como a brasileira, que vive momentos de crescimento e euforia. Não estamos acostumados a lidar com o óbvio; a habilidade para discernir o presente e seus desdobramentos sobre o futuro exige uma visão mais acurada da realidade, visão esta que nos é dada como um dom do Espírito Santo, que sempre nos pergunta: “o que vês?”

Terceiro, o profetismo bíblico aponta para os desdobramentos da modernidade sobre a Igreja e sua missão, caso esta não atente para os riscos inerentes a este processo.

Neste livro, Rubem Amorese traz uma contribuição valiosíssima para a igreja cristã neste final de milênio. O leitor perceberá que os conceitos apresentados no livro são construídos sobre uma análise da realidade do mundo, da sociedade e da Igreja na qual todos estamos inseridos. Não se trata de especulação teológica nem futurista, mas de cuidadosa reflexão multidisciplinar sobre aquilo que nem sempre é tão óbvio pelo simples fato de estarmos pessoalmente envolvidos. “A cultura moderna é o molde com o qual todos fomos moldados e que somente podemos reconhecer, rejeitar e mudar por meio da perspectiva exterior de Deus em meio à nossa ignorância, uma ignorância agudizada, de certa forma, pelo excesso de informação”. A dificuldade encontrada para discernir o mundo moderno é porque nós somos modernos. O que o Rubem procura aqui é se posicionar como um observador crítico que analisa o processo de modernização de uma cultura e seus efeitos sobre a fé cristã. Esta análise é, ao mesmo tempo, sociológica e teológica. O autor é, por um lado, uma pessoa comprometida com a Igreja de Cristo, e que tem servido ao Senhor da Igreja com fidelidade e dedicação; por outro, é também um comunicólogo que, em sua atividade profissional, dedica-se à análise dos meios de comunicação de massa e seus efeitos sobre a sociedade. Estas duas vertentes da sua vida tornam-no uma pessoa habilitada para refletir sociológica e teologicamente sobre um tema tão vasto e complexo como é a modernidade.

O sábio afirma que “não havendo profecia o povo se corrompe” (Pv 29.18). Espero que este livro contribua para que a Igreja consiga discernir os sinais do mundo em que vive e ao qual serve. Que ele

abra nossos olhos para que vejamos aquilo que nem sempre é tão óbvio, e que nos prepare para o enfrentamento desta realidade que não pode ser definida como um “inimigo”, mas que ameaça o futuro da Igreja.

Ricardo Barbosa de Sousa

APRESENTAÇÃO

O primeiro texto que me chegou às mãos sobre o assunto foi o conhecido "Cuidado com a jiboia", publicado no livro *La Iglesia del futuro*, pela Casa Bautista de Publicaciones[1]. Naquele texto, Dr. Os Guinness, discípulo de Francis Schaeffer, apresenta, de forma resumida, sua percepção do desafio apresentado pela modernidade ao discipulado cristão, discorrendo a respeito de seu efeito destruidor sobre as instituições sociais, de uma forma geral, e sobre a religião em particular. Ali ele estabelece seu tripé estruturador do tema: secularização, pluralização e privatização.

O texto me impressionou muito, gerando um misto de temor, incredulidade e urgência. Na verdade, a incredulidade provinha de um desejo de que algo naquela análise estivesse errado. Com isso, também os desafios e ameaças careceriam de base factual e teórica, e eu voltaria à minha paz ignorante. Mas veio Lausanne II, em Manila, julho de 89, e lá fomos nós. Qual não foi a minha surpresa ao encontrar Dr. Guinness, cercado de discípulos, provendo toda uma série de palestras, plenárias e grupos de estudos sobre o tema.

A dificuldade de escolher entre os seminários oferecidos era das maiores. Tudo era interessante, num encontro mundial sobre evangelização: "Proclamando Cristo até que ele Venha". Nesse exato momento, numa plenária preliminar, Os Guinness profere uma palestra intitulada: "O Impacto da Modernização". Bastou sua introdução para tornar minha curiosidade incontrolável e minha

convicção de que este era um tema sobre o qual precisávamos conversar muito no Brasil. Uma de suas primeiras afirmações foi: “A modernidade, ou a civilização mundial emergente, representa a maior grande oportunidade e o maior grande desafio que a Igreja jamais enfrentou desde os tempos apostólicos”[2].

Era o bastante. Matriculei-me em todos os seminários e colecionei todos os folhetos, documentos e bibliografias disponibilizados. Lembro-me que pensei assim: “temos mais chances do que as igrejas do Primeiro Mundo, porque estamos alguns anos atrás. Pelo menos existe um ponto no qual é vantagem estar atrás. Precisamos estar atentos ao que acontece por lá, às soluções que encontram por lá, e aprender com seus problemas, sem que tenhamos de passar pelo que certamente passarão”. Precisamos aprender rápido.

Desde então — 1989 — venho tentando ler, pensar, debater e compartilhar o assunto, buscando desenvolver um senso crítico sobre a matéria, convencido que estou de sua importância para a igreja brasileira. Associado a isso, tenho tentado dar vazão à minha vocação de comunicador, buscando colocar o assunto ao alcance de um público menos especializado e sem propensão para o discurso acadêmico ou facilidade com leituras em outras línguas. Tento fazer isso consciente do comprometimento da acuracidade científica e do rigor metodológico. Mas alcanço um leitor que não teria acesso a esse universo, se tiver de ler *Science*. Dos debates e trocas com esse público, tenho coletado ideias, opiniões, reações e material da mais alta importância, que me têm em muito ajudado a articular as questões de forma a que toda a igreja possa participar da reflexão e adensar a massa crítica necessária a uma tomada de posição mais abrangente e consistente.

O texto que se segue é uma tentativa de “relatório de viagem”. Por um lado, pode ser visto como uma resenha do material que tenho

conseguido amealhar neste tempo. Por outro, pode servir a quem queira se iniciar no assunto, seja aproveitando a bibliografia fornecida, seja por meio de um "passeio" pelo terreno.

Apresso-me em reconhecer minha dificuldade em raciocinar sociologicamente com segurança, a partir do ferramental fornecido pelos autores compulsados. Todavia, esse é o objetivo: amadurecer uma forma de pensar, para poder propor uma via de acesso ao fenômeno. No entanto, alguns poderão dizer: este fenômeno não é distintivamente moderno. Prevejo que essa ponderação poderá ocorrer em muitos casos. Em alguns, com inteira razão, inclusive. Até porque aprendemos ser impossível, em muitos casos, separar, como o joio do trigo, o que seja exclusivamente moderno em um dado sistema de ideias e valores[3]. Daí por que achamos que este trabalho seja apenas uma contribuição inicial ao longo debate que esperamos se desenvolva em torno do tema.

Nossa esperança é que este tema, ainda tão verde entre nós, brasileiros, venha a ocupar a prioridade devida na agenda teológica da Igreja, para que possa ser convenientemente amadurecido. Do debate, espero, surgirão as respostas de que nossa igreja tanto necessita.

Uma palavra sobre o termo "modernidade". Começa a surgir, nos debates sobre o tema, o uso do termo "pós-modernidade". Diz-se que somos uma geração "pós-moderna"; vivemos o "pós-modernismo" etc. Optei por continuar com "modernidade". Entendo que os termos "modernismo" e "pós-modernismo" referem-se ao movimento filosófico e das artes destes últimos duzentos anos. Na verdade, têm uma proximidade conotativa tão grande com o que chamo de *modernidade*, que esta distinção é quase desnecessária. Mas ainda assim há distinção: modernidade, na minha forma de entender, não é uma designação para movimento artístico-filosófico. Modernidade

provém da tecnologia. Está associada mais à revolução industrial que à rejeição dos padrões clássicos.

Nesse sentido, o termo tem conotação de contemporaneidade, de atualidade. *Moderno*, para mim, é algo que reflete a última moda, a última invenção, a ideologia do momento. Concebida assim, não há espaço para pós-modernidade. A não ser usando a escada de disseminação das ideias de Francis Schaeffer, em *O Deus que intervém*: uma mudança começa na Filosofia, reflete-se nas artes e chega ao homem comum, na forma de cultura popular. Nesse caso, no mais alto nível, teríamos o Pós-modernismo dando origem à modernidade. Mesmo assim, há uma mudança muito grande de natureza do fenômeno. Confundir modernidade com modernismo poderia nos levar a dizer "pós-hoje". Mais ou menos como tentar afirmar que "o homem pós-moderno é caótico", assim: "o homem pós-atual é caótico". No mínimo, teríamos de mudar o tempo do verbo para "será". Ninguém vive o "pós-hoje", a "pós-atualidade". Pode-se viver o "pós-cristianismo", o "pós-domingo de páscoa" (ou, pelo menos, o "pós-domingo passado") etc., mas o "pós-presente", não. Só Deus.

Só um exemplo: ouvi uma autoridade dizendo que a aprovação pelo Congresso Nacional da possibilidade de reeleição do presidente da República tem, entre outras vantagens, a de colocar o país *em sintonia com a modernidade*. Veja como o termo foi usado. Está dizendo que o país se igualaria, em termos políticos, com os países mais avançados do mundo. Imagine, agora, a mesma autoridade dizendo que o país ficaria *em sintonia com a pós-modernidade*. Faz sentido? Caberia um termo pelo outro? Entendo que não. Portanto, nem sempre eles são sinônimos. Não devem ser usados sem critério, sob pena de confusão semântica.

---

[1] Rio de Janeiro, 1983, pp. 56-83. ↩

[2] Minneapolis: World Wide Publications, 1990, pp. 283-288. ↩

[3] “O fato maciço que ora se impõe é que existe no mundo contemporâneo, mesmo em sua parte ‘avançada’, ‘desenvolvida’, ou ‘moderna’ por excelência, e até no plano tão-somente dos sistemas de ideias e valores, no plano ideológico, alguma outra coisa que nada tem a ver com o que se definiu diferencialmente como moderno. E bem mais do que isso: descobrimos que numerosas ideias-valores que se aceitavam como intensamente modernas são, na realidade, o resultado de uma história em cujo transcurso modernidade e não-modernidade ou, mais exatamente, as ideias-valores individualistas e suas contrárias, combinaram-se intimamente. DUMONT, Luís. *O individualismo*; uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. pp. 30-31. ↩

1.

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

"É o melhor dos tempos, é o pior dos tempos!" Esta é a descrição das mudanças revolucionárias levadas a efeito na França do século 18, na ótica e nas palavras de Charles Dickens[1]. Na verdade, essa expressão retrata bem as contradições em que estão mergulhadas as instituições sociais de nossos tempos. É difícil compreender as razões por que uma mesma entidade social esteja vivendo, ao mesmo tempo, o melhor e o pior de seus tempos. No melhor dos mundos, encontra um ambiente propício à sua plena manifestação e desenvolvimento; no pior deles, esta mesma instituição se encontra ameaçada por muitos perigos. Podemos citar alguns exemplos.

Na área do relacionamento conjugal, o indivíduo vive hoje um período de divórcios sem precedentes em toda a história, levando muitos analistas a prognosticar a falência da instituição "família", na forma como é tradicionalmente conhecida. Ao mesmo tempo, no entanto, proliferam os relatos de satisfação no relacionamento conjugal de uma forma sem precedentes. Nunca esse relacionamento foi tão satisfatório para ambas as partes. O homem, finalmente,

encontra uma companheira à sua altura, quer para o diálogo, quer para o convívio: ela pensa, age, reage, faz-se bonita, independente, inteligente e o agrada. A mulher, por seu turno, encontra outros tipos de prazeres na companhia do homem: prazeres intelectuais, companheirismo, proteção não-paternalista, parceria em empreendimentos familiares e não-familiares. Os relatos de realização nesta área são tão veementes quanto aqueles que dão conta dos fracassos.

Se voltarmos os olhos para a infância, encontraremos milhões de crianças sofrendo a dor de serem um peso, em lares partidos ou desajustados (para não falar dos órfãos de pais vivos: os menores abandonados ou filhos de pais separados), o que faz com que cresçam com uma psiquê comprometida e de prognósticos sombrios. No entanto, encontra-se em todos os meios de comunicação — sejam programas especializados, revistas femininas, debates televisivos, legislação de proteção ao menor e ao adolescente — uma ênfase sem precedentes no amor e intimidade no relacionamento familiar, como a única alternativa para a desgraça de toda uma geração. Já não é um escândalo encontrar-se um jovem Senhor, em trajes executivos, empurrando um carrinho de nenê na praça principal da cidade, ou no calçadão da praia. Já não se estranham os desenhos animados em que os pais heróis se apresentam vestidos de Batman, Super-homem, ou outro herói — coisa impensável há alguns anos, para a mentalidade machista e para o senso de ridículo de então. Ao observar a cena, pode passar despercebido que aquele momento é fugaz e tenso: um pai confuso, culpado, permissivo ao extremo, tentando exercer seu direito de visitar o filho uma vez por semana, depois de seu quarto divórcio. O pai dá o que o filho pedir. Nada o leva a contrariar ou disciplinar o filho. E este, sabendo que em

poucas horas voltará a ser abóbora, aproveita o quanto pode, chegando a se intoxicar de sorvete e pizza.

Vive-se um tempo de liberdade sem precedentes: liberdade de pensamento, de costumes, de modos de vestir, de religião, de lazer etc. Nunca as amarras sociais estiveram tão frouxas e oferecendo tanto espaço para realização pessoal, familiar, grupal e mesmo nacional. A tradição já não é tão restritiva ao ponto de inibir sem explicações plausíveis; a autoridade pública tem os seus próprios limites e aceita o costume de ser um agente a serviço da população; o governante tende a ser um democrata, eleito e deposto pelo povo, e assim por diante. O "melhor dos tempos".

No entanto, vivemos num mundo de escravos e escravizados sem precedentes. Surgem novas formas de escravidão, que se apresentam como paradoxos à liberdade pretendida: a escravidão de drogas, do consumo, de aparências, do *status*, da vaidade etc. Esses fenômenos, por mais antigos que sejam, encontram sua potencialização perigosa e deletéria na anomia da liberdade moderna. Sem parâmetros, sem ideais, que pressuponham limites, os jovens se transformam em hordas dispostas a diversão a qualquer custo, promovendo bailes *funks*, pancadarias em estádios, pichações de monumentos, pegas de carro etc. Os adultos, também adeptos do hedonismo total, não conseguem conviver com governos, regras, limites, restrições etc. Matam-se no trânsito, puxam a arma sem razão aparente, divorciam-se por enfado ou na busca de um novo brinquedo conjugal, e nem ligam se o prefeito está roubando descaradamente.

Um exemplo do paradoxo na área religiosa: O sonho de muitos pais da fé se realizou: o de ter em sua própria língua várias versões das Escrituras, além de comentários, léxicos, pesquisas e ferramentas científicas. Isso sem falar nas traduções da Bíblia em linguagem popular, o que a leva ao alcance das crianças e do povo

menos erudito, e nas dezenas de boas revistas de escola dominical. No entanto, o desconhecimento do conteúdo bíblico — para falar apenas sobre aqueles que teriam a obrigação de conhecê-lo, o povo de Deus — chega a ser considerado por alguns educadores cristãos como uma calamidade. Isso sem considerar o fenômeno da baixa escolaridade e do analfabetismo, que começa a caracterizar justamente o povo da Palavra: os "bíblia". Pesquisas revelam que o grupo social, recentemente tipificado e caracterizado como "evangélico" se distingue por seu pendor anti-intelectual e (não sei se causa ou consequência) por estar cada vez mais abaixo da média nacional de escolaridade. Tão próximos, todavia tão distantes.

A modernidade tem sido celebrada como o caminho do futuro, com sua técnica, sua tecnologia, seu conforto e seu potencial de solucionar os problemas da humanidade. Mas tem sido acusada também como a causadora do declínio de nossa civilização, produtora de pobreza, exploração, concentração de renda, bens e serviços e produtora de indicadores de indignidade social sem precedentes. Esse efeito contraditório tem provocado uma interessante ambiguidade de sentimentos em pessoas mais idosas. Por um lado, reconhecem que estão saudáveis, em muitos casos economicamente ativas e socialmente vivas graças a facilidades e recursos destes tempos. Por outro lado, sonham com o tipo de vida de outrora, em que eram "realmente felizes". Nas palavras de Betinho:

> A modernidade produziu um mundo menor do que a humanidade. Sobram bilhões de pessoas. Não se previu espaço para elas nos vários projetos internacionais e nacionais. No Brasil essa exclusão tem raízes seculares. De um lado, Senhores, proprietários, doutores. De outro, índios, escravos, trabalhadores, pobres. (...) A industrialização brasileira não encurtou o abismo entre pobres e ricos. Os Senhores viraram empresários, mas continuaram a viver em novas versões da casa-grande. Os escravos

viraram trabalhadores, mas continuaram morando na senzala, em dormitórios feitos para isolar o pobre depois do serviço.[2]

A QUESTÃO INEVITÁVEL

O que terá acontecido com nossa sociedade, para provocar tais reações, tal ambiguidade de sentimentos, tal nível de contradições? Na verdade, essas mudanças não são de hoje: já vêm ocorrendo há algum tempo. Trata-se do processo de modernização, que traz consigo todos esse fatores ambíguos, contraditórios e paradoxais.

Esse fenômeno pouco estudado e compreendido, que significa prazer, realização e conforto, mas que, ao mesmo tempo, apresenta tamanho poder de destruição das formas e estruturas sociais estabelecidas, consideradas *tradicionais*; formas de agir, pensar e sentir — de existir em sociedade, enfim —, é chamado de *modernidade* [3]. Ela precisa ser conhecida em sua constituição, sua evolução, seus efeitos, seus aspectos positivos e negativos, de forma que se possa vivê-la inteligentemente.

Em sua memorável palestra inaugural em Cambridge, em 1954, C. S. Lewis, referindo-se ao movimento modernista, defendeu que ele era a maior divisão histórica do homem ocidental; maior que a diferença entre Antiguidade e a Era das Trevas, maior que aquela entre a Era das Trevas e a Idade Média, maior ainda que aquela entre a Idade Média e o Renascimento[4].

CANAÃ 2000

Antes de começarmos a descrever o fenômeno da modernidade, gostaria, numa espécie de parêntesis, de apresentar uma analogia. Ela nos seguirá por todo este livro, e nos ajudará a manter o prumo das nossas análises. Encontra-se em Deuteronômio 6.1-21:

> Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o Senhor teu Deus se te ensinassem, para que os cumprisses na terra a que passas para a possuir;
> **2** para que temas ao Senhor teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos, que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida; e que teus dias sejam prolongados.
> **3** Ouve, pois, ó Israel, e atenta em os cumprires, para que bem te suceda, e muito te multipliques na terra que mana leite e mel, como te disse o Senhor Deus de teus pais.
> **4** Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.
> **5** Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de toda a tua força. **6** Estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração;
> **7** tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te.
> **8** Também as atarás como sinal na tua mão e te serão por frontal entre os teus olhos.
> **9** E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.
> **10** Havendo-te, pois, o Senhor teu Deus introduzido na terra que, sob juramento, prometeu a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó, te daria, grandes e boas cidades, que tu não edificaste;
> **11** e casas cheias de tudo o que é bom, casas que não encheste; e poços abertos, que não abriste; vinhais e olivais, que não plantaste; e quando comeres e te fartares,
> **12** guarda-te, para que não esqueças o Senhor, que te tirou da terrado Egito, da casa da servidão.
> **13** O Senhor teu Deus temerás, a ele servirás, e pelo seu nome jurarás.
> **14** Não seguirás outros deuses, nenhum dos deuses dos povos que houver à roda de ti,
> **15** porque o Senhor teu Deus é Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do Senhor teu Deus se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra.
> **16** Não tentarás o Senhor teu Deus, como o tentaste em Massá.

17 Diligentemente guardarás os mandamentos do Senhor teu Deus, e os seus testemunhos, e os seus estatutos, que te ordenou.
18 Farás o que é reto e bom aos olhos do Senhor, para que bem te suceda, e entres, e possuas a boa terra, a qual o Senhor, sob juramento, prometeu dar a teus pais,
19 lançando fora a todos os teus inimigos de diante de ti, como o Senhor tem dito.
20 Quando teu filho de futuro te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos e estatutos e juízos que O Senhor nosso Deus vos ordenou?
21 Então dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó no Egito: porém o Senhor de lá nos tirou com poderosa mão.

OS PERIGOS QUE MOISÉS VIA

Esse texto nos fala de perigos, de situações escorregadias, de um ambiente adverso, dentro do qual se daria a nova vida na terra prometida. Naquele ambiente, e para aquela situação, a Lei foi repassada, e as graves e solenes recomendações sobre lealdade e amor incondicional ao Senhor foram repetidas.

Não acha, leitor, que se poderia, simplesmente, ter dito que o Senhor deve ser amado de todo o coração, de toda a alma e de toda a força? Claro que sim! Essa recomendação se aplica a qualquer situação da vida.

Porém, repare que Deus, ali, está preocupado com ameaças específicas; com situações novas pelas quais o povo passará. Há um contexto concreto, diagnosticado por Deus e por Moisés, dentro do qual vão-se repassar as recomendações de fidelidade; como que a dizer que o tipo de fidelidade e devoção requeridas na vivência da terra prometida será diferente da experiência do deserto. O princípio é o mesmo, mas a forma de vivê-lo precisará ser contextualizada. *E se isso não for feito com todo o cuidado e diligência, toda a nação corre risco de desintegração*. Uma desintegração que começa com o

enfraquecimento da identidade nacional, e termina, de uma forma ou de outra, em exílio e escravidão. Para sobreviver como povo de Deus na nova terra, é preciso, antes de tudo, uma sólida identidade nacional: a identidade de povo de Deus.

Também nós vivemos tempos difíceis. No entanto, nem sempre nos apercebemos de que nossa *identidade de povo de Deus está ameaçada*. Tão ou mais ameaçada do que naqueles tempos bíblicos. O perigo, então, era de que o povo, ao adentrar um conforto que nunca conhecera; ao habitar casas cheias de tudo o que é bom, casas que não haviam enchido; poços que não haviam aberto; ao desfrutar de vinhais e olivais que não haviam plantado, esquecessem-se do Senhor que os havia tirado da terra da servidão. Havia o perigo de que passassem a viver como cananeus; sentir como cananeus, adotar os valores e ideais da terra; e a seguir os deuses dos povos ao seu redor. Se isso acontecesse, *deixariam, simplesmente, de ser povo de Deus*. Veja como isso é dito nos versos 15 e 24: "... para que a ira do Senhor teu Deus se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra"; "... e temêssemos o Senhor nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como tem feito até hoje".

Note a força extraordinária do texto. Fala de destruição física, de vida e morte. E é nesse momento de crise, caracterizado pela convivência do *desafio* e da *oportunidade*, que o povo tem de retomar suas crenças, afirmar sua identidade e fazer as opções corretas.

OS PERIGOS DE HOJE

Para sobreviver como povo de Deus no Brasil de hoje, é preciso, antes de tudo, uma sólida identidade eclesiástica. Dizendo de outra

forma: precisamos aprender, urgentemente, a ser igreja no Brasil do final do século 20.

Mas você pode estar pensando: isso é muito fácil de dizer. Fazer já é outra coisa. Como se compreenderiam aquelas mesmas recomendações, se destinadas à igreja brasileira de hoje? Qual é o grande desafio da virada do milênio? Em que sentido o povo de Deus está sendo ameaçado de desintegração? Ou será exagero despropositado pensar em ameaça de exílio e escravidão para os dias de hoje?

EM BUSCA DE DISCERNIMENTO

Vivemos, hoje, uma versão moderna da Canaã a ser conquistada por Josué: um tempo de grande conforto e facilidades materiais. Um tempo de telefone sem fio, fax, computadores, ônibus, metrôs, rádio, televisão, revistas, jornais, automóveis, aviões a jato, *freezers*, fornos de micro-ondas, energia elétrica, antibióticos, catéteres, ultrasonografia, raio-x, *skates* com roda de poliuretano, tênis com sola pneumática e cano inflável, CD-ROM, discos *laser*, DNA, Internet etc. Se essas facilidades fossem estendidas a todos os brasileiros, seria uma maravilha. Mas é característica de nosso tempo termos tudo isso associado ao caos social e a um princípio de barbárie. (O que são, afinal, os cabeças raspadas, os grupos de roque pesado, as gangues de bairro, as organizações religiosas autoidentificadas como satanistas, os esquadrões da morte, os neonazistas etc. senão novos bárbaros?) Vivemos o que Charles Chaplin chamou de *tempos modernos*. Tempos de profundas contradições. Tempos em que se misturam, como parte da mesma realidade, conforto e miséria; tecnologia de ponta e falência social; prodígios da medicina e mortandade pela Aids; safras recordes e

fome profunda; liberdade e escravidão; comunicação de massa e isolamento; metrópoles superpopulosas e solidão.

Falar de tempos modernos é falar de contradições, trazidas pelos fenômenos da pluralização, privatização e secularização.

Vamos conversar mais detidamente sobre esses paradoxos. Gostaria, no entanto, de trazer à tona uma aplicação importante da analogia de Canaã 2000. Trata-se da compreensão de que Canaã sempre foi vista como promessa de Deus a Abraão, Isaque e Jacó. Quando Moisés, no texto citado, repassa a Lei, e exorta o povo, apresentando os perigos que a Terra Prometida encerra, não está dizendo, com isso, que ela seja inteiramente má. Não. É promessa sendo cumprida. É bênção.

Não devemos imaginar, em nossa transposição, que Canaã 2000, ou seja, a modernidade, seja algo de que devamos nos envergonhar; um mundo do qual devamos nos retirar, um território do diabo, ou coisa assim. Não. A modernidade pode e deve ser vista como um tempo de coisas boas de Deus para seu povo. Um tempo de casas que não edificamos, olivais que não plantamos e vinhas que não semeamos. Facilidades e confortos que nunca tivemos, preparados por Deus para nossa alegria.

A postura adequada diante dessa nova dimensão existencial permanece sendo a de Josué: “Vamos e possuamos essa boa terra que o Senhor nos dá”.

No entanto, esclarecido esse ponto, voltemos às preocupações de Moisés. Nem tudo o que ali existe nos é permitido; nem tudo edifica; nem tudo agrada a Deus. Daí o refrão de Moisés: “guarda-te de que não esqueças o Senhor que te tirou da terra da servidão”.

Unindo essas duas dimensões: a da promessa e a da exortação, verificamos que a vivência em Canaã exigirá do povo de Deus, como exigiu nos tempos de Josué, muito discernimento. Não dá para viver

em Canaã como se vivia no Egito; e muito menos no deserto. Precisamos aprender a viver nesse novo tempo — aí está o propósito deste livro. Ajudar nesse momento de análise, diagnóstico e discernimento do momento que vive a Igreja de hoje. Fechemos o parêntesis.

Passemos a tentar descrever o fenômeno da modernidade, no sentido de criar o espaço de compreensão necessário ao discernimento das ações e reações que se requeiram para que possamos caminhar com liberdade, ou seja, sem temores infundados, mas sem a ingenuidade que nos faz presa fácil. Tentaremos fazer isso de forma bem fácil, por meio da história de uma cidade hipotética.

---

[1] BALSWICK, Jack O. *The family*. Grand Rapids: Baker Book House, 1989. pp. 273-306. ↩

[2] SOUZA, Herbert. O pão nosso. *Veja 25 anos*. p. 16. ↩

[3] Estamos conscientes de que essas mudanças ainda estão em pleno processo e, na percepção do sociólogo Domenico de Masi, da Universidade de Roma, ainda têm muito a caminhar: "…as novas conquistas, já estocadas na bagagem da humanidade, exigirão uma restruturação dos sistemas políticos, sociais e psicológicos. A estrutura de nossas personalidades, assim como a de nossas comunidades nacionais e internacionais, é expressão de um mundo tecnologicamente primitivo em relação ao atual e espelha o seu atraso. A sociedade pós-industrial é gerenciada com critérios industriais ou até rurais." MASI, Domenico. Em busca do ócio. *Veja 25 anos*. p. 47. ↩

[4] MYERS, Kenneth, A. *All God's children and blue suede shoes*; christians and popular culture. New York: Crossway Books, 1989. ↩

2.

A HISTÓRIA DE CABO VERDE

Estamos presenciando o nascimento de uma cidade. Vamos chamá-la de Cabo Verde[1]. Tudo começa com a necessidade de facilitar a vida das famílias dos agricultores e criadores de uma região rural distante. As necessidades são muitas, e as soluções sempre são mais fáceis quando obtidas em grupo, mediante a cooperação. Uma pessoa tem o leite, outra o feijão, outra o arroz. Um sabe consertar carroças, outro, domar cavalos, outra tem a capacidade de ensinar crianças a ler. Uma Senhora faz doces, outra cria galinhas, outra ainda tece redes, tapetes e agasalhos.

Com a intensificação dos intercâmbios, escolhe-se um local mais apropriado para os encontros: o centro de trocas. Para ali, fica mais fácil levar as crianças — abre-se uma escolinha. Ali se instala o ferreiro da região. Cria-se um abrigo, que acaba sendo chamado de *centro comunitário* (a última reunião, com chuva, não foi nada agradável).

Para facilitar o acesso a esse centro, criam-se estradas mais bem cuidadas. Tudo vai ficando mais fácil para todos: agregam-se outras

atividades, de natureza econômica, social, religiosa etc., e temos uma praça, já com algumas construções à sua volta. Aqueles que prestam serviços permanentes à comunidade preferem já morar perto. Outros, recém-chegados, já não são proprietários de fazenda. Ali estão porque sua profissão lhes permite ganhar a vida dos serviços prestados à comunidade. Digamos que são contratados pela comunidade para facilitar ainda mais a vida.

Surgem assim os professores da escola, os ferreiros, para dar manutenção às patas das montarias, os estalajadeiros, o cartório, a representação da lei, a representação política, aquilo que mais tarde será a prefeitura etc.

Se você olhar para esta cidadezinha, agora, vai descobrir algo interessante. Passe de ultraleve por ali, e vai notar que no centro dessa praça há uma grande construção com uma cruz no topo. É uma igreja. Muito provavelmente católica. Há uma explicação para isto. É que todo esse processo de organização da vida social, todo esse esforço de estabelecimento de normas de convívio, que vão desde as mais simples regras de educação até os mais complicados contratos imobiliários, se dá sob uma redoma maior, uma abóbada de segurança, que fixa os princípios dentro dos quais se estabelecerão as regras menores: o sagrado.

A igreja no centro da praça significa que as intenções, as ações, os sonhos, os ideais, as limitações, restrições, proibições, enfim todos os elementos formadores dos costumes, da moralidade, da ética e da estética estão subordinados e são sancionados pela religião cristã (refiro-me a uma situação ocidental). O patrimônio simbólico desse grupo não está solto no ar. Ele é construído em torno de alicerces poderosos do cristianismo, mesmo por aqueles que não professam a fé. É a partir desses referenciais que se podem construir normas

sociais, determinar que comportamentos são aprovados ou reprovados, desejados ou renegados.

Em nossa cidadezinha, neste sentido mais amplo, até o ladrão ou a prostituta são *cristãos*, porque sabem que seus atos são vergonhosos, mesmo que não sejam enquadrados pela polícia. Há absolutos com os quais comparar suas vidas. O certo e o errado são bem claros e conhecidos, embora nem sempre seguidos à risca.

É provável que no mundo não-cristão tenha surgido uma religião suficientemente forte e abrangente para exercer a mesma função na formação das leis, formais ou informais, que regem o comportamento social. O fato, no entanto, é que o cristianismo tem sido hegemônico nesses últimos dois mil anos, no que se refere ao Ocidente.

Temos limitado a compreensão da participação do sagrado na formação de nosso patrimônio simbólico, com o objetivo de não estender demasiadamente o assunto. Vale mencionar, no entanto, que as leis e normas sociais são apenas um aspecto de um grande processo cíclico de produção, modificação, transmissão e absorção de cultura[2]. Na verdade, o sagrado é elemento básico em todo o processo antropológico de construção social da realidade[3]. Segundo Peter Berger e Thomas Luckmann, o homem tem uma necessidade antropológica de compreender seu mundo. Essa necessidade de ordem (*nomos*), que o leva a classificar os objetos, distinguir formas e proporções, dar nomes (*nomos*), atribuir adjetivos, comparativos etc., provém de seu horror ao caos. A ausência de significado, de ordem, de *nomos*, de explicação, produz no homem sentimentos de confusão, desnorteamento, angústia e morte.

Quem sabe se não é por isso que encontramos Adão, no Gênesis, colaborando com Deus na criação, atribuindo nomes aos animais. Ao *produzir cultura*, ele diz: isto vai se chamar cavalo, isto boi, isto

égua, isto vaca. Na verdade, ao atribuir nomes, ele está atribuindo à sua vida *nomos* (ordem). Ele está dizendo que vaca é diferente de cavalo e mesmo de boi; não são a mesma coisa. Por quê? Porque ele observou e descobriu que na *ordem da criação* eles são distintos em muitos papéis e funções. E essa compreensão, ele guarda e *lega* a Sete e a Enos.

A compreensão da ordem do mundo não é bastante, no en-tanto, para que o homem se assente nele como um ser cultural — que, dialeticamente produz e é produto da cultura. É necessário ir mais adiante na compreensão de seu universo e escapar da *angústia do desconhecido* cósmico: é necessário explicar a *ordem* do universo, para que ele possa se sentir em casa no meio da criação e assim tenha paz completa. Sem uma cosmovisão razoavelmente abrangente e organizada, ele continua assediado pelo fantasma da *desordem*, do nada.

Nesse momento, surgem as tentativas de explicações cosmogônicas e religiosas. A religião tem, então, o poder de explicar e *nomear* todo o universo dentro do qual vivemos. Toda a nossa cultura, todo o patrimônio simbólico e imaginário, estarão, portanto, de alguma forma, involucrados por essa cosmovisão, pelo sagrado[4].

Nossa Cabo Verde ainda é uma cidade pequena e tradicional (não-moderna). Aqui, as coisas mudam muito pouco. A forma de ver a vida, explicar o mundo e seus fenômenos naturais e de viver em sociedade mudou muito pouco nos últimos duzentos anos. A lida no campo é dura e as opções de lazer são escassas. O contato com pessoas de fora é bem raro e se restringe a viajantes, vendedores ambulantes, e uma ou outra viagem à capital. Mesmo quando existem, esses contatos têm limites: jamais são absorvidos costumes, ideias, ideologias etc. que afrontem a ordem estabelecida, sem um preço muito caro: o preço de se colocar fora da antiga ordem; de se

tornar um estranho. Na verdade, a solidez da estrutura social que dá consistência e plausibilidade aos elementos culturais locais funciona como uma vacina contra infiltrações *anômicas*. Sociedade sólida, ideias sólidas; estrutura estável, ideias estáveis.

Assim, a "vidinha" vai sendo levada sem muitas surpresas. Sabe-se que se não chover, a lavoura fica perdida. As ansiedades são normais, em relação à criação dos filhos, casamento, sobrevivência, futuro, relações sociais etc. Mas para cada uma dessas situações, há praticamente uma prescrição de atitudes desejáveis. Essa "sabedoria" vem de muito tempo, de pai para filho. Nunca mudou. Portanto, em situações aparentemente novas, consulta-se a mãe, o pai, ou o padre.

O isolamento de Cabo Verde produz uma sociedade mais ou menos estável. A Mariazinha já nasceu prometida para o Francisquinho. Vai, certamente, se casar com ele. As opções são poucas, pois se restringem à sua classe social. E as regras são bem conhecidas. Sendo ela filha do ferreiro da cidade, somente poderia se casar com alguém de seu nível, como o filho do dono da taberna. Como pensaria em olhar para o filho do prefeito? Já o Franscisquinho, cuida de aprender bem a profissão do pai, porque é sua garantia de sustento mais tarde. Assim, já vão se sentando juntos na escola ou nas festas comunitárias e religiosas, seus pais são compadres, suas mães comadres, e pouca coisa muda. Esta explicação toda nem passa pela cabeça deles. A vida é, e sempre foi, assim. Ponto.

Houve o caso do filho do fazendeiro que se engraçou para o lado da Lídia, filha do lixeiro. Mas todos os conhecidos entraram em cena e acabaram com aquela aventura despropositada, que tinha tudo para terminar em desgraça. Fizeram ver aos dois que era uma questão de nível social. Quando passasse o "fogo", as diferenças tornariam um convívio harmonioso totalmente impossível. Lídia tentou

argumentar, de rebelde, mas o pai entrou em ação e rapidamente encerrou o caso com um sonoro e definitivo “não”. Nessa cidade, não havia vida além desse “não”. Infringi-lo, seria o mesmo que morrer; significava ter de fugir de casa com o filho do fazendeiro e ir-se embora, para nunca mais voltar. E saber que sua família seria manchada por essa vergonha para sempre.

Se por um lado, essa sociedade é extremamente estratificada e rígida, por outro lado, produz uma segurança psicológica[5] muito grande: a segurança de um *nomos* estabelecido e fortemente consistente. Todas as forças cooperam para a manutenção dessa ordem, chamada de *status quo*. Quem não gosta dela, pouco poder tem para mudá-la, porque está por baixo, em termos econômicos e políticos. As estruturas de poder ainda são muito pouco democráticas. Na verdade, o poder é predominantemente ligado à economia e à religião.

São raros os casos de crise existencial, ou de identidade. De fato, as identidades estão bem definidas, e não são contestadas. Cada qual sabe bem o seu lugar, e se aceitar viver nesse espaço, de acordo com as regras existentes, não terá problemas.

As famílias são grande e estáveis. A presença dos tios e avós garantem uma tradição consistente e sólida. A questão da identidade aqui está bem resguardada, porque o indivíduo ouve a história da família, seus feitos, seus valores, seus ideais, seus heróis, e absorve essa história como sendo a sua história. Coisas que seus pais não contam, são sabidas pelos tios; outras, pelos avós, outras pelos primos, que ouviram de seus pais etc. Tudo isso constrói uma teia de legitimidade e de consistência cultural capaz de produzir a *ordem* necessária à identidade daquela criança. Ela tem passado, presente e futuro razoavelmente compreendidos e prescritos.

Quanto ao seu comportamento, as normas são razoavelmente claras. O controle do comportamento é exercido de forma próxima, por todos os habitantes da cidade, e sancionado pelo padre, além da justiça local. É bem verdade que os mecanismos de controle ainda são a força, em muitos casos obscurantista e autocrática, e se instala por meio de medos, punições, preconceitos etc. Correm histórias de punições divinas (do louco da cidade, que quis casar com a filha do prefeito), de mulas sem cabeça que pegam crianças desobedientes, de insanidades ligadas à masturbação etc. Não é incomum uma rede de intrigas e fuxicos das comadres (e também dos compadres, sejamos justos), capaz de detectar o menor desvio comportamental. Essa rede, por um lado tem o salutar papel de agregar consistência ao tecido social, e por outro torna a vida do jovem e do adulto desviante (o liberal, o libertino, o insubmisso, o desajustado, enfim) um inferno. Vale mencionar, também, que o preconceito e o estereótipo são ferramentas padronizadoras e detectoras de desvios comportamentais das mais usadas. Essas ferramentas são capazes de sentir *cheiro de desconformidade* a distâncias consideráveis.

As normas sociais também são observadas pelos mesmos mecanismos. Desde muito cedo aprendem-se os rudimentos dos papéis sociais, suas prerrogativas, sua distribuição entre as camadas sociais, de forma que rapidamente se estabelecem as teias e subteias de relacionamento: quem fala com quem; quem interage com quem, quem trata a quem de quê etc. Estabelecem-se os ritos de relacionamento e os protocolos correspondentes. Assim, o pedreiro, se quiser falar com o prefeito, terá que percorrer toda uma *via crucis*, deverá saber como tratá-lo etc.

O resultado dessa formação do *nomos* social construído sob o *dossel sagrado*[6] é uma razoável uniformidade e estabilidade na vida psicológica, na identidade desse grupo. Desde conceitos de certo e

errado até valores de beleza (estética), tudo é razoavelmente prescrito e estável, pela solidez do legado cultural e pela baixa taxa de mudança.

Mais que isso, no entanto, apesar da existência de diversos grupos, esse arcabouço simbólico produz sólida uniformidade entre eles. Um menino que sai de casa para a escola, ali encontra os mesmos pressupostos morais, éticos, estéticos e religiosos. Aliás, é bem provável que sua professora o conheça desde que nasceu. Se ele atravessa a rua da praça e entra na prefeitura, ali encontrará, subjacente às práticas civis, os mesmos princípios norteadores e estruturadores, ainda que estejam, de alguma forma, sendo infringidos. Em qualquer área do comportamento, a infração não é o que conta, mas a consciência de estar infringindo. Essa consciência, que tem o ladrão de Cabo Verde, o comerciante desonesto, o prefeito ganancioso e a mulher de vida fácil, provém da solidez do legado cultural, sempre sancionado pela religião. Não se quer dizer que o ladrão, por exemplo, seja menos ladrão em Cabo Verde que no Rio de Janeiro. O que ocorre é que o ladrão de Cabo Verde sabe que é ladrão. E isso faz toda a diferença.

Quer um exemplo real? No dia 11 de dezembro de 1996, foi enterrado o bandido Leonardo Pareja, assassinado na penitenciária de Goiânia. Com vinte e poucos anos, muito falante, o sequestrador desafiou toda a polícia nordestina, com uso de reféns, armamento pesado e fugas espetaculares. Finalmente, após meses de perseguição, acompanhada por todo o Brasil, por meio da imprensa, Pareja foi preso. No enterro, as pessoas colocaram uma bandeira do Brasil sobre seu caixão. A polícia interveio e retirou a bandeira. Foi, então, vaiada ao ponto de ter de retirar-se, com medo de linchamento. Sem a bandeira, a multidão presente cantou o Hino Nacional, de mãos dadas, enquanto o caixão baixava à cova. Pode?

Há um filme que pode ilustrar bem toda essa descrição da solidez comunitária tradicional. Chama-se *A filha de Ryan*. Ele se passa em uma comunidade do norte da Irlanda, no período da Guerra. Não sei se a Igreja está exatamente no centro da praça, mas certamente está no centro das vidas.

Nessa comunidade de costumes e controles rígidos, surge um jovem oficial das forças inimigas, que atrai uma jovem. Toda a trama do filme procura descrever os processos pelos quais a comunidade exerce seu controle sobre o comportamento dessa jovem. Destaca-se também o papel paternal e forte do padre, que é capaz de conter um linchamento com um grito. Sabe por que ele consegue isso? Porque é forte? Claro que não. Porque sua autoridade é inquestionável. Desobedecê-lo é caos, é desordem, é terror. Ninguém se arrisca.

A moça, no filme, numa paixão louca, se arrisca: cede aos encantos do oficial inimigo. Descoberta pelas Senhoras da comunidade, é punida com a tosquia de seu cabelo. Ficou só nisso, porque o padre interveio em tempo. A pena maior, no entanto, ocorre quando todas as janelas do vilarejo se fecham ao seu passar. Ela está sofrendo uma execução social. Resta-lhe ir embora. Acontece que o banimento, para uma pessoa que jamais se afastou daquelas imediações mais que alguns passos, significa quase a morte. Significa que lhe puxaram dos pés o tapete do *nomos*. Agora, ela terá de enfrentar o desconhecido, carregando consigo o veredito de morte, embutido na rejeição. Viverá como errante pelo mundo, sem proteção familiar, sem passado (o seu não pode ser contado, nem bem lembrado) e provavelmente sem futuro.

O tema do papel da tradição na manutenção do *status quo*, das normas, das definições de realidade etc. não é novo. Muito se tem pensado sobre ele. Os cineastas também estão atentos. Nesse

sentido, vale a pena ver, também, *Um violinista no telhado*, *Yentl* e *A testemunha*.

---

[1] Este nome é fictício. Qualquer semelhança com cidades ou fatos reais terá sido mera coincidência. ↩

[2] Para melhor desenvolvimento do assunto, leia BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*; elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. capítulo primeiro. ↩

[3] Ver OTTO, Rudolf. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1985. ↩

[4] Veja BERGER, P., LUCKMANN, T. *A construçãosocial da realidade*; tratado de sociologia do conhecimento. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. ↩

[5] Ver GEHLEN, Arnold. *A alma na era da técnica*; problemas de psicologia na sociedade industrializada. Lisboa: Livros do Brasil. Aqui, não negando sua influência de Berger, o autor tenta descrever os efeitos psicológicos da modernidade. ↩

[6] Ver BERGER, P. op. cit. ↩

3.

A MODERNIZAÇÃO DE CABO VERDE

Bem, muitos de nós podem dizer que conheceram uma cidade como Cabo Verde. Na verdade, qualquer pessoa com mais de 30 anos é capaz de dizer que sabe do que estou falando. Talvez não tenha presenciado seu nascedouro, desde o centro comunitário, mas é possível que tenha estado em algum centro desse tipo, que depois se transformou no centro de uma cidadezinha. Mas certamente saberá contar com muitos detalhes aspectos aqui não mencionados e que são lembrados por alguns com certo rancor e por outros com nostalgia.

É bom tornar claro que a intenção não é de pintar o quadro do paraíso perdido. Não acho que a felicidade tenha ficado para trás, em Cabo Verde. A descrição pretendeu apenas retratar, de forma superficial, uma sociedade tradicional, provavelmente conhecida por muitos, para podermos, em seguida, contrastá-la com uma sociedade moderna. Desse contraste, surgirão os elementos de que necessitamos para compreender nosso mundo.

Tudo isso se faz necessário, porque estamos muito próximos da nossa própria sociedade. Vivemos nela. Essa proximidade tende a ocultá-la de nós, pelo processo de adesão. A crítica exige um distanciamento. Há um antigo ditado chinês que diz: “Se você quer saber o que é a água, o peixe deve ser o último a ser consultado”.

Ao analisarmos uma sociedade moderna, deveremos nos perguntar sobre os *desafios e as oportunidades* que se nos apresentam para um efetivo desenvolvimento do discipulado cristão. Vale dizer: em que sentido a modernidade influencia a Igreja? A última coisa que se deve pensar, no entanto, é que nada mudou: “Nnossas práticas, formas de culto, atitudes, valores etc. nos foram legados pelos nossos pais, e aí estão para serem observados sem grandes preocupações. Afinal, o evangelho não muda, Cristo permanece o mesmo, e não há o que complicar nesta área”. Nada disso. A mudança é tão grande e profunda como a saída do deserto, para viver em Canaã.

Antes de entrarmos nessa discussão, porém, é necessário descrever a mudança. Ainda estamos na condição do peixe, que acha que entende tudo sobre água. Essa mudança de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna é gradual. Acontece ao longo de anos. Vale salientar, inclusive, que duas cidades podem estar em fases diferentes nesse processo, dependendo do grau de modernização que incorporou. O mesmo pode ser dito de nações inteiras. Daí ser uma simplificação falar de sociedades tradicionais e sociedades modernas. Há sociedades mais ou menos modernas.

Bem, voltemos à nossa Cabo Verde, e vejamos o que aconteceu com ela, muito recentemente.

Se vamos falar de mudanças, é melhor começar pela maior delas. Aquela de que todo mundo gostou, e que revolucionou a vida da cidade. Chegou a energia elétrica. Foi uma beleza! Com ela vieram as

máquinas, que simplificaram enormemente a vida de todos, desde o prefeito até o ferreiro.

Mas o que mais rebuliço causou, mesmo, foi que com a energia elétrica, veio a televisão. Veja uma descrição dessa cena, nas palavras do cineasta Cacá Diegues.

> Eu estava no sertão de Alagoas, em fins de 1972, quando num início de noite, ao voltar de filmagem nos canaviais da região, encontramos a pequena cidade onde estávamos hospedados inundada por etérea luz azul, como num cenário fantástico de modesta ficção científica. Conforme nos aproximávamos da praça principal, descobrimos tratar-se de um aparelho de televisão, ainda em preto-e-branco, que o prefeito acabara de mandar instalar para uso público. Na praça, em torno do totem, vaqueiros e feirantes, cortadores de cana, pequenos funcionários rurais, homens, mulheres e crianças de todas as idades, com suas roupas de campo e instrumentos de trabalho assistiam embevecidos ao show dominical da época, animado por apresentador vestido em impecável smoking, usando jargão e discurso tão distantes, mas que muito em breve se tornariam familiares de todo o Brasil.[1]

Que beleza! Poder assistir a um jornal, uma novela, o futebol acontecendo lá no Rio de Janeiro ou do outro lado do mundo. Interessante notar que, logo depois que a televisão chegou, muitos produtos de cozinha, de moda, vestuário, carros etc. começaram a ser vendidos na cidade. Isso já existia, mas agora pegou mesmo. A banca de revista, por exemplo, não existia; a loja de cosméticos, nem pensar. E a loja de motos e jet-ski? Só na capital!

É que agora Cabo Verde tem mercado para esses produtos. Com a televisão, associada aos demais meios de comunicação de massa, o antigo vilarejo se transformou em uma sociedade de consumo. Cabo Verde foi incorporada ao mercado. Somente por isso, pode-se dizer que ela é moderna.

Mas está longe de ser somente isso. Agora ela sabe de tudo o que acontece no mundo. Percebe que há novas ideias para tudo o que se possa pensar. Há opções para todos os gostos, opções de bens, produtos e serviços. Com o desenvolvimento da cidade, percebe-se o surgimento de opções morais, estéticas, e até mesmo éticas e religiosas. Vamos desenvolver essas ideias mais à frente.

Isso tudo vai sendo sedimentado em Cabo Verde por outros portadores da modernidade[2]: a tecnologia industrial, os meios de comunicação de massa, os meios de transporte, os correios e a rápida urbanização.

De repente, instala-se um terminal rodoviário na cidade, trazendo pessoas novas, que chegam e saem, vindo trabalhar nas fábricas que escolheram a região para se instalar. Essas pessoas vêm de todos os lugares, trazendo costumes, formações, religiões, formas de vestir etc. que são, em grande parte, novos para os habitantes da cidade. Eles não percebem, mas essas formas novas começam a se apresentar como opções válidas para as suas próprias.

Com o crescimento da cidade, e as facilidades que passa a oferecer, os atrativos do comércio, a energia elétrica, cinemas, lanchonetes, restaurantes, tornam-na um lugar atraente. Seu clima é excelente. Com isso, começam a valorizar os terrenos ao redor daquele núcleo da praça. Surgem as casas de veraneio, com recursos incríveis, como geladeiras, fax (sei lá o que é esse trem, sô!), parabólicas, rádio amador etc., que enchem a cidade nos fins de semana, com suas motos, seus carrões, pessoas esquisitas, falantes. Muita gente já não quer morar no campo. Quer se mudar para a cidade.

Agora, muito fazendeiro quer vir para a cidade, trazer a patroa para jantar, dançar na boate, assistir ao teatro ou ao cinema, e conversar fiado com essa gente animada que chega por lá. Ouvir as prosas é muito divertido. As ruas, que eram de paralelepípedo, agora

estão pretinhas: todas asfaltadas. Ainda aparecem uma pedras por debaixo da capa preta, onde os ônibus e os caminhões fazem a curva. Acho que ficou mais feio. Mas dizem que é moderno.

Você não imagina o que aconteceu com a Mariazinha. Vivia em casa, cuidando das coisas, das galinhas, dos irmãozinhos. Agora, fica toda assanhada para sair; quer vestir as mesmas roupas que os artistas de televisão, quer dançar, e se engraçar pros lados daqueles cabeludos motoqueiros que aparecem por lá. Gasta todo o seu suado dinheirinho em um monte de bobagens nas lojas novas que abriram. No fim, nem usa tanto, mas compra.

E olha que isso é porque ela ficou. Seus amigos resolveram que queriam ser engenheiros, doutores, sei lá, e foram estudar na capital. Os pais deles estão de fazer dó. Mas não proibiram. Não ia adiantar mesmo... Dizem que quando o bicho de ir embora começa a coçar, não tem quem segure. Os meninos dizem que voltam, mas num sei não. O que não tem remédio...

Agora já podemos dizer que Cabo Verde seja uma cidade moderna, porque estão presentes, em alguma medida, os portadores da modernidade. Mas quais são os efeitos desse fenômeno sobre a vida da cidade, além daqueles adiantados sobre Mariazinha e seus amigos?

O resultado, falando genericamente, é um processo de desintegração das formas tradicionais. “A modernização, escreve Peter Berger, opera como um gigantesco martelo de aço martelando as instituições e as estruturas de significado tradicionais”[3]. Quebra-se o pote, que continha, arrumados pelos séculos, valores, papéis, comportamentos, expectativas etc.

Agora que esse arcabouço ruiu, muitos grupos têm sugestões a apresentar; todos assumem a responsabilidade de reconstruir (universidades, igreja, associações, meios de comunicação de massa

etc.), todos têm uma “mensagem” de paz, bonita e redentora para o mundo. Trava-se uma luta surda, pela qual forças e grupos de diversas origens usam de todas as armas para moldar o novo mundo, de forma a criar uma sociedade à sua imagem e semelhança. O projeto é comum a todos: “fazer a cabeça do maior número possível de pessoas”.

Com a oportunidade, surge a ameaça de caos social, moral, intelectual etc. Mas vamos mais devagar. Como é que esse “pote” se quebrou? Como analisar esse fenômeno ocorrido com Cabo Verde?

PLURALIZAÇÃO

Tudo começa com um dos tripés da modernidade: a *pluralização*. Trata-se de um fenômeno tanto da realidade sensível quanto da consciência correspondente. Os portadores da modernidade produzem um efeito inescapável de mostrar, como num supermercado, uma enorme quantidade de opções para um mesmo produto. Você pode escolher o que mais lhe agradar.

Assim, com os meios de comunicação de massa trazendo informações, ângulos, opções, de toda parte do mundo, sobre todos os temas da existência; com o contato com vizinhos de porta, de origens diferentes, que vivem costumes diferentes, pensam diferente, explicam o mundo de forma diferente — têm uma cosmovisão diferente, enfim — começa-se a conviver com a ideia de que há opções para tudo. Do tipo de fralda para o bebê à cor do olho; da cor da pele do filho que vai ser concebido à opção sexual; do meio de transporte que o levará à cidade ao tipo de computador que deverá comprar, tudo é escolha, tudo tem opções. Isso é a pluralidade.

Pluralidade de escolha sempre existiu. Mas nunca antes com a intensidade tal que pudesse produzir tal *consciência de eleição*: um processo inconsciente pelo qual entendemos que sempre podemos escolher, eleger, manifestar preferência, como se passássemos a viver numa *sociedade-supermercado*, repleta de variedades. Se um produto é oferecido por um só fabricante, não gostamos, reclamamos. *Opção* é a palavra chave. Mesmo sobre assuntos que não oferecem alternativas, queremos poder escolher. Essa consciência de eleição de tal modo impregna a mente do homem moderno, que ele se torna revoltado com a simples falta de alternativas. Ele passa a evitar os absolutos, as afirmações categóricas, os axiomas e coisas semelhantes. Afirmações de natureza moral, por exemplo, em qualquer área do conhecimento, da religião à física, são recebidas com desdém e impaciência.

Hoje em dia, a pluralidade é vista no sentido de algo que deve ser celebrado, aprovado e festejado, obrigatoriamente. Veja o que Newbingin diz a respeito:

> No mundo ocidental, a pluralidade é contrastada com situações percebidas como "de antigamente", nas quais existia uma doutrina pública aceita, moldada pelo cristianismo, provedora de uma ordem pela qual toda crença e conduta teria que ser julgada. Hoje, uma sociedade plural é concebida como aquela na qual não existe mais um padrão oficial e aprovado de crença ou conduta. Esta é percebida como uma sociedade livre, uma sociedade não controlada por quaisquer dogmas, mas caracterizada, ao contrário, pelo espírito crítico, o qual está pronto a submeter todos os dogmas ao exame crítico (e até mesmo cético).[4]

Newbingin está dizendo que uma das consequências da pluralidade é a crescente ausência de consenso sobre um número cada vez maior de temas. "Cada cabeça uma sentença", diz o ditado popular. A consciência da eleição conduz a escolhas hedonistas. Eu já

não escolho por dever, por reconhecer absolutos, por princípios e outros subprodutos do *Dossel sagrado*. Essa *doutrina pública* que há de julgar todos os atos, crenças e condutas já não existe. Numa sociedade-mercado, ela não tem espaço. Se estou no supermercado e tenho diante de mim dois sabonetes competindo, escolho aquele que mais gosto. Assim, em situações sociais, e mesmo na minha vida privada, faço escolhas que me causem (no curtíssimo prazo) menor desconforto, dor, ou esforço, ou preço. Não porque uma opção seja certa e outra errada: isso é discutível, numa visão moderna e plural. O que é o certo e o errado, numa sociedade plural?

Outra característica moderna é que, com a pluralização ocorreu também a horizontalização do peso das opções. Ou seja, não há uma pasta de dentes, inerentemente melhor que as outras. A melhor é a que eu escolher. Todos sabem disso, e os produtos se oferecem, ressaltando seus pontos fortes e atraentes. Assim ocorre no mundo das ideias, dos negócios, da moral, da ética, do convívio social, e tudo o mais. Se tenho de escolher com que casal deverei ir jantar, escolherei, automaticamente, aquele que mais me agrada. Outros motivos para escolher o menos agradável, como, por exemplo, resolver uma rixa, ajudar num problema, ou mesmo pedir conselho profissional, vão ficando de lado. Desenvolvemos, inconscientemente, a ideia de que “não precisamos passar por isso”. E por que precisaríamos? Por ser isso certo? Por ser um dever de consciência? De bom convívio, de etiqueta, de educação etc.? Esses deveres vão perdendo o valor quando “não existe mais um padrão oficial e aprovado de crença ou conduta”. Cada um age de conformidade com sua consciência. E sua consciência é moldada por seus interesses. E seus interesses são moldados pelo mercado, que insiste em lhe dizer que você é o centro do mundo.

A religião não é mais uma abóbada sagrada que apresenta e garante estruturas de significação uniformes e válidas para toda uma sociedade. Enquanto o cristianismo reinava, ele estabelecia um padrão, estruturas — de crenças, valores e conduta — rígidas, concretas, aprovadas, aceitas (mesmo a contragosto). Assim, mesmo que alguém decidisse ser um ladrão, saberia que era um ladrão, e seria desprezado pela coletividade (com algumas raras exceções como Robin Hood). Agora há milhares de "opções" de "igual valor". Enquanto havia hegemonia da religião, era fácil usar de sua autoridade para arbitrar entre alternativas. Podia-se dizer, com base em princípios filosóficos e religiosos, por todos aceitos, que uma estava errada, sem questionamentos. Ocorre que a própria religião se tornou um dos itens do supermercado moderno. Se somos modernos, havemos de respeitar e admitir inclusive as opções religiosas.

FAZENDO CABEÇAS

No mundo da pluralidade não há absolutos. Em tempos de opção, a moralidade não mais existe, porque cada atitude pode ser justificada como sendo uma opção íntima e estribada em motivações e razões particulares que, no caso, não são da conta de ninguém. Ser *gay*, hoje em dia, por exemplo, é apenas uma *opção* sexual.[5]

Como consequência direta da pluralização da vida, surgem os especialistas em tudo. Ninguém pode dar conta de todo o universo de conhecimentos necessários à vida moderna. Quanto mais complexa se torna a vida, mais urgente se torna a formação de especialistas. Na verdade, a especialização do conhecimento em segmentos cada vez mais restritos é uma necessidade. No entanto, essas especializações tendem a se tornar mais que profissões: tornam-se feudos,

propriedades de quem as detém. O especialista em ortopedia de joelhos, por uma questão de mercado ou de vaidade, pretende convencer todos os seus colegas médicos, e também os clientes de que somente ele é autorizado a examinar joelhos, falar sobre joelhos, opinar sobre joelhos. Se conseguir registrar essa ideia no Conselho próprio, passa a perseguir qualquer pessoa que se aventurar em sua área. Manda prender. Assim, nossa sociedade se infesta de especialistas em tudo. De puericultura a montagem de foguetes: "se você não é da área, não pode dar opinião sobre isto".

Nessa evolução, surgem os especialistas em comportamento, em sexualidade, em ética, em educação de filhos etc. Isso é interessante porque eles entram num ramo que não tem nada que ver com as herméticas especialidades técnicas da física quântica nem da rótula do joelho. Estão entrando numa área da qual não abrimos mão ainda. Mas desandam a estabelecer seus padrões, seus critérios, e o que é pior, a criar uma ideia de que você não sabe nada a respeito do assunto. Se quer educar bem seu filho, consulte os conselhos de tal pedagogo; se quer se comportar adequadamente na área sexual, siga a sexóloga fulana de tal, e assim por diante. Desnecessário dizer que, entre o velho Salomão e a moderna Marta Suplicy, fica-se com a última. Mas isso tem um preço. Dou exemplos.

Em 12 de setembro de 1984, eu estava às voltas com a disciplina de meu filho Estêvão, que tinha, então, dois anos. Espírito forte, teimoso, era chamado por nós de sindicalista. Era preciso disciplinálo e ensinar-lhe obediência. E como se faz isso com uma criança de dois anos? Palmada no bumbum (aliás, superacolchoado por fraldas, mas importa o efeito moral).

Nesse dia, abri a revista *Veja*, e encontrei, nas páginas amarelas da seção de entrevistas, o título: "Quem ama não bate". O subtítulo era: "Uma psiquiatra diz que beliscões e tapas prejudicam as crianças por

toda a vida e devem ser substituídos por amor e compreensão". Debaixo da foto da entrevistada, constava a seguinte legenda: "Celina: 'Nunca surrei meus filhos'."

Bem, toda a entrevista seguia no tom de que as punições e palmadas podem tolher a criatividade das crianças. Para que elas manifestem todo o seu potencial, que é inerentemente bom, devem ser criadas com liberdade e amor. É bem verdade, justiça seja feita, que a entrevista carregava mais contra espancamentos, queimaduras com ferro de passar, choques elétricos e assassinatos, muito mais comuns do que se pensa. Mas nesse bojo todo embutia-se o conceito de que qualquer tipo de disciplina, de punição, de frustração da vontade infantil, idealmente falando, era indesejável.

Imagine, leitor, minha dificuldade: fui criado sob outra orientação; a do velho Salomão: "O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina" (Pv 13.24). Ou então: "A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela" (Pv 22.15). Mais ainda: "A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe" (Pv 29.15). Finalmente, para não cansar: "Corrige o teu filho, e te dará descanso, dará delícias à tua alma" (Pv 29.17). Agora, vem uma psiquiatra, especialista, representando todo um movimento, e impondo, via comunicação de massa, um novo padrão, uma nova puericultura, e diz que está tudo errado.

E não é só isso. Num daqueles dias, eu estava disciplinando minha filha, dois anos mais velha, e ela tentava "montar um barraco" de birra. No jogo de vontades, ela apresentava suas armas: gritos lancinantes, pelos quais a criança tenta dissuadi-lo de lhe encostar a mão (ela grita como se estivesse sendo sacrificada — já tentou agarrar um porquinho? Pois é). E eu ainda não lhe havia encostado na fralda. Nesse momento, um vizinho do andar de cima grita na

janela: “Bate em alguém do seu tamanho!” Um fiel seguidor da nossa nova escola pedagógica, desrespeitando a pluralidade, no aspecto da educação infantil. E se você não se cuidar, ele é capaz de telefonar para a polícia, dizendo que no andar de baixo está-se torturando uma criança.

Bem, estamos em 22 de janeiro de 1992. Passaram-se oito anos. Agora o Estêvão já tem 10 anos. E abro uma *Veja*. Na seção de educação, surge o título: “Pequenos ditadores”. Subtítulo: “A dificuldade dos pais em estabelecer limites cria geração de crianças dominadoras”. No texto, a pedagoga Tania Zagury[6], da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresenta resultado de entrevistas, com a seguinte conclusão: “temendo traumatizar os filhos ao impor padrões mais rígidos de educação, os pais caíram numa armadilha — passaram a ser comandados pelas crianças.” E arremata, para minha consternação: “As novas escolas da psicologia e da pedagogia foram mal interpretadas pelo público leigo”.

Agora, estou com um monstro que me chama de pai dentro de casa e eles nem aceitam devolução. Se tivesse aberto mão do “velho Salomão”, como encararia meu filho agora?

Para terminar este exemplo: *IstoÉ*, de 19 de julho de 1995, matéria de capa.

— Título: “Como educar seus filhos?”

— Subtítulo: “Pesquisa revela que a maioria dos pais prefere a volta da autoridade”.

OS JOVENS COMO ALVO

Nessa luta por estabelecer um novo *nomos* o adolescente e o jovem são alvos prediletos. Em formação, eles precisam de ajuda no estabelecimento de sua identidade. Como normalmente estão em

atrito com os pais, as revistas especializadas nadam de braçada. São empáticos, desenvolvem uma linguagem cuidadosamente próxima do jovem, e não têm que se preocupar com os resultados. Interessa é fazer sua cabeça moderna. Quer exemplos?

Veja o conteúdo de uma página do caderno juvenil do *Correio Braziliense* de 4 de dezembro de 1995: o título da página de entretenimento é: "Você aceita críticas?" Segue-se a introdução ao questionário de avaliação, tipo teste vocacional: "Se você reparar bem, nem na mesma família as pessoas não são iguais. Às vezes um irmão acha que desenho de Disney é ousado e o outro só pensa em filme de sacanagem. O que não impede que os dois sejam amigos. Faça o teste para saber até que ponto você aceita as diferenças de opinião."

Então vêm as perguntas, pelas quais você saberá em que tipo de personalidade você se enquadra. Apresento as duas primeiras perguntas, que dão ideia do mundo que estão passando, ao qual o jovem deverá se ajustar, se não quiser ser "matusalém". **1)** Há três anos você namora aquele(a) gato(a). Numa rifa da escola os dois ganham uma noite no melhor motel da cidade. Qual sua reação? a) Morre de vergonha e gentilmente recusa o brinde; b) Vende o prêmio e dá o dinheiro para um orfanato; c) Avisa todo mundo que não vai sair na sexta-feira e que no sábado estará cansado(a) demais para ir ao clube. **2)** Na festa de um colega está rolando de tudo. De repente, alguém oferece um cigarro de Bali. Na hora você: a) joga seu copo de suco na cara do sujeito e puxa o barco rapidinho; b) vira a cara e finge que não ouviu nada; c) tenta entender como alguém pode gostar de uma coisa dessas.

E aí por diante. São vários conjuntos de perguntas, que depois são computados para um resultado final, com os seguintes escores e

títulos: Resultado: o *cabeçafeita* (até 11 pontos); o *vacilão* (de 12 a 14 pontos) e o *matusalém* (mais de 14 pontos).

Pergunto: qual o adolescente que quer ser "vacilão" ou "matusalém"?

Abro outra revista especializada em jovens (*Capricho*, de 8/12/96) e encontro um artigo sobre masturbação. A orientação segue na forma de perguntas e respostas. Entre elas, destaco a seguinte:

"P: Existe uma frequência certa para se masturbar?"

"R: Não. Varia muito de uma pessoa para outra. Mas, como tudo na vida tem limite. Nada de exagero é bom. Preferir se masturbar a transar — por excesso de timidez ou porque teve algum problema sexual com um menino — é sinal de que alguma coisa não vai bem."

Não quero entrar no mérito da questão, mas sim, chamar a atenção de como passa, por baixo do pano, como absolutamente normal, que a menina já deva ter tido experiências sexuais, e inclusive problemas, com um menino. Não está em questão, nem é tema da discussão, que essa menina já esteja vivendo uma vida sexualmente ativa há algum tempo. Isso é ponto pacífico. Mas se o jovem percebe (e é feito para que perceba) que está por fora, sente-se pressionado a ajustar-se.

Como é bom saber que temos tanta gente desprendida cuidando de nossas crianças e adolescentes! Afinal, com a especialização da vida, devido à pluralidade, nem sempre a gente tem condições de cuidar de todos os aspectos da vida em família, não é mesmo? Está resolvido. Compra uma revista para cada idade, ou sexo, e está tudo equacionado. Ah, não esquecer de ministrar uma dose diária de 5 horas de televisão.

O QUE SAI E O QUE ENTRA?

Vimos dizendo acima que, com o desmoronamento das estruturas antigas, as pessoas estão lutando para impor sua visão do mundo às demais. Isso pode parecer um paradoxo em relação à pluralidade, uma vez que nela ninguém impõe nada a ninguém. É verdade. Mas não quer dizer que ninguém tenta. Se uma pessoa, diante das câmeras de televisão, para ser simpática, diz que umas escapadinhas, de vez em quando "não tem nada que ver", só ajuda o casamento, e encontra um monte de gente para abanar afirmativamente a cabeça, essas coisas vão se impondo como regra. Ou, pelo menos, como uma *opção* a mais. Mas não se iluda: uma opção com força da *validação consensual* que a televisão cria. Explicando: uma coisa é a validade de um valor, adotado apenas dentro de uma família; outra, é o peso de um comportamento apresentado como unanimidade nacional. E a sua liberdade de se manter cristão, fiel àqueles princípios — que, afinal, continuam como uma *opção* — vai sendo dificultada pela tirania da chamada "opinião pública", que vem substituir os antigos valores.

Por falar em opinião pública, surge um novo fenômeno moderno, para preencher o espaço da falta de normas, valores e certezas: a *opinião*. Todo mundo tem opiniões sobre tudo. Nesse momento, a mídia, que também luta para impor sua visão do mundo, cria um processo de divulgar essas opiniões, como se fossem "opinião pública". Opinião pública se define por certa unanimidade, por certa consistência em torno de um tema. Mas quando a televisão entrevista vinte pessoas e mostra as cinco posições mais parecidas (e, por coincidência, parecidas com as suas próprias), isso não tem nada de opinião pública. Para quem assiste, no entanto, a informação tem aparência (e efeito psicológico) de consenso. Deixe-me exemplificar.

Num desses programas *Você decide*, da televisão, uma pessoa achou uma mala cheia de dinheiro — 100 mil dólares — que ele acaba

descobrindo ser destinada a um orfanato. Ele tem de decidir, com a ajuda dos telespectadores, se devolve a mala e perde a grande oportunidade de sua vida de sair do buraco, ou se fica com ela e passa a viver no bem-bom. Ganhou, como manifestação da vontade popular, que ele ficaria com o dinheiro, *porque não é sempre que uma coisas dessas acontece com a gente*, e não se deve jogar fora uma oportunidade assim. Veja que critério ético!

Noutro programa do mesmo tipo, um escritório de advocacia é chamado pelo cliente milionário com urgência. O ajudante tenta localizar o chefe mas não consegue. O cliente não pode esperar, pois está morrendo. Vai ele mesmo. Lá chegando, o velho lhe pede que bata um testamento, num papel já assinado por duas enfermeiras como testemunhas. O velho dita o texto e chega na parte em que ele deixa metade de sua fortuna para o instituto de pesquisas de doenças tropicais que o manteve vivo por algum tempo mais. Mas na hora em que o advogado vai datilografar o nome, o velho tem uma síncope e pede o papel rápido. Ele o tira da máquina, e o estende ao velho. Este o assina, e morre. Você colocaria, no espaço que falta o nome do instituto, ou o seu próprio, herdando uma fortuna incalculável? O público decide que ele não pode perder uma oportunidade dessas, *porque a felicidade só passa uma vez.* E o rábula fica rico. E eu pergunto: que felicidade? Que significa "passar"? E que significa esse "apenas uma vez?"

Aí, entra o Faustão: você está desempregado, e surge uma oportunidade de emprego como motorista particular. Mas para isso você precisa ter carteira de profissional, e a sua é de amador. Você decide: *compra* uma carteira tipo "C", ou perde a oportunidade? Os entrevistados, atores e personalidades conhecidas nacionalmente (essas celebridades não são especialistas em ética, mas funcionam como tal, na mente do telespectador desavisado, que acha que só está

relaxando diante da TV), decidem que *compra*, *porque a maré não está para peixe*.

Vivemos tempos de grande confusão ética. E há muita gente querendo ganhar com esse esfacelamento das certezas, com aquilo que Lesslie Newbingin chamou de uma sociedade onde "não existe mais um padrão oficial e aprovado de crença ou conduta". Segundo ele, ao contrário, "esta é percebida como uma sociedade livre, uma sociedade não controlada por quaisquer dogmas, mas caracterizada... pelo espírito crítico, o qual está pronto a submeter todos os dogmas ao exame crítico (e até mesmo cético)"[7].

Vale notar que ainda não concluímos (pelo menos no Brasil) a fase de destruição; de trituramento de todos os valores cristãos de nossa sociedade. Mas o processo está em andamento acelerado. Parece que todos aqueles que têm acesso aos meios de comunicação de massa estão contribuindo com sua cota.

Veja, por exemplo, como anda nossa música popular. Por meio de um ritmo gostoso e dançante, fazem você gingar ao som da "dança da garrafa". E se você disser à sua filha jovem que essa dança é indecente, vai ser chamado de "matusalém". Depois, como a coisa pega (e dá dinheiro), vem o "segura o tchan", com uma letra de fazer corar o próprio Gengis Khan. Mas para nossos jovens (e muitos pais), isso é normal (é claro que é normal; mas precisamos saber para quem, e em relação a que referenciais). Não vou continuar com os exemplos, pois não caberia. Você entendeu, espero. O importante a frisar é o efeito cooptador dessas músicas dançantes: você dança, você ri, você aceita (só o ritmo, é claro), você não liga, você não diz que discorda, você aceita, você cantarola. Você é mais cananeu.

Na televisão, além dos já mencionados *Você decide*, temos programas anunciados como "sensuais e irreverentes". Esses são os bons, pelo padrão secular (padrão numa sociedade moderna?). Ou

então, com sexo explícito, apresentado às três da tarde, quando as crianças estão sendo cuidadas pelas babás eletrônicas. Nos programas de auditório do domingo à tarde, o Faustão compete com Gugu Liberato pela atenção da família e, para isso, oferece de tudo: desde banalidades até mulheres seminuas brigando na lama (eles sabem que aquelas tangas não resistirão muito tempo no lugar). Para completar, o desafio é que homens lavem essas mulheres sem que seus batimentos cardíacos passem de 120. Quando perder a graça, vão desafiá-los a fazer isso com a língua.

Percebe, leitor, toda uma armação para transformar a tara, a indecência, a violação da intimidade, a banalidade, a vulgaridade, o grotesco em algo absolutamente corriqueiro e normal?[8] É que essa área da velha estrutura ainda não está devidamente triturada pelo martelo da modernidade. Pessoas ainda têm pudores, receios, valores, vergonha, dignidade pessoal e outras bobagens arcaicas.

"Bem-aventurado aquele que não se condena nas coisas que aprova" (Rm 14.22), porque a simples não-reação já é princípio da capitulação de antigos ideais. Falaremos sobre a técnica da sedução por *anuência*, utilizada pelos meios de comunicação, mais adiante.

CABO VERDE PLURAL

Nossa Cabo Verde, agora, é muito parecida com a moderna Brasília: uma sociedade sem raízes (rápida urbanização resultante de intensa imigração), sem o elemento regulador e integrador das consciências (a igreja como religião hegemônica), que não tem mais um elemento comum que forneça as estruturas uniformes de interpretação da realidade. Nela, todos são cidadãos do mundo; todos são altamente adestrados no mundo das opções; as relações são superficiais, até pela mobilidade de quem chega e de quem sai; as diferenças de

costumes produzem, ao mesmo tempo, a necessidade do respeito às diferenças e o sentimento de descompromisso. A solidariedade é substituída pelo oportunismo. O espírito de corpo é trocado pelo conforto do anonimato. Moderna.

PRIVATIZAÇÃO

Mas nossa cidadezinha ainda não é uma metrópole completa, pois seu tripé ainda tem apenas uma perna, a da pluralização.

A segunda perna da modernidade é a privatização. Não é possível a pluralização sem privatização. Por isso, talvez não seja equivocado dizer que uma é consequência da outra.

Veja o conhecido anúncio do cigarro Free: ele sempre termina dizendo que "pelo menos nós temos alguma coisa em comum". Essa coisa em comum é a liberdade para concordar ou discordar. Cada um na sua. Trata-se de dizer que se você fez tal ou qual escolha, ninguém tem nada com isso, mesmo que o Ministério da Saúde diga que fumar é prejudicial à saúde. Você vive numa sociedade plural, e portanto, quanto mais moderno for, mais consciência terá de que suas escolhas são um assunto privado, de sua exclusiva responsabilidade. E as pessoas modernas têm isso em comum: respeitam as opções das outras. Nas palavras do psicanalista Sérvulo Augusto Figueira: "Vivemos num mundo em que aquilo que nos une a todos é, curiosamente, o mais particular, individual: a opção"[9].

Só há um caminho: respeitar para ser respeitado. E até o maior fanático religioso, ao viver em uma sociedade moderna, acaba aprendendo isso.

Os Guinness nos diz que a privatização "pode ser definida como a ruptura produzida entre as esferas do privado e do público na vida

moderna, havendo uma cristalização da importância do privado como a única esfera da liberdade e da realização individual. A ilustração que sugiro aqui — prossegue ele — é a de um 'zoológico religioso', onde aparece uma enorme variedade de vida selvagem, mas em cativeiro"[10].

A privatização traz implicações boas e más. Por um lado, pode-se dizer que traz um espaço onde se materializam os sonhos de identidade e de realização. Basta olhar para um país totalitário, para perceber as vantagens do mundo privado. O último filme que assisti sobre a tensão Leste-Oeste tinha a seguinte cena despretensiosa:

— Você invadiu minha privacidade — diz o capitão do submarino, ao encontrar um agente da KGB bisbilhotando suas coisas.

— Privacidade é uma palavra que não está entre os valores de nossa causa, camarada — responde o intruso.

O mundo público desenvolve-se como o espaço dos negócios, da economia, do mercado, do Estado e da ciência, enquanto o mundo privado permite que se desenvolvam as aptidões, os *hobbies*, a religião, o lazer. Peter Berger expressa este aspecto da seguinte maneira: " O círculo do mundo familiar serve como área de jogo para exercitar os elementos de seu próprio mundo sem atrapalhar nenhuma parte importante do sistema político-sócio-econômico".

Por outro lado, a privatização representa necessariamente fragmentação. Quanto mais estanques estiverem esses dois mundos, maior a liberdade em cada um deles. Isso significa maior diferenças entre eles. Ao transitar entre esses dois mundos, um empresário, por exemplo, viverá o drama da fragmentação de sua consciência. As consequências de uma situação dessas para a ética, por exemplo, são terríveis. Ele viverá tentando administrar um conjunto de padrões éticos familiares e religiosos que se chocam com outros, muitas vezes completamente antagônicos, nos seus negócios. Ele parecerá ter duas

almas. Ou então, se sentirá um esquizofrênico, lutando para manter sua integridade.

O mundo privado é um mundo instável, frágil e precário. Ao contrário da esfera pública, esta esfera da vida está ao sabor de diversas influências, sem dispor de lastro adequado para resistir. A fratura entre os dois mundos produz uma fragilidade crescente na esfera do privado, tornando-o especialmente vulnerável. No entanto, isso é pouco percebido, uma vez que ele aparece como o verdadeiro mundo dos homens. O mundo das realizações, o mundo das possibilidades.

Quando pensamos em nosso habitante de Cabo Verde, imaginamos que, para poder conviver com a pluralidade, para que as opções feitas por cada um possam ser respeitadas e aceitas como culturalmente válidas, como um estilo moderno de vida, é necessário que elas sejam *privatizadas*[11]. Vale dizer, elas têm direito de existir na esfera privada, mas não podem ser impostas aos demais. Ou seja, não tramitam bem na esfera pública.

Toda vez que uma "opção" for-lhe contestada, nosso cidadão lançará mão desse refúgio, com a expressão — *dá licença?* A expressão não tem nada de mágica, nem de sinal secreto, mas simboliza o mecanismo de retirada para o privado. Essa opção pertence ao mundo privado, não podendo, portanto, ser contestada por ninguém.

Talvez por isso, o mundo privado, à medida que se desenvolve e hipertrofia com a modernização da sociedade, se torna um mundo de desolação e solidão. Num momento teórico em que a fratura for levada ao seu momento máximo, as pessoas estarão absolutamente sós. O filho dirá a seus pais: "dá licença?"; os pais dirão aos filhos: "dá licença?"; os amigos dirão aos outros: "dá licença?"; os irmãos afastarão outros irmãos com um delicado "dá licença?"; o pastor

ouvirá de suas ovelhas: “dá licença?” E estaremos então vivendo um mundo de extrema vulnerabilidade.

Um parêntesis: em que consiste essa vulnerabilidade?

É que nosso conforto oriundo da segurança que a *ordem* traz volta e meia é ameaçado por situações novas ou por desafios à nossa capacidade de agir de acordo com aquilo que cremos. Assim, estamos sempre enfrentando perigos e ameaças ao nosso equilíbrio cognitivo e emocional. Por exemplo: sabemos que não devemos roubar. Mas na hora que achamos uma maleta cheia de dinheiro, precisamos de força moral para entregá-la ao seu verdadeiro dono. E essa força provém da solidez, da plausibilidade do valor ético que dizemos esposar: a honestidade. E o que sustenta essa plausibilidade, essa solidez? O grupo ao qual pertencemos. Se a honestidade é um valor sólido no grupo, se este é importante para nós, ao ponto de nos ser vital *pertencer* a ele, no sentido de ter identidade de propósitos e valores, então ele nos dará forças emocionais para resistir à tentação e fazer o que achamos certo.

Mas quando nos privatizamos ao ponto de nos tornar superficiais e equidistantes de qualquer grupo, então nos tornamos vulneráveis, no sentido de que não temos mais a força dos ideais de um grupo a nos socorrer. Vamos depender de nós mesmos. A propósito, se dependemos de nós mesmos, por que entregar a maleta com o dinheiro? Nossa opção será *a nossa opção* — dá licença? Se você prefere devolver a maleta, tudo bem.

Olha que interessante exemplo de vulnerabilidade moderna. A revista *Marie Claire* de fevereiro de 1996 traz como reportagem de capa, e anuncia na CBN, o caso de mulheres que são seduzidas e roubadas por “Don Juans” inescrupulosos. A matéria, sob o título: “Ladrões de coração... e carteiras”, começa assim:

> O estelionatário barba-azul aborda a presa mostrando-se o mais apaixonado dos homens. Com promessas, carinho e declarações de amor, primeiro ganha a confiança dela. A partir daí, usa diversos truques para tirar-lhe dinheiro e bens, desaparecendo em seguida.

Bem, esse truque é antigo como as pirâmides. Não se pode dizer que seja efeito direto da modernidade. Mas ao analisar a matéria, verificamos que, em muitos casos, o ladrão consegue, nas primeiras 24 horas, emitir cheques da vítima, roubar videocassete, carro e até filhos. Pior que as perdas econômicas, o golpe traz, conforme a matéria, perdas de natureza emocional. A mulher, normalmente solitária e sozinha, abre seu coração, vai para a cama, se enche de esperanças, e fica sem nada. Isso é muito mais fácil de ocorrer num ambiente de privacidade hermética que em Cabo Verde.

Fecha parêntesis.

Por falar em casais, a nova definição de privacidade, seguida de sua intensa necessidade, chega ao ponto de separá-los fisicamente. Prevê-se, para breve, novas formas familiares[12], das quais uma bem descrita pelo título de um artigo: “Casal, sim, mas cada um na sua casa”. A justificação da proposta é longa, mas pode ser resumida no seguinte parágrafo:

Dessa forma, o que parece estar em jogo para essas pessoas é conciliar a *intimidade*, a necessidade de compartilhar e estar junto, que surge naturalmente quando uma relação a dois se aprofunda, com a *privacidade*, igualmente sentida como necessária para garantir a própria individualidade[13].

Adiante falaremos mais sobre as consequências desse fenômeno.

Finalmente, a privatização produz um mundo público sem alma. Com sua lógica própria, com sua moralidade peculiar, sem misericórdia, sem interferências. Arguir um homem público sobre a ética de suas ações significa misturar os mundos privado e público.

Ética é coisa do privado. Lembra-se do Delfim Netto, quando todo-poderoso Ministro da Fazenda? " — Eu sou *aético*: faço o que precisa ser feito." Portanto, cada vez mais o mundo dos negócios vai se desumanizando.

SECULARIZAÇÃO

A terceira perna da modernidade é a secularização. Os Guinness a descreve da seguinte forma:

> A secularização que, sem sombra de dúvida, é hoje o problema central da Sociologia da Religião, pode ser definida como o processo através do qual as ideias e as instituições religiosas estão perdendo seu significado social. As ideias são menos significativas e as instituições mais marginalizadas (um bom quadro desse processo é o "gato que desaparece", de Julian Huxley — o gato some, mas sua careta continua durante certo tempo).[14]

Talvez seja importante dizer que essa descrição tem toda uma conotação europeia, influenciada, certamente, pelos movimentos existencialistas e materialistas que chegaram a decretar a morte de Deus. Num país de legado cultural afro-brasileiro, no entanto, a secularização assume formas distintas, sem, contudo descaracterizar o processo descrito.

A secularização, entre nós, pode ser apresentada nas palavras de Dom Aloísio Lorscheider. Perguntado sobre a razão de as pessoas não mais aceitarem os conselhos da Igreja sobre temas atuais como aborto, pena de morte, ecologia, eutanásia, ele respondeu:

> Não é que a Igreja perdeu o poder de aconselhar as pessoas. Ela aconselha, mas as pessoas não aceitam mais esses conselhos, porque não aceitam mais a transcendência.

> Elas praticamente não aceitam mais Deus, que é quem nos dá normas a partir da própria criação. Deus fez o mundo com sabedoria, mas as pessoas deixaram de fazer essa leitura do mundo. O mundo é visto como uma razão matemática e não mais filosófica e muito menos teológica. *Essa é a tendência do mundo de hoje* [grifo nosso].[15]

É interessante notar que, apesar de Cabo Verde estar construída ao redor da grande igreja da praça, ela já não ocupa o centro das vidas dos moradores. O padre ainda inaugura obras públicas, mas não tem mais o direito de perguntar sobre a origem do dinheiro, sobre a lisura da licitação pública, sobre o porquê da ponte no bairro chique e não no pobre etc. Nesse momento, ele é mandado cuidar de suas ovelhas e não se meter em coisas do Estado. "Dá licença, seu padre?"

No mercado religioso, não é mais Deus quem nos predestina, chama, salva e santifica; nós é que o "selecionamos" na prateleira (se ele prometer não se meter demais em nossa vida, senão trocamos de Deus como quem troca de time de futebol).

Veja a ligação entre a privatização e a secularização. Peter Berger entende que a secularização é um fenômeno criado pelo próprio cristianismo[16]. Dele surgiu o conceito de foro íntimo, a defesa do direito a escolhas pessoais, a salvação individual etc. Esses elementos de liberdade e livre-arbítrio, tão caros em todas as revoluções humanistas da história recente, quando misturados com os outros elementos da modernidade, se transformam em individualismo exacerbado. A ideia de salvação coletiva, por exemplo, desaparece, tragada pelo pietismo privativista, individualista, intimista. O conceito de "povo de Deus" perde quase totalmente sua força.

Mas também no espaço do "privado", a secularização tem seus tentáculos. A igreja de Cabo Verde também já não tem tanta força sobre as ações dos seus fiéis[17]. É bem verdade que muitos continuam praticantes, mas há que se observar a centralidade da fé em suas

decisões, ações, reações, seus negócios, seu lazer etc. Percebe-se que houve uma ruptura entre a prática religiosa e todas essas áreas da vida.

O negociante, fiel fervoroso dos domingos, desenvolve atividades de burla ao fisco, de desonestidade com seus clientes, de procedimentos menos confessáveis. É a vida!

A dona de casa não consegue associar sua ida à missa das seis com a forma como trata os filhos, educa sua filha adolescente ou escolhe os programas que assistirá na televisão. Ela professa ser comprometida com o Senhor Jesus, mas é capaz de, ainda com a Bíblia na mão, assistir a um programa pornográfico ou de excessiva violência na TV.

Dessa forma, o sagrado, que continua a permear a vida dos Cabo-Verdenses, foi colocado num canto escuro da casa. A realidade que conta; os padrões que vigem e que regem a vida; os valores e ideais que norteiam as ações agora são outros: são determinados e ditados pelas novelas, pela lógica do mercado, pelos novos padrões de sucesso, prestígio e poder, buscados e absorvidos com fervor e devoção capazes de provocar ciúmes em Deus.

A secularização no Brasil tem muito que ver com a pluralização e com a privatização. Com o advento da sociedade de consumo — no Brasil, associado por muitos ao nosso primeiro programa de televisão colorido[18] —, colocaram-se nas prateleiras também outras religiões. Aquelas que estavam ocultas, na clandestinidade, vieram à tona com toda a sua força, protegidas pela nova postura imperante diante do exótico, do diferente, da alternativa. Agora, numa sociedade moderna, *o cristianismo se transformou em uma entre muitas opções religiosas*. De sua posição de juiz de todas as outras propostas de espiritualidade, ele se reduziu a uma opção. As propostas exóticas e estranhas, anteriormente exorcizadas até pela

força, agora se apresentam com a expressão privativista “dá licença?”.

Nasceu com o cristianismo a defesa do direito sagrado da escolha íntima. Agora, precisa respeitar as escolhas que as pessoas fazem quanto à religião. Para ser respeitado, ele precisa respeitar.

Esse fenômeno, associado ao da privatização, tornou sem limites o direito à opção religiosa. Esse problema com os limites chega, inclusive, ao ponto em que a polícia tem-se visto com problemas sérios para se relacionar com expressões religiosas de índole confessadamente malévola, inclusive de satanismo, nas quais ocorrem sacrifícios de animais, rapto, tortura e sacrifício de crianças e virgens. Em alguns casos, diga-se de passagem, o sacrifício humano não é o objetivo final, mas sim o uso do sangue da vítima para rituais ainda mais macabros.

Mas não fica aí. A pluralidade religiosa, esse supermercado religioso, acaba por produzir um novo fenômeno: o aparecimento de novas formas de entender e envolver-se com religião, que chamaríamos de supersincretismos. Ora, diante da diversidade de ofertas, qual é o processo de escolha? Escolho religião como quem escolhe massa de tomates numa prateleira: a que mais me agrada. E a que mais me agrada é aquela que melhor se ajusta aos meus próprios e particulares valores e padrões. Na verdade, os conceitos de *fidelidade e constância*, seja a marcas, lojas, pessoas, fornecedores etc., é coisa do passado. A modernidade conspira contra essa estabilidade, porque o mercado nos quer sempre volúveis e dispostos a experimentar um novo produto, uma nova marca.

Tendo incorporado esse mecanismo, tendo acostumado a encher seu carrinho de supermercado com os produtos mais atraentes, de melhor qualidade, de menor preço, maior rendimento, que lhe deem mais prestígio (pelo simples fato de poder dizer que o consome ou

usa, como ocorre no caso das *griffes* da moda), que o coloquem no topo da moda (como no caso do telefone celular), que o aproximem do movimento ecológico ou naturalista da moda (ionizadores de água, comida natural, sem agrotóxicos) etc., ele enche também seu "carrinho esotérico" de religiões, conceitos e crenças, buscando em todas elas o que de melhor têm a oferecer. A religião da modernidade, a religião da nova era, portanto, tende a ser uma religiosidade do tipo salada de frutas. Uma religiosidade sem compromissos com um Deus transcendente (embora, muitas vezes, muito compromissada com o grupo), apoiada numa "bondade" nunca bem definida (normalmente senil, como a de Papai Noel), e sem distinção necessária entre o bem e o mal (imoralidade, no sentido amplo), aceitando como natural e desejável a irracionalidade[19].

Como consequência automática desse processo secularizador, em função do qual o sagrado vai para o cantinho da vida, para não incomodar e só ajudar quando for chamado, a Igreja tende a se tornar irrelevante e sua mensagem *implausível*. Na verdade, acontece com o cristianismo o que já era realidade em todas as outras manifestações de espiritualidade e religiosidade modernas: ele passa a ter um papel limitado na vida comum do homem. A religião presta-se ao conforto espiritual, ao alívio das tensões do dia-a-dia, a apresentar respostas à sede de esoterismo e à busca do oculto, que sempre fascinou o homem, a proporcionar "encontros" com entes queridos que já morreram, à catarse, individual ou coletiva etc. Mas a um relacionamento significante e responsável com um Deus infinito e pessoal, que se apresenta para ser Senhor sobre nossos destinos — não é mais fácil simplesmente dizer que foi o *destino* que quis? —, por meio de uma proposta madura de redenção de nossas vidas, que começa com o doloroso apontamento

de nosso pecado e da nossa perdição e caminha para a oferta de perdão e reconciliação, e desemboca, pelo arrependimento, em um estreito caminho de compromisso e responsabilidade..., isso nem pensar! Há "produtos" mais interessantes e mais "baratos" no mercado. Inclusive mais na moda! Quer comparar uma religião milenar, pesada, desgastada, mastodôntica e toda viciada com o charme, a leveza e o carisma ecológico de um Santo Daime?

Quem tem coragem de anunciar e apresentar-se como ministro daquela mensagem, hoje em dia? Poucos. Cada vez menos. E de vivê-la, de encarná-la em sua própria vida? de transformar-se em testemunho vivo de sua realidade e relevância para seus irmãos? Chegamos ao ponto de que, se nossa igreja fosse arrebatada hoje, talvez poucos iriam notar. Notariam, com muito boa vontade, a falta do técnico Amorese. Mas faria alguma falta o religioso Rubem?

Esse enfraquecimento, esse derretimento geral da fé, tem sido denominado de *crise de plausibilidade* da mensagem e experiência cristãs. A figura que Os Guinness usa para descrever essa crise é a do *Gato que desaparece*, de John Huxley. A cena é comum até em desenhos animados: o gato vai sumindo, e só resta o sorriso, solto no ar.

A última fortaleza a ser conquistada pela modernidade é a da Teologia[20]. Como as questões públicas são estabelecidas, em grande parte pela mídia de massa, é possível dizer que a "nova teologia" é estabelecida como uma questão pública. Temos, assim, grandes nomes e entidades, tais como a CNBB, a Associação Evangélica Brasileira (AEVB) etc., se envolvendo com temas da moda, tais como juventude, direitos do trabalho, pobreza, eutanásia etc.

Ao serem assumidos pelos meios de comunicação de massa, esses temas forçam sua própria lógica, seus próprios conceitos e pressupostos. Normalmente, eles são fruto do "bom-senso" dos

apresentadores, e dão expressão à religiosidade moderna e pluralista à qual já nos referimos. Nesses discursos, nada mais normal que um forte acento cientificizante, naturalizante, psicologizante e dessacralizante.

Para ser ouvida, por seu turno, a autoridade religiosa que entende um pouco de "opinião pública" e comunicação social trata de se fazer compreendida, usando uma linguagem e assumindo uma postura mais *pública* — descaracterizando as manifestações de fé, ortodoxia, piedade e outras que somente encontram lugar no âmbito do *privado*. Se não for assim, ela simplesmente não consegue ser ouvida. Sua opinião não será publicada, sua entrevista não "dará ibope".

Como consequência, aos poucos vão-se introjetando em todos os participantes desse processo uma progressiva distensão entre o ambiente religioso e o secular, o público. O religioso não quer parecer intolerante, e o entrevistador quer parecer pluralista e versátil. Fica mais fácil, a partir de então, entender-se a ressurreição como um símbolo da psicologia existencial humana, e não como um evento cósmico. A escatologia cristã deixa de falar na intervenção de um Deus transcendente, para falar em aspectos éticos de questões políticas. No desenvolvimento desse relacionamento com o público, certas tradições passam a ser consideradas insustentáveis, seja porque não atendem a critérios filosóficos ou científicos, seja porque não casam com uma cosmovisão moderna, que se impõe sobre o mundo.

Então, aquela parte da tradição, ou a instituição que a suporta, ou a tradição por completo passam a ser rejeitadas. Temos, assim, os exercícios de Bultmann, de desmitologização, que tentam demolir todo o referencial transcendental do cristianismo, atribuindo-o à cosmovisão mitológica, que "não podemos mais"[21] manter.

Quando as estruturas começam a se desintegrar, o caráter de realidade daquelas afirmações começa a se enfraquecer. Dúvidas, incertezas, questões, são imediatamente apresentadas pela mídia desejosa do debate acalorado. Nessas circunstâncias, o que era *sabido* vira, na melhor das hipóteses, *crido*. Mais tarde, vira uma *opinião* ou, enfim, um *sentimento*.

Resta, finalmente, ao religioso, usar das mesmas armas da privacidade: "Dá licença?" Pronto! Temos aí um pregador moderno.

A fé cristã, então, transforma-se em *preferência religiosa* em nossos censos, para descambar, finalmente, em *interesse religioso*[22].

Bem, quero terminar esta parte com algumas características da religião "cananita", resultante de todo o processo secularizador acima descrito. Ela é verticalista mas sem compromissos; horizontalmente intimista; doutrinariamente invertebrada; tendente para o mágico, para formas meditativas de aquisição de conhecimento transcendental; panteísta; reencarnacionista; em busca de poder; em busca de identidade com o mundo animal e vegetal; sem distinção necessária entre bem e mal (imoralidade no sentido amplo), aceitando a irracionalidade como sedutora. É não-exigente, impessoal, incomunicável, relativista, sensitiva, privada, secreta e oculta.

Qualquer semelhança com expressões evangélicas recentes será mera coincidência.

---

[1] DIEGUES, Carlos. *Veja*. p. 51. ↩

[2] Ver, a respeito dos portadores da modernidade, GUINNESS, Os. *Cuidado com la Boa!* Ver, também, do mesmo autor, A missão frente à modernidade. *Boletim Teológico* (FTL-B, 11 (1990): 5-42. ↩

[3] GUINNESS, Os. op. cit. ↩

[4] NEWBINGIN, Lesslie. *The gospel in a pluralist society*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1992. ↩

[5] Este tema é surpreendentemente desenvolvido por BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*; relações entre homens e mulheres. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Ali desaparece a ideia milenar da *complementaridade* dos sexos, para o surgimento do conceito de semelhança. Os cromossomas estão ali, as capacidades são iguais, as restrições culturais começam a ruir, e homens começam a ter prazer em atividades femininas e mulheres começam a exercer atividades (e a desenvolver papéis) masculinas. Afinal, o que é masculino, e o que é feminino? “Eis chegado o tempo do endógeno” (Apollinaire). ↩

[6] Vale a pena reproduzir parte do prefácio do livro *Sem padecer no paraíso*, de Tânia. “Este livro constitui um saudável exemplo de que é possível desenvolver sem conservadorismo um pensamento divergente das modas e manias autoproclamadas modernas. Nele, Tânia Zagury transita com desenvoltura no acidentado território das relações entre pais e filhos, marcado, nos tempos atuais, pela ambiguidade e pela disputa entre as regras ditadas pelos estudiosos do desenvolvimento infantil e os reais obstáculos que a necessidade de sobrevivência nas sociedades modernas coloca à organização familiar. Revelando grande sensibilidade para com os sentimentos angustiantes e contraditórios que vivem pais e mães diante da difícil tarefa de educar filhos saudáveis e ajustados numa sociedade marcada pela diversidade, o pluralismo e a violência, a autora mostra como as exigências estabelecidas pelos especialistas quanto à melhor forma de atingir esse objetivo são, em geral, de pouca ajuda, ou mesmo dificultam a tomada de decisões equilibradas nas relações entre pais e filhos. Partindo da reflexão de sua própria experiência como mãe — o que dá ao livro um caráter muito pessoal e verdadeiro — Tânia Zagury critica assim a tirania de psicanalistas, psicólogos, educadores, que têm contribuído para um dos mais danosos reducionismos em Educação — o psicologismo —, quando sacralizam as necessidades infantis, impondo sua satisfação como único motivo que justifica a vida daqueles que cometeram o pecado original de gerar outra vida.” ↩

[7] NEWBINGIN, Lesslie. ↩

[8] Apresento ao final deste livro uma pequena bibliografia sobre a atual discussão a respeito do excesso de sexo e violência na televisão, em relação à família e, em particular, à criança. ↩

[9] A nova família. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, caderno especial, 14 jul. 1995. ↩

[10] GUINNESS, Os. *Cuidado com la Boa!* ↩

[11] “Até a década de 50, o “pessoal” estava subordinado ao “social”. A dimensão pessoal da mulher e também do homem estava submetida à ordem familiar. Acho importante salientar que a lógica do capitalismo não mudou, mas surgiram novas dimensões de opção e projeto pessoal.” Palavras de Sérvulo Augusto Figueira, Psicanalista, em entrevista ao JB, publicada no Caderno Especial, sob o título “No reino da opção”. ↩

[12] Ver A nova família, Caderno especial do *Jornal do Brasil* de 14 de julho de 1985, no qual se coletam diversos estudos que dão conta das tendências modernas da concepção de família. Os diversos artigos ali apresentados tratam, basicamente, do problema de conjugar a privacidade com a vida em família, concedendo, de certa forma, que há, hoje em dia, antagonismo entre os dois. Entre eles, citam-se “A desafiante mãe solteira”, que opta por ter seu filho, sem abrir mão de sua privacidade, “Dramas e rotinas da separação” e “A opção de ser solteiro”. ↩

[13] VAITSMAN, Jeni. Casal, sim, mas cada um na sua casa. *Jornal do Brasil*, caderno especial, 14 jul. 1985. ↩

[14] GUINNESS, Os. op. cit. ↩

[15] A pregação no deserto. *Veja*, 24 abr. 1991. ↩

[16] *Facing up to modernity: Excursions in society, politics and religion*. Nova York: Penguin Books, 1979. ↩

[17] LAUSANNE Cmtee. *O evangelho e o homem secularizado*. São Paulo: ABU/Visão Mundial, 1983. ↩

[18] Nas palavras de Cacá Diegues, op. cit., p. 52: “No início dos anos 70, cerca de uma década antes da Europa, a televisão brasileira já estava transmitindo em rede para todo o país, via satélite, um grandioso investimento do governo militar, feito em nome da segurança e da integração nacional. Em contrapartida, sob o mesmo pretexto ideológico, a ditadura montava um sistema concentracionário e cartorial de concessões, capaz de institucionalizar o necessário controle social da população. Como em nossa velha tradição das capitanias hereditárias, uma vez escolhidos, os beneficiários das concessões não têm de dar mais satisfações a ninguém, a não ser ao rei”. ↩

[19] Algumas das muitas fontes de referência sobre o assunto, são: TREVISAN, Lauro. *Aquários: a nova era chegou*; FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana*; e GROOTHUIS, Douglas R. *Unmasking the New Age*; *Confronting the New Age*; *Revealing the New Age*. ↩

[20] Francis Schaeffer define uma escada descendente de influência dessa crise, que começa, no seu topo, com a filosofia, seguindo-se a arte, depois a música, a cultura geral, para atingir, finalmente, a Teologia. *O Deus que intervém*. Brasília: Refúgio, 1981. p. 67-128. ↩

[21] Por exemplo, na revista *Veja* de 20 de fevereiro de 1991, pp. 44-45, em reportagem de Elio Gaspari, o pastor John Spong (EUA) faz uma releitura da Bíblia, sem os vícios do fundamentalismo, e cria uma polêmica sobre a vida dupla do apóstolo Paulo. ↩

[22] Ver sobre o assunto, BERGER, Peter. *Facing up to modernity*. Procurei, neste segmento, seguir de perto a argumentação do autor. ↩

4.

CONSCIÊNCIA MODERNA

Talvez, a estas alturas do nosso raciocínio, já se possa dizer que compreendemos, ainda que superficialmente, a modernidade e seus efeitos sobre as instituições sociais e correspondentes estruturas de significado.

Há um aspecto, no entanto, que precisa ser melhor desenvolvido, ainda que ele tenha sido abordado, de forma velada, ao longo de nossa trajetória. Trata-se de refletir sobre a forma como essa influência se realiza e lança suas profundas raízes nas consciências até então tradicionais. Consideramos que valha a pena retomar essa ponta do novelo porque ela nos ajudará a compreender as mudanças que estão ocorrendo à nossa volta, com nossos jovens e em nossa própria cabeça. É a questão do embate entre a "mente de Cristo", que incumbe a todo cristão desenvolver, e a "mente moderna", naquilo em que ela se contraponha à consciência cristã. Um bom diagnóstico, diz o ditado popular, é metade da cura.

A toda sociedade corresponde uma consciência. Essa afirmação é chave para qualquer pessoa que se aventure nas águas da

antropologia Cultural. Ela diz que as coisas que pensamos de nós mesmos e do mundo à nossa volta, os ideais que desenvolvemos e pelos quais lutamos, as regras morais, as estruturas de explicação e interpretação de fatos e fenômenos da natureza, os sistemas de compreensão de fatos e fenômenos sociais, tudo isso que define o termo *consciência*, são adquiridos e "trabalhados" em sociedade.

Sem a sociedade, não seríamos o que somos — talvez nem humanos. É interessante notar que o homem é o animal que mais tempo leva para ser considerado adulto por seus semelhantes. Na verdade, a *pessoa* leva aproximadamente dezoito anos para se formar. É o tempo que ela leva para receber sua carteira de identidade, seu título de eleitor, seu CPF e sua carteira de habilitação ao volante. Aí, então, ele é considerado uma pessoa. É bem verdade que isso corresponde a uma média. Há pessoas que amadurecem bem mais cedo. E outras que levam décadas (para não mencionar crianças de 80 anos) para amadurecer.

Por que isso tudo? Talvez, porque as heranças que o homem tenha de receber para chegar a ser pessoa não lhe possam ser transmitidas apenas por via genética.

> O caráter "inacabado" do organismo humano no nascimento está intimamente relacionado com o caráter relativamente não-especializado da estrutura dos seus instintos. O animal não-humano ingressa no mundo com impulsos altamente especializados e firmemente dirigidos. Como resultado, vive num mundo mais ou menos completamente determinado pela estrutura dos seus instintos. Esse mundo é fechado em termos de suas possibilidades, programado, por assim dizer, pela própria constituição do animal. Consequentemente, cada animal vive no ambiente específico de sua espécie particular. Existe um mundo de camundongos, um mundo de cães, um mundo de cavalos, e assim por diante. Em contraste, a estrutura dos instintos do homem no nascimento é insuficientemente especializada e não é dirigida a um ambiente que lhe seja específico. Não há um mundo do homem no sentido acima. O

> mundo do homem é imperfeitamente programado pela sua própria constituição. É um mundo aberto. Ou seja, um mundo que deve ser modelado pela própria atividade do homem. Comparado com os outros mamíferos superiores, tem o homem, por conseguinte, uma dupla relação com o mundo. Como os outros mamíferos, o homem está em um mundo que precede o seu aparecimento. Mas à diferença dos outros mamíferos, este mundo não é simplesmente dado, pré-fabricado para ele. O homem precisa fazer um mundo para si. A atividade que o homem desenvolve em construir um mundo não é, portanto, um fenômeno biológico estranho, e sim a consequência direta da constituição biológica do homem[1].

Ele precisa do aprendizado. Não nasce com as informações necessárias à sua sobrevivência no mundo dos homens. Ele precisa de absorver cultura para formar uma consciência.

Assim, ele passa todo esse tempo aprendendo modos de se relacionar, absorvendo uma linguagem, que lhe traz toda uma herança simbólica e de significados, aprendendo a se comportar nas diversas situações sociais etc. Quando essa formação é considerada satisfatória, ele é considerado *pessoa*. Se, por algum motivo, ele não consegue mais corresponder às expectativas mínimas existentes em determinado grupo, deixa de ser considerado pessoa, e acaba sendo "executado" socialmente. Isso acontece muito com os idosos, que não conseguem mais acompanhar os acontecimentos e interpretar adequadamente os eventos e fatos em andamento na família. Ouça uma das muitas histórias, a esse respeito, contada sob o título "A idade da solidão":

> Dona Elina Barbosa Pini, 76 anos, não enfeita o verbo: "Deviam fazer uma fogueira e queimar todos os velhos. Eles não alegram os outros nem se alegram". Os olhos azuis quase não enxergam, o corpo está retesado pelo mal de Parkinson, mas a lucidez está intacta. "Tem famílias que tratam um bicho melhor que um velho", diz ela, há um ano num abrigo de idosos de classe média.

> A memória dessa mulher amarga guarda uma história de amor que durou 48 anos. "Éramos duas almas num só corpo", lembra-se. "O que eu pensava, ele pensava; o que eu queria, ele queria". Passaram a vida trabalhando para viajar na aposentadoria. "Antes de viajar, caí de Parkinson. É uma doença muito ingrata".
>
> O marido, Antônio, entristeceu-se. "Ele vivia pelos cantos chorando". Durante o quase meio século de casamento, dona Elina guardou uma certeza. "Sempre fui uma mulher cheia de mazelas. Sempre pensei que ele morreria primeiro e isso me dava muita satisfação". Antônio morreu há seis anos[2].

Acrescente-se a esta compreensão aquela anteriormente mencionada, de que temos uma necessidade "antropológica" de compreender nosso mundo, para poder viver nele (*nomos*). Para compreendê-lo, precisamos descrevê-lo, nomeá-lo, como fez Adão com os animais. Ocorre que esse é um fenômeno basicamente social. Isso se dá e se constrói com outras pessoas. Não há necessidade de linguagem, nem língua, de convenções, nem consciência, se não houver mais ninguém. Também não há ser humano.

É preciso que outros compartilhem conosco nossa percepção do estímulo da cor azul, para que percebamos que toda vez que olhamos para o céu, vemos o azul, e que o azul está fora de nós, é realidade sensível, independente da minha mente. Então, cunhamos a palavra "azul", para designar aquela sensação. Por outro lado, já existindo a palavra "azul" para descrever a sensação visual, legamos essa experiência pronta aos nossos filhos. Ao absorverem nossa linguagem, absorvem com ela uma enorme bagagem de cultura já pronta. É dessa forma que se pode pensar que somos produtos da cultura e formadores de cultura.[3]

A necessidade de construir socialmente nossa própria realidade, por meio da nossa ação sobre o mundo, leva-nos a buscar os outros. Precisamos dos outros para sermos humanos. Nossa simples contraposição à existência de outros nos diz que somos indivíduos.

Esse fenômeno é tão visceral, tão inconsciente em nós, e tão forte, que, sozinhos corremos o risco de enlouquecer. O caos é aterrorizante.

Apenas alguns exemplos para fechar esta parte: já experimentou, alguma vez, a sensação de acordar no meio da noite em uma viagem de negócios, ou de férias, e não se lembrar de onde está, não reconhecer onde está a porta e a janela? Lembra-se da sensação de terror? Ainda bem que a gente logo se lembra, quando tenta reconstituir nossas últimas horas. Caos. Já esteve em um outro país, na situação de não compreender e não ser compreendido? Angústia.

Mais do que simplesmente dos outros, precisamos, buscamos estar à vontade no meio dos outros. Parece que há algo dentro de nós que nos leva a procurar o conforto do útero materno na sociedade. Quando somos aceitos, considerados e amados, sentimo-nos confortáveis. Aliás, esse primeiro útero somente será alcançado por nossas psiquês quando entrarmos no último, com nossa morte. É como se, finalmente, estivéssemos voltando para casa. Enquanto isso não ocorre, passamos a vida buscando-o por aqui, entre as pessoas que estão à nossa volta.

Não seria por isso que os fariseus rilharam os dentes quando Jesus, em Lucas 15, passou a receber em sua casa publicanos e pecadores? A ideia do banquete messiânico vem perpassando suas mentes desde o capítulo 13. Há, nitidamente, uma ideia de identificação, de estar à vontade, de comprometimento, de cumplicidade no rito do estar à mesa.

Eles dizem: bendito aquele que comer desta ceia naquele grande dia. E Jesus responde: não participarão da minha ceia. É do comer junto que vem a expressão “companheiro” — *cum panis*, aquele que come pão junto.

Compreendiam ou intuíam, aqueles homens, que ao comer com pecadores, Jesus se fazia pecador com eles, participava de suas vidas, absorvia seus delitos, sua feiura, sua impureza. Fazia-se, enfim, um com eles. E isso, na sua forma de ver, era imperdoável. Mas Jesus lhes dizia que havia vindo para os doentes e não para os sãos; que os sãos não precisam de médico. Por isso, ele amara os pecadores, os pobres, os desterrados, as viúvas, os órfãos, as prostitutas.

A compreensão do receio e do escândalo dos fariseus pode nos ajudar a compreender o efeito da modernidade sobre nossas mentes.

Dissemos, ao começar este argumento, que a cada sociedade corresponde uma consciência. Isso porque para pertencermos a uma sociedade, precisamos participar dela; absorver seus códigos, seus valores, seus costumes, sua identidade. E isso acontece de forma inconsciente. Não será por isso que os pais tentam evitar que seus filhos andem em má companhia? Eles sabem do efeito devastador dessas companhias sobre a cabeça do garoto.

Todos temos necessidade de ser aceitos, amados e considerados. Para isso, precisamos, desesperadamente, ser normais. Normal é aquele que absorve e incorpora as normas. Mais que as normas, no sentido que costumamos usar, normal é aquele que compartilha do *nomos* de um grupo. Ele é ou se torna capaz de ver o mundo com os olhos do grupo; esposar seus valores, ideais, métodos etc. Então, ele é companheiro, ele é um deles.

Um jovem que chega a uma nova vizinhança, vindo, por exemplo, de um outro país, não somente procurará inconscientemente compreender e se fazer compreender, em termos de língua e linguagem. Para *pertencer* ao grupo, ele precisa de muito mais. Buscará entender o jargão local. Mais ainda, ele precisa, urgentemente, absorver o *nomos* daquele grupo. Ele precisa entender as piadas. Ele precisa saber contar piadas engraçadas para

o grupo. Mais até: ele precisa aprender a achar graça nas piadas do grupo. Sem fingimentos. Quando as gracinhas da garotada forem realmente engraçadas para ele, isso será um sinal incontestável de que ele está se tornando um deles.

Ser *normal*, na expressão bíblica, é conformar-se. Assumir a forma, ou entrar na fôrma. No popular: enquadrar-se. Inclusive, em sua carta aos Romanos, Paulo nos adverte a respeito dessa tendência de nos conformarmos com o presente "século". Sua advertência está ligada à compreensão de que, ao nos tornarmos normais ao mundo, fazemo-nos, inapelavelmente, mundo com o mundo. E, a não ser que tenhamos um plano muito claro em mente, acabamos perdendo de vista o *nomos* do reino de Deus.

As coisas são como as entendemos porque são validadas pelo consenso. Quando todos acham que o sol gira em torno da terra, é muito difícil imaginar que possa ser o contrário. Quando todos acham que o único tênis que vale a pena ser calçado é Reebok, é difícil aceitar um Conga de presente. Quando a mídia diz que ser normal é levar vantagem em tudo, é difícil ser realmente normal. Em terra de sapo, o normal é andar de cócoras.

Rubem Alves conta que uma águia foi atingida por um tiro sem, contudo, chegar a morrer. O caçador a apanhou, entalou sua asa e a deixou convalescer no galinheiro. Ali, largada, tudo lhe era estranho, mas a necessidade de sobrevivência levou-a a adaptar-se. Ela sabia que não era normal entre as galinhas. Não entendia nada de minhocas nem de alpiste. Muito menos das regras de convívio social em galinheiro.

Para sobreviver, no entanto, ela se fez útil. Chegou-se com ares de "tia" aos pintinhos, ganhou sua confiança, caçando minhocas para eles; fez serviço de *baby-sitter* para as Senhoras que saíam à noite; conversou sobre política de galinheiros com o Senhor carijó; e,

passado muito tempo, havia conseguido “um lugar ao sol” naquela sociedade; havia aprendido a ser um deles, a viver com eles. Havia adquirido, sem perceber, uma consciência galinácea. Consequentemente, sua identidade era de galinha. Isso quer dizer que ela se via como galinha, portava-se como galinha, pensava como galinha, sonhava com príncipes carijós, com grandes cristas vermelhas. Isso se entranhou de tal maneira em sua consciência, que a maior maldade que alguma colega invejosa podia lhe fazer era lembrar-lhe que, apesar das penas, ela em nada se parecia com uma galinha.

Acho que, se tivesse sido possível, ela teria feito uma operação plástica. Não para se tornar mais parecida com uma galinha. Isso não, porque galinha ela já era; mas para se tornar, talvez, mais atraente para alguns “bons partidos”, que, por algum motivo, não lhe davam a devida atenção.

Essa transformação de identidade e consciência deve ter estado no centro das preocupações paulinas (e, certamente, também nas de Moisés, quando se preparava para entrar em Canaã).

Mas o que toda essa digressão tem que ver com modernidade? Se o apóstolo Paulo estava preocupado com a conformação, é porque não é coisa muito moderna!

Sim, é verdade. Esse processo descrito acima é tão antigo quanto o próprio homem. Mas ele se torna importante agora, quando Cabo Verde se abriu para o mundo, e o mundo invadiu a cidade. Procuraremos, a seguir, valendo-nos da compreensão que agora temos do fenômeno, mostrar o que vai acontecer na cabeça do nosso pacato cabo-verdense.

Adiantando um pouco o assunto, podemos resumir o que acontece em sua cabeça:

> Dos meandros dessa realidade sociocultural vai surgindo o *novo homem moderno*, produto de seu tempo. Se observarmos melhor, veremos que esse homem tem os seguintes componentes: *pensamento fraco, convicções sem firmeza, assepsia em seus compromissos, indiferença sui generis* feita de curiosidade e relativismo ao mesmo tempo... sua *ideologia* é o pragmatismo, sua *norma de conduta*, a vigência social — que vantagens leva, o que está na moda; sua *ética* se fundamenta na estatística, substituta da consciência; sua *moral*, repleta de neutralidade, carente de compromisso e subjetividade, fica relegada à intimidade, sem se atrever a sair em público.[4]

Assustou-se, leitor? Está bem. Vamos devagar.

COMUNIDADE MODERNA

Um dos fenômenos mais notáveis ocorridos com Cabo Verde está paradoxalmente associado ao termo "comunidade". Trata-se de um termo muito usado, tanto pelas pessoas da cidade, quanto pela mídia. No entanto, o que aconteceu como resultado da modernização foi o quase desaparecimento da comunidade.

Esse fenômeno nos interessa de perto, não somente por causa de suas implicações sociológicas, mas porque está diretamente associado a um dos valores centrais do cristianismo: comunhão, que se desdobra em união e unidade.

Com a modernização da cidade, a privatização da vida, as oportunidades de negócio na capital, a necessidade de universidade para os jovens, as transferências das grandes empresas nacionais, o espírito aventureiro, entre tantos outros motivos, a família, que era grande, cheia de tios e avós, começa a fragmentar-se. Os avós já não têm contato tão constante com os netos, os tios se mudaram, ou estão com a vida corrida.

Com isso, vão-se enfraquecendo os referenciais de identidade da criança. Seu mundo interior se forjava a partir da influência de um grande número de pessoas; diferentes e ricas em temperamentos e personalidades, funções, jeitos de ser, histórias pessoais e exemplos (positivos e negativos), mas que provinham de um mesmo passado (os ancestrais comuns, com suas histórias e exemplos maravilhosos), e povoavam um universo familiar de onde brotava e onde lançava firmes raízes sua própria biografia. Os fatos e feitos (bons e maus) que lhe eram legados em forma de histórias e ditados (devidamente interpretados, valorados e aplicados aos momentos existenciais) lhe construíam um espaço denso de valores e ideais, morais e éticos.

A privatização da vida cultural torna essa família sem tios nem avós muito frágil e suscetível de influências de toda sorte. A pessoa aí formada tende a se transformar num navio sem lastro. Aderna ao menor vento. Mantendo a figura naval, ela já não tem bússola; apenas vela. Qualquer porto é chegada; qualquer vento sopra a favor. Ela já não é capaz de remar contra a maré. Não tem resistências morais que lhe permitam se dizer “não”.

Outro efeito da cananização de Cabo Verde é que, por vários motivos, a mãe tem de ir trabalhar fora, deixando seus filhos em uma creche ou escolinha. O contato familiar, então, reduz-se aos períodos de almoço, à noite e aos fins de semana. Isso sem contar que esse contato terá de concorrer com todos os outros compromissos do casal, marcados para esses intervalos. Cinemas, visitas sociais, festas, serões, clube, igreja etc. encabeçam uma lista grande, que passa também pelas atividades domésticas. Isso para não mencionar o moderno fenômeno da convivência com madrastas, padrastos e meios-irmãos. Com o espantoso crescimento das separações e novos casamentos, passa a ser uma realidade comum na nova Cabo Verde uma criança ter de conviver com essas novas formas de família. Em

muitos casos, não mais terá mãe, pai nem irmãos, mas sim meia-mãe (madrasta), meio-pai (padrasto) e meios-irmãos (filhos do novo casamento do pai, da mãe ou dos dois).

A criança sofrerá, desde cedo, os efeitos dessa falta de proximidade e afetividade, por mais competentes e carinhosos que sejam seus novos pais, meios-irmãos, mestres e tias da creche. Inevitavelmente, ela será um semiórfão. Certamente ela desenvolverá mecanismos de sobrevivência, que a farão forte para suplantar essas dificuldades. Esses mecanismos, contudo, provavelmente assumirão conotações individualistas, competitivas, egoístas, não-afetivas e não-emocionais, a partir da adolescência. Um processo de adaptação ao mundo em que terá de viver.

Esse processo moldará também sua personalidade a partir de um dos importantes componentes de sua identidade: seus referenciais históricos, seus heróis, seus ídolos, que serão transferidos dos pais, tios e avós para heróis de revistinhas, desenhos animados, filmes etc. Heróis esses que povoarão seus sonhos com ações, valores e ideais que possivelmente jamais seriam do inteiro agrado de seus pais.

Como uma criança moderna, aprenderá, desde cedo, a conviver com diversos mundos: o da família, o da creche, o da escola, o do clube etc. Isso num tempo em que já não existe o “Dossel Sagrado”, a uniformidade, a solidez. Ela desenvolverá uma consciência fragmentada: aprenderá a ser um cidadão do mundo, ou seja, a transitar entre esses grupos, a respeitar suas particularidades; satisfazer minimamente suas exigências de lealdade (com certa dose de cinismo, ele consegue), suas visões de mundo e administrar em sua cabeça as diferenças. Aprenderá que não pode se identificar integralmente com nenhum deles, sob pena de pirar. Ela manterá uma certa equidistância de todos, não se aprofundando nos relacionamentos, evitando a *permanência, fidelidade e constância*.

Na verdade, essa criança será um menino tão mais moderno quanto consiga ser de todos sem ser de nenhum.

Como consequência, ela já crescerá sem aquele tão desejado sentimento de aconchego e pertencimento; de possuir e ser possuído, de estar absolutamente "à mesa do banquete" (lembra-se de quando falamos na busca do útero materno?). Por outro lado, ela será um indivíduo menos controlável, por viver com laços menos fortes. Sua cabeça, suas ações, seus sentimentos, suas emoções, enfim, serão bem mais privadas. Ela nasceu sob o signo da pluralidade de privacidade: "dá licença?"

Seu namoro, noivado e casamento provavelmente se darão com uma pessoa de origem, passado, experiências bem diferentes das suas, porque dificilmente se dará entre pessoas nascidas em Cabo Verde. O tempo que terão para unificar suas histórias, preferências, valores, ideais e produzir uma argamassa sólida e realmente comum a ambos, onde possam receber seus filhos, não será suficiente, dado ao imediatismo das decisões. — Por que esperar para amanhã? — diz a mídia, interpretando os desejos de sua Senhora, a indústria. — Você pode ter seus sonhos realizados aqui e agora! Esperar é sofrer! Indecisão é falta de esperteza. Seja "safo", seja inteligente como parece ser aquele rapaz do anúncio de cigarros. Seja irreverente e sensual, como as pessoas que decidem e se encontram na terra de Marlboro. Leve agora (seu cônjuge) e pague (caro) em suaves prestações[5].

É também provável que eles tenham dificuldades conjugais logo nos primeiros anos de casados — quem sabe após o segundo filho. Mas não há problemas. Eles já aprenderam a cuidar de suas próprias vidas. *Permanência* é um valor que não conhecem nem prezam. Na verdade, a compreensão que têm de casamento há muito que já não agasalha o conceito de perenidade. Ao contrário, os ideais, o

imaginário e o sonho envolvidos são outros. Busca-se experiência, no sentido de experimentar. Busca-se a emoção da novidade; busca-se o consumo desse delicioso "produto social". Mas quando essas coisas passarem, que bom motivo resta para ficar? Com tanta vida para viver, com um supermercado cheio de novos "produtos", por que transformar nossas vidas em um inferno (inclusive o inferno de imaginar o que estamos perdendo, com tantos "gatos" e "gatas" ao alcance de um simples piscar de olhos)? O casal moderno se une sob o signo da separação. Não estou falando de traição, nem de infidelidade. Estou falando de um acordo tácito; de uma compreensão comum de que não há outra forma de pensar. Um indivíduo que age dessa maneira se parece muito com os chamados produtos *light* de nossos dias: alimentos sem calorias e sem gorduras, cerveja sem álcool, açúcar sem glicose, cigarro sem nicotina, Coca-Cola sem cafeína e sem açúcar, manteiga sem gordura — um homem sem substância, sem conteúdo, entregue ao dinheiro, ao poder, ao sucesso e ao gozo ilimitado, sem restrições. O homem moderno não tem referenciais, vive num grande vazio moral, não é feliz, embora tenha materialmente quase tudo[6].

Desarraigado: o "cananeu" é um solitário (não solidário). O resultado é uma sociedade de vidas desoladas, desesperadas e sós[7]. Mas que não sabem como mudar, porque seus referenciais privativistas e pluralistas continuam sendo reforçados pela mídia e pela sociedade, por meio do processo de validação consensual. "Desarraigado" quer dizer com as raízes arrancadas.

Esse cidadão pluralista e defensor da privacidade será alguém com uma especial incapacidade de *confiar*. Não se trata de um problema de caráter, necessariamente, mas ele terá desenvolvido essa atitude desde cedo, aprendendo que se torna vulnerável. A qualidade de ser confiável implica, entre outros componentes, imutabilidade. Vale

dizer, as coisas são confiáveis porque não mudam, não apresentam surpresas. Não é somente isso, é claro, mas esse componente é importante quando desaparece. Como confiar em qualidades, sentimentos, atitudes, opiniões etc. que, de repente, já não estão mais lá? Se, ao retornar para casa, a rua já não é a mesma? A desconfiança, aqui, é um subproduto moderno da velocidade e imprevisibilidade das mudanças. O mundo mudou mais nos últimos 40 anos do que nos 40 mil anos anteriores.

Nosso cidadão moderno será, também, sociologicamente *indeciso*. Terá desenvolvido um processo de equidistância das opções, e as tomará, se tiver sido bem preparado pelo sistema, se for bom cidadão, impulsivamente, ou seja, sem ter percorrido todas as etapas de uma decisão racional: avaliação, experimentação, comparação e decisão positiva ou negativa. Não se trata, portanto, de uma incapacidade de escolher, mas sim da forma como escolhe.

Como já dissemos, permissividade e subjetivismo formam um binômio estreitamente entrelaçado. O subjetivismo, que insiste em que a única norma de conduta é o ponto de vista pessoal, vai ficando de costas para a verdade do homem e sua natureza, buscando e perseguindo o benefício imediato. O objetivo disso é afirmar que *a verdade é o útil*, o prático, e, em consequência, nada é absoluto nem definitivo; tudo depende de uma rede de relações complexas, nada é verdade nem mentira. Seguindo essa linha de argumentação, caímos no *relativismo* de querer encontrar a verdade por meio de nossos desejos e pensamentos. Assim alcançamos uma verdade subjetiva, dobrada sobre si mesma, sem nenhuma vinculação com a realidade. *É a apoteose das opiniões e dos juízos particulares*, e assim caímos num *novo absoluto: tudo é relativo*[8].

Uma das explicações para o excesso de violência nos meios de comunicação de massa, violência essa com a qual ninguém concorda,

mas que nunca é comedida[9], é que ela serve a esse "século", esse sistema. Para formar um cidadão moderno, consumidor (útil, portanto, à sua sociedade), é necessário que ele se torne o mais impulsivo possível. Impulsividade é não esperar pela razão; não dar ouvidos ao medo, ou ao bom-senso. Resumindo: o perfil de um matador, seja bandido ou mocinho, que não tem medo de enfiar uma faca na barriga do desafiante. Quando, por um processo de identificação, executamos essas ações no conforto e impunidade de nosso sofá, estamos sendo preparados para agir semelhantemente diante de uma vitrine ou de uma prateleira de doces. Sem saber, agimos violentamente, ou seja, impulsivamente: primeiro agimos, depois perguntamos o preço. Ou não é violência comprar um vestido por 200 dólares e um par de tênis por 250? Mas não se assuste, que há um consolo: você está sendo apenas *normal*[10]!

Superficialidade nas relações e dificuldade na comunhão são consequências óbvias. Essa superficialidade provém, inclusive, da sociedade rápida e mutável em que vive. Emocionalmente, não terá aprendido a aprofundar suas relações. Desde cedo aprendeu que isso machuca na hora da separação. E suas experiências de separação não têm precedentes na história da humanidade. Por outro lado, sabe que aprofundamento exige *constância, fidelidade* e *permanência*, que conflitam com seus valores e treinamentos relacionados à pluralidade e privacidade. É melhor não ser muito de ninguém — concluiria inconscientemente nosso cidadão —, nem esperar que alguém se dê tanto[11]. Fica combinado assim. Compromissos, somente os inevitáveis. Nada, no entanto, que vá muito além de uma agenda cheia. Coisas que envolvam destinos de pessoas, ligações duradouras, afetivas, calorosas, solidárias etc., não se cogitam. Casamento, pode até ser (afinal, quem não gosta de dar uma festa, de vez em quando?), mas cada um em seu apartamento. E sem a chave

um do outro. Ah, e tem de tocar a campainha. Ou melhor, ligar, para agendar uma passadinha por lá. Posso estar com “visita”.

Talvez essa descrição de nossa sociedade moderna possa ser considerada excessivamente pessimista. Então, talvez também seja hora de dizer que não somos nunca absolutamente modernos. Sempre existem os focos de resistência, seja em algumas áreas da vida, seja na manifestação de um tradicionalismo integral — e até mesmo nostálgico. Os *portadores da modernidade*, também, nunca atingem uma sociedade do mesmo modo que atingem outra. Portanto, os efeitos de sua chegada e a intensidade com que modifica a situação e afeta um determinado grupo varia. Mas se, de alguma forma, a descrição acima se parecer muito com pessoas, fatos, sociedades inteiras ligadas a você, desconfie.

CIDADÃO MODERNO

Gostaria de fazer uma espécie de parêntesis para apresentar um testemunho de natureza científica. Trata-se de um trabalho desenvolvido por Stanley Milgram, professor de Psicologia na Universidade de Nova York, intitulado “A experiência de viver na cidade: adaptações à sobrecarga urbana criam qualidades características à vida nas cidades, que podem ser mensuradas”[12]. Um trabalho que procura compilar vários estudos sobre os efeitos da cidade grande sobre o comportamento dos indivíduos. O autor começa a apresentar seu estudo com a seguinte introdução:

> Quando cheguei a Nova York pela primeira vez parecia um pesadelo. Tão logo desci do trem no Grand Central, encontrei-me entre um amontoado de pessoas empurrando e sendo empurradas na Rua 42. Às vezes as pessoas esbarravam em mim sem pedir

> desculpas; o que me fez medo mesmo foi ver duas pessoas literalmente lutando por um táxi. Por que as pessoas estavam tão apressadas? Passava-se até pelos bêbados na rua sem olhar para eles. As pessoas pareciam não dar a mínima atenção umas para as outras.

A tese se inicia dando conta de estudos realizados pela Associação de Planejamento Regional de Nova York, segundo os quais, em Nassau County, subúrbio da cidade, um indivíduo pode encontrar 11 mil pessoas num raio de 10 minutos, partindo de seu escritório a pé ou de carro. Em Newark, cidade média, ele pode ver mais de 20 mil pessoas dentro do mesmo raio. No centro de Mannhattan, ele pode encontrar até 220 mil pessoas. Esse estudo o levou a desenvolver o conceito de *sobrecarga psicológica*, extraído da cibernética, pelo qual um sistema torna-se incapaz de processar todos os *inputs* do ambiente, porque há *inputs* demais para processar ou porque estes chegam tão rápido que um se torna precondição para outro. Quando isso acontece, o sistema tem de eleger prioridades e fazer escolhas. Ele simplesmente não pode *processar* todos.

Milgram passa, então, a buscar os elementos que lhe permitam visualizar como esse conceito de *sobrecarga* pode ajudar a compreender a psiquê de um indivíduo que, vindo de uma área rural, passa a morar numa cidade grande, onde os *inputs* excessivos são oriundos do grande número de pessoas com as quais ele se encontra durante o dia, da alta densidade e heterogeneidade populacional.

A descoberta é que esse indivíduo desenvolve mecanismos de *adaptação*, pelos quais busca conservar energia mental. O resultado é surpreendente: ele se torna conhecido de uma proporção menor de pessoas que sua contraparte rural, e mantém relacionamentos mais superficiais, mesmo com esses poucos conhecidos. Nesse sentido, uma das pesquisas mencionadas por Milgram aponta para o caráter superficial, anônimo e transitório das relações sociais urbanas.

Segundo o autor, essa adaptação se dá por meio de pelo menos seis mecanismos, que gostaríamos de comentar, estabelecendo as ligações necessárias com nosso tema.

MECANISMOS DE ADAPTAÇÃO

O *primeiro* mecanismo adaptativo é simplesmente a atribuição de menos tempo para cada *input*. Isso quer dizer que o cidadão das cidades grandes e modernas tende a distribuir sua atenção e sua energia entre as diversas pessoas de suas relações. Essa pessoa fica menos tempo com cada uma, de forma a melhor administrar o excesso de relações. No entanto, ela tem um limite de relações possíveis, que acaba por não ser muito maior que teria numa situação da nossa tradicional Cabo Verde. Mas ainda assim, ela absorve a atitude de não ter tempo para as pessoas. Isso é interessante, porque explica o fato de certas pessoas não manterem um relacionamento excessivamente extenso ou variado, e ainda assim não ser capaz de aprofundar-se em nenhum. A superficialidade já não tem exatamente uma relação direta com o número, mas com o fenômeno global da cidade grande, da modernidade.

O *segundo* mecanismo é a desatenção a *inputs* de baixa prioridade. A pessoa estabelece parâmetros de seleção, de forma que possa reservar tempo e energia para os *inputs* cuidadosamente definidos como importantes. Dessa forma, ainda que inconscientemente, o indivíduo passa a selecionar as pessoas e os assuntos que receberão sua atenção. Conforme Milgram, talvez isso explique o fato de o cidadão urbano ignorar os bêbados e os doentes na rua. Talvez isso explique, também, nossa tendência a formar panelinhas de conhecidos ou de irmãos e nossa dificuldade em aceitar pessoas

novas nelas. Talvez explique nossa insensibilidade para com o visitante na igreja, largando-o num canto; nossa falta de tempo para ouvir os problemas dos outros — temos de racionar nosso tempo, senão o horário do final do culto não dá para fazer tudo o que precisamos nem conversar com todas as pessoas que precisam ser contactadas. Poderíamos pensar, também, se esse processo, por ser de certa forma inconsciente, não trairia nossos reais valores, ao denunciar as escolhas e prioridades de tempo e atenção. Somente conversamos com aqueles com quem temos algo em comum ou em relação a quem temos interesses, nem sempre os mais legítimos.

O *terceiro* mecanismo de adaptação à sobrecarga da cidade grande é aquele em que novos limites são traçados, em certas transações sociais, de maneira que o sistema sobrecarregado possa transferir o ônus para a outra parte da transação. Assim, antigamente os atormentados motoristas de ônibus de Nova York davam o troco para o passageiro, mas agora essa responsabilidade foi transferida para o passageiro, que tem de ter a quantia certa de dinheiro para o preço da passagem. Ao saber que meu irmão quer falar comigo, mesmo que não possa atendê-lo no momento, devido à sobrecarga, tem sido de bom tom procurá-lo na primeira oportunidade, como sinal de gentileza e educação. Na sociedade moderna, faz-se diferente. Dizemos: “Liga pra mim”, ou “me procura depois”. Ou então: “Precisamos sentar, uma hora, para discutir isso”. Se for uma relação líder/liderado, chefe/chefiado ou mesmo pastor/ovelha, um artifício comum é desestimular o encontro, transferindo para o irmão alguma tarefa, como pré-condição ao encontro: “Olha, você prepara um relatório sobre o assunto, e então a gente conversa em cima de algo concreto, certo?” Em qualquer dos casos, no entanto, a técnica é transferir o ônus do encontro para o outro. Normalmente ele se esquece, ou não consegue terminar o relatório. E ainda

podemos, ao encontrar a pessoa no corredor, usar da gentileza de mostrar que o assunto não foi esquecido: “Como é, irmão? E aquele nosso cafezinho? Está pronto o relatório? Não vamos deixar a peteca cair, heim?” Nosso interlocutor fica satisfeito em saber que não foi desconsiderado, e nós, mais ainda, porque esse encontro tem tudo para não se realizar nunca.

O *quarto* mecanismo de adaptação consiste no bloqueio da recepção antes que ela entre no sistema. Está ficando cada vez mais comum o uso do artifício de não incluir números de telefones na lista, para impedir que as pessoas liguem. Outro recurso é deixar, propositadamente, o telefone fora do gancho para impedir chamadas. Outra forma é assumir uma cara feia ou carregada, com ar de preocupado ou superocupado, de forma a desencorajar uma abordagem de alguém que queira simplesmente “bater um papo”. O funcionário passa pelo corredor olhando para baixo ou falando sozinho, sempre carregando um pacote grande para algum lugar bem definido (que pode ser o lugar de partida), com ar de apressado ou no estilo “superatrasado”, ou então no estilo “o chefe chamou, não posso parar agora”. O pai não pode falar agora com o filho porque está muito ocupado, atualizando-se (lendo o jornal). Outra forma de colocar anteparos ao *input* é criar barreiras verdadeiras, como uma secretária de ar firme e decidido, que quer saber da sua vida toda antes de decidir se você vai falar ou não com o chefe (ou pastor). Ou então ela assume o costume de dizer que ele não está, antes de perguntar o assunto, sua altura, idade, carteira de identidade, inscrição no INSS e outras coisas essenciais ao encontro. Se você for realmente feliz nessa triagem, o pastor pode chegar, numa grande coincidência (não se escandalize, leitor, porque há muitos meios de fazer isso, sem, necessariamente, estar mentindo; é uma questão de criatividade).

O *quinto* mecanismo de adaptação à sobrecarga da cidade grande, segundo os estudos de Milgram, é que a intensidade dos *inputs* é diminuída pelos instrumentos de filtragem, de forma a permitir somente formas fracas e relativamente superficiais de envolvimento com outras pessoas. Criam-se convenções pelas quais as pessoas não precisam dizer quem são nem mostrar suas emoções, afetividade, falar de sua família, de seu passado (a não ser naqueles pontos inocentes e divertidos, totalmente destituídos de contextos). As pessoas criam uma espécie de "relações públicas" de si próprias, personagem desempenhado por elas próprias, mas que chegam a falar de si na terceira pessoa, de forma que os interlocutores jamais falem diretamente com elas, mas com seus relações públicas. Levado ao extremo, esse mecanismo torna possível que Edson Arantes do Nascimento diga que Pelé acha isso ou aquilo; o que ele mesmo acha não é da conta de ninguém. Ele reserva sua intimidade, sua verdadeira opinião, para seus íntimos. Uma vez, questionado sobre religião, disse que Pelé não cria em nada, mas que ele era outro assunto.

Esse é um mecanismo muito comum, pelo qual se estabelece um convívio indolor entre as pessoas, porque elas não têm de colocar sobre a mesa toda a sua vida, e isso torna o relacionamento mais fácil. Por outro lado, a comunhão fica prejudicada. Imagine-se tendo comunhão ou tomando a Ceia com o relações públicas de seu irmão, que se senta ao lado. E esse fala de amor, intimidade, ter tudo em comum etc. Falemos mais sobre isso adiante.

Finalmente, o *sexto* mecanismo de adaptação à sobrecarga da cidade grande é aquele em que instituições especializadas são criadas para absorver *inputs* que, de outro modo, atolariam o indivíduo. Assim, o departamento de serviço social existe para cuidar das necessidades financeiras de milhões de indivíduos, a junta diaconal é

criada para cuidar dos pobres e dos problemas da Igreja (a gente tem de concentrar nossas energias no nosso dom específico, e não pode dispersar ministrações...). A interposição de instituições entre o indivíduo e o mundo social faz com que raciocinemos diante do pedinte: "não se deve estimular essa gente a ficar pedindo por aí; é melhor dar o dinheiro para uma instituição de caridade; eles saberão melhor administrar esses recursos". Se alguém lhe para na rua, com um pedido de caridade, você é capaz de dizer para o coitado: "não, eu já contribuo com uma creche". E o desgraçado diz: "Ah!" Como consequência imediata, o indivíduo se aliena de sua realidade social, e se torna capaz de andar no meio da adversidade dos outros como um médico passeia entre doentes terminais, com um sanduíche na boca.

Responsabilidade social. Estabelecidos esses seis mecanismos, Milgram procura apresentar as implicações dessas descobertas sobre diversos aspectos da vida de um indivíduo, analisando, entre outras, as implicações sobre a *responsabilidade social*. Ele diz que o principal ponto de interesse para a psicologia da cidade é que o envolvimento moral e social é necessariamente restrito. O autor afirma ter concluído que isso é uma função direta e necessária do excesso de *inputs*, acima da capacidade de processamento do indivíduo.

> Em qualquer transação, mais e mais detalhes precisam ser omitidos, na medida em que o número total de unidades a serem processadas aumentam e sobrecarregam um instrumento com capacidade limitada para processamento.[13]

Na verdade, o que ocorre é que a pessoa tende a desconsiderar totalmente as necessidades, interesses e demandas daqueles que não se definem como relevantes para a satisfação das suas necessidades pessoais. Na sequência, ele desenvolve mecanismos de percepção

altamente eficientes para determinar se um indivíduo, naquela dada situação, pertence à categoria de amigo ou de estranho. Daí o fato de haver maior disparidade entre o tratamento de amigos ou estranhos na cidade grande que na pequena.

Milgram diz que essa é a razão pela qual as pessoas da cidade grande têm menos condições de intervir nas crises de terceiros. Ele cita o caso do assassinato de Genovese, no Queens, em 1964. Catherine Genovese, voltando para casa após uma noite de trabalho, foi apunhalada repetidas vezes, durante um prolongado período de tempo. Trinta e oito residentes de uma respeitável vizinhança admitiram haver testemunhado pelo menos parte do ataque, sem sair em seu socorro nem chamar a polícia. Milgram e Hollander, escrevendo no *The Nation*, analisam a situação nestes termos:

> As amizades e associações urbanas não são formadas primariamente com base na proximidade física. Uma pessoa com numerosos amigos em diferentes partes da cidade talvez não saiba quem é seu vizinho ao lado. Isto não quer dizer que o habitante de uma cidade tenha menos amigos que um interiorano, ou conhece menos pessoas que viriam em sua ajuda; significa, entretanto, que seus aliados não estão constantemente por perto. A Srta. Genovese precisava de ajuda imediata de pessoas que estivessem por perto. Não há evidência de que a cidade a tenha privado de relações humanas, mas os amigos que poderiam ter ajudado, estavam a milhas da cena da tragédia.[14]

Milgram prossegue com o argumento de que é mais que insensibilidade que impede o espectador de se meter em desavenças entre pessoas. Uma das regras básicas da vida urbana (moderna, para nós) é o respeito para com a privacidade emocional e social das outras pessoas, talvez por ser a privacidade física tão difícil de conseguir. Se um marido e esposa estão brigando em público, em que ponto um estranho deve se intrometer? A esse respeito, nosso autor diz que,

> de um lado, a heterogeneidade da cidade produz tolerância substancialmente maior quanto a comportamento, vestuário e códigos de ética do que é geralmente encontrada em cidades pequenas, mas esta diversidade também encoraja as pessoas a se conter em ajudar, por medo de antagonizar as pessoas ou de cruzar uma linha inapropriada e difícil de definir.

Disposição para confiar em estranhos. Ainda falando sobre os efeitos da cidade grande sobre a responsabilidade social, nosso autor menciona o enfraquecimento da disposição para confiar em estranhos e ajudá-los, devido ao crescente sentimento de vulnerabilidade física e emocional. Milgram cita, então, um teste realizado por Altman, Levine Nadien e Villena, da Universidade de Nova York. O critério usado no estudo foi a boa vontade de moradores em deixar estranhos utilizarem seus telefones. O estudante pesquisador individualmente tocava a campainha, explicava que tinha perdido o endereço de um amigo que morava por perto e perguntava se poderia usar o telefone. Os investigadores, (dois homens e duas mulheres) fizeram 100 tentativas nas cidades grandes e sessenta em cidades pequenas.

Comparados os resultados, verificou-se que em todos os casos houve um pronunciado aumento na proporção de entradas conseguidas pelo experimentador quando ele mudava de uma cidade grande para uma pequena. A probabilidade de conseguir entrar na casa chegou a ser cinco vezes maior na cidade pequena que em Manhattan. Vale mencionar também que 75% dos habitantes da cidade grande receberam e responderam ao pedido gritando através de portas fechadas e olhando pelo olho mágico. Em contraste, nas cidades pequenas, 75% dos respondentes abriram a porta.

Cortesia. Mesmo em um nível de envolvimento superficial — o exercício da cortesia diária —, o urbano é supostamente deficiente, como analisa Milgram. O autor analisa esta constatação dizendo que,

em alguns casos, não se trata simplesmente de que, na cidade, as cortesias tradicionais (como pegar um embrulho no chão para um idoso, ou ceder o lugar para uma Senhora, no metrô, ou simplesmente pedir desculpas por um esbarrão involuntário) são violadas. Antes, o que acontece é que as cidades desenvolvem novas normas de não-envolvimento.

A essas alturas de sua análise, nosso cientista nos alerta de que não acredita que as pessoas estejam, a todo tempo, submetidas à sobrecarga da cidade grande. No entanto seu comportamento é uniforme mesmo quando não estão sob pressão de *inputs*. É que elas desenvolvem uma atitude de autopreservação. As adaptações ocorrem na forma de uma gradual evolução das normas de comportamento.

Normas são desenvolvidas em resposta a frequentes experiências discretas de sobrecarga; elas persistem e tornam-se modos generalizados de respostas.

Anonimato. Situações de total reconhecimento oferecem à psiquê humana segurança e familiaridade, mas talvez sejam sufocantes, porque o indivíduo fica preso em uma teia de relacionamentos estabelecidos. Já condições de completo anonimato liberam o indivíduo de laços sociais rotineiros, mas podem também criar sentimentos de alienação e desapego. O caos da anomia, ao qual já nos referimos.

Em seu trabalho, por exemplo, o morador de uma grande cidade talvez seja conhecido por tantas pessoas quanto um morador da cidade pequena. No entanto, quando está, por exemplo, caminhando pela cidade, o habitante da metrópole é certamente mais anônimo que seu contraparte rural.

Um exemplo dos efeitos desse anonimato foi pesquisado por Zimbardo, e apresentado no trabalho de Milgram, que estamos

comentando. Zimbardo deixou um automóvel por 64 horas perto do campus da Universidade de Nova York e outro veículo pelo mesmo período perto da Universidade de Stanford, em Palo Alto. As placas dos dois carros foram retiradas e as capotas abertas propositadamente. O carro de Nova York foi despojado de todas as suas partes móveis nas primeiras 24 horas, e no final de três dias, restava somente um pedaço de entulho metálico. O carro de Palo Alto (cidade pequena) ficou intacto.

Mas não é somente vandalismo que o anonimato produz. Milgram fala de efeitos benéficos do anonimato nas cidades.

A impessoalidade da vida urbana gera uma tolerância para a vida privada dos habitantes. Individualidade e, algumas vezes, excentricidades, podem prosperar mais nas grandes cidades do que nas menores. Pessoas estigmatizadas talvez achem mais fácil levar uma vida confortável nas grandes cidades, livres de uma constante observação dos vizinhos.

Cá entre nós, talvez essa teoria explique por que é mais fácil e confortável viver em uma igreja grande do que numa pequena comunidade. Por outro lado, talvez explique também por que sonhamos, sempre, com o aconchego da comunidade.

Esse trabalho de Stanley Milgram permite-nos ver, por um prisma diferente, a mesma cena que estamos tentando vislumbrar a partir da ótica da teoria da modernidade. Mudaram as lentes, mas parece que a paisagem é a mesma. Não é necessário muito esforço para fazer as transposições. Pense na cidade pequena como sendo a Cabo Verde antiga, e Manhattan, como sendo a Cabo Verde moderna. O que muda de uma para a outra são os *portadores da modernidade*, resultantes da nova tecnologia industrial, mais presentes na moderna: os meios de transporte; os meios de comunicação (rádio, fax, e-mail); os meios de comunicação de massa (rádio, TV, revistas,

jornais, cinema etc.); a rápida urbanização (crescimento, chegada de gente nova, desordenamento do espaço vivido com ruas novas, linhas de ônibus, trilhos de trem, terminais rodoviários, feiras, edifícios e outras novidades que fazem com que nossa cidadezinha pacata se transforme numa balbúrdia impessoal, insegura e até hostil).

Por outro lado, a teoria da *sobrecarga*, adotada por esse cientista social, nada mais é que outra forma de tentar descrever o fenômeno da mudança das cabeças, para adaptarem-se ao novo ambiente. Não se trata de uma nova moda, de um novo jeito de ser, mas de um processo inconsciente de adaptação. Trata-se de sobreviver em ambiente novo e em contínua transformação.

Dizíamos que a cada sociedade corresponde uma consciência. Talvez agora, com esta forma de explicar um dos mecanismos do cérebro humano, fique mais compreensível a ideia de que o meio social (incluindo o urbanismo, a arquitetura, os ônibus, a quantidade de pessoas, a proximidade afetiva ou não dessas pessoas etc.) produz um efeito modificador nas regras de convívio, nas normas de etiqueta, de educação e de reação a fatos e acontecimentos à nossa volta, as quais são parte do que chamamos de *consciência*.

Bem, caminhemos mais um pouco, abordando as implicações dessas observações sobre a Igreja de nosso tempo.

---

[1] BERGER, P. *O dossel sagrado*. cap. 1. ↩

[2] *Correio Braziliense*, 11 dez. 1996. ↩

[3] Ver GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Ver também BERGER, P., LUCKMANN, T., op. cit. ↩

[4] ROJAS, E. *O homem moderno*, p. 15. ↩

[5] Para uma melhor compreensão do tema da construção de uma relação madura, veja meu livro *Sexo e felicidade* (Brasília: Editora Pelicano), capítulo “Aplicando as questões”. Ali desenvolvo o tipo de amor requerido para uma relação madura e duradoura. ↩

[6] ROJAS, E. op. cit. p. 11. ↩

[7] Peter Berger escreveu um livro inteiro dedicado a este tema, intitulado *The homeless mind*, tentando descrever a consciência moderna sem lar, sem descanso, sem vínculos. ↩

[8] ROJAS, E. op.cit. p. 20. ↩

[9] Apresento, ao final, uma seção bibliográfica comentada, contendo artigos e reportagens que mostram bem este paradoxo: muita gente achando despropositado o nível de erotismo e violência na TV, mas ao mesmo tempo, uma certa impotência diante do poderio da mídia. ↩

[10] Esse tema é bem desenvolvido por FOLLEY, J. P., PASTORE, P. *Pornografia e violência nos meios de comunicação social*. pp. 6-7. ↩

[11] É evidente que isso não é articulado intelectualmente pelas pessoas. Trata-se de um processo extremamente sutil, dramaticamente simplificado neste esboço. Há muitos fatores que interferem nesse processo formativo da consciência moderna. Podem-se citar os fatores genéticos, a personalidade dos pais, a natureza de suas relações, sua própria personalidade, o nível de modernização de seu meio, a forma como o grupo encara esses processos, os valores ainda prevalecentes etc. Nossa tentativa é de descrever o que se vê, observando e comparando sociedades mais tradicionais com outras consideradas modernas, inclusive do Primeiro Mundo. ↩

[12] *Science*, 167 (1970). pp. 1461-1468. ↩

[13] MILGRAM, S. op. cit. p. 1462. ↩

[14] 1964. p. 602. ↩

5.

IGREJA MODERNA: O DESAFIO DAS CRISES

Quais os efeitos, qual o impacto da modernidade sobre a Igreja? Em que sentido a mente de Cristo está em perigo em nossas cabeças? Já estivemos visitando este tema quando falamos sobre secularização. O que nos propomos fazer, agora, é ir um pouco além nas aplicações mais próximas do dia-a-dia da Igreja. Tentar pensar como pastor e como ovelha, no sentido de criar um espaço crítico que dê ensejo à reflexão, à busca de alternativas e soluções. A esse respeito, algumas propostas de encaminhamento do assunto deverão ser alinhavadas no segmento final — "Soluções?" —, para que não deixemos nosso leitor perplexo diante do gigantismo do problema. Vale a pena dizer também que não acreditamos em respostas prontas para as imprevisíveis e múltiplas formas assumidas pelo fenômeno nas igrejas. Isso porque a modernidade não é uniforme; ela não atinge as diversas sociedades da mesma forma.

Acreditamos que a maior contribuição que podemos dar, no trato deste tema, é aquela ligada ao despertamento para a necessidade de reflexão e diagnósticos. Em cada caso, as soluções decorrerão da conscientização que for surgindo e da capacidade que formos desenvolvendo de pensar sobre o assunto. É aquela ideia inicial do ditado chinês sobre o peixe que não sabe nada sobre água: precisamos, antes de sair em busca de ações concretas, muita reflexão sobre nossa realidade; muito distanciamento, para vermos a "água" na qual vivemos.

O que se vai expor daqui por diante pode ser útil no sentido de dar uma ideia da forma como temos tentado pensar sobre o assunto no microcosmo de uma igreja, de uma cidade brasileira. Serve, portanto, como sugestão de encaminhamento, sem nenhuma pretensão de esgotamento do assunto ou de oferecer um mapa detalhado da situação.

Tentaremos organizar esse nosso exercício de contextualização através de áreas críticas, ou sejam, setores da experiência comunitária onde entendemos ver o dedo da modernidade em sua feição negativa. Seguem, portanto, algumas das crises que, a nosso ver, a modernidade traz à Igreja.

CRISE DE AUTORIDADE

A pluralidade no campo político se materializa na democracia: uma consciência de pluralidade de caminhos e destinos, decididos pela vontade da maioria. Desaparece o "destino manifesto", a autoridade pela força, a capacidade de comandar, subjugar e manter um liderado acorrentado a si. Desaparece o coronel, de Cabo Verde, ou o Barão de Araruna, do romance *Sinhá moça*.

Surge, com a modernidade, a pluralidade de lideranças e a consciência de eleição, também nesta área. Isso se dá quando se começa a descobrir que há opções também para a forma de decidir sobre os destinos do grupo, da cidade. “Por que tem de ser exatamente como ele pensa? Por que só ele sabe o que é bom para um grupo tão grande? Por que não somos consultados sobre nosso próprio destino? Por que não desenvolvemos um sistema em que a maioria dirija?”

Isso é bom, e consistente com o reino. O cristianismo e a pluralidade estão na base da democracia. Não existem sociedades modernas e autocráticas. Hoje em dia, aquelas que ainda têm governos totalitários, não são — observe — absolutamente modernas: não apresentam ainda os elementos em intensidade suficiente.

Bem, ao viver numa sociedade moderna, em busca de ser “normal”, absorvendo o *nomos* de minha sociedade, eu vejo como natural — se é que chego a pensar no assunto, porque posso ter nascido nesse meio, e isso me ser transparente — o questionamento de toda forma antidemocrática de governo ou liderança. Até aí não há problemas. Estes surgem com as deformações; quando começo a desejar um Deus democrático, bondoso (no sentido senil de nossos avós permissivos) e compreensivo como Papai Noel; quando acho antidemocrático não poder escolher meu próprio sexo nem com quem vou para a cama esta noite (“casamento é terrivelmente antidemocrático, porque escraviza”). Meu discurso sobre Jesus é que ele morreu por todos, indistintamente, e democraticamente salvou a todos. Somos, portanto, todos irmãos.

Junto com a ideia de democracia, tento lançar para dentro do Evangelho meus conceitos de “opinião pública”, como se pudesse, por meio de um processo de votação, no estilo *Você decide*, intimidar o Senhor e fazê-lo descer daquele pedestal arcaico e impopular. E

não falta gente esperta, imaginando que pode levar a vida como quiser e que, naquele grande dia, vai poder reivindicar *isonomia* de tratamento com os salvos. Ou então, vão invadir o céu, com seus barracos, e aí ninguém mais os tira de lá, porque vão fazer um escândalo e qualquer atitude mais truculenta do Altíssimo vai pegar muito mal.

Há, portanto, uma passagem sutil da mentalidade democrática e moderna para a insubordinação, para a insubmissão. Na confusão do questionamento de qualquer forma de autoritarismo, passo a questionar toda forma de autoridade. Como o homem *cool* não é dado a grandes aprofundamentos filosóficos — ele prefere um filme a um livro porque aquele é mais *light* — as diferenças tornam-se irrelevantes.

Essa passagem inconsciente, associada ao culto do privado e a uma incapacidade de aprofundamento das relações, provenientes, entre outras coisas, da já mencionada deficiência emocional e afetiva, produz uma pessoa com dificuldades de aceitar liderança e autoridade. *Paternidade*, que seria o arquétipo a ser buscado, não é um conceito ou sentimento que ajude. Disciplina, senso de pertencimento, preço a pagar, submissão, são conceitos muito difusos e que terão de ser trabalhados com cuidado, até que a pessoa descubra as alegrias, o descanso, o significado, a plenitude da vida sob autoridade. Ela precisa aprender o que é ter um verdadeiro e único pai e ser um verdadeiro filho.

Na verdade, não é tanto que não aceitem sugestões — não se mencionem os termos exortação nem admoestação; o máximo que passa é "crítica construtiva" — sobre sua vida. É que são pluralistas também quanto a isso. — Por que vou ouvir apenas a este pastor, quando se trata da minha vida? Quando quero um bom diagnóstico de uma doença, não procuro vários médicos? Eles compreendem, e

não ficam zangados. São modernos. Faço o mesmo com minha vida espiritual. Ouço todos e tomo minhas decisões (dá licença?). Espero que eles sejam "arejados" o suficiente para compreender. Se não forem, vão acabar sem público...

Enquanto isso, vivemos uma crise de autoridade espiritual. Todos são democraticamente autopropulsionados, têm suas próprias ideias, carregam uma fé íntima, não verbalizável, não comunicável (pessoal e intransferível), são inadmoestáveis, fazem o que querem — que quase sempre se confunde com o que gostam — e convivem bem com todos, desde que não sejam exigidos além do razoável. Um razoável feito de *lenço de papel descartável*. Na antiga Cabo Verde, as relações, fossem entre companheiros, fossem com autoridades e líderes, se definiam por uma teia preciosa e resistente a tensões: um *lenço de seda*. Valia a pena abaixar para apanhá-lo. E ele resistia aos puxões (de orelha, por exemplo) e esgarçamentos (das fofocas, por exemplo). Com a modernização, essas relações se tornaram triviais, superficiais, baratas (não vale a pena lutar por elas) e frágeis. Qualquer água e elas se desfazem todas. Aí, a gente joga no lixo e pega outra na caixinha. Conclusão: não se *lava mais roupa suja*, no sentido de resolver algum problema, seja conjugal, seja com um irmão, seja com um líder. É mais fácil jogar fora.

Com a pluralização, as relações se tornam utilitárias. O lenço de papel é mais útil que o de seda, por ser mais prático e não exigir cuidados, lavagens, secagens — além de ser mais absorvente: toda a culpa é sempre dele; toda a sujeira fica sempre nele, que vai ser jogado fora, e ninguém vai querer verificar se é verdade ou não, pois a relação morreu e, afinal, é para isso que um lenço de papel serve, não? Nesse sentido, as relações entre a ovelha e seu pastor se transformam em um moderno e arejado contrato de prestação de serviços espirituais. Seguindo o modelo de Canaã 2000, eu me

apresento como consumidor exigente, e o pastor se transforma em prestador de serviços. Eu exijo qualidade, sob pena de condená-lo à punição capital de uma sociedade de mercado: o não-consumo.

Resumindo: surge a crise de autoridade, quando um liderado não é liderado por ninguém. E quando as pessoas deixam de se submeter a alguém, desaparece a autoridade espiritual. O resultado é uma multidão de filhos sem pais. Orfandade espiritual é um problema da igreja moderna.

A autoridade das Escrituras também é enfraquecida, quando passa a ser submetida a exames críticos, quanto à sua veracidade, autenticidade, historicidade etc., sem o devido rigor. O outro lado da moeda é que sua autoridade não precisa mais ser demonstrada, mas ingenuamente aceita. "Não vamos cavoucar isso. Trata-se de um livro de fé. E fé é outra coisa."

Também nessa área faço escolhas hedonistas. Eu decido se houve Palavra de Deus ou não. Profecia se transforma numa questão de sentimento, quase epidérmica. Quando algo me toca (num sentido muito particular e incomunicável), foi Deus. Quando algo não me toca, não adianta falar que é da Bíblia, que devo me ajustar, que há sabedoria em obedecer etc. Afinal, eu não *sinto* assim... Mesmo porque, há tantas formas de entender a Bíblia; por que a única verdadeira é essa que fala contra minhas "opções existenciais"? Você não viu o que Jesus fez com aquela mulher flagrada em adultério? Pois é! Atire a primeira pedra, você. Que coisa!

Sim, irmão, a maré não está pra peixe. Com a competição acirrada no meio eclesiástico, se o pastor da minha igreja não oferecer o produto que eu quero, não tem briga, não tem choro, nem nada. Provavelmente, ele nunca vai saber o que aconteceu (vamos ser modernos e preservá-lo desses dissabores, não é mesmo? Afinal, ele está no papel dele...). Mudo de igreja, como quem muda de canal de

televisão, ou de marca de pasta de dente. Se ele não fizer meu casamento, digamos, colorido, não faltará quem faça. Se ele não trabalhar sua "programação eclesiástica" (para não falar em *show* dominical), de forma a atender à vontade popular, manifestada nas últimas pesquisas de opinião que a junta diaconal realizou, a igreja se esvazia (são as leis de mercado funcionando). Tudo na mais perfeita ordem e educação. Chega de brigas e bate-boca. Não precisamos mais disso. Cada um oferece o que pode, e a gente escolhe a opção mais adequada às nossas reais necessidades do momento. E olha, os pastores também não são bobos: aos pouquinhos, eles vão se adaptando e se tornando mais sensíveis ao "mercado", às reais necessidades do consumi... digo, das ovelhas do Senhor.

E o pastor que, há trinta anos, teve um chamado para cuidar de vidas, carregar ovelhas no colo, usar a vara e o cajado, dentro do discernimento que o Senhor lhe deu, entra em crise. Ele descobre que não é mais pastor, na forma como imaginou. Tampouco líder; e muito menos *autoridade*. Ele é pago para funcionar mais ou menos como um secretário-executivo, um despachante de luxo da igreja, dedicando-se a garantir que o plano anual de atividades, bem como a execução financeira das metas físicas aprovadas pela assembleia sejam devidamente cumpridos. Os objetivos colimados devem ser alcançados.

Algumas reações já se fazem notar, ainda que seja muito cedo para estabelecer tendências, tão moderno é esse fenômeno. Uns pastores partem para a chantagem espiritual. Atribuem-se poderes e oráculos secretos e herméticos, os quais ele compartilha com aqueles que se submeterem satisfatoriamente à sua influência. Uma versão evangélica para o pai-de-santo ou o antigo pajé da tribo. A autoridade se estabelece, então, pelo fascínio ou pelo medo. Outros partem para o ativismo. Propõem uma enormidade de tarefas,

atividades e projetos (sem entrar no mérito deles), de forma que, naturalmente, se tornem os centralizadores de toda a atividade da igreja. Afinal só ele tem tempo integral para isso. E, na falta de algo mais profundo, contenta-se com esse nível de autoridade. Outros, finalmente, se desesperam. Entram em profunda crise vocacional, pois não têm "jogo de cintura" para enfrentar a dura realidade da vida moderna. Os que têm outra profissão, estão passando para tempo parcial na igreja, e assumindo outras atividades mais gratificantes — íntima e economicamente — com uma ferida incurável no coração.

Você pode estar perguntando, diante do que acaba de ler: — mas então como fica? Se os crentes não se submetem mais e o pastor não pode usar suas armas, está tudo perdido! Bem, não tenho todas as respostas. Sou um navegante também, tentando encontrar rumos, para não ficar à deriva. Não quero ser só vela, nem só bússola. Por isso, quero compartilhar, por meio de uma breve história, minha experiência com este tema tão difícil.

LINHA DE COMANDO

Há algum tempo, ouvi um pastor que, na minha forma de interpretar, tentava resolver esse problema de autoridade, ensinando a igreja sobre o assunto. Ele pregava sobre o tema "Linha de comando". Ensinava que há uma forte hierarquia de poder nas regiões celestiais, e que essa ordem, depois de passar pela Igreja, acaba por desembocar na família, que é o último elo dessa corrente. Por isso é preciso treinar o garoto, desde pequeno, a obedecer cegamente aos pais, para que não se torne insubmisso ao Senhor quando adulto.

Para exemplificar, ele mostrou como fazia em casa:

— Quando meu filho era pequeno, e levantava o nariz e perguntava: “por quê?” eu respondia: “porque eu sou mais forte”. Agora, ele já está crescido — e mandava o rapaz se levantar, para mostrar seus um metro e noventa —, por isso, quando ele me pergunta: “por quê?” eu lhe digo: “porque sou eu quem põe a comida na mesa”.

Eu passei muito tempo meditando nesse sermão. Muito mesmo. De vez em quando, o assunto vinha à minha cabeça: será que é assim que deve ser? Será que é assim que a Bíblia quer que eu ensine meu filho? Será que, por outro lado, as relações pastor-ovelha devem se construir sobre esse tipo de força?

IMAGEM E SEMELHANÇA

Por um lado, toda essa firmeza pode ajudar a criança e o rapaz a sentir segurança na liderança familiar e, por conseguinte, passar a sentir segurança na liderança do pastor de Deus. É que acabamos, inevitavelmente, transportando para Deus os conceitos de paternidade que aprendemos. E se Deus é assim, todo pai cristão e todo pastor de ovelhas tem a obrigação de tentar ser parecido. Mas será que Deus, no meu lugar, agiria assim com seu filho?

Se formos examinar as Escrituras, verificaremos que a obediência é um dos valores máximos aos olhos de Deus. Paulo, quando nos quer apresentar um exemplo de espiritualidade profunda, diz:

> Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz (Fp 2.5-8).

Por outro lado, não vemos com muita frequência Deus ameaçando com raios e trovões, caso seus filhos desobedeçam. Ao contrário, o que mais vemos é um Pai que se sacrifica, mesmo quando seu filho o afronta e humilha. Não é o caso dos filhos pródigos de Lucas 15? Tanto o mais novo quanto o mais velho desobedecem o pai, e não são imediatamente punidos. Ao contrário, o pai procura conciliá-los. Mas por outro lado ainda, encontramos o Senhor dizendo, em Hebreus 12.6, que ele corrige o filho que ama. E agora?

FALSAS CONCEPÇÕES

Certa vez um rapaz me convidou para pregar em seu casamento. Na conversa, ele encomendou o texto sobre o qual gostaria que eu falasse: Efésios 5.22-33 ("As mulheres sejam submissas aos seus próprios maridos como ao Senhor..."). Ele queria, desde a cerimônia de núpcias, "enquadrar" a mulher no que entendia ser seu papel. Eu prometi falar sobre o texto, e no dia, simplesmente fiz sua exposição, mostrando o ensinamento sobre o papel da mulher e do homem.

Esse papel está claro: a mulher deve agir *como* a Igreja, e o marido, *como* Jesus. Ela coloca-se sob a missão (submissão) e ele se entrega por ela, até a morte: "Como Cristo a si mesmo se entregou por ela".

O jovem ficou desapontado: achou que eu iria ensinar sua noiva a obedecer-lhe cegamente, porque era o cabeça, e que ele teria direito de puni-la, se desobedecesse.

É essa a ideia que muita gente faz da relação entre Deus e seus filhos; entre o Noivo, Jesus, e sua noiva, a Igreja. Mas o texto ensina coisa diferente: ensina que Jesus se entregou por ela, sofreu por ela, foi paciente, benigno, e que até hoje diz: "eis que estou à porta e bato".

Já notou que esse texto de Efésios contém sete vezes a palavra "como"? Está nos dizendo que devemos nos relacionar *como* Cristo e a Igreja.

Resumindo tudo o que pensamos até aqui, vemos que, como filho, Jesus se humilhou e foi obediente, conforme Filipenses 2. Já na figura de Noivo, ele aparece numa posição de amor bondoso, paciente e até mesmo sacrificial. Na posição do Pai do filho pródigo, Deus aparece como um pai amoroso e disposto até mesmo à humilhação.

DERRUBANDO O MURO

O que aprendemos disso tudo? Na minha forma de entender, precisamos examinar duas posições, que precisam se harmonizar, para que o reino se reproduza nas nossas relações de autoridade e submissão. Essas posições são a do Filho e a do Pai. Deus, como filho, se submete ao Pai se preciso até a morte (má notícia: foi preciso). Esse mesmo Deus, como Pai, se submete ao filho, até a morte (a figura do Noivo e da noiva, como Deus e Igreja). O Deus que morreu por seus filhos, quando ainda rebeldes. E o que é mais intrigante ainda: um gesto não dependeu do outro. Deus prova seu amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós quando ainda delinquentes. E o filho se submete ao Pai, ainda que este lhe volte as costas (*Eli, Eli, lamá sabactâni*... "Nas tuas mãos entrego meu espírito").

Mistério? Sim, o mistério do amor divino. Um amor que rompe barreiras e derruba paredes de separação. Era esse amor que Jesus nos trazia, como exemplo vivo. Um amor que não precisa de força bruta para manter a coesão familiar. Porque autoridade e submissão, no Reino, se dão voluntariamente: o voluntariado do amor.

Quando Jesus entra num lar, as relações entre pais e filhos mudam muito, pois eles passam a tentar reproduzir o reino dentro de casa. E a primeira coisa que devem buscar é reproduzir a "cadeia de comando". Não da forma como aquele pastor estava ensinando, mas na base do amor sacrificial, de ambas as partes.

— Mas assim, se alguém resolver romper o trato, a coisa vai virar bagunça — disse-me um dia um pastor.

— É verdade, respondi. Mas se não for assim, como você saberá que tem uma ovelha, e não um servo, como o irmão mais velho do filho pródigo? Se sua fidelidade não é por amor, que valor tem? Se você é honesto por medo, que honestidade é essa? Se você usa cinto de castidade, mas sonha com o dia em que ele será tirado, você pode se considerar virgem?

— Mas e a disciplina sobre a qual falou? Acabou a disciplina? Vai tudo para o lixo? — pergunta-me angustiado o pastor.

Meu filho sempre quis ser jogador de basquete. Ele sonha em chegar a 2 metros de altura, no mínimo. Um dia, quando ele tinha 13 anos, subiu num sofá, colocou a mão na cintura e perguntou: pai, quando eu ficar desta altura, como é que você vai fazer para eu lhe obedecer?

E eu me lembrei daquele sermão do pastor. Pensei em responder algo duro e vigoroso, tipo: "eu é que ponho a comida na mesa". Mas já havia pensado muito tempo no assunto, e respondi:

— Meu filho, enquanto nossas relações forem tão vitais para você quanto são para mim; enquanto você precisar de mim, tanto quanto eu preciso de você; enquanto a gente sofrer quando está longe um do outro, enquanto a gente sentir saudade; enquanto a gente se amar como ama hoje, eu lhe direi: "vai!" e você irá; "fica!" e você ficará. Porque você me ama. Mas se algum dia uma parede de separação se levantar entre nós, seja da indiferença, seja da incompreensão, seja

até do ódio, então nem eu lhe direi nada, nem você precisará obedecer, porque não fará mais a menor diferença. Meu filho, você me obedece porque você me ama. E eu procuro lhe servir, como pai, seja dando o que você precisa, seja disciplinando-o, porque eu o amo. O que passa disso não é do reino.

Entendeu, leitor? Crise de autoridade significa *crise de submissão*. Crise de submissão significa *crise de amor*. Por outro lado, não vale a pena abrir mão do amor pelo poder. Pela força não se constrói o reino.

CRISE DOUTRINÁRIA

Qualquer código doutrinário é um sistema normativo, por definição. Implica um *nomos*. Supõe-se, portanto, que, ao pertencer a um grupo religioso, o fiel absorverá, por necessidade, por meio dos mecanismos anteriormente descritos, esse *nomos*, para poder pertencer a esse grupo. Pertencer inteiramente a um grupo, absorvendo sua história, seus valores e seus costumes, é ter uma identidade pessoal[1].

Um exemplo: Fui convidado para exercer um cargo executivo em uma repartição governamental. Esse órgão, no entanto, tem uma característica peculiar: a baixa rotatividade de mão-de-obra. Praticamente 90% dos funcionários que inauguraram o órgão, em 1972, ainda estão lá, e pouca gente nova se contratou. Isso fez daquele setor uma espécie de família, em que todos se conhecem; suas vidas estão muito entrelaçadas por namoros, casamentos, alternações de chefias etc. Eles praticamente construíram o órgão. Os que começaram um pouco mais experimentados agora estão se

aposentando; outros, então mais jovens, foram subindo e agora estão assumindo os cargos da alta administração.

Ao chegar lá, descubro quase intuitivamente que, para tomar decisões acertadas, preciso saber quem é quem; quem fala com quem; quem já foi casado com quem; quem ainda é casado com quem etc. Preciso saber, também, da história de tal ou qual projeto, da razão de existir tal prática ou procedimento. Isso produziu em mim uma atividade adicional às minhas incumbências de grande intensidade — frenética, mesmo. Algo meio inconsciente, mas capaz de tirar o sono por muito tempo. Uma busca intensa no sentido de desvendar os costumes e incorporar a história daquela organização, para, fazendo-a minha, poder, não somente me sentir "em casa", mas também tomar decisões coerentes com essa história.

De volta à nossa crise doutrinária. Numa sociedade moderna, uma pessoa pertence a diversos grupos. Nosso fiel moderno não é diferente: tende a pertencer a diversos grupos, e também a diversas igrejas. Vejam nossos jovens: um dia estão na reunião da igreja tal, outro dia vão a um louvorzão dos carismáticos em outra, e assim por diante. Um domingo, querem ouvir o pregador inflamado e carismático: é na igreja tal. Ah, hoje me sinto solene: vou à igreja tradicional. Hoje quero uma mensagem exegética. Onde encontro uma? Ah, o pastor Fulano vai estar falando na igreja do alto da colina. Problema resolvido.

Uma integração dessas, pelas bases, pastor nenhum pode nem quererá recriminar. Talvez este seja o "melhor dos mundos" com o qual tanto sonhamos: a quebra das barreiras geográficas e denominacionais.

Essa quebra de barreiras produz, no entanto, alguns percalços a serem considerados. Nosso crente moderno vive o problema da crise de autoridade e da pluralidade de lideranças, que o leva a uma

mistura doutrinária. Afirmações que em uma denominação têm contexto em outras afirmações, formando um sistema teológico mais ou menos uniforme (*nomos*), podem não ser consistentes com outros sistemas. Essas afirmações, absorvidas aqui e ali pelo fiel, por não se completarem em um todo homogêneo, ficam como uma salada de frutas na cabeça do neófito, que não tem discernimento. Ao contrário, acabam por apresentar um sem-número de contradições e inconsistências que o crente tende a absorver como que por um dever de fé: suicídio intelectual (é o preço, pensa ele). A tradição, naquilo que pode dar lastro, estabilidade, segurança, história, origem, identidade, vai pelo ralo. Junto com a água da bacia, joga-se também o bebê.

E não se tratam apenas de afirmações teológicas e doutrinárias. Trata-se de toda a cultura daquele grupo, que está a exigir lealdade e absorção como condição ao pertencimento. Dessa forma, nosso beija-flor eclesiástico tende a fragmentar-se também quanto a comportamentos, atitudes, sonhos, cosmovisões etc.

Socialmente, ele pertence a todas as igrejas. Portanto, não pertence integralmente a nenhuma. É aquele irmão que o pastor não conhece muito bem: ou ele é um membro um tanto infrequente, ou, numa outra interpretação possível, é um visitante que, volta-e-meia, ali está. Como perguntar pode ser algo constrangedor, vai-se tocando. Doutrinariamente, ele tem uma cabeça do tipo "nova era" evangélica: salada de frutas cristã. Como a pluralidade horizontalizou as propostas, tornando-as todas opções válidas, e como ele sofre da crise de autoridade, suas escolhas seguem o mesmo padrão do supermercado. Enche seu carrinho doutrinário das coisas que mais o agradem. Se as compras conflitam entre si no carrinho, isso fica por conta dos mistérios da fé. Solidez, plausibilidade, fortaleza etc., nem pensar. Crise doutrinária.

Mais ainda: ele prefere temas mais "para cima", tais como prosperidade, riquezas, bênçãos, amor de Deus, perdão (sem confissão nem arrependimento). Se o pregador, ao expor os heróis da fé de Hebreus 11, enveredar pelo caminho "desagradável" da constatação de que os grandes heróis de Deus foram homens sofredores, que alguns foram torturados, passaram por provas de escárnios e açoites, algemas, prisões, apedrejamento; que "alguns foram serrados pelo meio, mortos ao fio da espada, andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (homens dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra" (Hb 11.36-38); e que esses jamais obtiveram a concretização da promessa, ah, esse crente "muda de canal" — ou melhor, de pastor.

— Eu não vou à igreja para ouvir de sofrimento, de dor, de carregar cruz nenhuma. Eu quero ouvir é que Deus é meu pai, dono do ouro e da prata, dono de todas as coisas, e que me ama muito. Ou será que isso também não é verdade? Será que para ser crente eu tenho de ser triste e deprimido? Isola! (E bate na madeira duas vezes.)

E vai você argumentar com ele! Ele pede "licença", dá uma gargalhada de escárnio, um rodopio nos calcanhares e... vai à luta. E você fica com aquele sentimento de que está ficando velho e "careta". Talvez seja hora de se "modernizar". Sente um leve cheiro de enxofre no ar[2]?

Imagine, agora, quem é que dá aulas aos seus filhos na escola dominical, ou na classe de catequese. Pense em quem dirige as reuniões de oração, de louvor, de *koinonia* em sua igreja. Acertou. É esse mesmo "cidadão do mundo cristão". Isso quer dizer que nossa instituição, em termos doutrinários, sofre o efeito "Cavalo de Troia": o "inimigo" dentro das muralhas para abrir as portas por dentro.

Na minha igreja, considerada razoavelmente moderna e até certo ponto "arejada", é natural termos um arminiano ensinando as crianças pela manhã e um calvinista, à noite, sobre os mesmos temas: processo redentivo e segurança do crente, por exemplo. Mais longe ainda: a liderança da igreja, ou seja, seus pastores, convive com essas diferenças de origem. Com o consolo, neste caso, de terem formação mínima que lhes permita compreender as origens dessas diferenças.

O resultado é que essa pluralidade doutrinária, que ultrapassa a capacidade de sistematização da ovelha comum — sem falar nos conflitos abertos entre pastores e líderes, se digladiando e até se ofendendo na televisão —, contribui para baratinar a cabeça de uma ovelha que *nem pensa em consultar seu próprio pastor*. Também, pudera! Cada ponto doutrinário, ético ou eclesiológico é apresentado ao leigo por um telepastor, numa mesma manhã de sábado, na televisão, com grande convicção e emoção, como verdadeiro e único; todos os pastores são igualmente ungidos, sérios, estudados. E o pior: todos *provam a veracidade de seu ponto na Bíblia*. O último que ouvi foi um pastor de imenso rebanho demonstrar que toda a lei terminou com Jesus. Provou na Bíblia: o *fim* de toda a lei é Cristo.

Mas se o ensino que apresentam fica flagrantemente conflitante, confuso, difícil, sabe o que a ovelha moderna faz? Nada! Desenvolve uma equidistância pessimista, desiludida e cômoda de todos os pontos. Diante da incapacidade — e também do interesse — de se dar respostas, protege-se dos conflitos por meio de uma distância quase cínica do conteúdo desses assuntos: parte para a indiferença. Ele prefere estar *bem informado* sobre as fofocas e polêmicas que essas mesmas questões geram que entrar no mérito. As polêmicas são divertidas ou escandalosas, e isso movimenta, anima a vida do crente (inclusive essa é a sua motivação básica para participar dos

encontros de pastores e líderes em Águas de Lindoia: ali se conta, se fala, se sabe de tudo). Os conteúdos, ora, os conteúdos! Para esse crente cananeu, se essas coisas fossem importantes, sérias mesmo, não haveria tantos pontos de vista e tanta discordância entre os entendidos.

Como resultado, ele se torna insensível aos apelos e conselhos pastorais, que tentam em vão convencê-lo de que deve estudar a Bíblia, frequentar as classes de Escola Dominical (em vez de ficar lendo jornal no carro esperando as crianças saírem), ler livros, buscar compreender a vontade de Deus para sua vida etc. "O importante é não fazer mal a ninguém, não se meter na vida de ninguém, e, de vez em quando, 'comparecer' com algum dinheiro na igreja. Afinal, o pastor merece 'algum' pela sua atuação dominical" — diz ele.

"Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceiras nos ouvidos, e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (2Tm 4.3), esquecendo-se do que aprenderam; querendo diversão teológica a qualquer preço; cansados de estudar a Bíblia — preferem uma "novela bíblica"; sem tempo para meditação e oração — preferem um cartum devocional, um *fast food devocional*; elegendo o que é verdade, relevante, contextual, via chamada 900 — você decide.

Numa sociedade moderna, Deus não pode ser mais o mesmo de antigamente, como aquele pintado numa igreja bolorenta e cheia de teias de aranha. Tem de ser — sim, Deus também! — leve, solto, colorido, como os tempos exigem. Portanto, não deve ser exageradamente exigente; tem mais é de estar por aí, para dar uma força na hora que a gente precisa, sem se meter demais na vida. Afinal, Deus, sendo tão bom, tem mais é de respeitar nossa

privacidade, não é? Senão ele passa a ser visto como aquele deus velho. Surrado. Antiquado. Fora de moda. Gasto. Tenho certeza de que ele não vai querer entrar nessa roubada.

O homem moderno prefere um deus "prêt-à-porter", feito sob medida, conforme sua semelhança (ou manequim) — um deus popular, entende? Não é mais o Altíssimo quem nos elege, chama, redime, santifica e glorifica, para o louvor de sua glória; sou eu quem o escolhe na "prateleira" religiosa, se ele prometer não se meter demais na minha vida. — Ah, ia me esquecendo: e devagar com a *doutrina*, para não ficar aquele negócio pesado e desagradável de pecado, arrependimento, disciplina, culpa e outros bichos, como antigamente. E quando cansar, troco de deus, como troco de sabonete, armação de óculos e cor do cabelo. Tudo muito *light* e sem encucações.

CRISE MORAL

Uma propaganda institucional do Governo do Distrito Federal diz que o brasiliense é um povo de *fibra*. Chamou a atenção o uso do termo, porque já o julgava morto e enterrado. Esse valor moral, por milênios considerado caro e nobre, tende a ser uma espécie em extinção, assim como muitos outros, tais como verdade, dever, honra, fidelidade, mansidão, humildade, obediência, submissão, paciência etc. O próprio termo "virtude" já não é sequer conhecido de nossa juventude.

Uma das causas do enfraquecimento dos valores morais tradicionais é o processo de fragmentação da consciência do homem moderno. Essa fragmentação advém do pertencimento a diversos grupos cujos *nomos* são muito diferentes, entre outras causas.

Dizendo de outra forma, a fragmentação da consciência provém do processo de particularização do processo de privatização, que se manifesta numa tentativa de perceber o mundo a partir de uma ótica particular, do tipo “a moral feminina”, “a visão do operário”, “a perspectiva dos cineastas”, “o mundo das crianças”, “a percepção dos adolescentes”, o mundo “Vieira Souto”. Esse culto à particularização cria um espaço privado para a moralidade, retirando-a do domínio público, onde certos valores passam a não ter mais lugar, pois têm sua lógica particular. A “lógica do governo” é diferente da “lógica da família” — a moralidade no governo não pode ser chamada de moralidade, pois ela tem os seus princípios próprios: o Estado tem razões que a própria razão desconhece. Tudo redunda na individualização do homem, com a inevitável instabilidade e vulnerabilidade daí decorrentes. Todo esse processo fragmentário e particularizante conspira contra a uniformidade de valores de Cabo Verde; contra um arcabouço que dê sustento aos valores. E como a moralidade é uma “teia” interligada por uma lógica mais universal, à medida que essa estrutura vai se enfraquecendo e se fragmentando, a teia vai perdendo sua força sobre a psiquê do indivíduo. É o que se chama de perda de plausibilidade (abordaremos esse tipo de crise mais à frente).

A crise moral de nossos tempos se manifesta na forma de ambiguidades. Por um lado, aqueles valores aprendidos dos nossos avós ainda estão lá, porque nunca foram negados explicitamente, e certamente nunca o serão; por outro lado, eles não têm mais força sobre as pessoas. Por exemplo, uma jovem de nossos tempos é capaz de verbalizar em um programa de auditório que abomina uma “cantada” grosseira ou a abordagem indecorosa do chefe. No entanto, ela se veste e se porta de tal forma que indica por todas as

hermenêuticas da linguagem não-verbal milenar que deseja ser abordada, conquistada, dominada, vencida[3].

Ainda se requer das pessoas, na vida prática, no dia a dia, por exemplo, que sejam verdadeiras, que digam a verdade. Ninguém gosta de ser enganado nem que lhe mintam. Mas repare que uma pessoa verdadeira, isto é, que sempre diz a verdade, que nunca mente, não é incentivada, reforçada, elogiada. Não há um consenso prático sobre esse valor, sobre essa virtude. É sabido que se for necessário, qualquer pessoa mentirá. E isso é normal. Isso é *nomos*, isso é o mundo. A mentira, assim como outras "inconveniências" sociais, é, ao mesmo tempo, um recurso sempre à mão e uma falha deplorável. Depende apenas de que lado você está naquele momento. A rejeição dessa prática, por força do princípio ético ou moral já não existe. Por isso, não se deploram as mentiras "inofensivas": aquelas que "facilitam o convívio social e não prejudicam", ou aquelas executadas com fineza e charme. É preciso *savoir faire* para ser um mentiroso elegante.

A *fidelidade*, de igual modo, ainda é exigida nas relações, sejam de natureza afetiva, sejam empresariais, partidárias etc. Mas concorre com outros valores mais modernos, tais como a esperteza, a sensualidade, a falsidade charmosa (aquela falsidade chique, de salão, que diz que você está linda, sem nenhum compromisso com a realidade), que transformam o caráter de ser fiel em uma virtude menor — extremamente propensa a se tornar piegas ou "brega". A fidelidade se torna, assim, uma virtude contingencial, que precisa ser "trabalhada" com cuidado. De preferência com muito charme e sensualidade. Entre os jovens, as relações mais confortáveis são chamadas de "ficar". Eles se encontram numa festa e ficam. Isso significa um autoconsentimento para todo tipo de carinho, companhia, sexo completo e outras intimidades, sem nenhum

compromisso ou aparente consequência. No período de algumas horas, passam de completos estranhos a ardorosos amantes e a completos estranhos novamente. Terminada a festa, cada um vai para seu lado, e fim. Desnecessário dizer que ambos já vão para a festa com um grande suprimento de camisinhas, pois são capazes de *ficar* com vários parceiros, se a festa varar a madrugada. Em Cabo Verde isso era chamado de (imagina que ridículo!) promiscuidade!

Mas não nos iludamos. A prática de *ficar* não é um fenômeno apenas entre os jovens. É muito mais que isso: é um sintoma de algo muito mais abrangente. O jovem *fica* porque a sociedade onde ele vive cria o ambiente onde esse comportamento é *normal*. Nessa sociedade, o sócio *fica* na sociedade, o marido *fica* com a esposa, o fiel *fica* na igreja, o profissional *fica* no emprego, e assim por diante. Imagine os efeitos devastadores dessa volubilidade toda sobre uma alma solitária, que sonha com um lugar para habitar. Refiro-me ao conforto, ao *colo* de um ambiente social, ao aconchego de um grupo, com o qual compartilhar sua vida, seus valores, temores, aspirações e perspectivas.

Mansidão, nem pensar. A maioria dos nossos jovens não sabe sequer o que significa o termo. E jamais encontrarão em nosso meio social secular qualquer estímulo ao seu desenvolvimento. O *domínio próprio*, por sua vez, bate de frente com a "carreta" da modernidade, da lógica de mercado. Ele pode até ser reconhecido como uma virtude, mas não é estimulado pelo mercado. Isso nos faz lembrar do caráter ambíguo da mídia. Ela é capaz de dar com uma mão e tomar com a outra. A mesma propaganda que fala de natureza e de rios cristalinos, fecha com o cigarro ou com a aguardente.

Fibra, no sentido de uma corda de violino que se estica, toca fininho, mas não se parte (como símbolo da fortaleza de quem suporta as mais fortes pressões para preservar valores mais altos), é

coisa do passado. Falar de fibra é falar de resistência, paciência, força de vontade, força de caráter, integridade etc. Como esperar isso de *hordas de bárbaros* que querem dar vazão aos seus instintos hoje? Que são estimulados a ter todos os seus sonhos realizados hoje? Basta ter cartão de crédito! Que são ensinados que "você merece" tudo (dê esse presente a você mesmo)? Que quando entra em crise, pega seu cartão de crédito Sollo e vai fazer uma terapia no *shopping*? Fibra, hoje em dia, somente sintética, porque até as naturais já caíram de moda.

Fala-se em *coerência*. Mas haverá ambiente para coerência em um mercado de consumo no qual impera a lógica da volubilidade? Em governos que esbravejam contra os aumentos de preços das fábricas e dos comerciantes, e não param de aumentar suas tarifas, sob o título de "realidade tarifária"? Como fica a cabeça de uma criança que aprende que pode ser pior se chamar a polícia? Que seu padrinho de verdade é o traficante? Todos pedem e requerem coerência e integridade, mas falta matéria prima no mercado.

Poderíamos falar de *humildade*, de *caridade* e até mesmo de *castidade*, mas sabemos bem que esse assunto já está ficando incômodo. O fato é que quando uma geração perde sua força interior, sua capacidade de dizer não a si próprio, de se impor obrigações, deveres e limites; quando sua cultura já não inclui capacidade de postergar prazeres (experimente dizer para seu filho adolescente o ditado popular: "o melhor da festa é esperar por ela" e vai entender o que estamos dizendo), ela já não pode ser chamada de cristã, mas sim de pós-cristã. Para essa geração, o valor, o caríssimo conceito cristão de *cruz* em suas múltiplas conotações associadas à *abnegação* e *renúncia*, se tornaria, num sentido muito moderno, um escândalo. Isso, naturalmente, se alguém fosse suficientemente tolo

para buscar ser ouvido sobre o assunto e encontrasse alguém suficientemente retrógrado para prestar atenção.

Assim, fica fácil entender a dificuldade enfrentada por um cristão ao abraçar, em nível racional, os valores do Evangelho. Ainda mais que eles começam a se tornar temas "menores" nos púlpitos, devido ao baixo "ibope" que dão.

CRISE DE PLAUSIBILIDADE[4]

Vou deixar Peter Berger introduzir o assunto da plausibilidade. Ele está falando do processo cultural de construção do mundo dos homens.

> A dificuldade de manter de pé um mundo se expressa psicologicamente na dificuldade de manter esse mundo *subjetivamente plausível*. O mundo é construído na consciência do indivíduo pela conversação com os que para ele são significativos (como os pais, os mestres, os amigos). O mundo é mantido como realidade subjetiva pela mesma espécie de conversação, seja com os mesmos interlocutores importantes ou com outros novos (tais como cônjuges, amigos ou outras relações). Se essa conversação é rompida (o cônjuge morre, os amigos desaparecem ou a pessoa deixa seu primeiro meio social), o mundo começa a vacilar, a perder sua plausibilidade subjetiva. Por outras palavras, a realidade subjetiva do mundo depende do tênue fio da conversação. A razão de muitos de nós não termos consciência dessa precariedade, a maior parte do tempo, está na continuidade de nossa conversação com os interlocutores importantes. A manutenção dessa continuidade é um dos mais importantes imperativos da ordem social.[5]

Berger está dizendo que mantemos a plausibilidade, a credibilidade, a própria significância desse mundo por meio do processo de *validação consensual*[6], já abordado. À medida que as relações se tornam superficiais, por força da privatização que, como

já vimos, produz desarraigo, certas verdades e valores centrais professados por todos, tais como comunhão, consciência de corpo, solidariedade, fraternidade, serviço, mordomia, amor etc. perdem sua concreticidade. Asserções de natureza histórica, do tipo "Cristo ressuscitou de entre os mortos", são reeditadas sob formas mais brandas, ou perdem o caráter de historicidade para assumir foros de *crença* ou *sentimento*. Rapidamente, a privatização provê uma fórmula de defesa para essa crença: "Cristo Salva" — pelo menos, é assim que eu sinto (dá licença?).

As experiências sociais relacionadas ao fenômeno redentivo também têm de ser reexaminadas. Assim, ressurreição passa a ser um símbolo para qualquer processo de saída de uma situação difícil. Pode-se também usar o "mito" da arca de Noé. É ótimo, além de "cult".

— Era para eu ter morrido naquele acidente de trânsito. Sinto-me como se tivesse nascido de novo. Acho que passei pela experiência do Dilúvio.

Por outro lado, as manifestações do sobrenatural já não ajudam, pois não são distintivas da nossa fé. Hoje em dia, milagres e prodígios acontecem em qualquer religião. E os "magos do Faraó" estão cada vez mais ousados.

Por tudo isso a Igreja vai deixando de se mostrar como uma comunidade alternativa, e a plausibilidade da fé se vai enfraquecendo. Os Guinness descreve o processo assim:

> Quanto mais forte é a estrutura plausível, "mais verdadeira" *parecerá* àqueles que nela acreditam. (...) De fato, as estruturas plausíveis fortes como nenhuma outra são aquelas que exercem o monopólio em sua região (como o cristianismo na Europa até o século 18). A segunda implicação é que produz-se uma inevitável crise de confiança para qualquer religião que perca o domínio absoluto, especialmente para aquela que, tendo exercido um monopólio, começa a encolher e passa a "maioria" e a seguir a "minoria". É

> exatamente isso que está acontecendo com o cristianismo. Se a expansão da Igreja primitiva (o movimento que passa de "minoria" para "maioria" e chega a "monopólio") significa que algumas pessoas devem ter crido por razões erradas. É isso que se quer dizer com crise de plausibilidade e sua significação é vista, geralmente, em pelo menos dois caminhos: Objetivamente, o grupo descende pouco a pouco à condição de minoria e subjetivamente, sua fé vai perdendo certeza.[7]

CRISE DE MEMORIZAÇÃO BÍBLICA

Está nascendo uma geração que não conhece, não sabe ler, não sabe estudar, não sabe citar a Bíblia.

Em geral, o índice de leitura da geração *cool* é baixíssimo. Talvez isso tenha que ver com o volume de informação com o qual a pessoa, de qualquer idade, é bombardeada hoje em dia. Ela acaba sofrendo de um condicionamento à velocidade e à superficialidade. A síndrome do controle remoto (já viu uma pessoa com um controle remoto na mão, diante de uma TV a Cabo?). Com a pluralidade de opções de diversão, ninguém lê mais de uma vez um mesmo texto: queremos o novo. Nabor Jr. diz que o espectador de televisão ou cinema ficou mais infantil, preferindo clichês previsíveis: "a gente, quando assiste um filme, não quer ter trabalho". Na verdade, essa é uma das lógicas da televisão: fique aí, quieto, que a gente faz o trabalho todo por você. Apenas não desligue. Passividade e anuência. Não é à toa que a grande vilã dos exames vestibulares é a prova de redação. O aluno chega ao curso superior lendo e escrevendo pior do que eu.

Além disso, esta geração é também *light*. Isso quer dizer que tende a buscar resultados sem esforço (baixos teores), como no caso da lipoaspiração e da ginástica passiva. No primeiro caso, você perde 30

quilos sem precisar fazer dieta (compra seu emagrecimento por meio de uma cirurgia); no segundo, faz exercícios sem fazer força (fazer força é coisa para guindaste). Aplicada à cultura, a geração *light* está desaprendendo a ler, a cultivar conversas profundas (e demoradas), preferindo fixar-se em clichês, chavões e comentários sobre assuntos apresentados na televisão. O máximo de aprofundamento a que chega é uma análise psicanalizante (está na moda falar de interioridades) de algum aspecto da vida, aprendido na última revista *Capricho*. Se você analisar uma conversa, seja de jovens, seja de adultos, verá que ela se resume a comentar fatos do cotidiano, extraídos do último *Jornal Nacional*, ou a vida da corte, com munição fornecida pela revista *Caras*. O indivíduo espirituoso de antigamente — aquela personalidade viva, perspicaz, de tirocínio agudo, raciocínio rápido, e às vezes até mordaz em suas tiradas — se transformou no *divertido*. A pessoa *divertida* é aquela personalidade alegre e extrovertida, capaz de dizer um monte de bobagens e piadinhas de sentido duplo (seja na direção da indecência, seja na do "nenhum sentido"). Mas está em alta, porque o meio social quer diversão.

Aprender a Bíblia exige esforço e disciplina; exige análise; exige passar pela dor e incômodo de ouvi-la falar contra nós mesmos; exige assumir uma atitude humilde, corajosa e ativa diante dessas constatações; exige atitude de arrependimento, mudança de vida, esforço para pedir perdão etc. O prazer, nesse campo, provém do crescimento obtido, da saúde espiritual que esse alimento traz, da satisfação intelectual de haver trabalhado pelo sustento espiritual, como se faz pelo pão comum e da percepção, ao longo do tempo, de se haver transformado em uma pessoa mais parecida com o Criador, manifesto em seu Filho.

Vivemos um tempo em que o sonho de Gutenberg e de Lutero se realizou: a Bíblia em nossa própria língua. Fomos muito além, no entanto. Temos hoje dezenas de versões, traduções, linguagens (simplificada, atualizada, revista, uma maravilha!), de forma a colocar o Texto Sagrado ao alcance de qualquer interessado. Absolutamente qualquer pessoa que saiba ler. E se não souber, mas puder pagar, há textos inteiros gravados em áudio, por vozes famosas, do porte de um Charlton Heston ou Cid Moreira. A pluralidade e a fartura de opções do mercado chegou também ao texto bíblico — sim, você pode optar.

No entanto, o que se percebe, como resultado, é que nossos crentes já não sabem mais a Bíblia. Não sabem citar, não sabem as histórias, não sabem o significado do que eventualmente leem. Não têm prática nem treino, nem talento, nem vontade de "garimpar" as Escrituras. Além disso, o neófito ou a criança são inundados pela diversidade de versões, que tem seu lado perverso: nas poucas vezes em que têm contato direto com as Escrituras, leem, por exemplo, um mesmo salmo na versão Bíblia de Jerusalém, Revista e Atualizada por Almeida, Revista e Corrigida por Almeida e A Bíblia na Linguagem de Hoje, passando a ter dificuldade de memorização. Já reparou como vai ficando difícil fazer leituras conjuntas ou responsivas no culto? Se o pastor não determinar a versão, vira babel.

Mas para você não pensar que a modernidade para por aí, em relação ao produto Escrituras, gostaria de lembrar que ela já existe também na versão *light*. Desde histórias em quadrinhos para todas as idades até *fast food* devocional.

Sim, irmão, um texto para crentes que não dispõem de muito tempo para... Deus! Vale dizer que não reprovo integralmente a iniciativa do Rubinho ou da editora. Acho que muita gente que

jamais pegaria nas mãos uma Bíblia (e se pegasse, não teria acesso ao seu conteúdo) pode ser alcançada por esse livro. Muitas famílias, em seu culto doméstico, podem utilizar esse livro como auxiliar ao texto integral da Bíblia. No entanto, não nos enganemos: trata-se de um artefato cultural[8], que revela um tipo específico de sociedade à qual se destina. Ou seja, tem quem compre: a indústria está se adaptando às características do consumidor. Ela é sensível ao que seu público quer, e se adapta rapidamente para sobreviver. Você queria uma Bíblia *light* (com baixos teores)? Aí está.

CRISE INTELECTUAL

Vivemos o ocaso da era da razão, do modernismo, e o advento da era das emoções, comandada pelo relativismo intimista, originário da pluralidade. Cada vez mais, nossas decisões são comandadas pelos sentimentos. Todo o mercado investe fábulas de dinheiro no sentido de formar no cidadão esse perfil, o perfil consumidor. O consumidor maduro é aquele que se comporta impulsivamente diante do apelo de venda. Quero dizer, emocionalmente. Ele desenvolve uma relação quase afetiva com o colorido, com embrulhos bem feitos, com bugigangas Disney, com guloseimas, enfim, que farão sua vida mais colorida, independentemente de fatores racionais como utilidade, necessidade, propriedade, valor etc. Para o consumidor moderno, esses fatores são chatos.

Se você perguntar a um turista em Orlando para quê ele está comprando aquele bloquinho colorido, como pretende usá-lo, se não acha mais barato no Brasil etc., ele vai lhe responder: — Ih, relaxa!

A *sedução* se transformou no principal agente de mudanças do nosso tempo; o homem moderno aceita ser seduzido, mas acha

aviltante ser persuadido, no sentido do convencimento, de um processo intelectual e cognitivo de persuasão, típico da atividade evangelística, porque o acha invasor da privacidade, da intimidade, além de pernóstico e orgulhoso: — quem lhe deu o direito de pensar que tem algo melhor que eu? que sua religião é melhor que a minha? que você vive uma vida melhor que a minha? que eu tenho de me medir pela sua fita métrica? A sedução não; é alegre, agradável, divertida, travestida de cores, de gente bonita. E os efeitos dessa constatação já se fazem sentir nas técnicas evangelísticas da igreja moderna.

Esse espírito consumista, que prefere ser seduzido a ser convencido, atinge em cheio o intelecto. Não se trata mais de querer saber a razão, o motivo e a circunstância de um fato; a compleição, a formação, a estrutura ou o significado de tal fenômeno, pelo qual tal ou qual fato se deu, ou pelo qual agi como agi. Isso tudo é muito trabalhoso e chato. Não é *cool*. O importante é saber como me senti. Antigamente, os fatos e as ações humanas eram submetidas ao tribunal da razão. A partir desse tribunal, justificavam-se ou não; eram aprovadas ou rejeitadas; eram nobres ou abjetas. Hoje, a mais alta corte das ações humanas é a do sentimento, comandada pelo hedonismo intelectual, fruto do supermercado de ideias. Se você se sentir bem, aja como quiser.

A era da persuasão, com seu apelo à lógica, a valores sedimentados e a axiomas dá lugar à era da emoção — Arrepiou? — Todinho! — Então foi Deus!

Em vez de um bom argumento, falando de qualidade, propriedades, características diferenciais etc. surge a "sedução" daquela nova pasta de dente — além de você concorrer a um Uno zerinho.

A crise intelectual, quando chega à religião, funciona como uma secularização popularizadora: não pense — sinta; não entenda — usufrua; não busque — receba; não caminhe — vibre. Se me senti bem, esse sermão foi "palavra de Deus", se não, foi apenas um sermão.

Com a secularização, o homem começa a confundir o *céu* com *felicidade*, e *felicidade* com *saúde*. E saúde substituiu tanto o céu quanto a ética.

O *atletismo* é a forma moderna de *ascetismo* (tem de malhar). O pensamento positivo substitui a meditação e a reflexão — você não precisa mais raciocinar; apenas mentalize que tudo irá bem. De preferência, queime um incenso, para ajudar no clima.

A crise intelectual se transforma num pecado quando já não cumprimos integralmente o primeiro dos dois grandes mandamentos de Jesus — amar a Deus com todo o nosso entendimento. A *mente cristã* — um conjunto coletivamente aceito de noções e atitudes — já não existe mais, porque o conjunto adotado por nós vai deixando de ser fruto da razão, e se transforma em estados interiores incomunicáveis, íntimos, não socializáveis, portanto. Cada um tem a sua percepção íntima *do Cristo*. Cada um *cristifica* sua vida ao seu jeito.

Quando o "conhecimento", o "intelectual" ou o "erudito" são confrontados com o "popular", surgem duas visões: aqueles que buscam compreender as coisas são vistos, pelas camadas populares, como seres extraterrestres, acadêmicos, pobres visionários, descolados da realidade — gente para não ser muito levada a sério (mas que servem para dar aulas aos nossos filhos). Por outro lado, os que não são intelectuais são vistos por estes como seres de segunda categoria. Existe, portanto, uma cisão entre essas duas áreas. Uma cisão perigosa, pois cria a enganosa impressão de que algum lado

está certo. Há pastores que se ofendem se forem chamados de intelectuais. Outros, se forem chamados de populares. Isso porque ser popular, hoje em dia, significa ser como o povo, ter características do povo, identificar-se com o povo. Nem que para isso eu tenha de falar errado, pensar truncado, fazer música sem rima, sem ritmo, sem sentido.

A crise intelectual faz dos evangélicos imitadores culturais. Em vez de serem originadores, passam a adaptar à igreja o que encontram no mundo. Perdem a mente cristã, e passam a adaptar músicas, gostos, valores e ideias ao padrão, ao *nomos* do "povo". Em termos bíblicos, tornaram-se mundanos e conformistas. Como resultado, temos a versão eclesiasticamente *autorizada* de tudo o que o mundo gosta. Encarnação, no seu lado obscuro.

Com a *popularização* da fé[9], ocorre a segmentação do cristianismo em dois mundos. Aquelas pessoas mais educadas tendem a ser menos religiosas, e as mais religiosas tendem a ser menos educadas. Nos Estados Unidos, os evangélicos são o único grupo religioso que excede a média nacional de pessoas que não completam a 8ª série na escola. Ao mesmo tempo, apenas 24,2% dos evangélicos atingem a universidade, contra 68% de não-cristãos[10].

Peter Berger diz que os Estados Unidos se distinguem entre as nações por terem uma classe popular tão religiosa quanto a Índia e uma elite tão secular quanto a Suécia.

Os críticos do anti-intelectualismo evangélico citam, comumente, quatro grandes fatos da nossa vergonha: (1) não temos uma grande revista de pensamento e ideias evangélicas; (2) não temos nenhum grande livro apologético de um autor ainda vivo, que possa ser oferecido a um não-evangélico, sem que fiquemos envergonhados; (3) não temos uma universidade evangélica de estudos graduados no nível das grandes universidades; (4) não temos uma formulação

construtiva, genericamente aceita, de uma *filosofia pública evangélica*, nos últimos 200 anos.

Como consequência, os políticos evangélicos se concentram na retórica, em vez de em ideias e propostas. Fogem do centro das questões nacionais para o populismo do "você tem direito, eu vou dar para você"; "você precisa de mim, porque eu sou igual a você".

Gostaria de dar um exemplo mais concreto. Transcrevo abaixo parte de um artigo do pastor Ariovaldo Ramos, em que ele relata conversa mantida com um irmão fictício. Trata-se de um resumo de várias conversas reais. Diálogo que descreve bem a mentalidade em voga, com o seguinte título:

> VAMOS DAR UM JEITO NO BRASIL
>
> Um dia desses encontrei um colega e logo nos vimos conversando sobre o Brasil e suas crises. Num determinado momento ele me disse: "Não se preocupe, nós, os novos evangélicos, vamos mudar esse país, vamos dar um jeito nele." "Como assim?", retruquei. Ele reiterou: "Nós, os novos evangélicos, vamos ganhar esse país e dar um jeito nele. Nós, os novos evangélicos, pois, os velhos evangélicos, não deram nem dariam conta do recado. Eles, os velhos, tinham a mania de construir escolas e hospitais. Achavam que com escolas livrariam as pessoas da ignorância, consequentemente, da miséria e, que, com hospitais, mitigariam o sofrimento do povo. Bobagem! Outra coisa, os velhos evangélicos fugiam da política, diziam não querer contaminar-se. E vai tomar o poder de que maneira?
>
> Nós, não! Nós, os novos evangélicos, temos uma visão maior, mais ampla. Vamos levar o Brasil ao Primeiro Mundo.
>
> *Primeiro*, para acabar com a miséria, vamos ensinar esse povo a ofertar de verdade. A dar, para receber cem vezes mais; a dar, reivindicando, cobrando o cumprimento das promessas. Dessa forma, o Devorador vai ser repreendido e todo mundo vai ficar próspero, rico. Além do mais, vamos destronar as potestades que atuam provocando miséria, prostituição, roubo, assassinato, corrupção, violência, abandono etc. Assim, vamos sanar todos os problemas do país. Você vai ver, as famílias serão restauradas, as

crianças abandonadas vão voltar para seus lares... Vai ser uma maravilha! A idade áurea do Brasil.

Segundo, vamos levar esse povo a ter fé, pois quem tem fé não fica doente; em vez de construirmos mais hospitais, gradativamente, não vamos mais precisar deles.

Terceiro, vamos entrar na política, sim Senhor! Vamos lançar candidatos, apoiá-los, dar o púlpito para eles, levá-los nas nossas marchas, fazer o que preciso for. Crente e não-crente, basta que o sujeito se comprometa a lutar pelas nossas causas, pelo nosso bem-estar. Queremos uma política de "portas abertas" para nós; queremos prioridade no uso de estádios e ginásios de esportes para as nossas concentrações; queremos ônibus de graça para os nossos picnics; queremos isenção de tudo quanto é imposto; queremos concessões de rádio e TV; queremos o reconhecimento de nossas rádios piratas; queremos ser deixados em paz, não importa se a falta de estacionamento de nossas igrejas está atrapalhando toda a vizinhança. Queremos tudo o que nos é de "direito", pois fomos postos por cabeças, não por cauda. Bom, esse negócio de apoiar não-crente é porque a gente ainda não tem um número suficiente de crentes na política; mas vamos cobrar muito caro cada voto que pudermos carrear para eles; vamos cobrar por cabeça. Aliás, desses incircuncisos que estão sendo postos em nossas mãos, vamos arrancar até o tutano. Depois, quando tivermos um número suficiente de crentes na política, se os outros não se converterem, a gente os descarta.

Quarto, vamos eleger um presidente evangélico. Não como decorrência de uma militância num dos partidos que estão por aí. Não! Vamos impô-lo a um partido qualquer e elegê-lo. Olha o nosso número! Aí, tudo vai mudar: vai acabar a sonegação, pois imposto vai ser considerado como oferta, e oferta é como eu disse, quanto mais dá, mais se recebe: é cem por um! Quem não vai querer isso? Vão acabar os protestos, as greves e as reclamações, pois o país vai ser governado só por ungidos, e o que ungido faz não se discute, mas se obedece, pois ele vai ser julgado em "outra instância"; o que ele faz não é da nossa conta. E, se alguém se levantar contra, a gente disciplina e amaldiçoa.

Quinto, vamos pagar todas as dívidas do Brasil. Sabe como? Vamos rifar todas as riquezas naturais do Brasil entre as nações do Primeiro Mundo: Como a bênção está

conosco, será sorteado um dos números que vamos manter em nosso poder e, dessa forma, teremos o dinheiro para pagar tudo o que devemos e ainda vamos manter toda a nossa riqueza.

Bom — disse ele olhando o relógio — eu gostaria de ficar aqui muito mais tempo conversando com você, mas está tarde e tenho de ir embora. Qualquer hora a gente se encontra e eu te falo mais das maravilhosas visões que temos recebido."

Tendo dito isso, meu colega virou-se e foi embora. Eu tomei o rumo de casa num misto de espanto, escândalo e atordoamento tal, que me provocou uma enorme dor de cabeça: ele falava sério![11]

Quando tomarmos o Brasil de assalto, como quer esse irmão, qual é o evangelho que vai tomar o Brasil? Que pensará, qual será a cabeça evangélica desse presidente? Que medidas provisórias promulgará? Tremo só de pensar.

CRISE DE CARÁTER

A crise intelectual traz como alma gêmea a crise de caráter. Caráter significa negação de si mesmo; significa dizer não a si mesmo. Mas isso não se dá no vazio. Não se trata de masoquismo nem autoflagelação gratuita. Caráter implica princípios, valores e axiomas não-discutíveis, não-banalizáveis, não-popularizáveis, não-negociáveis. Nem comigo mesmo. São balizas inamovíveis para minha vida, as quais racionalmente adoto por entendê-las fundamentais para minha felicidade, e dali não passo. Nem que sofra. Em muitos casos, nem que morra.

Mas como faço, se já não tenho essas balizas? Se tudo se resume a sentimentos, sedução, felicidade a qualquer preço e direito de ser feliz? Mais ainda: como faço se fui criado assim, já não tendo as

fibras necessárias para resistir às pressões do caminho mais fácil, do atalho, do enriquecimento via loteria? Como faço se fui criado sem "nãos", sem estacas delimitadoras, sem disciplinas?

A consequência imediata para a Igreja se dá via cavalo de Troia. Trazemos o inimigo para dentro das muralhas. Para adaptar nossa mensagem, nosso discurso interno, nossa liturgia, nossa celebração, enfim, a essa nova realidade, criamos um Cristo que salva mas não transforma; que tem poder, mas não convence. Que convence, mas não converte. Anunciamos um evangelho que propõe, mas não confronta (politicamente correto). Anunciamos um evangelho que transborda, mas não transtorna. Mesmo os bordões mais antigos passam a ser compreendidos de acordo com as luzes existentes. Por exemplo, "conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" passa a ser entendido como um processo de informação. Nada tem que ver com o íntimo, com mudanças de mente, de atitudes, de compromissos. Afinal, a Internet é ou não é libertadora, no sentido de que lhe dá condições de percorrer o mundo, de *acessar* qualquer *site* de conhecimento, de forma que sua verdade seja mais completa?

Nunca tivemos tanta fome, associada a tanta obesidade no mundo. Por quê? Porque "fibra", princípios, disciplina, domínio próprio (colunas do caráter[12]) já não são valores nossos. Posso ser um doce de pessoa, mas não pise no meu pé, que viro bicho. Não sei conter a mim mesmo.

Como pedir *domínio próprio* de um crente hoje em dia? Como sugerir (nada de exortações, admoestações etc., coisas fora de moda e antipáticas) que ele perdoe seu irmão, se ele está magoado? Como sugerir que ele volte para a esposa, se ele "não a ama mais?" Como sugerir-lhe que faça ofertas ao Senhor, na proporção do que tiver posto no coração, se no seu coração não pôs nada?

Esses dirigentes de liturgia que mandam a gente se levantar e sentar. Tem um muito melhor na outra igreja, que diz: quem sentir que deve ficar de pé, fica, quem sentir que deve sentar, senta. (E eu tenho de ficar de pé, porque há uma parede de gente na minha frente, e eu não consigo ler a transparência.)

Por falar em transparência, bem que poderiam fazer alguma coisa mais caprichada, no lugar daqueles garranchos escritos em plástico de cozinha...

— Ih! que cara chato! Não dá para elogiar, não? Se acha que pode fazer melhor, por que não vai e faz?

— Irmão, não é assim, a harmonia. Deixe-me lhe ensinar...

— Ô, cara, essa harmonia é moderna, bicho.

— Está bem, mas esta letra está errada...

— Errada? Errada? O que é letra certa? Deus entende, "mermão". Deus não é um bobo, como você, preocupado com esses trique-triques. "Para a liberdade foi que Cristo vos libertou"! Gálatas, "mermão"! Sai da lei, mano! Cuidado com a trave, nicodemos.

Como vai a Igreja do Senhor sobreviver se essas tendências se confirmarem?

CRISE DE GRAÇA

A cultura do mercado não é integralmente compatível com a cultura da graça cristã. E está produzindo uma devastação na alma do cristão. A lógica do mercado nos induz a crer que todas as relações que desenvolvemos em nossas vidas são de natureza comercial, num sentido amplo. Na cultura do mercado, você não agradece: paga. Se você paga, não agradece, exige. As relações são do tipo

“fornecedor/consumidor”, mesmo que seja entre irmãos, ovelha/pastor, pai/filho, mãe/filha etc.

A cultura da graça nos diz que recebemos o que não merecíamos. Por isso, damos graças. Nosso coração se enche de gratidão por havermos recebido algo que absolutamente jamais poderíamos exigir nem reivindicar. A cultura do mercado diz que ainda não recebemos tudo o que merecíamos. Devemos exigir sempre mais pelo que pagamos. Afinal, você merece.

A propaganda vem e lhe ensina que o melhor motivo para comprar aquele produto caro — é você mesmo. Eles dizem: “neste Natal, dê um presente para você mesmo. Afinal, se você não acha que merece o melhor, quem lhe dará o devido valor?” Além disso, como consequência, você passa a ser avaliado pelo que tem. Na cultura de mercado, ninguém presta atenção em alguém com o carrinho vazio. Mas se seu carrinho estiver cheio de produtos caros, terá seu momento de glória, mesmo que não passe pelas registradoras, e saia de fininho, quando ninguém estiver vendo.

Nesse ambiente, vale o belo, o *cool*, o *light*, aquilo que está na moda. Vale a aparência, a gravata cara, a maquiagem, o perfume sofisticado. Mesmo que, por baixo disso tudo, resida uma jararaca.

Aí vem o político e diz que o povo — essa entidade que ninguém deseja definir direito — é inteligente, esperto; que sabe decidir, que ninguém engana, que sabe o que quer etc. E o povo merece o melhor. O povo é a riqueza da nação; o povo é a razão de existirmos. O povo é você. E a gente ouve e fica orgulhoso de tudo isso que a gente nem sabia que era e merecia.

As relações de mercado são do tipo “isolacionista”, “utilitarista”. Eu não tenho nada com você, a não ser o que você pode me dar, em troca do que eu lhe dou. Não há afetividade, não valem emoções. No mercado não há perdão, há consequências para seus atos. Por acaso,

eu posso ser o agente dessas consequências. No mercado não há culpa, nem desculpa; há acerto ou erro de cálculo. Ponto. No mercado, não há pecado: há o "politicamente correto" e a eventual vontade política de realizá-lo. Tanto um quanto o outro dependem das circunstâncias. Minha avó chamaria isso de falta de vergonha na cara.

A cultura da graça produz no homem a consciência de que ele é devedor, de que não se basta a si mesmo, de que precisa de ajuda, de que tem recebido mais do que merece. Na cultura da graça impera a ação de graças. Uma pessoa grata é humilde, em vez de arrogante. Uma pessoa grata é alegre, em vez de ansiosa. Uma pessoa grata é esperançosa, em vez de amarga. A gratidão produz solidariedade em vez de competitividade.

Sob a graça, as pessoas não se medem em grandes ou pequenos, em maiores, maiorais, servos ou Senhores, pois todos são pequenos. Nesse espaço, as pessoas se olham nos olhos, pois são da mesma altura. E quando o desnível torna-se inevitável, tendemos a olhar para cima. Na cultura da graça, vence o outro, e não eu. E eu me alegro com isso. Afinal, já tenho mais do que preciso.

CRISE DE SOLENIDADE E REVERÊNCIA

O que é o *solene*? De onde vem o valor *reverência*? Vem da compreensão imemorial de que certos momentos, pessoas, situações ou ambientes são muito maiores que nós. A reverência é uma forma de reconhecer esse fenômeno da superioridade. Seja de uma "solenidade", seja de uma pessoa, por sua realeza, patente, santidade etc.

A modernidade destrói esses elementos, pois tenta horizontalizar os valores, pela pluralização de ofertas, e explicar racionalmente todos os fenômenos, até então inexplicáveis. E o que ela não pode explicar, ou declara inexistente, ou declara uma curiosidade. Com isso, a televisão fica cheia de programas pitorescos sobre o estranho e inexplicável. Com essa enxurrada de exotismo, tudo se "naturaliza". E o natural, o explicado, o normal, o igual, o horizontal, não é solene nem requer reverência. No máximo, curiosidade.

Vivemos a moda do informal. Tudo tem sido desmascarado pela tirania do informal. Isso porque o formal se petrificou, se legalizou de tal forma, que perdeu seu sentido. E se tornou sinônimo de antiguidade, de coisa falida, embolorada, coisa de velhos. Transformou-se em forma sem conteúdo (ou, pelo menos, sem conteúdo conhecido). O funcionário não sabe por que tem de usar terno e gravata em pleno verão carioca. E ninguém é capaz de justificar. Afinal, só existe formalidade nesse traje?

A autoridade é desnudada pela imprensa sem escrúpulos, que se atreve a publicar fotos de príncipes, reis e presidentes, tiradas com teleobjetivas criminosas, surpreendendo-os em sua intimidade. Por outro lado, deputados, governadores e presidentes também não se dão ao respeito, como no episódio da calcinha (ou falta dela) em triste desfile de carnaval. Nosso presidente foi capaz de se apresentar em público ao lado de uma moça de reputação mais que conhecida. E, pilhado por uma imprensa que perdeu, absolutamente, seus limites, alega que não estava ali como presidente, mas como simples cidadão.

O que é, hoje em dia, uma "Sua Excelência"? É mesmo excelente? Nem no Brasil nem no mundo todo. Vivemos o ocaso das excelências. Não há mais pessoas incomuns, grandes líderes, grandes fortalezas morais. Não é tanto porque essas pessoas não mais

existam, mas principalmente porque não há mais espaço para elas sob os holofotes da mídia (a não ser como uma curiosidade que nos faça consumir tal margarina ou massa de tomate). São dinossauros em extinção. Muitas vezes, na busca da sobrevivência (serem normais), esses gigantes chegam a ter vergonha de serem vistos assim. Preferem ser populares (no Congresso Nacional corre o ditado de que "em terra de sapo, a gente tem de andar de cócoras"), fazendo-se informais, simpáticos e divertidos; gente como a gente.

Não há mercado para as excelências. Não dá ibope. Se ele for realmente excelente (modesto, humilde, bondoso, grande de espírito, altruísta, temperante, calmo, anônimo etc.), jamais será reconhecido pelo "povo". Já imaginou um político excelente, hoje em dia? Nem pastores conseguem ser eleitos com esse perfil[13].

Se pensarmos em nossas liturgias, por outro lado, verificamos que vivemos um dilema: por um lado, aprendemos que solenidade e reverência não são incompatíveis com a informalidade. No entanto, com muito mais facilidade a informalidade descamba para a bagunça, a falta de preparo, de ensaio, de esmero, de respeito pelo Senhor da Igreja. Sob o manto da informalidade o pastor já não prepara esboço do sermão, e acaba se repetindo, para ver se lembra de mais alguma coisa para dizer; o jovem não ensaia a música nem prepara a transparência, e "quebra o galho", sistematicamente, com plástico de cozinha. Alegremente livres pela informalidade, os crentes já não desligam seus telefones celulares e os atendem em pleno culto.

Qual a diferença entre eu entrar de terno ou de calção de banho num culto? Sabemos que não é a roupa que conta para Deus. "Eu costumo, inclusive, orar durante o banho", testemunha o irmão. Diante disso, começam a aparecer irmãos vestidos de *short* e irmãs com roupas feitas de retalho de gravata. Ambos calçando sandálias

ou tamancos, de aspecto asqueroso. “Estamos em casa” — alegam — “na casa do nosso pai”.

E nesse lusco-fusco das ambiguidades nossos filhos começam a achar que Deus pode ser chamado de “meu chapa” e Jesus de “J.C.” Estamos no escorregadio caminho de horizontalizar o sagrado.

“Mas ao ímpio diz Deus: (...) Tens feito estas coisas, e Eu me calei; pensavas que Eu era teu igual: mas Eu te arguirei e porei tudo à tua vista. Considerai, pois, nisto vós que vos esqueceis de Deus, para que não vos despedace, sem haver quem vos livre.” (Sl 50.16, 21-22.)

CRISE COMUNITÁRIA

Francisquinho nasceu em Cabo Verde. A antiga Cabo Verde. Ali, junto à sua grande família, foi criado frequentando o grupo escolar, passeando na praça do coreto, tomando sorvete de groselha (depois do banho). Aprendeu cedo a ir à igreja; adquiriu uma “personalidade eclesiástica”, familiar e social característica do seu meio. Casou-se ainda bem jovem com uma moça da cidade, amiguinha de infância, com quem teve seus filhos, e os educa dentro dos modelos aprendidos.

Um dia, ele passa num concurso público, e se muda, com sua família, para Brasília. Rapaz brilhante, em pouco tempo consegue ser requisitado para uma alta assessoria ministerial.

Seu mundo de referência muda. Ainda que tenha encontrado uma boa igreja, recomendada por seu pastor, as coisas são diferentes. Inclusive o ambiente da igreja é bem diferente daquele do trabalho. Não há uniformidade. Parece que são dois mundos. Sem falar que Francisco vive mais tempo no trabalho que na igreja. Mesmo porque ele preferiu não se envolver demais com a nova comunidade. Ele

nunca tinha vivido tanta liberdade, e isso o deslumbrou. Era hora de aproveitar um pouco do anonimato da cidade grande.

Nova cidade, novo mundo, novos valores. No seu ambiente de trabalho, o chique não é a lealdade, mas a sensualidade; não é a simplicidade, mas a esperteza; não é a modéstia, mas a ostentação. Lá ninguém é pobre o suficiente para não comer em restaurantes de luxo duas ou mais vezes por semana; é essencial poder dizer que conhece este, que já foi naquele, que recomenda aquele outro, tudo na maior normalidade. Muito chique.

E a cabeça do Francisco começa a mudar. As antigas amizades já não satisfazem. Os antigos valores já não têm *plausibilidade*. O meio social ao qual quer pertencer (e ao qual agora tem acesso concreto) muda também.

As antigas alianças, como o casamento, a família, os amigos e parentes que ficaram (ele continua a visitá-los, de vez em quando, mas suas "amarras" aos poucos vão se enfraquecendo) naquele mundo começam a balançar. As antigas vocações espirituais, aspirações e anseios mudam. Há novos padrões. Muda a linguagem: agora se usam palavras da repartição, como *a priori* e *a posteriori* para todo lado. Agora se usam relógios e pulseiras de ouro (apesar do perigo de assalto), e não estranhe se aparecer um brinquinho no antigo machão.

Na igreja, ele participa como espectador. Não consegue dizer "nós", quando trata dos temas comunitários. Diz "vocês" ou "eles".

Em pouco tempo, surge uma pessoa muito interessante em sua vida. Esta, uma legítima representante do novo meio em que vive. Ela se veste sensualmente (Francisco está começando a gostar de mulheres macérrimas, quase anoréxicas), gosta de comida macrobiótica, só come doce *diet*, malha em academia todo dia, fala palavrão com elegância, e não tem preconceitos quanto a com quem

vai passar a noite. Basta que lhe agrade. Ela *fica*. E sua devoção juvenil pela esposa vai se escoando pelo ralo. É bem verdade que ele gosta muito do arroz-com-feijão que come em casa. Mas isso não se encaixa mais nos seus ideais. Ele não pode "frequentar" com a esposa; não dá para levá-la para as recepções sem uma pontinha de vergonha; ela não conversa direito sobre os assuntos que ele quer conversar, e não compartilha do seu modo de gastar o dinheiro. Ela não o acompanhou nas mudanças.

A igreja tentou intervir, quando a viu sofrendo, mas ficou aquela questão: por que motivo eu prejudicaria minha "felicidade" para dar satisfação a esse grupo de pessoas? Só porque se dizem irmãos? Só porque dizem que a Palavra de Deus quer que eu cumpra minhas promessas de casamento? É fácil dizer que a Bíblia diz isso e aquilo, quando a pimenta é nos olhos dos outros. Quando eu fiz aquelas promessas, as circunstâncias eram outras. Se tivesse ficado em Cabo Verde, provavelmente teria tido condições de cumpri-las. Agora, isso também não pode ser chamado de pecado. Eu não tenho culpa. Não dava mais; a nossa vida tomou rumos diferentes, e o ambiente ia ficando infernal, à medida que lutávamos para costurar algo que não tinha mais jeito.

Francisco mudou de igreja com a nova companheira (preferiram não se casar, para não formalizar demais as coisas). Na verdade, ela nunca vai, e ele, cada vez menos. Naquela primeira igreja ficou a antiga esposa com os filhos. E todos continuam cantando, no domingo de manhã, seu corinho predileto:

> Eu sei que foi pago um alto preço
>
> Para que contigo eu fosse um, meu irmão;
>
> Quando Jesus derramou sua vida,
>
> Ele pensava em ti, ele pensava em mim, pensava em nós.
>
> E na força do Espírito Santo, nós proclamamos aqui

Que pagaremos o preço de sermos um só coração no Senhor.
E por mais que as trevas militem, e nos tentem separar,
Com nossos olhos em Cristo, unidos iremos andar.

Temos necessidade de espelho social, de saber quem somos, e é o grupo que nos diz isso. Mas na sociedade moderna, há muitos grupos que podem responder a essa necessidade de estar junto, de fazer parte. Esses grupos, como o ambiente de trabalho, a escola, a associação, no entanto, são muito precários. Acabam com o tempo, com o final da tarefa, com a mudança de local e com os conflitos. A Igreja deveria ser alternativa para todas essas adversidades, dando, inclusive, mais estabilidade às relações e amizades, de forma que minha consciência não fique pulverizada entre os diversos *nomos* aos quais tento me integrar.

No entanto, a modernidade chegou à Igreja também. Esta, que deveria ser alternativa comunitária para o mundo, é atingida pela superficialidade das relações, pelo desarraigo, pelas trocas, pelas crises anteriormente apontadas. Sua proposta é ambiciosa: ser um corpo unido; ser um, para que o mundo creia que o projeto de Deus é viável onde o Senhor é invocado. No entanto, todo o sistema dentro do qual a Igreja está inserida conspira contra isso.

A crise comunitária não se instala isoladamente, porque as pessoas não querem mais se relacionar umas com as outras. Na verdade, elas sentem falta dessa proximidade. Mas aí está o paradoxo: não conseguem. Não está nelas. Os jovens fazem seus grupinhos, mas permanecem insatisfeitos. Os adultos reclamam de que a Igreja está fria, mas não percebem que não têm pago preço algum pela proximidade. *Na verdade, a crise comunitária é uma síntese das outras crises, é resultante de todos os ataques sofridos da modernidade.*

Sem querer dramatizar, diríamos que chegamos ao centro do problema, ao resultado final de todo esse processo desagregador até aqui desenhado. Para usar uma figura, diríamos que, pela primeira vez na história da humanidade, uma madeira lançada na água não boia. Nunca dantes foi problema para qualquer grupo, religioso ou não, a vida em comunidade. A Cabo Verde da praça da igreja nunca fez esforço para viver em comunidade. Era natural. Era uma contingência da vida. Apesar das diferenças, das fofocas, dos coronéis, as pessoas estavam razoavelmente ligadas umas às outras, fosse por parentesco, fosse por negócios, ou simplesmente por serem daquela comunidade. Conheciam-se uns aos outros, mesmo que não se gostassem. Pertenciam uns aos outros, de uma forma e em uma dimensão nem sempre consciente. Pertenciam ao seu passado comum, eram produto dessa história; suas cabeças e forma de pensar eram produto dessa mesma sociedade. E essa argamassa social era suficientemente forte para fazê-los uns dos outros.

Hoje, se lançarmos a madeira na água, ela terá de nadar para boiar. Quero dizer com isso que à medida que uma sociedade se moderniza, sua Igreja tem de fazer mais esforço para ser comunidade. Precisa buscar isso deliberadamente. Lembra as recomendações de Paulo aos Efésios, capítulo 4, no sentido de manterem a unidade do Corpo? Nunca foram recomendações tão sérias, graves e estratégicas quanto hoje.

Se um membro não gosta do jeito de um pastor pregar, atravessa a rua, e encontra no "mercado" um pregador à sua imagem, conforme sua semelhança. Se ele não simpatiza com um oficial, há opções. Se o sermão começa a lhe "pegar no pé", o melhor que faz é levantar-se e ir assistir ao *Fantástico*. O que o prende? Quais são os laços que o impediriam de buscar opções? Ele nunca absorveu os valores

permanência, constância ou mesmo *fidelidade*... Fidelidade a quê? Igreja não é um time nem partido político!

Numa comunidade, as pessoas têm coisas em comum. Mais coisas que a simples possibilidade de optar, como no anúncio de cigarro. As pessoas *pertencem* umas às outras, se conhecem com alguma profundidade, dão satisfação umas às outras. Elas estão sujeitas umas às outras, pelo amor. Essas ligações são suficientes para que possam ser disciplinadas, corrigidas, criticadas (até equivocadamente), sem que isso seja motivo para sumiço. Há laços que, por um lado incomodam, restringem, tolhem a liberdade, mas por outro, produzem o conforto do útero materno a que nos referimos anteriormente.

O fato da vida em comunidade produz nas vidas das pessoas um senso de normalidade capaz de garantir estabilidade emocional, psicológica e até psíquica.

No entanto, isso deixa de ser percebido pelo crente, à medida que ele se torna uma pessoa moderna. Ele não aceita mais correção. Isso lhe parece invasão de privacidade. Seus erros são problemas somente dele. Suas opções por uma programação eclesiástica são vistas como pertencendo ao mundo privado, pessoal.

Recentemente procurei um irmão com o intuito de ajudá-lo no que me pareceu uma dificuldade por que estaria passando. Não cheguei acusando, mas perguntando se não se daria o caso de ele estar com alguma dificuldade em tal ou qual área. Parece que acertei na mosca. Ele acusou o recebimento da mensagem, mas imediatamente, com toda polidez e educação, me fez ver que eu deveria cuidar da minha vida — o que não era pouco. Pediu licença (lembra-se da expressão chave da privatização?). Figuradamente, colocou-me para fora da cozinha, e levou-me para a sala de visitas. Fiquei irado, e orei a Deus mais ou menos assim: — Senhor, se não posso cuidar da vida desse

irmão, também não tenho mais nenhuma responsabilidade sobre ele. Soou-me, imediatamente como a fala de Caim. Arrependi-me imediatamente, quando me ocorreu que eu estava, literalmente, denunciando a Aliança. Estava formalmente rompendo o contrato, em relação àquele irmão. Não sei ainda todas as implicações de um gesto como aquele, mas fiquei assustado. Pensei imediatamente na Ceia. Mais particularmente nas advertências de 1 Coríntios 11: “Aquele que come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si”.

Bem sei que esse “corpo” refere-se primariamente ao corpo físico de Cristo. Mas, certamente, o texto se cruza com o de Efésios 4, que nos afirma sermos, nós, o corpo de Cristo. Discernir isso, no momento, foi fatal. Como poderia celebrar a comunhão, o corpo, naquela situação, digamos, jurídica, com o irmão? Procurei-o, ainda um pouco bravo, e lhe expus o problema. Disse-lhe que se ele não quisesse ter nenhuma ligação comigo, ainda assim eu teria com ele etc. Não sei se ele entendeu toda a extensão do que eu lhe quis dizer, mas aceitou, e me aceitou.

A crise comunitária é a crise da Igreja, porque no dia em que não nos pertencermos mais, no dia em que não tivermos mais responsabilidades, uns em relação aos outros; no dia em que não cuidarmos mais uns dos outros; no dia em que não nos importarmos mais o suficiente para odiar, então não haverá mais Igreja. Nesse sentido, hoje em dia, “a madeira tem de nadar, para boiar”. O sistema conspira contra a comunidade. Para não nos machucarmos, evitamos envolvimentos mais profundos. Ficamos no nível social. Como pode haver verdadeira comunhão se nos mantemos sempre na sala de visitas? Se nunca somos permitidos na cozinha ou nos quartos — na intimidade?

Sofremos também de *crise de sinceridade*. Temos dificuldade de tirar a cera, a máscara. Com isso, não conhecemos e não somos conhecidos. Chegamos ao ponto de chamar a pessoa que se senta ao nosso lado, no culto, de "amado irmão" porque não sabemos seu nome! Como pode ser amado, se não sabemos nada sobre ele? Sequer o nome? Só se for um amor *light*. Baixos teores. Ou *diet*: sem compromissos. Ou *cool*: superdivertido.

Nesse sentido, vivemos *crise de confissão*. Já não nos confessamos uns aos outros, para sermos curados, como propõe Tiago. Nem a confissão de pecados — que criam um abismo no relacionamento, que somente pode ser transposto pelo arrependimento, confissão, perdão e restauração —, nem a confissão que expõe aos irmãos a natureza pecaminosa de minha vida, meus problemas, minha desconformidade com o projeto de Deus. A confissão tem a propriedade de iluminar minha vida, e propiciar a comunhão, dando origem a ligações verdadeiras, laços genuínos. Sem confissão, mantendo nossos quartos escuros e fechados; nossos porões úmidos, nossos segredos e outras coisas caras ao homem moderno, não é possível unidade, comunhão verdadeira. Não é possível a Igreja[14].

Crise comunitária é crise de *arrependimento* e de *perdão*. Nossos padrões morais e éticos são tão privados e particulares que dificilmente um homem moderno percebe que pecou. Ele agiu por princípios próprios. Usou suas próprias regras. Afinal, quem não o faz? Mais que isso: quem peca, quando sabe que pecou, não tem disposição de se reconciliar. Na verdade, somente ligações caras valem esse sacrifício. Não vale a pena abaixar-se para apanhar um lenço de papel. Talvez um de seda... Já vimos que ligações caras não fazem parte da formação, da experiência e do ideário do nosso cabo-verdense moderno (ou cananeu). Por isso, ele não pede perdão.

Quando o irmão entende que vale a pena buscar um conserto (aqui não se fala, absolutamente, em obediência à Palavra, mas em conveniência, bem entendido), ele pede desculpas. Trata-se de um artifício que não o obriga a humilhar-se. Ele dá um tapinha nas costas do irmão, pede para não levar a mal, e pronto. Se o outro entrar no jogo e disser "tudo bem", ele não vai perguntar outra vez. Monta-se, assim, uma farsa em que dois atores cumprem seus papéis. Deixam o que ficou disso tudo para o tempo cuidar, como se o tempo tivesse a propriedade de apagar pecados. O resultado é uma teia de problemas mal tratados, rancores por baixo dos sorrisos, amarguras, tristezas, solidão.

Vivemos tempos de *crise de amor*. Refiro-me à afetividade natural do ser humano. Em nossas igrejas, falamos, pregamos, ensinamos sobre o amor ao próximo e mesmo aos inimigos. Fiéis às Escrituras, recomendamos orar pelos que nos perseguem. Mas quem nos ensina sobre vida emocional? Quem nos ensina sobre afetividade? Quem me mostrará como aproximar-me de Deus como pai, se a imagem de pai que desenvolvi foi de ler nas revistinhas da creche ou do orfanato? Nossa cultura cristã reformada transformou-se em uma cultura puramente cognitiva, uma cultura para a cabeça. Mas pouco sabemos sobre afetividade. Sabemos — se é que sabemos — articular nossas questões. Mas somos deficientes emocionais e afetivos. Não sabemos mais amar. E quem não ama, não sabe nada de Deus, porque Deus é amor.

Desaprendida a abertura da vida pela confissão e outras práticas, tais como a exortação, a transparência de vida etc. desaparece também o culto verdadeiro, pois desaprende-se também o relacionamento individual, afetivo, emocional, com Deus (1Jo.4).

E como temos ensinado nossos filhos a amar? Ensinando-lhes as passagens que falam sobre o assunto? Aguardando que o Espírito

nos encha e transborde no fruto? Ou precisamos nos dar também nisso, e criar estruturas eclesiásticas amorosas; espaço onde as pessoas aprendam a amar, sejam discipuladas (e disciplinadas) no amor?

Quando todos estiverem cuidando de suas vidas, mesmo que estejam na Igreja, estarão tão sós e solitários quanto o homem moderno secular. Quando isso tiver acontecido, não haverá mais Igreja, porque teremos reconstruído a barreira da separação, que Cristo destruiu (Ef 2). O muro da inimizade será reconstruído em sua versão moderna; uma parede sintética — a parede da não-amizade. E descobriremos que o contrário do amor não é o ódio, mas a *indiferença*. A pluralização produz diferenças. Como resposta, a privatização, a "jaula", produz indiferenças.

Abre parêntesis.

Assisti, há algum tempo, um *Globo Repórter* cujo tema era "drogas". Mais especificamente, o crescimento espantoso do uso do crack em São Paulo.

Um entrevistado, ex-drogado, dizia que o grande problema da droga não é, como se pensa, o primeiro cheiro, o primeiro cigarro, a primeira picada. Ele dizia que o problema é anterior: começa quando você perde seus valores éticos. Começa quando você abre mão da família — ou a perde, por causa da vida. Começa quando você é levado a não ligar mais para os outros. Ele era bem articulado. Falava mais ou menos assim: "Quando você é jogado pelo sistema na ilegalidade, na contravenção, como lixo da sociedade, então, você tem mais é de ser esperto. Quando não lhe dão um emprego e o tratam de vagabundo; quando não lhe dão educação, e o tratam de ignorante; não lhe dão moradia, e o prendem por vadiagem; não lhe permitem ganhar o pão, e o prendem por furto; quando a solidariedade desaparece enquanto valor de uma sociedade, e o

prefeito é o primeiro a aumentar o preço da passagem, na surdina da mudança da moeda, 'se lixando' para o trabalhador, então você está perdido. Então, você está na porta do inferno."

Essa entrevista me lembrou o que se fala sobre os escorpiões. Que é bicho peçonhento, asqueroso; que não tem amigos, que mata a parceira depois da reprodução. À menor ameaça, ataca. E se não tem saída, dá uma picada fatal na própria cabeça. Não sei se tudo isso é verdade. Mas a picada na cabeça me lembra a picada na veia. A ausência de solidariedade lança o indivíduo numa anomia tal, num caos tão profundo, que ele se destrói. No âmbito macrossocial, a população se transforma em *horda*; o cidadão, em *bárbaro*; o capitalista, em *selvagem*; o patrão, em *explorador*; e o empresário, em *predador*. E todos juntos atacam a natureza.

Fecha parêntesis.

Essa crise (comunitária) tem poder letal sobre a Igreja, na minha opinião. Porque o homem moderno é cada vez mais incapaz, como aconteceu com Francisquinho, de pagar o preço da comunhão. Incapaz, aqui, não quer dizer que ele não queira, mas que não pode, não sabe; na verdade, acho que ele anseia por isso, mas se sente fraco; quer mas não quer. O *nomos* que forma sua consciência e sua identidade, apreendido em todos os outros grupos a que pertence, seu desmame precoce, a vida na creche desde tenra idade, a ausência dos pais, a falta de colo, de contato físico com a mãe, a falta de tios, de avós, de aconchego, de referenciais comunitários, tudo isso, enfim, conspira contra a Igreja. Tudo isso é capaz de formar cidadãos cananitas: fortes, resistentes, adaptados ao tipo de "selva" em que deverão viver. Nosso cidadão se adapta depressa. É um sobrevivente. O problema é que muito do que o faz sobrevivente nesse tipo peculiar de sociedade é antimatéria nas regiões celestiais.

Crise comunitária é uma estaca cravada no coração da Igreja.

[1] LUCKMANN, Thomas. *La religión invisible*; El problema de la religión en la sociedad moderna. Salamanca: Ediciones Síguime, 1973. Recomendo como importantíssimo o capítulo 6: “A religião e a identidade pessoal na sociedade moderna”. ↩

[2] “Jargão, não argumentação, eis o seu melhor aliado para afastá-lo da Igreja. (…) O mal da argumentação é encaminhar a luta para o campo do Inimigo. Ele também sabe argumentar; ao passo que na propaganda realmente prática do tipo que estou a sugerir Ele tem se mostrado há séculos grandemente inferior ao Nosso Pai Lá Debaixo. Pelo próprio ato de argumentar, você desperta a razão do paciente; e uma vez desperta, quem pode prever o resultado? Mesmo que possamos retorcer uma série de cogitações a fim de terminá-los a nosso favor, você verá que estávamos fortalecendo no paciente o hábito fatal de prestar atenção às questões universais, retirando-o da correnteza das experiências imediatas dos sentidos. Seu serviço é fixar-lhe a atenção nessa correnteza. Ensine-o a chamá-la ‘vida real’ e não lhe permita indagar o que quer dizer com ‘real’. Este é o conselho do demônio maior ao seu aprendiz, em LEWIS, C. S., *Cartas do Coisa-Ruim*; como um diabo velho instrui um diabo jovem sobre a arte da tentação. São Paulo: Loyola, 1982. p. 20. ↩

[3] Estou consciente de que essa posição poderá soar como machismo de minha parte. Na verdade, esse fenômeno começa a se manifestar também entre os homens. Veja, por exemplo, os clubes de mulheres. No entanto, acho que nada se compara com essa ambiguidade das mulheres, vítimas de um impiedoso mercado de sonhos, que as transforma em caça e caçadoras, anzol e isca ao mesmo tempo. E que faz as brasileiras se orgulharem de ser as mulheres mais sensuais do mundo. E também as mais exploradas. ↩

[4] “Está percebendo qual é a questão? Graças a processos que neles colocamos a funcionar há séculos, acham inteiramente impossível crer no invulgar quando têm debaixo dos olhos o vulgar. Continue a pressioná-lo com a *vulgaridade* das coisas. Acima de tudo, não se meta a utilizar ciência (refiro-me às ciências da verdade) como defesa contra o Cristianismo. Elas positivamente darão ao paciente a coragem de pensar nas coisas que não pode ver nem pegar.” LEWIS, C. S. *Cartas do Coisa-Ruim*, p. 21. ↩

[5] BERGER, Peter. op. cit. ↩

[6] Veja DE FLEUR, Melvin. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar. 1976. Especialmente o capítulo 7, no qual o tema é desenvolvido. ↩

[7] GUINNESS, Os. op. cit. p. 7. ↩

[8] Faço uma análise dos artefatos de um culto no livro *Celebração do evangelho*. ↩

[9] Entenda como o empobrecimento intelectual, doutrinário e litúrgico, da fé e a valorização de expressões sincréticas, irracionais, grosseiras e mesmo grotescas de manifestação religiosa, como andar no sal, pisar em brasas, usar lacinho de fita, beber água fluidificada por orações herméticas, guardar dias, jejuns cabalísticos, palavras poderosas, nomes de anjos etc. Aguarde, que logo estarão adotando no meio evangélico algo que incorpore o conceito "popular" de "vidas passadas". ↩

[10] Citado por GUINNESS, Os. *Fit bodies, fat minds*; why evangelicals don't think and what to do about it. Grand Rapids: Baker Book House, 1994, p. 16. ↩

[11] RAMOS, Ariovaldo. Vamos dar um jeito no Brasil. SEPAL, *Liderança*, ago. 1996. ↩

[12] Nossa! Isso soou tão antiquado, tão piegas… Desculpe, leitor, o exagero. ↩

[13] Desenvolvo este tema no livro *Excelentíssimos senhores* (Viçosa: Ultimato, 1995). ↩

[14] Este tema é bem desenvolvido por Ricardo Barbosa de Sousa, em *Comunhão pela confissão* (Brasília: Comunicarte, 1996). ↩

6.

A IGREJA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Não podíamos terminar esta conversa sobre crises sem uma palavra a respeito do principal agente *normalizador* da sociedade moderna: a mídia. Uma das primeiras coisas que podemos dizer em relação à influência dos meios de comunicação de massa na Igreja é que eles propõem um novo mundo; eles propõem o seu próprio mundo[1]. Para entender isso, é necessário perceber que comunicação não se define apenas como um ato de transmissão geográfica de mensagens. Esta é uma forma simplificada de compreender o fenômeno. Mas se formos mais fundo nesse processo, tanto em termos de comunicação interpessoal quanto grupal ou mesmo de massa, vamos descobrir um complexo processo de recriação social da realidade[2]. É um processo pelo qual, a partir das coisas que são ditas, conversadas, intercambiadas, repetidas, o mundo passa a assumir uma forma, uma natureza, um significado diferente para aqueles que participam do processo. Passa-se a compreender o mundo de forma diferente.

Já temos visto que o “mundo dos homens” se constrói pela conversação. Isso sempre foi assim. Toda a história humana se construiu assim. Mas eis que surge, modernamente, um fato novo na história da humanidade. Um fenômeno inusitado, sem precedentes, tal a sua grandeza, poder transformador e importância para cada cidadão, para cada habitante do planeta. Esse fenômeno consiste em que, de um momento para outro, tornou-se possível a um único homem, ou a um pequeno grupo, apresentar sua proposta redefinidora da realidade a toda uma população, a todo um país ou a todo o planeta, ao mesmo tempo.

A SITUAÇÃO TRADICIONAL

Numa sociedade tradicional, os diversos grupos eram capazes de construir um pequeno ambiente de consenso sobre um grande número de ideias, valores, princípios de moralidade, ética, estética, comportamentos, prescrições de papéis etc., consagrando costumes de interesse e alijando aqueles considerados disfuncionais ou perniciosos. Esse arcabouço simbólico servia para dar unidade e uniformidade à manutenção desse grupo; servia para explicar seu presente e sua história, para interpretar os fenômenos da natureza, os fatos sociais etc. A manutenção desse *status quo* era feita pelas conversas, sermões, discursos, palavras, conferências, fofocas e todos os outros tipos convencionais de troca de informações, fossem eles oficiais (como os editos reais, as leis, as decisões dos tribunais, conferências, discursos etc.) ou informais, como as conversas de compadres em um botequim. Em nossa Cabo Verde primitiva isso era assim.

Já tivemos a oportunidade de mencionar que esse tipo de construção, essa estrutura de arames e amarras sociais assumia uma consistência muito grande quando era sancionado pelo *sagrado*, quando ele era legitimado pela Igreja. O que nos interessa abordar, no momento, é que todo esse processo, tanto o tradicional quanto o que começa a surgir com o advento da comunicação de massa, esconde uma conotação política, no sentido amplo da busca, da luta pelo poder. Esse componente político consiste na busca de apropriação da realidade. Assim como quando, em outros tempos, alguém cercava um pedaço de terra e dizia: "isto é meu", e encontrando pessoas que aceitassem a afirmação sem contestação, esse pedaço cercado passava a ser posse daquele que dele se apropriou, desde os primórdios surgiram pessoas que tentaram explicar ou reexplicar a realidade de forma que a compreensão resultante os favorecesse.

Esse fenômeno não nos é muito estranho, pois ainda hoje funciona entre nós. Os pajés das tribos são respeitados enquanto a realidade tem fenômenos e mistérios que aparentemente somente ele compreende e controla. As mulheres, durante milênios, aceitaram sua inferioridade e se comportaram de forma a atender aos interesses e reclamos de seus Senhores; os escravos chegaram a ser confrontados, no sul dos Estados Unidos, com a Bíblia, de onde se tiraram versículos que, bem utilizados, lhes demonstravam que sua condição subalterna era a vontade de Deus e que eles haviam sido criados para servir ao branco. Quero chamar a atenção para o fato de que não estamos falando, necessariamente, de canalhice, prepotência, má fé ou interesses manifestamente escusos. Não. Estamos dizendo que, em grande parte, esse estado de coisas era visto como sendo a única realidade. Os dois lados da questão acreditavam nela.

Toda uma estrutura de exploração, toda uma estrutura econômica, toda uma nação, em seus aspectos econômicos, políticos e sociais, era montada sobre essas definições da realidade, que, por isso mesmo, se tornava inquestionável. Era a própria realidade da vida.

A comunicação está aí, presente, intercambiando e sustentando uma forma de ver e compreender o significado do mundo e da vida, tornando alguns interesses em ideologias, e essas ideologias em verdades, a partir da consistência que adquirem pela força do número de pessoas que as adotam e das estruturas que lhes dão abrigo e estabilidade.

Desde os primórdios da humanidade, portanto, sempre houve, muito sutil e misturado, o componente *poder* associado aos processos comunicativos. Mesmo que inconscientemente, sempre houve uma atividade no sentido de *recriação do mundo* conforme a nossa imagem e a nossa semelhança. Embora eu não creia que tenha sido jamais um propósito consciente, deliberado, entendo que se tenha descoberto o segredo da verdadeira dominação: a sujeição das consciências. A melhor maneira de me fazer obedecido é convencer alguém que este me deva obediência, redescrevendo e reinventando o mundo em que nós dois vivemos: fazendo a sua cabeça. Quando todos concordam que devem me servir, servem-me de bom grado. É melhor, inclusive, do que com o uso da força. Porque, para usar a força, tenho de despender uma energia muito grande com controle, esquemas de vigilância e segurança. Mas quando consigo controlar a mente, "fazer a cabeça", então posso ficar despreocupado. Tenho um vigia dentro de cada cabeça. Isso se chama autocensura.

Um caso curioso que já me ocorreu foi o do noivo que veio me pedir para pregar em seu casamento, já com o texto escolhido: Efésios 5.22 em diante. Aquele que fala que "as mulheres devem ser submissas aos seus próprios maridos como ao Senhor". O que ele

pretendia? Pretendia que, pelo processo comunicativo do rito do casamento, incluindo meu sermão, se adensasse, se consolidasse a compreensão de que, no reino de Deus, a mulher deve obedecer ao seu marido e ser-lhe submissa. Interessava ao noivo que isso fosse bem assentado desde o princípio. Ele queria habitar, com sua esposa, um mundo no qual certas relações fossem do jeito que ele imaginava. Melhor ainda: que os dois pensassem de forma idêntica sobre isso, o que evitaria muitos conflitos futuros.

NUMA SOCIEDADE MODERNA

Bem, voltemos aos meios de comunicação de massa. Imagine, agora, que uma pessoa tenha descoberto um invento pelo qual ela pode sugerir e recriar a realidade para uma sociedade inteira, talvez para o país inteiro. Ela tem o poder de fazer o mundo dessas pessoas, desse país, como lhe convém. Isso quer dizer que todos os programas, sejam publicitários, sejam novelas; quer de televisão, de rádio, cinema, teatro, jornal ou revistas, têm por trás de si o caráter de poder a que nos referimos há pouco. Essa pessoa, conscientemente ou não, é o "noivo" do casamento a que me referi.

Quando não percebemos isso, assistimos, lemos e ouvimos ingenuamente; expomo-nos ingenuamente a esses meios de comunicação. Ingenuamente, estamos aceitando, anuindo a propostas, projetos e sugestões de redefinição da nossa realidade. Quando lemos um jornal, quando assistimos a uma peça de teatro; quando acompanhamos uma novela de televisão; quando lemos uma novela num livro; quando somos expostos a uma peça publicitária, ou até mesmo quando escutamos um sermão, ou um estudo bíblico, ou ainda quando conversamos com um amigo num banco da praça, é

importante ter em mente essa questão de poder. Essa componente política do processo de comunicação, que na maioria das vezes nos passa absolutamente inconsciente.

E, ao ter em mente essa questão de poder, devemos ter em mente também algumas questões básicas, de natureza política. Por exemplo, poderíamos nos perguntar: Quem é que está falando? Essa pessoa ou grupo representa algum interesse econômico; algum interesse cultural, político? Que mensagens estão sendo veiculadas? Que tipo de mundo está sendo proposto? Qual o ambiente em que se dá essa mensagem, esse diálogo, esse discurso? Mais perguntas: Que grupos estarão por trás desse fenômeno ou peça comunicativa? Que ligações, que elos de lealdade ou atrelamento estarão por trás desse discurso, desse filme?

No caso da publicidade, não é muito difícil obter as respostas, porque elas normalmente salientam o anunciante. Também no caso dos discursos e peças manifestamente políticas os interesses ficam mais ou menos claros, embora nem sempre todas as conotações se manifestem. Também no caso de conversas pessoais com amigos isso não é muito difícil. Mas normalmente caímos na ingenuidade de não perceber que por trás de uma novela de televisão, por trás de uma história em quadrinhos de criança, de uma revista de moda ou de um noticiário jornalístico, esse processo está presente. Não, achamos que um noticiário é isento, restrito aos fatos. Mas não é verdade. As perguntas acima sugeridas aplicam-se também aos jornais.

Apenas para exemplificar: quantas notícias compõem um noticiário do horário nobre da televisão? Umas vinte ou trinta? Agora responda: quantos fatos e ocorrências acontecem no Brasil em um dia? Bem, se já percebemos a disparidade, precisamos perguntar quem faz a seleção e com que critérios o faz. Quem diz o que é importante ser levado a todo o país, como informação? Quem decide

o que é e o que não é “notícia”? Ora, se há seleção, há motivos e critérios, padrões, enfim, para isso. E quais são esses critérios? Quando começamos a fazer essas perguntas, descobrimos que não há isenção na escolha nem na narrativa do chamado fato jornalístico, ainda que a percepção de que diversas emissoras divulgam o mesmo conjunto de fatos possa ser um tranquilizante. Há critérios de seleção, nem sempre muito claros, mesmo para os participantes do processo comunicativo. Quando vistos de longe, ao longo do tempo, mostram corresponder aos interesses políticos e econômicos da empresa de comunicação ou do grupo econômico que a sustenta. Trabalham, de alguma forma, no sentido de construir uma “realidade” favorável àquele conjunto de interesses. No mínimo, os meios de comunicação vivem e se desenvolvem dentro de uma atmosfera de valores e certezas que favorecem ao seu Senhor: o mercado. Dentro dessa atmosfera, o repórter fareja, o redator estabelece a pauta, a emissora se faz politicamente correta.

Talvez seja hora de nos perguntarmos, ainda que sem elaborarmos muito a teoria, para não fugirmos ao escopo deste trabalho, como se dá esse processo pelo qual o mundo é refeito e a realidade recriada em nossa consciência, pelos processos comunicativos. Toda vez que recebemos uma mensagem, ou nos colocamos em uma situação social de comunicação e somos impactados por conteúdos que nos são novos, ou que acrescentam aspectos ao que já sabemos, ou que nos permitem adquirir consciência nova, toda vez que isso acontece, nossa mente trabalha para incorporar esse elemento novo. Para isso, ela precisa reformular o que já existe e ligar as pontas de relações entre o que é novo e o que não é modificado pelo novo. Se essa nova ideia vai de encontro a alguma coisa que julgávamos que sabíamos, temos de reformular; se ela acrescenta ao que já sabíamos, temos de

reformular as coisas que estavam ligadas a esse conhecimento ou consciência.

Nesse sentido, dizemos que estamos “recriando o mundo para nós”, porque entendemos que o mundo não é apenas a realidade física que aí está, mas principalmente os significados que a ela atribuímos: a forma como o diagnosticamos, compreendemos e explicamos. O mundo dos homens não é, absolutamente, o mundo empírico, das realidades físicas, mas o mundo dos significados; o mundo da cultura.

Há várias formas pelas quais modificamos todo o nosso arcabouço de conhecimentos e, por consequência, de consciência, formas essas pelas quais revisamos nossas bases, nossos conhecimentos. A primeira dessas formas, chamaríamos de *processo de persuasão*. Quando somos persuadidos de que aquela informação nova é verdadeira[3] ou desejável, ou interessante, nós a adotamos. Estamos simplificando enormemente esse complicado processo sócio-psicológico, para não irmos muito longe da nossa trilha principal. Persuasão é o objetivo do discurso de Aristóteles. Ele mesmo dizia que seu objetivo era persuadir os seus ouvintes. É interessante notar que boa parte das conversas humanas buscam ou propiciam a persuasão. Mesmo que não sejam uma discussão. Elas acabam nos persuadindo de alguma coisa. Acabam, portanto, modificando, em alguma parcela muito diminuta, o nosso mundo, a partir da modificação de nosso modo de olhar para ele.

Outra forma pela qual nosso mundo é mudado é o mecanismo da *imitação*, em que o indivíduo é levado a reproduzir padrões apresentados como mais elevados ou desejáveis. Outro ainda é o da *sugestão*, a partir do qual as ideias são instiladas de modo semiconsciente, a partir de manipulação de processos psicológicos

por meio de associações. Outro ainda é o processo de *pressão moral*, que manipula sentimentos de culpa e outras fraquezas.

Há um processo, no entanto, que não pode ser classificado como tradicional, nem encontrado em livros anteriores à segunda metade deste século. Na verdade, é uma descoberta das ciências sociais, em alguma medida decorrente do fenômeno de massa. As pesquisas se desenvolveram a partir das campanhas eleitorais via televisão, nos Estados Unidos. A questão era: de que maneira uma mensagem televisiva atinge e em que medida modifica as intenções de voto dos eleitores? Não vou me deter nos detalhes, mas descobriu-se um processo que se chamou de processo de *validação consensual*. Descobriu-se que as pessoas não reagem a uma mensagem individualmente, isoladamente. Elas decidem a partir de uma rede de consultas ao seu grupo de referência. Avançando na pesquisa, descobriu-se que a *realidade* é aquela convalidada pelo grupo: a realidade é validada pelo consenso. Isso quer dizer também que o consenso tem o poder de agregar consistência, *plausibilidade* e verdade a uma ideia.

Essa descoberta é importante para nossas considerações porque a televisão tem o poder de penetrar em nossos lares e, ao tempo em que nos isola uns dos outros, cria um ambiente, uma realidade virtual, um mundo no qual nos encontramos e onde projetamos nossos desejos, anseios, ansiedades. Esse mundo raramente é o nosso mundo; é um mundo artificial dentro do qual somos lançados, dentro do qual nos deixamos lançar. De certa forma, a bem da justiça, isso começou com os romances, difundidos em livros. Mas eles nunca tiveram o poder de validação consensual da mídia eletrônica. Não é preciso ser um grande teórico para perceber que aquele mundo contamina o nosso. E na confusão desses mundos, passamos a viver, em boa parte, naquele mundo. E na confusão

dessas realidades, temos a tendência de viver aquela realidade. Para os desafortunados, oprimidos, pobres, trabalhadores das periferias e dos sertões, aquela realidade é muito mais desejável e atraente. Daí para ser entendido e percebido como o verdadeiro mundo, é uma questão de persuasão.

Aquele mundo se estabelece sobre padrões, valores, ideais etc., que nem sempre coincidem com aqueles da Igreja. Mas aqueles valores são *validados* em níveis nacionais, de forma que, no dia seguinte, quando nos encontramos, nossa conversa é praticamente *mediada* por temas, assuntos, propostas, critérios, ideais, imaginários etc. Ou seja, numa sociedade de massa, até a temática das conversas da Igreja são, de certa forma, determinadas pela mídia eletrônica.

O que a mídia pede ou requer de seus espectadores? Apenas uma coisa: que *não desligue*. Parece simples? É o processo da *anuência*. Anuir significa consentir, e de certa forma, permitir. Com o passar do tempo, surgem os processos de identificação. "Logo logo você estará pensando e sentindo como nós."

Apenas um exemplo típico de como isso acontece: Lembra-se da *Escolinha do Professor Raimundo*, com o comediante Chico Anísio? Um programa humorístico que se ambientava numa sala de aula onde todos os alunos tinham sua caracterização, seu papel, suas graças. Trata-se de um programa extremamente divertido e alegre. Aquele ambiente de escola é um ambiente de *nomos*; é um mundo, um pequeno mundo sendo recriado. É um mundo alegre, colorido, engraçado e descomprometido com a dura realidade do dia-a-dia. Gostoso, enfim. Cabe perguntar, no entanto: quais são os padrões, quais são os valores, ideais, quais são os critérios de relacionamento e moralidade imperantes naquele mundo? Quais são os valores *normais* naquele mundo? E a resposta, sem medo de errar e de ser

piegas, é a seguinte: vigoram a canalhice e a *tara*, como padrão, como símbolo do cômico, do engraçado.

Vale dizer que só é realmente engraçado, de fina inteligência e interessante, aquilo que se refira, direta ou indiretamente, a alguma aberração — preferencialmente de natureza sexual. Engraçado, mesmo, é o Costinha, que se caracteriza por uma fixação fálica com um microfone; é o "Seu Peru", um homossexual desmunhecado que desenvolveu o interessante *slogan*: "use-me e abuse-me teacher". Engraçado é a aluna semidespida, cuja única participação na aula é ir ao quadro, a mando do professor de caráter duvidoso (ele é humano, e aí está a graça) e incentivada por alunos ávidos, para mostrar o bumbum remexendo enquanto apaga o quadro.

Perguntamos: quem tem coragem, entre os crentes, de dizer que esse programa é indecente? Que camufla a tara sob o humorístico? Que propõe um mundo para habitarmos (ainda que, aparentemente, como uma breve fuga da dura realidade), onde o *anormal* se torna o *nomos*? Acabamos, com o tempo, achando tudo muito normal. Quando isso acontece, o *nomos* desse mundo já é, em grande parte, o nosso *nomos*. Isso quer dizer que já vemos o mundo a partir de padrões do mundo.

NOMOS, MUNDO, CULTURA E COMUNICAÇÃO

Bem, já é hora de começar a ligar esta conversa com o restante de nossa discussão sobre modernidade. Falamos sobre *nomos*, que é a ordem do universo, apreendida por nós e convencionada entre nós; a explicação da realidade; os conjuntos de explicações que recebemos por herança e que absorvemos pelo processo de socialização.

Falamos sobre *mundo dos homens*, mundo da cultura, que é o ambiente em que o homem vive, que é o ambiente criado por essa ordem, esse *nomos*. Falamos, finalmente, no processo comunicativo, no processo persuasivo, dizendo que ele tem o componente de modificação do mundo; por meio da *renomeação*, recriação e reapropriação do *nomos*.

Os mundos dos homens são, portanto, conjuntos de explicações, de ordenamentos, de hierarquizações, de estruturas comparativas, valorativas e afetivas que ele mesmo, em conjunto com seus semelhantes, cria[4], para poder explicar sua existência, sua biografia, sua identidade presente, seu trabalho, suas relações, sua vida, enfim.

É por isso que podemos dizer que vivemos em vários mundos; que criamos mundos para nós a partir das sociedades em que vivemos. Talvez, com essa compreensão, não seja incorreto dizer que haja o mundo das crianças — formado pela linguagem, pela psiquê, pelas explicações, pela sociedade infantil —, o mundo dos negócios, o mundo religioso, o mundo das mulheres, o mundo dos ricos e o dos pobres, e assim por diante. São mundos diferentes e, em certos casos, em conflito. São mundos de consciência, dentro dos quais a realidade é vivenciada, compreendida e explicada de uma forma peculiar e própria. Tecnicamente, são chamados de subculturas.

Talvez nos seja possível, agora, perceber a dimensão do fenômeno da comunicação de massa, enquanto uma gigantesca agência[5] de recriação desse *nomos*, principalmente quando é controlada por alguns poucos mortais como você e eu.

O FATOR “IBOPE”

A lógica do mercado sobre a arte, a moral ou a religião produz o "efeito ibope". Só existem, só têm validade, só são dignas de consideração, se "dão ibope", ou seja, se há quem as consuma. Se há consumidores, e se isso "vende", até um pai de família, por exemplo, como o Sílvio Santos, é capaz de adotar uma linguagem dúbia, ridiculamente maliciosa e grotescamente obscena, como sinal de humor inteligente, e empurrá-la, goela abaixo, aos milhares de lares que o sintonizam num domingo à tarde, horário predominante do público infantil. A "opinião pública" é sua consciência. Todos se curvam a essa nova forma de poder, da qual a mídia é, ao mesmo tempo, vassala, algoz e vítima.

Dessa forma, o *belo*, como, por exemplo, uma obra de arte, passa a ser julgado por outros critérios, que se sobrepõem aos critérios técnicos, da estética, significado etc.: "precisa dar ibope". Uma música bonita, para um adolescente, passa a ser aquela que todo mundo está cantando. Não importa se fala de suicídio, se vai mandar todo mundo para o inferno, se manda "segurar o *tchan*" ou se vai "testar o sexo de uma garota com ar de professor". A atitude mais correta, mais nobre, diante de uma dada situação não é mais aquela recebida da herança cultural, mas a que todo mundo faz (ou a que todo mundo diz que faz; ou melhor ainda, que a mídia diz que todo mundo faz). Parêntesis: esse mesmo professor de sexo, de acordo com pesquisas recentes, procura uma virgem para casamento. Pode? William O'Neil, em seu livro a respeito da década de 60, apropriadamente intitulado *Coming apart* (Desmontando), descreveu a mudança na área da moral e da arte desta maneira:

> Pessoas cultas costumavam sentir que havia uma linha nítida entre alta cultura e cultura popular... Na década de 60 essa fé descomplicada, já forçada além dos limites, entrou em colapso. A inabilidade de distinguir entre arte e divertimento que resultou foi um dos dois mais importantes fatos culturais da década de 60. O outro foi o

> crescimento do que se tornou conhecido como contracultura. Estava relacionado com o primeiro no ponto em que padrões críticos precisavam se tornar indistintos se o que a contracultura fazia era para ser chamado de arte. E, como moralidade seguia arte, os velhos valores morais tinham de ceder se os novos padrões haviam de ser chamados virtuosos.[6]

Até o Estado é subjugado por esse critério de validade. Por exemplo, as leis produzidas pelo Poder Legislativo deveriam conter em si mesmas a marca da legitimidade e compulsoriedade, dado o processo democrático e representativo de sua elaboração. Mas não "pegarão", se não "derem ibope". O Judiciário, que arrasta um processo por até dez anos, se tiver o público no seu encalço, é capaz de abreviar o processo para alguns meses. E seu veredito também pode ser conduzido pela imprensa.

Mesmo o impedimento de um presidente, independentemente do que tenha feito, terá seus desfechos determinados pelo efeito "ibope". Ele cairá ou não, dependendo do que aprouver ao Dr. Roberto Marinho: falar ou calar[7]. É bom deixar claro que não creio no "monopólio" da Globo. Somos nós que escolhemos assisti-la, mesmo podendo desligar ou mudar de canal a qualquer momento. E se, por algum motivo, ninguém mais assistir à TV Globo, ela vira uma abóbora. "A Globo é uma escolha nossa e é daí que vem o seu poder — isso deve nos servir para desvendar não a Globo, mas o povo que a escolheu."[8]

Assim, surge em cena um novo personagem, uma entidade moderna, chamada "opinião pública". Personagem criado pela mídia e controlado por ela, a opinião pública, na maioria das vezes, não tem opinião nem é pública. Mas, por meio de algumas entrevistas, a mídia é capaz de criar uma impressão de consenso sobre o que desejar. Daí, ter-se tornado no que se convencionou chamar de "*quarto poder do Estado*". Esse poder tenta, hoje em dia, assumir o

controle sobre os demais, elegendo e demovendo pessoas nos outros três poderes, por meio da manipulação da opinião pública.

No entanto, se observarmos bem essa "opinião pública", veremos que ela veste a "roupa nova do rei": já nos referimos ao programa *Você decide*, no qual o público foi chamado a decidir se uma pessoa que achou uma maleta contendo cem mil dólares deveria devolvê-la ao orfanato, a quem acabou-se descobrindo que pertencia. O veredito foi que a pessoa deveria ficar com ela. Interessante notar que a canalhice resultante daquela pesquisa foi um somatório de milhares de posições privadas, tornadas públicas pela televisão. O que se poderia esperar de uma sociedade hedonista, individualista, privada e totalmente desprovida de referenciais permanentes? Cada um quer levar vantagem. Estamos longe do *Dossel sagrado* de Peter Berger. Isso também se chama secularização.

Deus nos livre e guarde dessa "opinião pública".

---

[1] "Os cristãos não estão isentos das influências niveladoras da comunicação de massa. Tabus são quebrados e posições tradicionais desafiadas à medida que informações acuradas sobre outras confissões e religiões invadam o amálgama da ignorância, preconceito e temor. Numa sociedade pluralista, que os meios de comunicação ajudam a criar e manter, foi possível aos homens romper os limites do "milieu" cultural e religioso, antes inquestionável". Relatório do Conselho Mundial de Igrejas, parte *A Igreja e os meios de comunicação de massa*, Upsula, 1968. ↩

[2] Já mencionamos o tratado de Sociologia do Conhecimento, de autoria de Peter Berger e Thomas Luckmann, intitulado *A construção social da realidade*. ↩

[3] Verdade não é critério único. Há outros elementos que nos levam a adotar como verdadeira uma ideia. Veremos isso adiante. ↩

[4] Peço perdão pela pobreza da síntese. ↩

[5] Para o termo "gigantesca" não ficar no ar, lá vai uma estatística: 90% dos lares brasileiros têm pelo menos um aparelho de televisão, que é assistido, em média, 5 horas por dia. Há

mais televisores no Brasil do que geladeiras. Ver a respeito, BROSE, Reinaldo. *Cristãos usando os meios de comunicação social*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 22. ↩

[6] Citado por MYERS, Kenneth A., op. cit. ↩

[7] Ver, a respeito, HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. 14. ed. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1991. ↩

[8] DIEGUES, Carlos. op. cit. p. 53. ↩

7.

SOLUÇÕES?

Usamos, anteriormente, a figura da madeira que precisa aprender a nadar para boiar, tentando com isso significar que a Igreja de nosso tempo precisa buscar deliberadamente caminhos para uma vida em comunidade. Na verdade, ela precisa buscar alternativas de contracultura. Ela precisa querer. Somente assim oferecerá ao homem moderno respostas redentivas de Deus e propostas concretas de vida abundante.

É momento de reconhecermos que o que se segue tem tudo para ser precário, provisório, incompleto e, até mesmo, em alguns casos, equivocado. Isso porque a resposta precisa ser dada comunitariamente. É coisa para quem busca em grupo, em oração. É tema para reflexão conjunta e demorada; depende desesperadamente da ação do Espírito Santo no seio de uma determinada comunidade. No entanto, atrevemo-nos a apresentar algumas reflexões, que retratam conversas em sala de aula, em Conselho de Igreja, em palestras etc. Talvez tenham, pelo menos, o valor de mostrar que há caminhos a percorrer.

O que buscamos, diga-se logo de início, não é um retorno à Cabo Verde provincial. Além de não ser possível, conflita com a missão da Igreja. O saudosismo[1] não resolve. Pelo menos é a nossa opinião[2]. Não nos iludamos: há muitas propostas interessantes sendo levadas a efeito em vários lugares do mundo, nesse sentido sectário. Grosseiramente resumindo, trata-se de romper com o mundo — seccioná-lo em partes — e retirar-se dele. Trata-se, enfim, de renegar a modernidade mergulhando fundo no "privado". Trata-se, enfim, de dar uma olhada em Canaã e voltar para o deserto (quem sabe, para o Egito). Os Amish, nos Estados Unidos, são um bom exemplo. Jim Jones também tentou. Não é incomum encontrar um irmão propondo a formação de um condomínio fechado, em zona rural, onde poderíamos ser autossuficientes e ensinar nossos filhos; plantar, criar gado, galinhas, e...

Sim, as seitas são uma forma de resposta. Mas como ser sal e luz desse jeito? Como estar no mundo, ser enviado ao mundo, retirando-se dele? Como ser Igreja desse jeito, se Jesus nos afirma que "assim como o Pai me enviou, eu vos envio a vós", e esse "assim como" implicou abrir mão da sua glória para nascer entre nós? Como ser Igreja se não houver cristãos trabalhando nas grandes redes de televisão, nas prefeituras dos conchavos, nas presidências das repúblicas, nos parlamentos, nos ministérios, nos centros de decisão? Se a Igreja se retirar do mundo, acontecem duas coisas: (1) Satanás toma conta, porque o processo de reconciliação iniciado por Cristo e do qual somos ministros é abortado; (2) a Igreja deixa de ser Igreja, porque renega sua própria identidade de colaboradora de Deus[3].

Lembra-se de que falamos em Canaã como promessa de Deus? Não se trata, portanto, de voltar para a assepsia do deserto, nem mesmo de retroceder para o Egito. Canaã 2000 é nossa, por direito

de primogenitura. Não a trocamos por um prato de lentilhas esotéricas nem por medo de ser feliz. Nossa missão é possuir e viver "na boa terra que o Senhor nosso Deus nos dá". Preservando, no entanto, com toda a diligência, nossa história, nossos valores, nossas crenças e nossa conduta. Enfim, nossa identidade de povo de Deus.

Na verdade, é mais fácil falar do que fazer, porque sempre será necessário algum sectarismo, algum corte, alguma separação. É a tensão do *estar* no mundo sem *ser* do mundo. Talvez o limite da separação seja o critério da utilidade. Se nos "identificamos" demais, tornamo-nos inúteis, pois perdemos a capacidade de ajudar; se nos "identificamos" de menos, ficamos tão distantes que nos tornamos inúteis, mais uma vez, por não compreendermos adequadamente seus problemas, suas dificuldades, suas dores, sua perdição. Neste último caso, inúteis e desobedientes.

Se nos resta a alternativa de estar no mundo e não ser do mundo; de viver no mundo sem sermos contaminados por ele; de nos fazer, em muitos casos, peregrinos e estrangeiros, no sentido de não nos darmos o prazer de absorver inteiramente seu *nomos* para nos sentirmos completamente à vontade na sociedade em que vivemos; se nos resta sonhar com o conforto do útero materno numa pátria além, então, pelo menos, haveremos de apresentar a esse mundo uma amostra dessas coisas com as quais qualquer ser humano sonha, pela manifestação inequívoca do reino de Deus entre nós.

Quero dizer com isso que podemos manter a figura do estrangeiro, acrescentando a *metáfora da embaixada*. Sejamos embaixadores de Cristo: "De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio" (2Co 5.20).

A ideia é mostrar, por meio de um estilo de vida social, de uma forma peculiar e nítida de identidade, que há alternativas divinas para a vida que se vive aqui; que é possível viver em comunidade;

que é possível o amor verdadeiro; que é possível o calor, a solidariedade, a intimidade, o aconchego, a liberdade, o desarmamento das vidas; que há alegrias insuspeitas na solidariedade; em não ser dono exclusivo de si mesmo, mas pertencer a outrem; que há prazeres perdidos em um sistema no qual se dá satisfação das coisas mais íntimas; e que não precisamos mais viver uma vida isolada e desolada; podemos, aqui e agora, viver uma vida em família, no sentido verdadeiro do termo. E que esta embaixada oferece asilo político 24 horas por dia. Prospectos, folhetos ilustrativos, documentos, folclore, cultura, costumes, legislação, tudo sobre essa nossa pátria distante está disponível em nossa sede ou em nossos consulados (os lares) para quem interessar.

Como se pode notar, a parte do *marketing* já está montada. Agora, falta o mais importante: trabalhar essa igreja, para que ela não seja absorvida pelos costumes do país onde foi plantada e possa dar esse testemunho do Cordeiro.

ICABODE

Há duas forças geradoras de energia para tornar esse projeto, essa *resposta da Igreja à modernidade*, possível e viável. A primeira é o próprio Espírito de Deus, sem o qual nossas forças nada valem, nosso esforço é vão e ridículo. Isso quer dizer que há coisas pelas quais só nos cabe esperar, suplicar, buscar. Ele age como quer e quando quer, conforme seus desígnios e propósitos.

A segunda é a disposição do homem em se humilhar diante desse Deus, recolher-se em contrição e arrependimento, e dispor-se a pagar o preço da estrangeirice, do desconforto, da autonegação, da ovelha de matadouro e da cruz de cada dia. Se há algum fundamento

no que vimos dizendo do homem moderno até aqui, essa disposição lhe será muito estranha: será contrária ou incompatível com muito do que entende por ideal de vida. Dessa forma, um coração disposto e desejoso de prosseguir em tais caminhos pode, com certeza, ser visto como tendo sido trabalhado pelo próprio Deus.

Vivemos um tempo de desobediência, como nos tempos de Eli em relação aos seus filhos. Não necessariamente por uma rebelião deliberada, mas por afrouxamento dos padrões, por falta de zelo com a Palavra de Deus. Exatamente como aconteceu com ele, até que caísse para trás, com a notícia da tomada da Arca da Aliança. Vale a pena notar que até mesmo a rebelião moderna é diferente: ela não se mostra feia, carrancuda, angustiada, fugidia etc. Ela se dá "naturalmente", no campo ideológico, travestida de senso crítico. Basta dizer — Ah, eu não acho assim — para uma ou mais verdades bíblicas ou morais, e nada mais resta a dizer, porque a questão se transforma em "sua palavra contra a minha", sua percepção contra a minha, suas opções diferentes das minhas. Não é preciso estar fora do sistema para ser rebelde. Ao contrário, rebelião, sensualidade e esperteza (no mau sentido) são os valores máximos deste sistema. Veja o anúncio de um *show* qualquer: Fulano de tal "mostrará todo o seu charme numa noite de irreverência picante e grande sensualidade". Ou então, um *show* de *rock*: "Não perca, ele é um rebelde".

Numa palavra, vivemos novos tempos de *barbárie*. Uma barbárie que se oferece para ser consentida e compreendida; adornada pelas cores do consumo e do mercado, que veem no fenômeno grandes oportunidades de lucros. Vivemos tempos de *hordas*, de arrastões nas praias e nas ruas, de *Skin heads*, de quadrilhas de bairros, de torcidas organizadas de futebol transformadas em vândalos dispostos a quebrar tudo no caso de perderem; de "Novos bárbaros",

“Ratos de porão” e outros modelos comportamentais, nos palcos; tempos dos “*Rock* in sua cidade” (com sua interessantíssima fórmula musical: quando tudo o mais falhar, abaixe as calças e mostre o bumbum para a plateia; ela vai delirar), de adolescentes grafiteiros emporcalhando os monumentos sem bem saberem o porquê; de traficantes criando estados dentro do Estado, e transformando cadeias de segurança máxima em seus QG’s; de bandidos verdadeiros tendo de se esforçar para não serem confundidos com a polícia (afinal, têm de preservar sua imagem profissional) nem permitir que ela lhes tome sua “fatia de mercado”; de políticos que insistem em transformar seus cargos em lucrativas fontes de renda, pela venda de votos e de “lealdades”, sem falar nas costumeiras intermediações de verbas.

Às vezes somos tentados a imaginar que essas coisas todas nada têm que ver com a Igreja. Mas nosso alerta é exatamente no sentido contrário. Aos poucos, vamos incorporando essa ou aquela atitude sem perceber. Tornamo-nos cínicos, para podermos sobreviver; agressivos no trânsito; compramos nossas armas (apenas para esporte e segurança), consentimos, por falta de diálogo ou medo de magoar nossos jovens (e perder importante fatia do mercado evangélico), com um *rock* irracional e violento no louvor[4], e assim por diante.

Talvez, então, nossa primeira ação seja no sentido de buscar o desvio, voltar ao antigo caminho. Não estou, ainda, propondo nada, a não ser uma atitude de confissão e arrependimento diante de Deus. Tivesse Eli ouvido a palavra de Deus, de diversas formas proferida a respeito de seus filhos, *Icabode* não teria sido seu neto órfão (1Sm 4.21).

Talvez seja tempo, para muitos, de parar de correr; tempo de restringir as inúmeras atividades, as campanhas frenéticas, os

compromissos inadiáveis e a agenda superlotada, para considerar a natureza das relações que temos estabelecido e mantido; o tipo de comunidade que temos construído, o meio social no qual temos criado nossos filhos e o legado que temos preparado para eles. De que nos adianta ganhar o mundo inteiro, se perdermos a nossa alma? De que adianta evangelizarmos nossa cidade toda, se perdermos nossa família por falta de presença, atenção, carinho? De que adianta mantermo-nos fiéis no dízimo, se nosso coração dói a cada vez que fazemos o depósito? De que adianta darmos nosso corpo para ser queimado, se não tivermos amor? Você pode argumentar: precisamos de umas sem esquecer as outras coisas. E eu digo: amém. Mas tem sido essa a nossa realidade?

Talvez seja tempo de parar de *fazer* coisas — até de evangelizar, quem sabe. Talvez seja tempo de parar de cantar no coro, fazer culto ao ar livre, preparar aulas, cursos, palestras, encontros e tantos compromissos que compõem a vida eclesiástica de um cristão ativo. Talvez seja hora de "sacrificar" até o que consideramos ser nossa missão central para olharmos para nossa família, nossa igreja. Talvez seja hora de apenas estar com elas; conversar com seus membros; encontrar caminhos de abertura de coração, dizer o que pensa e ouvir também; olhar nos olhos e dizer quem você é, falar dos seus problemas, das suas angústias, da sua humanidade. Talvez seja tempo de confissão, naquele sentido mais amplo a que nos referimos. Talvez seja tempo de afetividade — você ainda sente prazer em estar com familiares e irmãos? Talvez seja tempo de aprender com Eli. Para que não venhamos a dar ao nosso filho — natural ou da fé — o nome de Icabode: "foi-se a glória do Senhor"[5].

O PÃO E O VINHO COMO AGENDA

Perplexidade pode não ser uma palavra apropriada para descrever nossos sentimentos do momento. Mas não basta disposição. É preciso saber o que fazer e como fazer.

O que fazer para ser — eis a questão. E essa é a parte mais difícil da nossa caminhada, porque não existem respostas prontas. Elas precisam ser construídas. Não podemos cair na armadilha do "sonho do casamento", no qual a cerimônia nupcial coroa toda uma expectativa e é vista como a realização do sonho. Na verdade, é preciso entender que o casamento não pode ser comprado pronto; precisa ser construído, dia a dia. E não há casamentos iguais, embora experiências possam ser intercambiadas de forma útil. Assim também ocorrerá com este desafio: precisaremos lutar juntos. E lutar muito, para reverter o quadro.

O símbolo do pão e do vinho nos sugere, no entanto, uma agenda básica de preocupações para a igreja cristã moderna. Cremos que a resposta está onde sempre esteve, com a diferença da necessidade de busca deliberada de modos e meios de prover ao crente a plausibilidade institucional necessária ao fortalecimento de sua fé. Uma *estrutura plausível* é aquela que proporciona ao seu integrante os elementos necessários a uma identidade sólida e bem formada.

Talvez valha a pena falar um pouco sobre alguns aspectos da Aliança, simbolizada pelo pão e o cálice. Alguma coisa sobre sua natureza jurídica, seu poder conformador, sua força e seu poder transformador.

O primeiro aspecto a considerar é a natureza dessa aliança e os interesses em jogo. Quando se celebra um contrato, algumas coisas são colocadas sobre a mesa, sendo entregues em troca de outras. Como é que isso se dá no caso da Aliança entre Deus e os homens? Trata-se, evidentemente, de uma aliança de amor, na qual Deus oferece vida, no sentido mais amplo do termo, e o homem oferece

sua vida, no sentido mais amplo. Numa aliança de amor, não é compreensível que coisas sejam sonegadas, deixadas de fora. Deus nos oferece tudo, até mesmo o que lhe é mais caro: seu próprio Filho unigênito. Espera, por seu turno, em resposta, uma entrega total, sem reservas. Esse é o caráter da Aliança cujo símbolo marca os cristãos. Ser signatário dessa aliança significa compreender essa integridade de abrangência e dispor-se a ela — por amor.

Outro aspecto, decorrente deste, é que a Aliança é um comprometimento de amor. Isso quer dizer que ela se dá por amor — amor de Deus pelos homens, que espera e anseia por amor total em resposta[6] — e que o próprio conteúdo do trato é amor. É mais ou menos como dizer que, pelo fato de amar, assumo um compromisso de amor, do qual me desincumbo com todo o fervor, devoção e alegria de quem ama. Isso quer dizer também que se já não amo mais, mesmo que mantenha o compromisso, não tenho a contrapartida a oferecer de minha parte, que é o meu amor por Deus. Não é necessário ser muito versado nas Escrituras para fechar o círculo do amor, incluindo o próximo: se não amo ao meu irmão, não posso afirmar que amo a Deus (1Jo 4.12 e 20). Dessa forma, meu amor pelos irmãos é decorrência obrigatória de meu amor por Deus, e cláusula pétrea dessa Aliança.

Mais ainda, uma aliança de amor não pode ser celebrada e mantida sem que o amor seja a motivação básica, a razão primeira, o fim último da própria existência de seu celebrante. As coisas ficam tão absolutas e absorventes porque se trata de uma aliança peculiar: uma aliança de amor. E o amor é absolutizante; ele usa todas as energias, esgota todas as vias, encontra os meios, encontra as forças. Estou dizendo com isso que o amor é mais que o gesto, o ato, a boa ação, a dádiva. O amor é a motivação, a razão, o alimento, o sustento: “O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se

ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1Co 13.4-7).

Lembro-me de quando disseram de um candidato a presidente da República que ele era "filhote da ditadura". O que se queria dizer com essa expressão desairosa? Queria-se dizer que aquela pessoa possuía o *nomos* autocrático: ela teria incorporado à sua própria vida a *ordem*, a *cosmovisão* daqueles que conceberam, implantaram e se beneficiaram da ditadura; queria dizer que aquele candidato, portanto, dificilmente deixaria de ser um ditador, se eleito. E isso nos conduz a outro aspecto da Aliança: devemos ser "filhotes da Aliança". Gerar filhotes da Aliança. Cativar os outros com a Aliança. Respirar Aliança.

Outro aspecto a considerar: o que garante um contrato celebrado entre os homens? Dado que ele seja juridicamente perfeito, celebrado voluntariamente entre vontades autônomas e conscientes etc., o que o torna imperioso, obrigatório? A resposta é simples: há um acordo social entre os homens que cria instâncias jurídicas e policiais que se sobrepõem às vontades individuais para que os contratos sejam cumpridos. Estamos falando das leis e da polícia. Mas, no caso de um contrato de amor, como compreender e onde encontrar esse poder coercitivo? No reino de Deus as coisas têm semelhanças e diferenças das coisas do reino dos homens.

Existe, é bem verdade, um juiz; aquele que haverá de julgar as questões e avaliar a fidelidade aos contratos e impor as suas penas, inclusive. Mas no caso da Aliança, há algumas diferenças importantes, pelo fato de se tratar de uma aliança de amor. A principal é que no caso de um contrato em que seu objeto e sua forma são, ao mesmo tempo, o mesmo amor, não há poder no

universo (acreditamos que o próprio Altíssimo tenha querido assim) que possa obrigar o cumprimento desse contrato. Nem mesmo Deus. Porque ele sabe que se, ao estalar os dedos, nos forçar a esse cumprimento, já não será o amor verdadeiro que receberá em troca do seu, nem será amor genuíno que presenciará entre os homens, mas um simulacro de amor; uma imitação sintética daquilo que um dia foi o cerne da imagem e semelhança[7] de sua criação.

Mas, por que estamos falando isso? Por que essa digressão sobre a Aliança? Em que afeta ela a crise que a Igreja enfrenta hoje em relação à modernidade? A resposta para esta questão está na compreensão de que o caráter comunitário da Igreja está intimamente relacionado e dependente, mesmo, dessa Aliança. O desafio comunitário da Igreja é o desafio da Aliança. O caráter sobrenatural da Aliança atribui sobrenaturalidade à comunidade "filhote" da Aliança. A Igreja é um fenômeno espiritual e sobrenatural pelo fato de ser constituída e formada a partir — e como consequência — de uma aliança concebida, proposta e celebrada por Deus.

Ora, se a modernidade se apresenta, em seus aspectos negativos, como individualismo e privacidade além das medidas; isolamento, superficialidade nas relações, indiferenças, desarraigo e solidão, então, neste sentido específico, a modernidade conspira contra a Aliança. Mas preste atenção: neste específico sentido também a Aliança é um antídoto para esse efeito deletério da modernidade. Quero dizer com isso que justamente *no pão e no cálice*, nesse símbolo tão caro ao cristianismo, residem todos os meios de graça para vivermos novamente em família, mesmo na sociedade plural dos grandes centros urbanos brasileiros. Celebrá-los, portanto, mais do que nunca, é viver. Mais do que nunca esse *corpo* alimenta e esse *sangue* lava.

As aplicações dessas compreensões à vida diária do crente e da Igreja seriam tão variadas quanto genéricas. Sempre nos defrontamos com a tentação de partir para esmiuçamentos pastorais e localizados. Ou mesmo para um ramo específico das igrejas cristãs brasileiras. Devemos resistir, no entanto, porque em vez de ajudar acaba por limitar. Restringimo-nos, portanto, a algumas poucas e incompletas ideias de condução da compreensão até aqui desenvolvida, no sentido de exemplificar, apenas. Na verdade, é chegada a hora do debate, da reflexão coletiva, da busca de compromissos, da oração, do jejum, do arrependimento, da vigília. E isso não pode ser feito num livro. É tarefa para a própria Igreja. É nela que nasce a celebração. É dessa celebração coletiva que nasce a estrutura de plausibilidade necessária à manutenção, conforto, correção e suporte às alianças pessoais e coletivas.

A FAMÍLIA ESTENDIDA

Dizíamos, ao introduzir o tema da Aliança, que uma *estrutura plausível* é aquela que proporciona ao seu integrante os elementos necessários a uma identidade sólida e bem formada. Esses elementos surgem em um passado que explica o presente e aponta para um determinado futuro. Quanto a isso, é necessário que a Igreja ocupe a lacuna deixada pela ausência da família estendida. As figuras dos pais, mães, tios, tias, irmãos, primos, avós etc. podem, ainda que num sentido limitado, ser supridas por pessoas caridosas, dispostas a assumir, como missão cristã, esse papel. Não somente em relação às crianças, mas também aos adultos. Afinal, por que nos chamamos de irmãos? Mas não basta. É preciso que se reestabeleça, entre todos os membros, a história daquela "família". Essa história passa a ser incorporada pelos seus membros como parte de sua própria

biografia. Não é incomum uma esposa contar fatos muito importantes na definição de sua identidade, que na verdade ocorreram com seu marido quando ainda não se conheciam. Por meio de *conversas significantes*, essas experiências são intercambiadas e incorporadas às biografias[8], consolidando-se como valores profundamente arraigados na personalidade do membro.

Conversas significantes, aliás, são o único meio pelo qual as experiências se transformam em "comunhão". É o processo pelo qual se cria para o indivíduo o tipo de "ordem" que faz com que suas experiências de vida tenham sentido e significado. Daí, talvez, uma boa justificação para voltarmos sempre aos mesmos temas bíblicos que constituem a base da fé: nem sempre algo novo está sendo ensinado; nem sempre se está aplicando um tema antigo a uma situação nova. Na verdade, um dos poderes dessa "verbalização" (e também do uso correto dos ritos e rituais[9]) é o de conformação das consciências e produção de uma cultura comunitária: " — essa é a nossa história; é ela que explica o que somos e por que somos assim; e sem história não somos nada".

É assim que se formam os "filhotes da Aliança": incorporando como nossos — como parte de nossa própria biografia — todos os fatos relevantes da história dessa Aliança; começando pelos pais da fé e passando pelos antepassados e irmãos mais recentes ou mesmo contemporâneos. Um dos problemas dos cultos dominicais, no entanto, é que ninguém conversa com ninguém a respeito de si próprio, a não ser para contar vantagens ou amenidades.

Sugestões: reuniões nos lares. Não para estudos bíblicos, nos quais um fica encarregado de expor as Escrituras e os demais aprendem. Nem tampouco para conversa fiada, sem sentido. Mas para contar histórias, para trocar experiências, valores que valham a pena socializar. Para buscar integração de biografias. Também para

confissão, no sentido de quem se abre, diante de Deus, e revela quem é, por meio de problemas, dificuldades existenciais, sonhos — realizados ou não —, ansiedades. Exposição da vida.

RENOVAÇÃO CONTÍNUA DA ALIANÇA

É necessário incentivar a renovação da Aliança. Refiro-me a um processo consciente de reafirmação do corpo de Cristo. Como todos os elementos que se possam trazer para este ágape. Começa-se, quem sabe, pela reafirmação da disposição de ser corpo; pela disposição de pagar o preço da comunhão. Pela disposição de afirmar — ainda que pela fé — a máxima da Aliança: "tudo o que é meu é teu". Esse processo deve estar associado à Santa Ceia, de forma que esse rito central readquira seus significados originais[10].

É necessário renovar estrategicamente nossa compreensão da Ceia, reforçando os segmentos de significado que podem nos ajudar a desenvolver uma percepção mais acurada da Aliança. Não é possível um irmão tomar dos elementos ao tempo em que nutre rixas, rancores, ressentimentos ou mesmo a moderna *indiferença* — sem a menor consciência de culpa e, portanto, sem o menor arrependimento diante de Deus e da Igreja. É preciso, mais do que nunca, restaurar a importância da comunhão como elemento afirmador da Aliança. Quem se opõe e se omite nessa área está negando a Aliança! Não é possível o ministro, a título de ser arejado e moderno, conviver com, ou admitir indefinidamente, esses elementos. Hoje em dia, eles são mais que pecados: são uma espada no coração da Igreja.

Correndo o risco de estar equivocado por precisar demais a questão, diríamos que, se tivéssemos de apontar o pior de todos esses males, escolheríamos a indiferença. Isso porque mesmo a rixa, o

rancor e a amargura indicam que ainda há vida no corpo. A indiferença, por seu lado, conquanto tenha nascido com a queda, é moderna, é pluralista, é privativista, é imobilista, é morte. Não há Aliança de amor com indiferença; não há reino de Deus com indiferença; não há Igreja de Jesus com indiferença. "Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice" (1Co 11.28). Porque aquele que come e bebe sem discernir, sem compreender a Aliança, o corpo do qual faz parte[11], come e bebe juízo para si, porque celebra uma mentira. Assevera contra Deus, nas regiões celestiais, por sua própria vida e testemunho, que sua Aliança é uma farsa e não tem nenhuma eficácia sobre os homens; mesmo sobre aqueles que o invocam. E isso tem cheiro de enxofre, para citar o Peretti.

Aí está uma via a ser trilhada. Não se pode amiudar demais as sugestões, sob pena de enveredar por caminhos muito particulares e inaplicáveis. Há necessidade de bom-senso, de oração, de reflexão conjunta, seja em Escola Dominical, seja nos lares, seja no púlpito ou mesmo em assembleia. Ficam as ideias a título de sugestão. Prossigamos.

O CASAMENTO E A ALIANÇA

Os rituais de casamento têm grande poder de elucidação e sedimentação dos conteúdos da Aliança. São uma pequena aliança dentro da Aliança. São uma representação, uma celebração, um testemunho da grande aliança[12]. Deliberadamente conduzidos, esses rituais podem contribuir para o estabelecimento de uma nova ordem (*nomos*, lembra?). Nova, todavia tão antiga quanto o cristianismo. Todo o processo de namoro e noivado pode trazer riquíssimos conteúdos a serem celebrados, compartidos, socializados, "comun-

icados", a partir da perspectiva da Aliança. A transmissão do mistério de Cristo e a Igreja (Ef 5.32) deve dar-se via celebração: deve ser dramatizado, então, antes do altar. Sugiro rever-se a questão dos padrinhos — que hoje só servem para comer bolo no dia do casamento —, que podem voltar a ser "pais" dessa nova entidade que está sendo cultivada, tornando-se, por via da Aliança, co-responsáveis por ela. "Co-responsáveis" quer dizer — sem subterfúgios — ascendência, participação e, até mesmo, interferência no namoro, como acontecia em Cabo Verde. Reveja-se a figura das testemunhas, que hoje não testemunham nada, nem têm poder de intervir em nada naquela nova família. Nos tempos de hoje, isso somente será aceitável se encontrar unanimidade, ou seja, uma *estrutura plausível* que sustente valores convencionados e construídos por aquele grupo. Daí a necessidade de muita conversa significante sobre esses temas também, de forma a se obter esse tipo de comunhão. Estrutura de plausibilidade (vale a pena relembrar) é aquela resultante de um conjunto de papéis e comportamentos adotados e aceitos por uma maioria importante. Tem de ser vivida para depois ser legada. Não espere de seu filho o que não vale mais para você. Terei ouvido a palavra "visionário"?

Para encerrar — sem encerrar — o assunto do casamento: por que não criar ou reativar os cursos de padrinhos, tanto para batizados quanto para casamentos? Ali seriam expostos, problematizados, refletidos e discutidos os pressupostos e significados, bem como as expectativas sobre o papel do padrinho e da madrinha. Ali seriam ajustados os *termos* daquele segmento da Aliança.

SUBMISSÃO E ALIANÇA

Devemos buscar mecanismos de conversa e vivência sobre outros temas correlatos, associados à celebração da Aliança. Por exemplo, sobre a compreensão do significado bíblico de *submissão*[13]. Sem o desenvolvimento maduro de temas como este, aquelas sugestões sobre casamento se tornam risíveis. É importante tornar claro que essa submissão provém unicamente de um amor consciente e abnegado, que é capaz de gestos unilaterais, como o de Cristo. Jamais da força, seja ela física, econômica, intimidatória etc.

Este é um legado precioso do cristianismo: no reino de Deus não se mede autoridade pela força, nem pelos músculos, nem pelo tamanho.

ALIANÇA E SEMIORFANDADE

Há certas realidades contra as quais não é possível — e quem sabe nem desejável — lutar. Uma delas é o fenômeno do trabalho feminino fora do lar. Ao que parece, é algo que veio para ficar e que tem produzido uma sociedade mais madura e equilibrada, pois a mulher se alforriou de uma escravidão milenar. Essa alforria tem mudado sua estrutura psicológica, sua sexualidade[14], sua visão do mundo e do homem. Independente, ela agora pode exigir satisfação, dignidade, liberdade etc. Mas e as crianças? Vão para as creches, escolinhas ou ficam com alguma amiga ou babá contratada.

Já comentamos os efeitos dessa semiorfandade. No entanto, algumas linhas de solução podem ser pensadas. A primeira poderia passar pela época em que a mulher entra no mercado de trabalho. Sabemos que nem sempre há possibilidade de escolha, mas havendo, ela poderia aguardar a criança chegar aos 5 ou 6 anos, quando boa parte de sua formação já está encaminhada.

Outra alternativa é que ela trabalhe meio expediente, ficando com a criança maior parte do tempo. Isso poderá exigir algum sacrifício profissional. Mas pode ser feito, em muitos casos.

Uma terceira alternativa é que ambos os pais se cotizem no cuidado dos filhos. Se eles conseguissem empregos de 6 horas corridas, em horários alternados, as crianças sempre estariam com um deles, sem que a mulher tenha de sacrificar sua carreira. Isso é possível em muitas profissões, tais como bancários e profissionais liberais e algumas categorias de funcionalismo público.

Com a modernidade, surge uma quarta alternativa: a do trabalho em casa. A pessoa presta diversos tipos de serviços no próprio lar, desde pareceres jurídicos, econômicos, auditoriais, de contabilidade etc., até serviços de computação, ligando-se por *modem* ao escritório central. Isso sem falar no comércio e pequenas indústrias, que já podem obter alvarás em casas e apartamentos.

Uma última sugestão: quando nada mais deu certo, que a criança seja deixada em uma creche da Igreja. Quantas mães não gostariam do emprego de Joquebede, mãe de Moisés? Além de poderem cuidar de seus filhos, cuidariam dos filhos de suas irmãs. Seria uma verdadeira tia. Ali a criança poderia, de alguma forma, ser criada dentro de um imaginário e de valores mais ou menos uniformes e partilhados pelo grupo.

Essas propostas têm ligação com a Aliança porque todas exigem vontade, sacrifício, abnegação. Celebrar uma aliança implica abrir mão de direitos para adquirir direitos sobre aquilo a que não se tem direito.

Ainda dentro do tema da Aliança, muitos outros conjuntos de significados poderiam ser trabalhados, no sentido de sedimentar no crente moderno a mente de Cristo. Citamos alguns: a) *o tema da indissolubilidade da aliança*, em que se poderá buscar, a partir da

compreensão do caráter de fidelidade do próprio Deus, incorporar os valores relacionados à permanência, estabilidade, fidelidade, fidedignidade, paciência etc., além de ideário relacionado à *construção* de um relacionamento duradouro, baseado na consciência e no desejo de viver em família; b) *o tema do amor que se dá*, no qual, a partir da reflexão e vivência sobre o exemplo de Cristo, poder-se-á incorporar segmentos de significado relacionados ao amor sacrificial e ao espírito de serviço anônimo e humilde; c) *o tema da identificação*, como o gesto de assumir a identidade do outro, compreendendo-se como a única forma de verdadeira solidariedade; d) *o tema do encurtamento de distâncias*, pelo qual nosso Senhor não abriu um buraco no céu para nos anunciar sua vontade, mas encurtou a distância, mediante a encarnação; e) *o tema do companheirismo* (*cum panis*), que nos leva a "sentar à mesa" com nossos irmãos, num rito de compromisso, horizontalização, proximidade e solidariedade; f) *o tema do amigo que dá satisfação do que faz* ("já não vos chamo servos..."), pelo qual desenvolvemos conteúdos da aliança, aprendendo a abrir nossas vidas aos irmãos, em confissão e conversas significantes; g) *o tema da comunidade alternativa* (sobrenatural), em que se colocam as responsabilidades do título de cristão, e se estimulam as reflexões sobre o significado dos propósitos de Deus para sua família, de quem todo o corpo toma o nome, e da preocupação de Jesus com o testemunho, nas expressões do Evangelho segundo João: para que o mundo creia; para que o mundo saiba.

A ALIANÇA E A MÍDIA

Gostaríamos de concluir com algumas sugestões sobre como a Igreja poderia enfrentar esse fenômeno moderno que ameaça minar suas

bases: os *meios de comunicação de massa*. Essas sugestões de ações e reações podem dar-se em diversos âmbitos da organização social. Podem começar pelo âmbito individual, de quem está, por exemplo, diante de um aparelho de televisão, ou de um prospecto de teatro, de uma banca de jornais etc. O segundo âmbito seria o da família, que envolve a ação junto aos filhos menores, quanto ao que comprar, em termos de literatura, horário de televisão, tipos de programas, conscientização etc. O terceiro âmbito seria o da Igreja, envolvendo ações voltadas tanto para seus membros, de natureza conscientizadora, quanto para fora, ou seja, ação política, no sentido de influir nos processos de formação das programações, horários apropriados, concessões de canais, cartazes em bancas etc. Mas vamos por partes.

Ação no âmbito pessoal. Esse é o nível do consumidor. Esse é o alvo predileto dos meios de comunicação. Na verdade, apesar de conhecerem a teoria da validação consensual, e utilizá-la a rodo, os meios de comunicação buscam sempre o indivíduo em sua solidão. É ele quem compra; é sua cabeça que precisa ser feita ou desfeita, ou mesmo refeita. Em última instância, é ele quem precisa anuir, achar normal, buscar ser normal e absorver essa nova definição do *nomos*, do mundo.

Esse alvo, isolado de seus referenciais, é frágil e desprotegido, pois podemos recriar um ambiente social "válido" para ele. Em grupo, em um meio forte, com laços fortes, com estruturas plausíveis, com valores bem definidos, ele se torna também forte. Um indivíduo forte é um indivíduo com princípios. A partir desses princípios, mantidos e reforçados pelo grupo ao qual pertence e no qual se sente em casa, essa pessoa é capaz de julgar as propostas que lhe cheguem à consciência.

Portanto, a Aliança nos faz fortes contra os efeitos esfaceladores da modernidade, e nos faz resistentes ao efeito pulverizador da mídia moderna. Digo pulverizador porque essa é uma de suas principais características: separar e pulverizar. Separar, para lançar o caos, a anomia (reveja este ponto, anteriormente descrito). Pulverizar, porque não interessa à indústria, ao mercado, um indivíduo com convicções, valores e princípios sólidos. Este é um mau consumidor. Uma vez moralmente invertebrado, triturado em sua consciência, incapaz de administrar os diversos elos de lealdade aos grupos a que pertence, ele é capaz de gestos muito mais volúveis. Consumistas. Ele é um bom cidadão.

Individualmente, o cristão deve desenvolver sua capacidade crítica em relação aos meios de comunicação. Deve se perguntar se poderia ler esta revista, ver este filme, assistir a esta novela etc. em companhia de Jesus. Deve se perguntar se o Espírito Santo o acompanha em sua programação de lazer, qualquer que seja. Caso contrário, utilize-se da própria lógica do mercado para manifestar sua solitária profissão de fé: desligue, mude de canal, não compre, não vá àquele teatro, não compre ou assine aquele tipo de revista etc. Essa é a pena capital para qualquer produto no mercado, seja um programa, um sabonete, uma revista ou um canal de televisão.

Você poderá dizer: mas eu sou um só; que diferença faz? Todo mundo... E eu lhe respondo como ouvia minha mãe me responder, quando criança: "você não é todo mundo". Você foi comprado por preço — ou não foi?

Ação no âmbito familiar. Este nível confunde ações de nível pessoal e familiar. Aliás, é impossível, a não ser para efeitos didáticos, separar todos esses níveis. A primeira preocupação é com as crianças e o efeito "babá eletrônica". Sabendo do efeito *normalizador* da televisão, é necessário muito cuidado com a

programação das crianças. Não se deve confiar no horário, considerado infantil. Na verdade, a meu ver, elas nunca deveriam ser deixadas sozinhas diante da televisão, a não ser que você já tenha visto aquele programa e seus intervalos. Uma boa alternativa são as programações gravadas e editadas em video cassete. Ou fitas apropriadas alugadas. Mais que isso, é preciso desenvolver senso crítico cristão, que anterior-mente chamamos de "mente de Cristo", também em relação a esse aspecto. De nada adianta escolher a programação, se não se é capaz de discernir a vontade de Deus em relação a ela. Conheço irmãos que não veem nada de mais em deixar seus filhos de 6 a 10 anos assistirem à *Escolinha do Professor Raimundo* (dá licença?).

A família tem a escolha de não ter televisão. Muitos servos de Deus têm recomendado e adotado essa atitude drástica[15]. Particularmente, acho que, a não ser em casos de convicção pessoal específica, não é a melhor atitude. Isso porque a opção monástica — afastar-se do mundo para não ser contaminado por ele — nunca funcionou bem. Entendo que o melhor seria criar uma geração capaz de discernir o que deve e o que não deve consumir. Nesse sentido, recomendaria que jamais uma criança assistisse televisão sozinha. Ao contrário, ela deveria, acompanhada por seus pais ou responsáveis, ser ensinada a criticar e compreender o que vê, lê, assiste etc. A publicidade precisa ser criticada, naquilo que apela para processos imitativos, persuasivos, de validação consensual etc. Com isso, forma-se um adulto que pode estar no mundo sem ser dele. Caso contrário, no dia em que a tutela acabar, e as proibições já não forem possíveis, teremos um jovem ou adulto totalmente indefeso diante da mídia.

Melhor que viver numa bolha antibacteriana é ajudar a criar os anticorpos adequados. Sarampo é melhor curado quando em criança.

Por outro lado, imaginar que a criança ou adolescente desenvolverá suas defesas sozinho é pecado de irresponsabilidade.

Ação no âmbito eclesiástico. Mas onde a família irá buscar os recursos para desenvolver essa capacidade crítica? A resposta, mais uma vez, recai sobre a Igreja. Ali se encontrarão os profissionais, os pastores, os mestres, os agentes sociais que poderão ajudar[16]. Uma palavra de alerta: nossa experiência nos tem ensinado que essa pergunta conduz, boa parte das vezes, a uma questão falsa. Ela pretende retirar a responsabilidade de sobre os ombros dos pais, e lançá-la sobre a falta de conhecimento e formação. Temos visto que esse é o menor dos problemas. O principal é convencer as famílias da gravidade da situação. É muito mais fácil deixar como está. É muito mais fácil colocar as crianças diante da TV e ter um momento de descanso, enquanto elas estão entretidas. "Não vamos mexer nisso, agora. O assunto está uma bênção, mas depois nós pensamos nisso." Esse é o verdadeiro problema.

Este é um problema eclesiástico, comunitário. A força para enfrentar, no âmbito familiar, o poder avassalador e impiedoso da mídia, virá do tipo de comunidade em que vivemos, do tipo de Aliança que celebramos, do tipo de cristãos que somos. Sozinhos, avulsos, privados, individualizados, pulverizados, somos presa fácil. Sem a presença "eclesiástica" de Moisés, que se ausentou, podemos não nos conter diante da ideia do bezerro de ouro.

É necessário, portanto, desenvolver essas coisas no âmbito da Aliança. Nesse sentido, vale a pena estudar o assunto, criar grupos de reflexão, produzir material educativo, de divulgação etc.[17] Mas a Igreja pode ir mais longe. Em vez de se retirar da cena, ela deve organizar a comunidade para participar do processo, seja preparando cristãos para trabalhar nos meios de comunicação, com consciência missionária, seja participando de conselhos

comunitários definidores de critérios, seja elegendo parlamentares e políticos comprometidos com o reino de Deus e preparados para saber como atuar e por que lutar, seja pressionando parlamentares de forma organizada, no sentido de obter legislação mais adequada ou de obrigar seu cumprimento. Isso se chama ação política.

Ação política não se faz no âmbito de apenas uma comunidade. É necessário organização; é necessário que as igrejas se unam num programa estratégico de atuação consistente.

Apenas um exemplo. Há algum tempo, o SBT começou a anunciar, em plena tarde de domingo, nos intervalos do programa de auditório do Silvio Santos, o filme da noite, intitulado *O último americano virgem*. Apresentava, a cada intervalo, partes do filme — aquelas consideradas as melhores. Imaginem, pelo título, o que se consideravam as melhores partes de um filme programado para o horário das 22 horas. Bem, reunimos, por telefone, alguns amigos e combinamos de começar a ligar para a emissora local e manifestar revolta contra aquelas inserções em plena tarde. Conseguimos, com menos de 50 ligações, retirar do ar as inserções. Só para pensar: imagine se os vinte e tantos milhões de evangélicos brasileiros resolvessem desligar suas televisões, ou não ligar em um certo canal, ou não assistir a um determinado programa, ao mesmo tempo. O que aconteceria? Seria notado esse fenômeno? Pode crer que isso seria a maior demonstração de força jamais vista no Brasil.

Veja algumas recomendações práticas do documento "A Igreja e os Meios de Comunicação de Massa", divulgado pelo Conselho Mundial de Igrejas: **1)** estudos da situação, porque antes de exigir qualquer atitude por parte dos meios, as igrejas devem conhecer a situação real; **2)** reclamar por um conteúdo positivo, juntando-se com outros grupos da sociedade preocupados com o mesmo problema; **3)** desenvolver ministérios especializados, nomeando e preparando

cristãos para servir nos meios de comunicação; **4)** analisar e desenvolver novas formas de transmitir os elementos do culto através dos meios, experimentando programas para não-cristãos; **5)** entender tudo isto como um início, uma vez que o mundo dos meios de comunicação é ainda tão novo e estranho para as igrejas que somente começam a analisar as suas potencialidades[18].

---

[1] "Estamos parados entre a saudade do matão, de um Brasil inocente, pastoril, barroco e cordial, e a decepção com o futuro que tanto nos prometiam." DIEGUES, Carlos. O futuro passou. *Veja 25 anos*. Rio de Janeiro, 1993. ↩

[2] Notaram como, após uma afirmação categórica, passamos a nos proteger com uma estratégica retirada para o privado? Quando dizemos que é nossa opinião, estamos dizendo "dá licença?". Só notei depois que escrevi. Agora fica. ↩

[3] Estou usando o texto de 2 Coríntios 5.18 ss. ↩

[4] Não sou contra o *rock* no louvor. Aprendi que também ele pode ser meio de adoração, assim como outros ritmos, brasileiros ou não. Entendo que, como em tudo que se relacione à nossa expressão espiritual, precisamos de muito discernimento nesta área: evitar os reacionarismos legalistas, sim; mas evitar também que a barbárie se aproprie de nossos cultos jovens é necessário. ↩

[5] Peço desculpas pelo tom pastoral, mas não pude evitar. ↩

[6] É assim que compreendo as palavras de Jesus à mulher samaritana de João 4.23, quando afirma que Deus *procura* verdadeiros adoradores. ↩

[7] Desenvolvo este tema num livreto intitulado *Imagem e semelhança*; a falência dos cosméticos. 2. ed. Brasília: Pelicano, 1995. ↩

[8] "Esse ordenamento da vida, ou aparato nômico é biograficamente cumulativo. Começa a ser formado no indivíduo desde os primeiros estágios da socialização e continua a ser aumentado e modificado por ele mesmo através de toda sua biografia", diz Hansfried Kellner, em *Marriage and the construction of reality*. *Diógenes*, nº 46. ↩

[9] Trato este tema no livro *Celebração do evangelho* (Viçosa: Ultimato, 1997), no qual desenvolvo a ideia de que todos os nossos gestos, ritos e rituais têm o poder de dizer coisas para nós mesmos e para os outros. Quando celebramos, ou dramatizamos esses

conteúdos sem conhecê-los, estamos fazendo mágica na igreja, no sentido de gestos cujos significados nos escapam. ↩

[10] Veja *Celebração do evangelho*. ↩

[11] Agora mudamos sutilmente para Efésios 4, para fundir as duas noções de “Corpo”; as duas paulinas e perfeitamente mescláveis num todo significante mais rico. ↩

[12] Efésios 5.31-32. Desenvolvo essas ideias no livro *Celebração do evangelho*. ↩

[13] Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (Ef 5.21). ↩

[14] “A grande mudança na maneira como homens e mulheres se relacionam uns com os outros ocorreu com o começo do cultivo da terra, quando nossos antepassados se estabeleceram ao longo das planícies do Crescente Fértil, no Oriente Médio (…). Com a invenção do arado, os povos se fixaram nas terras e a mulher perdeu sua antiga função de buscar alimentos. Perdeu sua independência econômica e seu principal papel passou a ser o de gerar filhos: pequenos agricultores, com mãos pequenas (…) o que era uma igualdade entre os sexos transformou-se em mulheres subordinadas e homens dominadores (…). Foi com o início da Revolução Industrial que homens e mulheres começaram a trazer dinheiro para casa — propriedade móvel e divisível. Hoje, podemos observar um retorno ao nomadismo e ao modo de vida da caça e da busca de alimentos. *O que nos traz um retorno à sexualidade que nossos ancestrais cultivavam* [grifo meu]. O lar não é mais o local de produção. Não criamos as galinhas nem plantamos os brócolis que comemos no jantar. Em vez disso, caçamos e buscamos comida no supermercado. Nossa tendência é migrar do trabalho para casa, para a escola, par a casa de veraneio. Somos muito mais nômades. FISHER, Helen. Sexo milenar. *Veja 25 anos*, pp. 29-39. ↩

[15] “Os pastores das Assembleias de Deus no Brasil não poderão possuir aparelhos de televisão, e os membros das igrejas serão instados também a se desfazerem dos seus televisores”. Esta foi uma das resoluções da XIX Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, conforme relatado pela revista *Mundo Cristão* de outubro de 1969. ↩

[16] Uma boa ideia sobre o assunto pode nos vir de Reinaldo Brose, que relata seminários, chamados T-A-T (Treinamento Análise da Televisão), organizados no âmbito da Igreja Católica no sentido de preparar os crentes para enfrentar os meios de comunicação. Veja seus objetivos: Uma tentativa de ajudar o telespectador a enfrentar com mais segurança e

preparação a televisão. Enquanto a TV informa o consumidor sobre muitos produtos pelos seus comerciais, o T-A-T tem como objetio educá-lo para ser um inteligente consumidor da televisão, com um senso crítico perante a “realidade” da TV. Isso é tentado por meio de um seminário de oito sessões, uma por semana. ↩

[17] A título de contribuição, preparamos uma seção específica sobre este assunto na bibliografia, ao final deste trabalho. Também acrescentamos toda uma seção sobre a discussão do fenômeno da violência e da pornografia nos meios de comunicação de massa. Tem mais gente preocupada com isso que se imagina. E não são, necessariamente, crentes. ↩

[18] Citado por BROSE, Reinaldo. op. cit., p. 32. ↩

EPÍLOGO

Há muitas forças lutando, hoje em dia, pelo poder de impor seu *nomos*, sua *realidade*, seu *mundo* sobre nossa civilização. Essa é a maior guerra jamais travada sobre a terra. Sua natureza nos permite supor, inclusive, que ela não se restrinja ao plano do tempo, espaço e matéria, mas envolva — ou mesmo tenha sua origem — nas regiões celestiais.

O efeito dessa escaramuça disfarçada e sutil já se faz sentir em todo o mundo e, com contraste maior, na Igreja. Nesta, o maior estrago que pode causar é o efeito de diluir, enfraquecer, inviabilizar a Aliança. Isso feito, nada mais restará da Igreja. Não haverá mais comunidade, não se falará mais de corpo, a não ser como lembrança saudosa.

Mas a Igreja tem a seu dispor, por irônico que possa parecer, a mesma arma, que pode ser colocada a serviço do Senhor: a capacidade de "fazer cabeças". Ela dispõe, por paradoxal que possa parecer, dos mesmos processos: criar um *mundo*, um *nomos* que dê sustento a essas consciências. E tem, também, a mesma missão: trazer para si a quantos puder. A grande diferença é que um desses "mundos" é puramente virtual, artificial, criado. Sua felicidade é enganosa e passageira, como o afetuoso "boa noite" dos

apresentadores do *Jornal Nacional*, com quem, aparentemente, temos mais comunhão do que com muitos irmãos.

O outro é desanimadoramente real, problemático, cheio de irmãos verdadeiros, com suas crises e ambiguidades; cheio de tropeços e dificuldades. Muitas vezes nos nega um simples "boa noite" afetuoso.

Um é caminho estreito, difícil de trilhar; o outro, largo e aprazível; um leva à vida; o outro, à morte.

DESAFIOS À IGREJA

Caro irmão, ou irmã: Se de alguma forma este diagnóstico singelo e sumaríssimo tem fundamento, se é assim a cabeça do brasileiro moderno, então, que *desafios* ele traz para a Igreja, nestes tempos de Jordão? Gostaríamos de mencionar apenas dois.

O *primeiro* é que, embora deseje, nosso cidadão moderno *não sabe* como sair dessa situação de isolamento, confusão moral e solidão em que se encontra. Ao romper com o consenso, com as obrigações morais, comportamentais, de deveres, de respeito etc. para privilegiar o espaço da "jaula", do privado, a modernidade rompe, progressivamente, os laços comunitários que os cidadãos têm entre si. E ao privatizá-los, ela os fragiliza e vulnerabiliza. Mas o homem moderno sabe muito bem que fomos constituídos seres gregários, sociais, relacionais, dependentes dos outros. Não desconhece que nossa personalidade se forma em grupo; que nossa segurança se fortalece em sociedade; que nossas emoções se aquecem com o agasalho grupal. Os livros dizem claramente que, à medida que vamos nos isolando, vamos nos tornando doentes emocionais e psicológicos.

Ele só não sabe o caminho de volta. Na verdade, não há caminho de volta. É como se estivéssemos num matagal, e o mato se fechasse atrás de nós, não deixando trilha. O cidadão moderno não consegue e não deseja abrir mão de seu conforto privado. Não deseja abrir mão de sua forma de pensar e de agir; isso seria abrir mão de sua privacidade. E privacidade é o que lhe foi ensinado, inclusive como forma de sobrevivência na creche. Abrir-se é tornar-se vulnerável à rapina! Expressar emoções machuca. Colo é coisa de que não se lembra. Afagos, nem pensar.

Em que experiências de sua biografia esse cidadão irá encontrar as bases de uma ligação duradoura? No abandono da creche? Nos pais sempre ausentes, trabalhando (não vai, aqui, crítica; apenas constatação de uma situação moderna para a qual se precisa buscar solução)? No aconchego do sofá diante da televisão, único momento em que estão juntos, mas no qual falar é proibido? Nas amizades da vizinhança, em que, se bobear, leva um tiro de chumbinho, ou uma surra de caratê, apenas porque seu coleguinha está "praticando"? Nos pesadelos com o policial que vai sequestrá-lo? Na fala macia do vendedor de pipocas da porta da escola, que, na verdade, quer que ele experimente o pozinho de cocaína? Na competitividade do vestibular ou do mercado de trabalho, na qual é cada um por si? Ou na guerra velada da luta profissional por um cargo mais alto?

Estamos construindo, portanto, uma sociedade de avulsos, um supermercado-zoológico, em que somente ouvimos os urros dos outros bichos, que sonham com o tempo em que viviam em liberdade na floresta. Naquele tempo havia riscos e perigos, é verdade; havia muito controle social, muita fofoca, autoritarismo e imiscuimento de uns na vida dos outros. Mas havia aconchego, pertencimento, segurança emocional, identidade.

O *segundo* desafio é que a pluralidade traz muitas dificuldades morais. Moralidade é um acordo no qual abro mão de parcela de minha liberdade em prol de algo maior, em prol do bem comum. A moralidade implica adesão a valores superiores em importância e força aos meus próprios. Só há moralidade com submissão; só há ética com abnegação; ilhas isoladas não precisam de regras de comportamentos, porque não há a quem prejudicar; não servem para nada as regras de educação que mamãe ensinou, se sou um eremita; se digo os piores palavrões em pleno deserto do Saara quem vai notar? Como ser honesto numa ilha deserta? Ali, quem pode ser chamado de ladrão? Você já imaginou o PC Farias querendo armar uma falcatrua numa ilha assim? Só se for espoliando uma panela de formigas saúvas.

Sim, irmão, o certo e o errado, o bem e o mal só existem em sociedade organizada. Só existem numa relação com alguma ordem. Se em minha "jaula" só cabe um, então, dentro dela, não existe moralidade. Numa linguagem mais filosófica, o que penso *é o que é* e também *o que deve ser*. *O que é*, dentro de minha jaula, *sempre* coincide com *o que deve ser*. O que faço é necessariamente o que deveria fazer. O que eu penso está sempre certo. Por absoluta falta de referencial. Ou melhor, o que é, torna-se o referencial absoluto do que deveria ser. São sempre os mesmos. Não há conflitos, não há problemas. Como diria Sartre, o problema, "o inferno, são os outros". De fato, o certo e o errado, o bem e o mal só existem em sociedade. Quando surgem os outros, surge a necessidade de acordos, de limitações de liberdades, de códigos de ética, de comportamento, de educação etc., para que se possa viver junto.

Então eu pergunto: quem, hoje em dia, está disposto a abrir mão de seus interesses, ainda que mesquinhos e menos confessáveis para ter, em troca, ligações duradouras com outra pessoa ou um grupo?

Quem está disposto a *se permitir controlar* para ter, em troca, o conforto do pertencimento? Quem está disposto a celebrar *pactos sociais* para alcançar um bem maior, a vida em sociedade? Quem está disposto a *casamentos* perenes, alianças para a vida?

Se eu cuido é das minhas coisas, de forma a cultuar cada vez mais a privacidade da vida; se me estabeleço e me encastelo em meus próprios conjuntos de valores e ideias, então, além de só, eu me torno, em certo sentido, amoral: um Robinson Crusoé sem Sexta-feira. Reparou, leitor, que hoje em dia já não há sanções para as leis morais? Já descriminalizaram o adultério, querem descriminalizar o aborto, legalizar o casamento homossexual. Palavrão já não choca ninguém; os incomodados que se mudem. Por quê? Porque valores morais são coisa privada, e ninguém tem nada que ver com isso, contanto que eu fique dentro da jaula.

Os dois desafios da modernidade, portanto, são a *privatização* e a *desmoralização* de nossa sociedade. Um é consequência do outro: quanto mais privatizado, enjaulado, mais amoral me torno; quanto mais adoto princípios particulares e pessoais de conduta mais privado e enjaulado me torno.

O tema se torna mais candente se considerarmos que fazemos parte dessa sociedade. O grande temor de Moisés, o de que o povo assumisse os deuses e costumes de Canaã, está presente hoje entre nós, na Igreja. Somos uma igreja cada vez mais contaminada pela modernidade, porque somos uma igreja formada por pessoas modernas. E o que é pior: assim como o peixe não é capaz de dizer nada sobre água, justamente por viver dentro dela, nós nem nos apercebemos que estamos nos "conformando com este século".

PÃO E VINHO

Se você parar para examinar a natureza e a qualidade das relações que você desenvolve no seu lar e na Igreja, provavelmente se dará conta de que algo muito grave está acontecendo. Elas estão se tornando, pouco a pouco, superficiais, não afetivas, não emotivas, instrumentais, triviais, rápidas. Ninguém mais vai fundo numa relação, numa conversa, num compartilhamento. Já aprendemos que isso é perigoso: vamos ser julgados, vamos nos expor, vamos nos vulnerabilizar.

A Aliança, que é o exemplo eterno da doação, da ligação, da solidariedade, do amor dadivoso e afetivo de Deus, se é que ainda existe entre nós, está em frangalhos. O pacto cristão, dentro do qual a máxima "tudo o que é meu é teu", manifesto na própria doação do Filho pelo Pai — "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu..." — já não terá o significado original, se é que ainda servirá para algo. E se nos tornamos incapazes de nos dar, de nos relacionar, de nos tornar dependentes dos outros, de nos possuir mutuamente em amor, de nos submeter uns aos outros em amor, então, estamos de novo edificando a parede da separação que Jesus derrubou.

Você notará que a Santa Ceia já não terá grande significado e valor, quando cada um está cuidando de sua própria vida. Porque ela fala de comunhão; que quer dizer "coisas em comum"; que quer dizer doação, como a do Filho; que quer dizer ser membro do mesmo corpo, que quer dizer pertencer e possuir. Ora, se celebramos isso e vivemos outra coisa, comemos e bebemos juízo para nós, porque não discernimos o corpo (1Co 11.29).

Na Aliança devemos, sim, satisfações uns aos outros; pertencemos, sim, uns aos outros; somos, sim, parte uns dos outros; temos, sim, deveres e direitos uns em relação aos outros. Na Aliança, somos *membros* uns dos outros, ao ponto que, se um membro sofre, todo o corpo sente a dor. Se meu irmão erra, eu mesmo me ressinto. Tenho,

portanto, mais que o direito, o dever de procurá-lo em amor. Na Aliança há pacto, há moralidade, há convenções sociais, há educação, há prescrições de comportamento a serem observadas. Na Aliança não pode haver jaulas fechadas, porque, conquanto a privacidade seja, em muitas dimensões, uma bênção moderna, a jaula absolutamente fechada é o símbolo do anticristo, a negação do pão e do vinho, a negação da comunhão dos santos, a negação do Corpo, a negação da Igreja.

Se já não há Aliança entre nós, e cada um cuida de sua vida, já não há Corpo de Cristo, já não há povo, já não há Igreja. E o mistério que estivera oculto aos antigos, que foi revelado com a destruição da parede da separação, a parede da inimizade (Ef 2.11-22) torna-se de novo um mistério incompreensível a nós, homens e mulheres modernos. Levantamos de novo as paredes. Talvez não tanto de inimizades, mas de *não-amizades*, de *indiferenças*. E isso é igualmente satânico.

E finalmente nos encontramos avulsos, solitários, perdidos, desolados, confusos, desanimados e incrédulos. Incrédulos, se formos minimamente coerentes, porque ninguém pode dizer que conhece a Deus, nessas circunstâncias. Se o disser, de acordo com João, é um mentiroso (1Jo 4.8 e 20).

O tema da Aliança já nos soa como um sonho do passado, uma história contada por vovó, um ideal perdido com a infância. A Santa Ceia, então, nada mais é que um belo ritual de grande mistério.

Querido irmão: Diante desses desafios que se abatem sobre a Igreja, agora, você lê este livro todo e fica com a pergunta: qual a saída? E você tem vontade de dizer: Cristo é a saída. Mas perceba que há um grande desafio embutido nessa resposta. É que essa afirmação precisa ser demonstrada. Não pode ser afirmada levianamente, “pela fé”, como dizem alguns. É preciso que essa

realidade seja visível, de alguma forma, no tempo e no espaço. Na história. Do Brasil! É preciso que se possa apontar onde é que Cristo já atuou. Existe algum lugar onde ele tenha se manifestado inequivocamente como resposta? Repare que Jesus estava muito preocupado com este aspecto, quando disse: *Para que o mundo creia* que tu me enviaste, *para que o mundo creia* que sois meus discípulos. O apóstolo Paulo, também atento a esta visibilidade do projeto de Deus entre os homens, afirma: "Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais" (Ef 3.10).

O desafio que a modernidade impõe ao nosso país é um desafio também para a sua Igreja. Se pela Igreja, o projeto eterno de Deus não se fizer manifesto no nosso Brasil de hoje, digo sem ufanismo, e com toda contrição, que não sei por quem mais será. Nosso povo precisa voltar ao primeiro amor; rever a forma como está vivendo esse tempo que mana leite e mel, habitando em casas que não edificou, colhendo de vinhas e olivais que não plantou.

> Guarda-te para que não te esqueças do Senhor que te tirou da terra da servidão.

Aí está o grande desafio: ser Israel em Canaã 2000. Não se deixar engolir pela terra. Precisamos retomar a Aliança. Precisamos de profetas, mestres e santos que nos ajudem nisso. Precisamos de decisões firmes. Só há salvação para a confusão moral em que se encontra nosso mundo no *pão* e no *vinho*. Mas é necessário que nossas vidas demonstrem que isso é possível, gostoso e desejável.

Exorto-nos, portanto, em nome de Jesus, que abramos mão de querer ganhar um lugar ao sol nesta sociedade; de querer ganhar nossa vida, a todo preço, a todo custo, como faz o povo desta terra, porque — não nos iludamos — aquele que quiser ganhar sua vida

perdê-la-á, mas aquele que a entregar por causa de Cristo, esse a ganhará.

Uma palavrinha final. Volte a Deuteronômio 6 e veja o verso 21. Deixe-me fechar a analogia que iniciei no início deste livro, fazendo uma paráfrase desse texto.

> Quando teu filho de futuro te perguntar, dizendo: Que significam os testemunhos e estatutos e juízos que o Senhor nosso Deus vos ordenou?

— Mamãe, por que você não revida? Dá o troco, oras! Não leva desaforo para casa!

— Papai, por que você perdoou aquele cara? Tinha de ter "ferrado" ele; ele não "ferrou" você, quando pôde? Não acreditei numa palavra daquele choro fingido.

— Mamãe, por que você se apega tanto a esse livro tão antigo? Por que você não varia? Não vê que nisso aí ninguém acredita mais? Quer ajudar as pessoas? Leia livros de autoajuda, ou coisa assim. Pegue um Paulo Coelho, por exemplo.

— Papai, por que você se humilhou tanto, pedindo perdão? Eles não mereciam isso. Você se diminuiu. Não vê que todo mundo vai rir da sua cara? Para com isso de querer consertar as coisas. Esquece! Todo mundo esquece.

— Mamãe, por que você insiste em tratar bem e puxar conversa com aquela cobra? Por que você insiste em chamá-la de irmã? Não vê que ela vai gozar você pelas costas? Ela é uma falsa! E todo mundo acaba apoiando ela.

— Pai, por que você continua indo nessas reuniões intermináveis e conversando sobre a Bíblia, e orando? Não vê que não dá em nada? Vamos assistir ao Fantástico, que não dá problema com ninguém. A gente fica na nossa...

— Mamãe, por que você confessa publicamente coisas tão íntimas? Você não deve nada a ninguém! Não vê o constrangimento que causa? Ninguém quer saber da sua vida! Não é da conta de ninguém. Você não tem amor próprio? Ninguém faz isso. Igreja não é lugar para ficar falando de problemas. Ninguém mais quer saber se você está crescendo ou não.

— Papai, por que você faz questão de me levar à igreja, se lá é o lugar onde você mais sofre? Sempre que vamos lá você acaba voltando meio amarrotado. Sempre tem um "irmãozinho" para lhe dar um alfinetada. Para de carregar o mundo nas costas! Deixa esse povo pra lá. Vamos ao clube, que é melhor, ninguém chateia a gente.

— Mamãe, por que você teima em falar bem e em querer se aproximar dessa gentinha besta? Desse mato não sai coelho. Eles não são do nosso nível. São sem-graça. Ficam falando melosos, orando o tempo todo, querendo se meter na vida da gente. Os filhos deles não têm videogames. Nem *Reebok*.

— Papai, por que você agradece tanto a Deus e a todo mundo por tão pouco? Você não tem nada, você é um pobretão, um injustiçado, um "ferrado"! Não tem nada que agradecer. Você tem mais é que partir para reivindicações, exigências. Afinal, pai, você merece ou não? Você tem sido bom à toa. Parte para a briga, pai. Deixa de ser bobo. Acaba com esse sorriso, fecha a cara e fala alto! Se você não lutar pelo que é direito seu, quem vai fazer por você?

> Então dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó no Egito: porém o Senhor de lá nos tirou com poderosa mão.

Vivíamos assim, na antiga vida, quando estávamos largados à própria sorte. Era assim a nossa vida no mundo. Estávamos perdidos, confusos, rebeldes, escravizados por homens e ideias. Andávamos segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a

vontade da carne e dos pensamentos. Éramos atrevidos, arrogantes, não temendo difamar autoridades superiores e falando mal daquilo em que éramos ignorantes. Éramos, por natureza, filhos da ira. Mas agora não somos mais escravos. O Senhor nos encontrou e nos resgatou. Agora temos história, temos nome, temos identidade de povo. Povo de Deus. Saímos do Egito, meu filho. E para lá jamais queremos voltar.

BIBLIOGRAFIA

GENÉRICA (COMENTADA)

AMORESE, Rubem. Ideologias e filosofias. *Comunicarte Boletim*. 1990. Janeiro. 1-6. Boletim especial para Geração 90.

O texto é um resumo da palestra, onde se tentam resumir os pensamentos de Schaeffer, Genesis (revista) e Os Guinness, fazendo uma panorâmica do processo histórico de autonomização do pensamento humano, na direção da rebelião total contra Deus.

_____ *Celebração do evangelho*. 2. ed. Viçosa: Ultimato, 1995.

Trabalho a ideia de que todos os nossos gestos, ritos e rituais têm o poder de dizer coisas para nós mesmos e para os outros. Desenvolvo a tese de que quando celebramos, ou dramatizamos esses conteúdos sem conhecê-los, estamos fazendo mágica na igreja, no sentido de gestos cujo significado nos escapa.

_____ *Excelentíssimos senhores*. Viçosa: Ultimato, 1995.

Uma coletânea de artigos publicados em revistas evangélicas e palestras proferidas, organizados sob os temas igreja, ética, comunicação, política, família e liderança.

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro*; relações entre homens e mulheres. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

No mundo moderno das escolhas, já se pode pensar que o masculino é feminino. Desaparece a ideia milenar da complementaridade dos sexos, para o surgimento do conceito

de semelhança. Os cromossomas estão ali, as capacidades são iguais, as restrições culturais começam a ruir, e homens começam a ter prazer em atividades femininas e mulheres começam a exercer atividades (e a desenvolver papéis) masculinas. Afinal, o que é masculino, e o que é feminino? “Eis chegado o tempo do endógeno” — Apollinaire.

BALSWICK, Jack O. *The family*; a Christian perspective on the contemporary home. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.

Revisando vários textos de Peter Berger, o autor tenta analisar os da modernidade para a família: (1) fragmentação da consciência, (2) complexidade da comunicação, (3) desintegração da comunidade e (4) domínio do mercado (*commodities*). Propõe, em seguida, uma resposta radical da família à modernidade, nas quatro áreas assinaladas, tentando evitar o tradicionalismo e o adesismo.

BASSI, Sílvia. Poderes divinos podem ser encontrados em disquetes. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 maio 1991.

Na mesma página há outro artigo intitulado: ”Pastor batista “refaz” a criação do mundo”. Artigos mostrando mecanismos sutis de rendição ao “científico”. Caderno de Informática.

BERGER, P., BERGER, B. *The war over the family*. Garden City, NY. Doubleday: Anchor Press, 1984.

“Em décadas recentes, na América e em outros países ocidentais, tem havido um feroz debate sobre a história, a condição presente, as perspectivas e, mais importante, o valor social e humano da família. Este debate tem sido focalizado sobre o que tem sido chamado, usualmente de forma pejorativa, “a família burguesa”. Este livro é uma contribuição ao debate” — do prefácio.

BERGER, P., BERGER, B., KELLNER, H. *The homeless mind*; modernization and consciousness. Nova York: Vintage Books, 1974.

A primeira parte tenta isolar certos elementos cruciais da consciência moderna e relacionar isso aos processos institucionais aos quais estão ligados. A segunda parte analisa o processo da modernização. A terceira parte levanta uma gama de fenômenos nas sociedades industrializadas que parecem ser protestos contra a modernidade.

_____, KELLNER, H. *Sociology reinterpreted*; an essay on method and vocation. 2. ed. Nova York: Penguin Books, 1982.

"A intenção deste livro é simples: recolocar, concisa e claramente, em que consiste a abordagem sociológica à realidade humana. O termo 'Método' não se refere às técnicas de pesquisa empregadas pelos sociólogos, mas à lógica de suas investigações científicas" — do prefácio.

_____, NOVAK, M. *Speaking to the Third World*;essaysondemocracy anddevelopment. Washington: American Enterprise Institute, 1985.

Associação entre desenvolvimento e moral. O texto tem dois artigos de Peter Berger, extraídos de *Commentary*, out./1981 e out./1984: "Speaking to the Third World" e "Underdevelopment Revisited", respectivamente.

BERGER, Peter. *Facing up to modernity*; excursions in society, politics, and religion. Nova York: Penguin Books, 1979.

Vários artigos sobre o tema, compilados de publicações anteriores, e organizados sob três temas: Compreendendo a modernidade, Agindo na América moderna e Transcendendo a modernidade.

_____. *The precarious vision*; a sociologist looks at social fictions and Christian faith. 2. ed. Westport: Greenwood Press, 1981.

A sociedade aparece a muitas pessoas como dada. Há experiências individuais e grupais nas quais esse caráter de "dado" se mostra espúrio. Esse reconhecimento da precariedade da sociedade é o ponto de partida necessário para uma existência em sociedade autêntica.

_____. *Pyramids of sacrifice*; political ethics and social change. Nova York: Basic Books, 1974.

Procura agregar valoração moral à análise científica sociológica.

_____. *Perspectivas sociológicas*; uma visão humanística.9. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

Um livro para ser lido e não estudado. Um convite a uma excursão pelo pensamento sociológico.

_____, LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*; tratado de sociologia do conhecimento. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

Tratado de Sociologia do Conhecimento, que dá base a todo o pensamento sociológico de Berger e de Os Guinness sobre modernidade.

BERGER, Peter L. *A rumor of angels*; modern society and the rediscovery of the supernatural. Garden City: Anchor Books, 1970.

Peter Berger tenta esclarecer sua posição sobre o Cristianismo, achando que pode ter sido mal compreendido em "O Dossel Sagrado". As datas de edição dos livros enganam quanto à cronologia. Este veio um ano depois.

_____. *O dossel sagrado*; elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

Tenta aplicar elementos da Sociologia do conhecimento ao fenômeno da religião. Apoia-se em seu tratado “A Construção Social da Realidade”, para tentar descrever o processo da construção do mundo, e como a religião assume papel integrador da realidade existencial ao cosmo, na formação do “*nomos*”, a ordem necessária ao intelecto humano.

_____. *The capitalist revolution*; fifty propositions about prosperity, equality, and liberty. Nova York: Basic Books, 1986.

A tarefa é compreender a revolução que o capitalismo tem provocado nas sociedades em que tem entrado. Pretende desenhar uma teoria sobre a relação entre o capitalismo e sociedade no mundo moderno.

_____. *The heretical imperative*; contemporary possibilities of religious affirmation. Nova York: Anchor Books, 1980.

Trabalhando a etimologia de “heresia”, como opção, escolha ou posicionamento divergente, o autor demonstra que vivemos tempos em que essas escolhas atingem os dogmas e instituições, criando um espaço necessário e inevitável para a crítica e diversidade.

_____. *The noise of solemn assemblies*; Christian commitment and the religious establishment in America. Nova York: Doubleday, 1961.

“Aborreço, desprezo as vossas festas, e com a vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer.” (Amós 5. 21.)

BERGER, P., NEUHAUS, R. *Against the world for the world*; the hartford appeal and the future of American religion.

Uma coleção de textos sobre o futuro da religião na América.

BLAMIRES, Harry. *The Christian mind*; how should a Christian think? Ann Harbour, Michigan: Servant Books, 1963.

Blamires, um discípulo de C.S. Lewis, faz uma profunda diagnose de algumas das fraquezas por trás da Igreja de hoje. Diz que o intelecto cristão está sendo solapado por modos seculares de pensamento e por pressupostos seculares sobre a realidade.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. Da democracia à pornocracia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 jul. 1986.

Para ler junto com o artigo da *Veja* “Todo Mundo Nu”.

COX, Harvey. *A cidade do homem*; a secularização e a urbanização na perspectiva teológica. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

Citado por Berger, apresenta uma visão liberal, positiva e otimista da secularização e urbanização, sob a ótica teológica.

DANTAS, Ana K., SARTÓRIO, Kátia. O potencial da paranormalidade. *Jornal Interno-CEUB*, 91. 27 jun. 8.

“Brasília é hoje uma cidade mística que esconde mistérios na sua história e revela a potencialidade de cada um dos seus habitantes.”

DESCONHECIDOS. *Como se auto-encontrar*. s/d. Apostila do movimento Auto-Encontro, sobre meditação transcedental.

Texto entregue ao final do curso, para reforçar e sedimentar as lições recebidas.

DOUGLAS, G. D. Editor. *Proclaim Christ until he comes*; calling the whole church to take the whole gospel to the whole world. Minneapolis: World Wide Publications, 1990. pp. 283-288.

Palestra proferida no II Congresso Internacional para a Evangelização Mundial — Lausanne II, em Manila, 1989. "… modernidade, ou a civilização mundial emergente, representa a maior grande oportunidade e o maior grande desafio que a Igreja jamais tem enfrentado desde os tempos apostólicos". Guinness — introdução.

DUMONT, Louis. *O individualismo*; uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Coletânea de textos do autor, discípulo de Marcel Mauss, como também o foi Lévy-Strauss. O individualismo ocidental tem a sua evolução examinada desde o início da era cristã até os nossos dias, em sua gênese tanto religiosa quanto política.

FERGUSON, Marilyn. *A conspiração aquariana*; transformações pessoais e sociais nos anos 80. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

Um livro básico sobre o programa, a organização e os objetivos do movimento Nova Era.

FOLLEY, J. P., PASTORE, P. Pornografia e violência nos meios de comunicação social. *L' Osservatore Romano*. Uma Resposta Pastoral. 23 jul. 1989. 6-7.

Do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, apresenta (1) Introdução, (2) Efeitos da pornografia e da violência, (3) Causas do problema e (4) Respostas ao problema.

FRESTON, Paul. *A ressacralização do mundo contemporâneo*; enfoque sociológico e teológico. Campinas: mímeo, 1990.

Propõe uma reavaliação dos excessos de espiritualização das realidades, numa versão quase panteísta do evangelho, mediante sete desafios: (1) distinguir os sagrados, (2) segurar a bandeira da justiça, (3) reafirmar o Juízo de Deus, (4) não se

interessar demais pelo mundo dos espíritos, (5) desmistificar as “necessidades” e viver a ética da renúncia, (6) recuperar a espiritualidade clássica e (7) reafirmar a exclusividade do Cristianismo.

GASPARI, Elio. O advogado do diabo. *Veja*, 20 fev. 1991. p. 44-45.

O pastor John Spong (EUA) faz uma releitura da Bíblia sem os vícios do fundamentalismo e cria uma polêmica sobre a vida dupla do apóstolo Paulo.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

Estabelece uma teoria para a interpretação das culturas, apoiado na perspectiva da Antropologia cultural (apoiado em Max Weber), desenvolvendo, a seguir, os diversos elementos constituintes do alvo de atenção do etnógrafo. Obra básica sobre Etnografia, para quem pretende trabalhar com a dimensão transcultural.

GEHLEN, Arnold. *A alma na era da técnica*; problemas de psicologia social na sociedade industrializada. Lisboa: Livros do Brasil.

Uma das fontes de Berger. Fala dos efeitos psicológicos da modernidade.

GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-identity*; self and society in the late modern age. Stanford: Stanford University Press, 1991.

Muitos dos primeiros livros do autor trataram da interpretação das macroestruturas e de seu impacto nos seres humanos. Neste livro, ele trata principalmente de microestruturas e relações interpessoais, de problemas de modernidade e do “si mesmo” num mundo de organizações e burocratização. Giddens mostra que conquanto o mundo da modernidade apresente

desafios à integridade do “si mesmo” (*self*), ela também abre oportunidades para autodesenvolvimento que não eram anteriormente disponíveis — Lewis Coser, da capa.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

Apresenta propostas de interpretação das transformações sociais associadas à modernidade. Argumenta que ainda não vivemos em um mundo pós-moderno. Os aspectos que distinguem, neste final de século 20, as instituições expressam, na verdade, a emergência do período que chama “alta-modernidade”. É possível, admite, que o universo pós-moderno já esteja a caminho. Mas seus traços distintivos ainda não se mostram claramente.

GROOTHUIS, Douglas R. *Unmasking the New Age*; is there a new religious movement trying to transform society? Downers Grove: InterVarsity Press, 1986.

O que é Nova Era? Uma conspiração? O que podem os cristãos fazer a respeito?

____. *Confronting the New Age*; how to resist a growing religious movement. Downers Grove: InterVarsity Press, 1988.

O desafio está crescendo. Assim, não somente precisamos conhecer a Nova Era, mas precisamos apertar o cerco sobre esse movimento religioso crescente. Aqui está um livro que nos ensina como.

____. *Revealing the New Age*; the challenges to orthodox views of Christ. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990.

Terá Jesus estudado com santos homens ocidentais? Seremos nós todos cristos potenciais? Terá Jesus sobrevivido à crucificação e ido à Índia? O autor tenta comparar a doutrina

bíblica com a da Nova Era, mostrando suas diferenças e perigos.

GUINNESS, Os. *A missão frente à modernidade*. Boletim Teológico, 11. Canoas: FTL-B, 1990.

Examina o problema da modernidade, suas causas, seus portadores, e apresenta os entraves que ela apresenta à missão cristã. Apresenta propostas de encaminhamento do assunto.

_____. *Modernização*. IPP. 1989. Resumo de palestra proferida pelo Dr. Os Guinness, no Plenário do II Congresso Internacional para a Evangelização Mundial — Lausanne II — em Manila, em julho de 1989.

_____. Cuidado com la Boa! In: NEIGHBOUR, Ralph W., org. *La Iglesia del futuro*. Rio de Janeiro: Casa Bautista de Publicaciones, 1983. pp. 56-83.

Desenvolve, a partir de referenciais da Sociologia do Conhecimento, os perigos da modernidade ao discipulado cristão. Descreve o tripé da secularização, pluralização e privatização.

_____. The impact of modernization. In: DOUGLAS, G. D., ed. *Proclaim Christ until He comes*. Minneapolis: World Wide Publications, 1990.

_____. *The gravedigger file*; secret papers on the subversion of the modern church. Londres: Hodder and Stoughton, 1983.

“O que pode explicar o virtual colapso da influência da Igreja na Europa? Como pode mesmo o mais comprometido cristão ser desconsiderado como tendo uma fé “privadamente mobilizante, mas socialmente irrelevante”? Por que as piores caricaturas da Cristandade frequentemente são os próprios cristãos? Este

trabalho revela que esses problemas não são acidentais, mas o trabalho da Operação *Gravedigger*, um sinistro plano para sabotar o Cristianismo Ocidental…" — Da capa.

_____. *The devils gauntlet*; the Church and the challenge of society. Downers Grove, Il., 1989.

"Sociedade, especialmente a sociedade moderna, oferece o mais agudo teste possível para a fé cristã. Ela é tanto um dom de Deus, parte da criação, para ser vivida e apreciada, quanto a luva do diabo, um desafio para testar e provar nossa lealdade. Em que termos nós operamos? Afinal, qual é o Senhor?" — Da capa.

_____. *In two minds*; the dilemma of doubt and how to solve it. Downers Grove, Il., 1976.

"Fé é muito mais que a ausência de dúvida, mas entender a dúvida é ter a chave para um coração quieto e uma mente silenciosa" — Da capa.

_____. *Dining with the devil*; the megachurch movement flirts with modernity. Grand Rapids: Baker Book House, 1993.

_____. *Fit bodies, fat minds*; why evangelicals don't think and what to do about it. Grand Rapids: Baker Book House, 1994.

_____. *The American hour*. Nova York: The Free Press, 1993.

Uma profunda análise da crise de autoridade cultural.

_____. *No God but God*; breaking with the idols of our age. Chicago: Moody Press, 1992.

Uma coleção de ensaios sobre os desafios apresentados pela modernidade aos evangélicos, organizados por Os Guinnes e John Seel.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. São Paulo: Ática, 1988.

Narra crises da modernidade, a partir da Belle Époque.

LAUSANNE Cmtee. *O evangelho e o homem secularizado*; o desafio do homem e da sociedade moderna. São Paulo: ABU/Visão Mundial, 1983.

Relatório da Consulta sobre Evangelização Mundial — Miniconsulta sobre a Evangelização de Secularistas realizada em Pattaya, Tailândia, entre os dias 16 e 27 de junho de 1980, sob o patrocínio da Comissão Lausanne para Evangelização Mundial. Publicado sob o patrocínio da Comissão Brasileira de Evangelização.

LEITE, Paulo Moreira. Todo mundo nu. *Veja*. 11 dez. 1991. p. 98-100.

O problema do exibicionismo público moderno. “Aceitar-se e Abrir-se” “… homem contemporâneo que vive isolado em frente a um aparelho de TV, em geral tem relações pessoais frustrantes, e desenvolveu um individualismo extremado que o leva a desenvolver um comportamento narcisista”.

LEWIS, C. S. *As cartas do Coisa-Ruim*. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

“Jargão, não argumentação, eis o seu melhor aliado para afastá-lo da igreja”. “Lembre-se que você aí está para aturdir. Pelo jeito de vocês, diabinhos novos, qualquer um pensaria que seu serviço é ensinar!”

LORSCHEIDER, Aloísio. Pregação no deserto. *Veja*. 24 abr. 1991. p. 7-9.

“Não é que a igreja perdeu a capacidade de aconselhar pessoas. Ela aconselha, mas as pessoas não aceitam mais

esses conselhos, porque não aceitam mais a transcendência. Elas praticamente não aceitam mais Deus, que é quem nos dá normas a partir da própria criação". Patético desabafo de Dom Ivo sobre os efeitos da secularização.

LUCKMANN, Thomas. *La religión invisible*; el problema de la religión en la sociedad moderna. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1973.

O problema da religião na sociedade moderna. Importante o capítulo 6: "A religião e a identidade pessoal na sociedade moderna."

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*; entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MENDONÇA, Nadir Domingues. *O uso dos conceitos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

O autor procura trabalhar a distinção entre conceitos utilizados de forma confusa. Entre eles, encontram-se modernismo, modernidade e pós-modernidade.

MILGRAM, Stanley. The experience of living in cities; adaptations to urban overload create characteristic qualities of city life that can be measured. *Science*, 167 (1970), p. 1461-1468.

Usa o conceito de *sobrecarga*, extraído da informática, pelo qual uma unidade de processamento, quando não consegue processar todos os *inputs* do ambiente, produz adaptações, no sentido de escolher prioridades. Nesse sentido, a mente humana, quando submetida à sobrecarga da cidade moderna, também se adapta,elegendo suas prioridades de atenção e envolvimento social.

MOBERG, David O. *The Church as a social institution*; the sociology of American religion. 2. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1984.

MYERS, Kenneth A. *All God's children and blue suede shoes*; Christians and popular culture. Nova York: Crossway Books, 1989.

Traduzido de texto apresentado pelo boletim GENESIS, preparado especialmente para circular no Congresso de Lausanne II. Tenta estabelecer as relações entre o Romantismo e os movimentos que marcaram os anos 60, chamados pelo autor de Cultura Popular, caracterizada por Woodstock.

NEIGHBOUR, Ralph W., org. *La Iglesia del futuro*; ser miembro en la Iglesia del futuro le costerá… la vida. Rio de Janeiro: Casa Bautista de Publicaciones, 1983.

Este livro é fruto da Conferência de Huston, sobre o futuro da Igreja. Examinam-se obstáculos e oportunidades que deverão compor o cenário da Igreja nos próximos anos.

NEWBINGIN, Lesslie. *The gospel in a pluralist society*. Grand Rapids, Michigan: WCC Publications, 1992.

Como o evangelho se relaciona com uma sociedade pluralista? Qual é a mensagem cristã em uma sociedade marcada pelo pluralismo religioso, pela diversidade étnica e pelo relativismo cultural? Deveriam os cristãos, diante da sociedade pluralista de hoje, concentrar-se no diálogo ou no evangelismo? Como o clima de opiniões prevalecente afeta, e talvez infecta a fé cristã

PERLMAN, Janice. Dimensões de modernidade numa cidade em franco desenvolvimento. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*. 30. 1971. p. 137-177.

Modernidade e desenvolvimento urbano. O caso de Belo Horizonte.

SANTOS, Roberto A. O. O juiz e os choques da modernidade. *Revista do TRT* — 8. R. 1990. 23. p. 29-42.

SCHAEFFER, Francis, *O Deus que intervém*;o evangelho para o homem de hoje. Brasília: Refúgio/ABU, 1981.

O atual hiato entre as gerações aconteceu quase que inteiramente devido a uma mudança no conceito de verdade. — Da introdução.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público*; as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

“Os principais males da sociedade, do narcisismo cínico à apatia política, resultam do declínio da vida pública, uma vez que as pessoas só podem ser sociabilizáveis quando possuem algum resguardo umas das outras. Ou seja, para que haja uma interação eficaz entre elas, são imprescindíveis algumas formas ritualísticas de comportamento, tais como as que havia no Século XVIII, onde, como nos mostra este livro, efetivamente existia um equilíbrio entre a geografia pública e privada”. — Da orelha.

SHRINK, Basilea. *Nova Era à luz da Bíblia*. Curitiba: Irmand. Evang. de Maria, 1987.

Livrete que pretende elucidar a Nova Era.

SOUSA, Ricardo. *Comunhão pela confissão*. Brasília: Comunicarte, 1996.

Livrete no qual o autor desenvolve o tema da confissão litúrgica, que vai além da simples confissão de pecados, para a confissão do pecado existente em mim. O pecado é escuridão, mentira, diz

Ricardo. Quando vivo nele, sem iluminá-lo pela confissão, vivo em enganos e não conheço a mim mesmo nem a Deus. A confissão permite o autoconhecimento, o conhecimento de Deus e a comunhão com Ele e com os irmãos. Sem confissão, nesse sentido amplo, não é possível comunhão verdadeira.

STENDHAL, Krister. Nada além; bispo sueco não acredita na vida eterna. *Veja*. 1 abr. 1987. p. 51.

"Creio que a longa e gloriosa tradição cristã de referir-se à imortalidade da alma é apenas um período da tradição judaico-cristã que pode estar chegando ao fim." "O ponto aonde Stendhal quer chegar, com essas reflexões, é alertar para o fato de que preocupar-se com a vida eterna seria, no plano individual, uma atitude egoísta."

TOFFLER, Alvin. *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

Recomendo especialmente os seguintes capítulos, mais relacionados ao nosso tema: 4: "Violando o Código", que fala de padronização, especialização, sincronização, concentração, maximização e centralização; 9: "Indus-Realidade", que analisa a questão da reconstrução da realidade a partir da influência da indústria; 13: "Desmassificando os Meios de Comunicação de Massa"; 17: "As Famílias do Futuro"; 25."A Nova Psicosfera", que fala de solidão, telecomunidade, o segredo dos cultos e semisseitas, e 26: "A Personalidade do Futuro".

TREVISAN, Lauro. *Aquárius*; a Nova Era chegou. 11. ed. Santa Maria: Editora da Mente, 1991.

"Este livro apresenta a visão do terceiro milênio. Saberá você o que lhe reserva a Nova Era de Aquárius" — Da orelha.

UNRUH, Peter. *Nova Era*. Curitiba: O Autor. s/d.

Fornece sua visão do movimento Nova Era, analisando artigos, textos, filmes, gibis, revistas etc.

VALADIER, Paul. *Catolicismo e sociedade moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

Desenvolve o tema do processo: as relações entre Deus e os homens (também, entre a Igreja e o mundo) são colocadas como um processo (litígio) aberto entre essas duas categorias. Palavras são usadas para denúncias (profetas), apoios, esclarecimentos, defesas etc. O processo está em andamento. O juízo final pertence a Deus.

VÁRIOS AUTORES. *Pensando a família no Brasil*; da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987. p. 69-78.

VEJA 25 anos: reflexões para o futuro. *Veja*, Rio de Janeiro, 1993.

Uma coletânea de textos inéditos sobre a realidade brasileira, lançada em comemoração ao 25º aniversário da revista *Veja*.

VIEIRA, Márcia, RODRIGUES, Sérgio. Longe dos olhos, perto do coração. *Jornal do Brasil* (revista *Domingo*), 1989. 698. 26-32.

Quando a separação une os casais. Nova moda de casar e viver em casas separadas, como solução para os conflitos incontornáveis.

WILLIAMSON, P., KEVIN, P. *Christianity confronts modernity*; a theological and pastoral inquiry by Protestant Evangelicals and Roman Catholics. Ann Arbor, Michigan: Servant Books, 1981.

Um conjunto de ensaios acompanhados de respostas, por diversos autores, sobre as respostas possíveis da Igreja à modernidade.

XAVIER FILHO, Sérgio. As cartas não mentem. *IstoÉ*, 1990. p. 48-49.

Agências de publicidade estão recorrendo ao tarô para tentar descobrir os segredos do consumidor. A Young & Rubicam elegeu 9 dos 24 arcanos maiores do tarô para traçar com exatidão o perfil de quem compra no País e desenvolver as suas principais campanhas.

ZAGURY, Tania. *Sem padecer no paraíso*; em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos. 6. ed. São Paulo: Record, 1992.

Um saudável exemplo de que é possível desenvolver sem conservadorismo um pensamento divergente das modas e manias autoproclamadas modernas. Revelando grande sensibilidade para com os sentimentos angustiantes e contraditórios que vivem pais e mães diante da difícil tarefa de educar filhos saudáveis e ajustados numa sociedade marcada pela diver-sidade, o pluralismo e a violência, a autora mostra como as exigências estabelecidas pelos especialistas quanto à melhor forma de atingir esse objetivo são, em geral, de pouca ajuda, ou mesmo dificultam a tomada de decisões equilibradas nas relações entre pais e filhos.

SOBRE CRÍTICA AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

BABIN, Pierre. *Os novos modos de compreender*. São Paulo: Paulinas, 1989.

BERGER, René. *A tele-fissão*. São Paulo: Loyola, 1979.

Biblioteca Salvat de Grandes Temas. *A sociedade de consumo*.

BRITO JR., Elias. *O cristão e o uso da televisão*; um estudo sobre o uso da televisão no contexto cristão contemporâneo. Brasília, mímeo, trabalho apresentado como exigência do curso de Mestrado da Faculdade Teológica Batista de Brasília, na cadeira de Igreja e Sociedade. 1993.

BROSE, Reinaldo. *Cristãos usando os meios de comunicação social — Tele-homilética*. São Paulo: Paulinas, 1980.

CIRNE, Moacy. *Para ler os quadrinhos*; da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. Petrópolis: Vozes, 1982.

DE FLEUR, Melvin. *Teorias de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ENCONTRO DE CASAIS COM CRISTO. Conselho Regional Centro II. *A família e os meios de comunicação social*. Brasília, folheto, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho et al. *Comunicação e missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1989. [Série Teologia em Diálogo; 15.]

HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. 14. ed. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1991.

IRIARTE, Gregório. *Leitura crítica para a interpretação da realidade*. São Paulo: Paulinas, 1986. [Série O Povo Quer Viver; 16.]

LUYTEN, Sônia M. Bibe, org. *Histórias em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Paulinas, 1985.

MELO, José Marques. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1985.

MORIN, Edgard. *Cultura de massa no século XX* [O Espírito do Tempo II — Necrose]. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Para uma leitura crítica da publicidade*. São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. *Para uma leitura crítica dos jornais*. São Paulo: Paulinas, 1984.

SUNG, Jung Mo., coord. *Comunicação e missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1989. *Tramas da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1983.

VAN TILBURG, João Luís. *Para uma leitura crítica da televisão*. São Paulo: Paulinas, 1988.

O DEBATE SOBRE VIOLÊNCIA E SEXO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA (COMENTADA)

Conforme anunciado no capítulo 4, apresentamos, a seguir, uma breve bibliografia sobre violência, sexo e drogas na televisão, relacionados com a discussão sobre censura. Em particular esses artigos estão preocupados com o efeito da TV sobre a infância e juventude.

Ela está disposta em ordem crescente de data de publicação, abrangendo artigos de 1982 até dezembro de 1996, dando uma boa ideia do *crescendo* do tema. Cada citação está organizada na seguinte disposição:

- título do artigo, reportagem ou notícia;
- subtítulo, quando há;
- autor, quando há;
- breve referência sobre o autor, quando há;
- periódico ou jornal, volume ou seção, data da publicação;
- tipo do documento;
- anotações sobre o documento, dando ideia de seu conteúdo ou de assuntos de interesse (precedidas do sinal =>).

A violência e o crime em debate na televisão — José Antônio Pereira Ribeiro (Promotor Público, em São Paulo). Paraná Judiciário, v.1, 1/3/82. Artigo de Periódico. => O crime tem seu tripé na ignorância, na miséria e no vício.

Comunicação, violência e poder — Estagiários da *Revista Comum* (Trabalho preparado pelos estagiários *Revista Comum*, da Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Alonso (1° sem 1980)). *Revista de Cultura Vozes*, ano 77 — vol. LXXVII — Jan.-fev./83 — n° 1, 1/2/83. Reportagem assinada. => Tentam demonstrar como a classe dominante usa os meios de comunicação de massa para estabelecer o monopólio do discurso.

A violência e os aparelhos ideológicos de informação: Exclusão e desejo — Francisco Ricardo Rüdiger (Estudante de pós-graduação em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e jornalista). Comunicação & Sociedade, n° 9, junho 1983, Cortez Editora, 31/7/84. Artigo assinado. => A questão da violência nos meios de comunicação vista por meio de uma análise ideológica.

Pornografia e violência nos meios de comunicação social: uma resposta pastoral— John P. Foley (Presidente do Conselho). *L'Osservatore Romano*, 23/7/89. Artigo sem assinatura. => Resultado da XXIII Jornada Mundial das Comunicações Sociais do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. Analisa os efeitos da pornografia e da violência nos meios de comunicação social, as causas do problema e sugestões de respostas. 32 parágrafos. "Entende-se por pornografia, neste contexto, a violação, por meio do uso de técnicas audiovisuais, do direito à privacidade do corpo humano em sua natureza masculina e feminina, violação que reduz a pessoa humana e o corpo humano a um objeto anônimo destinado a uma má utilização com a intenção de obter gratificação concupiscente".

Promoción del alcohol en la televisión — Roger Barton (Professor de Medicina, Serviço Gastrointestinal da Universidade de Edimburgo, Western General Hospital, Escócia). Foro Mundial de la Salud — OMS — Revista internacional de desarollo sanitario. 1989, vol. 10, n° 2 — abril, 1/4/90. Artigo assinado. => Um estudo do Reino Unido mostrou que a publicidade das bebidas alcoólicas na televisão se dirige aos jovens em particular. Há boas razões para proibir os anúncios dessa natureza na TV.

Sexo, socos e babás — *Veja*, Comportamento, 4/7/90. Reportagem sem assinatura. => Uma pesquisa mostra com quantos tiros e cenas eróticas a televisão cria as crianças enquanto os pais acham tudo natural. Capa: Uma semana no vídeo: 1.145 cenas de nudez; 276 relações sexuais; 72 palavrões; 707 brigas e facadas; 1.940 tiros.

Livre expressão não dispensa respeito: A legislação ordinária estabelece penas a quantos atentam à moral e aos bons costumes — J. Pereira (Jornalista, ensaísta, premiado pela Associação Paulistana de Críticos de Arte). *O Estado de São Paulo*, 30/11/90. Artigo assinado. => Pelo que se observa, muita gente … está interpretando a liberdade reconquistada como licença plena para tudo dizer, mostrar, expressar, sem, em contrapartida, haver responsabilidades a ser assumidas (…) O fato de não haver mais censura não significa que o cidadão, o artista, o escritor, o intelectual tenham o absurdo privilégio de pretender, por exemplo, erigir o obsceno, em arte; a comunicação, como forma de violentar a moral vigente, atropelando-a escandalosamente com cenas, gestos, atitudes e palavras ditas artísticas mas, efetiva e audaciosamente pornográficas ou vexatórias e constrangedoras para quem as

assiste, mas que, ao que parece, fazem as delícias de quem as produz, ou participa delas, e dos espíritos ditos mais avançados.

O sexo e a violência na televisão — Luiz Gonzaga Bertelli (Jornalista e Membro do Instituto dos Advogados). *Correio Braziliense*, 4/7/91. Artigo assinado. => Quando um órgão da divulgação rompe a faixa de sua atuação institucional, tradicional ou finalística, é claro que cai no vácuo da licenciosidade. Refere-se a pesquisa da revista *Veja*, realizada em conjunto com a Universidade de São Paulo, sobre violência, nudez, trejeitos homossexuais, brigas, palavras chulas

As tevês querem censura? — Antônio Britto (Deputado pelo PMDB do Rio Grande do Sul). *Correio Braziliense*, 23/11/91. Artigo assinado. => Pergunto, uma vez mais: quem assiste à programação brasileira de televisão encontra sempre padrões mínimos de racionalidade, respeito à família, bom senso na exploração dos temas, cuidado com os menores? Tristemente, a resposta é não. As emissoras de televisão têm apenas uma tarefa a cumprir — agir com responsabilidade —, e muitas não estão dando conta dela. Fala do Conselho de Ética da ABERT, sem resultado visível.

Brasil tem mais meninas grávidas: Gravidez entre meninas de 15 a 19 anos aumenta quase 50% nas duas últimas décadas no país — Daniela Chiaretti (Jornalista). *Folha de São Paulo*, Cotidiano, 27/7/92. Reportagem assinada. => Página inteira sobre o tema, com tabela sobre o número de mães precoces em 76 e 88, do IBGE. “Garota de 12 anos dá à luz sozinha”; “Nos EUA não querem casar”; “Musa do primeiro sutiã está grávida”; “Filha fez cineasta cursar supletivo”.

Televisão irresponsável? — Eurides Brito da Silva (Deputada Federal pelo PTR do Distrito Federal). *Correio Braziliense*, 5/9/92. Artigo assinado. => As crianças assistem em média a um total de 25 horas semanais de televisão. Mais tempo que na escola. Seguem estatísticas. Pesquisa sobre violência na televisão, em 1990. Código de ética da ABERT, que é acusado de não servir para nada.

Você vê TV? — D. Marcos Barbosa (Membro da Academia Brasileira de Letras). *Jornal do Brasil*, Religião, 24/9/92. Artigo assinado. => O Conselho Estadual de Educação em sessão plenária de 11 de agosto de 1992 aprova por unanimidade a presente Indicação a ser encaminhada às autoridades educacionais do país, buscando-lhes a adesão para um trabalho comum e conjunto com este Conselho, na condenação aos excessos praticados em alguns programas de televisão. Lastima as escolinhas em voga nos programas, pois deterioram a imagem do professor.

TV e violência — Dom Lourenço de Almeida Prado (Reitor do Colégio São Bento, Rio). *Jornal do Brasil*, 15/10/92. Artigo assinado. => O Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, em sua sessão plenária de 11 de agosto do corrente ano, aprovou, por unanimidade, uma Indicação (n° 1/92), em que exprime “o seu mais veemente repúdio aos programas de TV que desmoralizam o professor e desprestigiam a instituição escolar”. Lastima a Escolinha do Professor Raimundo e outras.

Divisão de responsabilidades — D. Eugênio Araújo Sales. *Jornal do Brasil*, 30/1/93. Artigo assinado. => Relata conclusões da Pontifícia Comissão para as Comunicações Sociais, de 7 de maio de 1989. “Uma das consequências fundamentais da

pornografia e da violência é o menosprezo dos demais, ao considerá-los como objetos em vez de pessoas. A pornografia e a violência suprimem a ternura e compaixão, para deixar em seu espaço a indiferença, quando não a brutalidade".

Violência e arte na TV — Leandro Konder (Filósofo). *O Globo*, 20/2/93. Artigo assinado. => Algumas pessoas dizem, um tanto simploriamente, que "não há problema"; sustentam que a violência mostrada na TV não tem nenhum efeito negativo sobre a sociedade…. A TV atua, por vezes, não como espelho, mas como amplificador da violência.

Censura — um fantasma a exorcisar: Histórias dos tempos do regime militar podem desarmar os argumentos dos que pretendem ressuscitar o velho monstro — *Visão*, 10/3/93. Reportagem sem assinatura. => Não há necessidade de censura. Basta usar o código de ética da ABERT.

S*exo, violência, censura* — Moacir Werneck de Castro (Jornalista e escritor). *Jornal do Brasil*, Opinião, 17/4/93. Artigo assinado. => Filmes e novelas metidos pela TV lares adentro tornam a transa um acontecimento banal, como o café da manhã ou o banho de chuveiro. Entre outros, um detalhe chama a atenção: o tratamento ao beijo. De fato, a televisão ensina à meninada que o beijo é o prelúdio necessário, o antecedente imediato da consumação. Nessa selva, o herói se chama Rambo. Na cabeça do telespectador mais ingênuo, a imagem do assassino, do massacrador, se confunde a tal ponto com a noção de heroísmo que a loucura se generaliza.

Os novos rumos da TV. Capa: TV — Patrícia Terra. *Cadernos do terceiro mundo*, ano XV n° 160, 1/5/93. Artigo assinado. => A sociedade brasileira questiona o conteúdo da programação da

televisão — dominada pela violência e pelo sexo— e levanta a polêmica sobre os mecanismos que deveriam ser criados para controlar esses meios de comunicação que, apesar de explorados por empresas privadas, são concessões do Estado, ratificadas pelo Congresso Nacional.

Televisão chamada a juízo — Demétrio Valentini (Bispo de Jales e responsável pelo Setor Pastoral Social da CNBB). *Jornal de Brasília*, 4/7/93. Artigo assinado. => Não se quer a censura, mas simplesmente o cumprimento da Constituição: “Declaramos, sem ambiguidade, não desejar o retorno da censura estética, literária ou político-ideológica. Propugnamos, sim, para que as redes de TV tenham absoluto respeito às normas expressas na Constituição (art. 220-224), nomeadamente quanto às finalidades da informação veraz, objetiva e completa, da educação, da cultura e do sadio lazer”. Pede que o C.N. institua, sem demora, o Conselho de Comunicação Social.

A violência nossa de cada dia — *Jornal do Brasil*, Opinião, 5/7/93. Reportagem sem assinatura. => Quatro artigos assinados: “O Rio está menos violento”, de Luiz Eduardo Soares, pesquisador do Iser e professor da Iuperj e da UERJ; “A Violência na TV”, de Gilberto Velho, professor titular de Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ; “A crueldade e a ética”, de Jurandir Freire Costa, Psicanalista do Instituto de Medicina Social da UERJ, e “O olhar exótico”, de Marília Martins, Responsável pela página de Opinião do JB.

Violência e televisão — Moacir Werneck de Castro (Jornalista e escritor). *Jornal do Brasil*, 28/8/93. Artigo assinado. => Estamos dizendo adeus ao mito da cordialidade brasileira, da “índole pacífica de nosso povo”. Estamos transformados —

irreconhecíveis. Convertida em face do monstro, desfigurou-se a nossa fisionomia de povo folgazão, inzoneiro, que tem como símbolos o carnaval, o samba e o futebol. Mas há uma causa que salta aos olhos e se impõe ao senso comum. É o impacto avassalador da televisão sobre os costumes, num país onde os aparelhos de TV tomam conta das áreas pobres, mais numerosos que as geladeiras. Leonel Brizola está certo quando denuncia a influência da televisão no aumento da criminalidade.

Violência na telinha — Cadernos do terceiro mundo, ano XV n° 164, Mídia, 8/9/93. Reportagem sem assinatura. => Especialistas debatem no Rio a influência dos programas violentos de TV no comportamento social.

I*nformação ou deformação?* — Ana Paula Schmitt (Aluna da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero). *O Estado de São Paulo*, 11/9/93. Artigo assinado. => Jornalismo: ganha-se dinheiro pela venda da verdade, mas se põe a verdade em risco para se vender mais. Critica o programa Aqui Agora da SBT, como banalizador da violência.

A tecnologia educacional e a embriaguez da liberdade: Os meios de comunicação passaram por grande período sob censura e agora vivem a embriaguez da liberdade — Arnaldo Niskier (Professor Titular da UERJ, da Academia Brasileira de Letras). Carta Mensal, vol. 39, n. 466, jan./94, 1/1/94. Artigo assinado. => Citando o jurista Ives Martins Gandra: “Os meios de comunicação estão desrespeitando claramente o artigo 5° da Constituição ao violarem a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem dos cidadãos”.

O lixo na TV — Boris Casoy (Jornalista). *Revista de Cultura Vozes* — N° 3, mai.-jun./94, 1/6/94. Artigo assinado. => Como evitar a

invasão diária desse lixo moral e ético por meio de um instrumento que ocupa lugar de honra em grande parte dos lares brasileiros? Não seria nenhum exagero dizer que a ética e a moral da televisão brasileira são praticamente comandadas pelo IBOPE.

Chega de briga na TV. Entrevista: Jo Groebel — Jo Groebel (Psicólogo alemão, com 15 livros publicados sobre o impacto da violência sobre jovens e adultos). *Veja*, 20/7/94. Entrevista. => O psicólogo alemão que estuda a violência diz que, na televisão, ela causa danos a adultos e crianças ao banalizar as agressões e o crime. “A origem da agressividade está na família e na sociedade, mas a brutalidade na tela pode servir para direcioná-la”.

O quarto poder — Beatriz Bissio (Jornalista). *Cadernos do terceiro mundo*, nov. 1994, n° 179, 1/11/94. Artigo assinado. => A tecnologia moderna dos grandes meios os converteu em armas. As nações dominantes já não necessitam de invasões para ocupar outro país. O poder deslocou-se para os meios de comunicação. Uma das formas mais perversas de violência que a telinha mostra é o modo de vida luxuoso da elite e a oferta de produtos sofisticados a uma população que, na sua maioria, sobrevive no limite da miséria.

A última tragada. Portaria de ex-ministro da Saúde inviabiliza na prática a propaganda de cigarros na televisão — Paulo César Teixeira (Jornalista). *IstoÉ*-1319, Saúde, 11/1/95. Reportagem assinada. => Em seu último ato na pasta, Santillo armou uma bomba de efeito retardado ao sucessor, Adib Jatene, assinando portaria que, na prática, varre a propaganda de tabaco da televisão.

O ninho da serpente — Siro Darlan de Oliveira (Juiz da Segunda Vara de Infância e Juventude do Rio de Janeiro). *Correio Braziliense*, 27/3/95. Artigo assinado. => Pesquisa da Secretaria e Justiça do Rio de Janeiro concluiu que, somente na programação infantil, a mais poderosa rede de tevê do país apresentava, então, uma média de 58 cenas diárias de violência, correspondentes a 34,9% das 166 cenas violentas exibidas na emissora. Outras informações sobre a pesquisa.

A programação da TV deve se sujeitar a critérios de classificação definidos pelo Estado? — (Jornalista). *Folha de São Paulo*, 1/7/95. Reportagem sem assinatura. => Respondem à questão: Não. Luiz Eduardo Borgherth, vice presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert);Em termos. Jorge da Cunha Lima, jornalista e escritor, presidente da fundação Padre Anchieta, e Sim. Paulo Gouvêa da Costa, mestre em Política Pública Internacional pela Universidade John Hopkins (EUA).

Igreja e políticos lutam contra o excesso — Alexandre Botão (Jornalista da equipe do *Correio*). *Correio Braziliense*, 30/7/95. Reportagem assinada. => Página inteira com diversas matérias sobre o assunto, com os seguintes títulos: (1) Título principal, acima; (2) Polêmica: de Eva a Divine Brown; (3) Cenas fortes ao meio-dia; (4) Pesquisa da Soma sobre cenas de sexo e nudez; (5) Nudez vende até geladeira; (6) O puritanismo velhaco da Editora Abril (matéria assinada da Abert contra a reportagem da *Veja* de 26/7/96: “A criança e o sexo na TV”).

A TV, um perigo para a democracia: O excesso de violência e sexo na televisão está provocando uma reação de setores da sociedade que exigem alguma medida de controle. Será isso

possível sem que a censura volte? — Rajane Xavier (Jornalista). *Correio Braziliense*, 13/8/95. Reportagem assinada. => O exagero de cenas de sexo e de violência na televisão, em horários em que crianças e adolescentes formam grande parte da audiência, tem suscitado, em setores cada vez mais amplos da sociedade, o clamor por algum tipo de medida de controle, por parte de alguma espécie de autoridade responsável.

A desagregação familiar e seus reflexos na violência e na criminalidade — Álvaro Lazzarini (Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo). *Revista dos Tribunais*, ano 84 — Setembro de 1995 — vol. 719, 1/9/95. Artigo assinado. => Os órgãos de comunicação na problemática da desagregação familiar e da violência. Uma visão dos psiquiatras sobre a mesma problemática. A responsabilidade do Estado Brasileiro diante da desagregação familiar e dos órgãos de comunicação.

Parente eletrônico: Cresce o fascínio das crianças por novelas e telejornais e se reacende a polêmica sobre a influência da televisão — Cilene Pereira (Jornalista). *IstoÉ*-1367, família, 13/12/95. Reportagem assinada. => Um levantamento realizado pelo instituto [IBOPE], concluído em novembro, revela que … nada menos que 94% das crianças, pelo menos as dos centros urbanos, estão diante da telinha neste horário [entre 20h e 22h]. Os resultados foram obtidos a partir da análise da audiência infantil na Grande São Paulo, região que abriga cerca de 2,5 milhões de crianças. Preferência Infantil: Os cinco programas mais assistidos pelas crianças da Grande São Paulo durante a semana de 5 a 11/6/95: Robocop (643 mil); A próxima vítima (570 mil); Quatro por quatro (556 mil); São Paulo Já (549 mil), e Jornal Nacional (531 mil). Em pesquisa anterior do IBOPE, a

campeã entre as crianças foi “Engraçadinha”, de Nelson Rodrigues, com “cenas tórridas de sexo”.

Violência na TV é prejudicial: Estudos das principais redes dos EUA diz que telespectador pode se tornar agressivo — *Jornal do Brasil*, Ciência, 7/2/96. Artigo sem assinatura. => Estudo baseado na observação de mais de 2.500 horas de programação comercial. Entre os riscos de se expor às cenas mais comuns de violência na TV, estão, segundo o estudo, o de se tornar menos sensível às consequências prejudiciais da violência e o de se converter em um indivíduo com medo de ser atacado.

O ventre da televisão — *Jornal do Brasil*, 22/2/96. Artigo sem assinatura. => Crianças e adolescentes, inocentes ou não, são submetidos à lavagem cerebral da pornografia de mau gosto, nos bailes carnavalescos, abordados pela TV Manchete, que aboliu o limite entre a informação jornalística e a pornografia. Fala no Estatuto da criança e do Adolescente e no Código de Ética da ABERT, que é letra morta.

TV — sociedade cobra qualidade — Calos Alberto di Franco (Chefe do Departamento de Jornalismo e professor titular de Ética Jornalística na Cásper Líbero). *Jornal do Brasil*, 22/2/96. Artigo assinado. => Aprovação, por 416 votos a 16, na Câmara e 91 a 5, no Senado dos EUA, da lei de decência nos meios de comunicação. A televisão é a *baby-sitter* da infância solitária. O Congresso Norte-Americano foi empurrado por uma sociedade cansada da abulia do Estado diante dos abusos das chamadas comunicações eletrônicas. Na Inglaterra, paraíso dos tablóides sensacionalistas, a TV acaba de dar um excelente exemplo de autorregulamentação.

TV nos EUA adota classificação etária — Flavia Sekles (Jornalista correspondente). *Jornal do Brasil*, 1/3/96. Reportagem assinada. => Segundo um estudo da Universidade da Califórnia sobre os efeitos psicológicos da violência na TV, “O risco da violência na TV está no aprendizado de como agir violentamente, na dessensibilização para as consequências prejudiciais da violência e num medo maior de ser vítima da violência”, calculando que 73% dos atos de violência na TV não são punidos, o que transmite às crianças a ideia de que a violência compensa, ou pior, de que é um divertimento.

A televisão e as crianças: sinal aberto — Gabriel Priolli (Jornalista). *Gazeta Mercantil*, 1/3/96. Artigo assinado. => É como se aquele inofensivo eletrodoméstico, que entretém os pequenos quando não temos tempo para eles, de repente adquirisse poderes malignos e conduzisse os nossos filhos para o abismo da violência, do crime e da degradação moral. No entanto, nada disso acontece. Nenhuma pesquisa obteve dados conclusivos.

Crianças dos anos 90 — menos tempo em frente à TV: Pesquisas de agência norte-americana revelam que os computadores pessoais e a TV a cabo fizeram diminuir em 18% a audiência do público infantil nos últimos 12 anos — Geraldine Fabrikant (Correspondente do *New York Times*). *Jornal da Tarde*, Variedades, 9/4/96. Reportagem assinada. => Mas não se enganem: a maior parte das 28,2 milhões de crianças dos EUA, na faixa de 2 a 11 anos, ainda gasta mais tempo assistindo tevê do que praticando qualquer outra atividade — uma média de 21 horas e 38 minutos por semana.

TVs americanas criam “censura” de programas — Carlos Eduardo Lins e Silva (Jornalista correspondente). *Folha de São Paulo*,

1/5/96. Reportagem assinada. => Os 30 mais importantes executivos da indústria da televisão nos Estados Unidos prometeram ontem ao presidente Bill Clinton que até o fim do ano terão preparado um sistema de censura classificatória para seus programas. Sobre o *Vchip*: Nós estamos devolvendo o controle remoto para as mãos dos pais, diz Clinton.

Ministério público quer mudar programas de TV — Folha de São Paulo, Leis, 4/5/96. Artigo sem assinatura. => Contra os programas em que as pessoas participam quando apanhadas de surpresa. Pegadinha do Faustão e Câmera Escondida do SBT. O ideal seria que, inspiradas nas regras da Constituição, as emissoras adicionassem a seu código de ética (a ABERT tem um) normas que taxativamente vedassem a exploração da pobreza ou da ingenuidade.

Direito de recusa — Cesar Maia (Prefeito do Rio de Janeiro). *Jornal do Brasil*, 6/5/96. Artigo assinado. => Recentemente baixei decreto estabelecendo entre as responsabilidades educativas da Prefeitura a orientação às famílias acerca dos efeitos da programação de TV. Como traçar a finíssima linha entre o que é censura e o que é defesa dos padrões morais da comunidade?

Violência corre solta na TV: Sistema de classificação não impede que, no vale-tudo pela audiência, crianças assistam a pancadarias, estupros e assassinatos — Luciana Nunes Leal (Jornalista). *Jornal do Brasil*, 26/5/96. Reportagem assinada. => “Procuramos respeitar os horários estabelecidos pelo ministério. O que aconteceu esta semana no *Cine Trash* foi que fizemos uma seleção com o pior do pior”, justifica o diretor-geral da Rede Bandeirantes, Rubens Furtado. “Sempre existiu violência na TV, o público gosta e não se sente incentivado a cometer atos de

violência.” Nos EUA, 92% dos americanos acham que a violência na televisão aumenta a violência nas ruas; 81% acreditam que a programação de sexo explícito corrói a moralidade; 92% culpam a TV pelo sexo antes do casamento e 76% acham que a programação estimula a gravidez na adolescência.

Censura familiar — *Folha de São Paulo*, 21/6/96. Reportagem sem assinatura. => É defensável a tese de que os pais ou responsáveis, de alguma forma, têm direito de exercer o controle sobre o que seus filhos ou tutelados assistem na TV. Nesse sentido, o projeto de lei do deputado Mendonça Filho (PFL-PE) estabelece a obrigatoriedade da instalação de um dispositivo nos aparelhos de TV (*Vchip*).

A tevê em alerta vermelho: Pesquisa do JT mostra que as emissoras carregam nas cenas de sexo e violência mesmo na programação diurna — Sérgio Roveri e Graziella Beting (Jornalistas). *Jornal da Tarde*, 30/6/96. Reportagem assinada. => O *Ranking* de uma tela quente: mostrando o resultado da pesquisa, comparando, para os horários manhã, tarde e noite, a quantidade de sexo, nudez, palavrões, comportamento antissocial, uso de drogas e cenas picantes. Comparadas: Bandeirantes, CNT/Gazeta, Cultura, Globo, Manchete, Record, SBT, Cartoon, Fox, HBO Telecine e TNT.

Inteligência na TV — Gilberto Dimenstein (Articulista e jornalista). *Folha de São Paulo*, 1/7/96. Artigo assinado. => Ao completar 18 anos, o americano já assistiu na televisão a 40 mil assassinatos e 200 mil agressões. Apoiada em centenas de pesquisas sobre efeitos negativos da TV na formação das crianças, a ofensiva de pais, professores, psicólogos e médicos se espalhou pelo país,

obtendo ontem uma vitória expressiva. Pressionadas, as emissoras anunciaram ontem que se comprometem a transmitir semanalmente no mínimo três horas de programação educativa.

Tevê e responsabilidade social — Roque Spencer Maciel de Barros (Professor de Filosofia e Educação). *Jornal da Tarde*, 4/7/96. Artigo assinado. => A televisão aberta fornece ao telespectador aquilo que ele imagina que quer ver… Programas, enfim, para satisfazer ou despertar o que há de mais animal e bárbaro no ente humano.

TV na família — Anna Veronica Mautner (Psicanalista). *O Estado de São Paulo*, 8/7/96. Artigo assinado. => Cada dia sem mudança é mais um dia sem discussão a respeito do que assistir. Fala sobre o efeito do costume aos horários fixos e habituais da programação da televisão sobre a vida em família.

A televisão e você: A passividade é, de longe, a pior sequela dos 20 anos de ditadura — Carlos Alberto di Franco (Diretor de Innovation, International Media Consulting Group, e professor de Ética Jornalística). *O Estado de São Paulo*, 8/7/96. Artigo assinado. => Pesquisa realizada pelo *Jornal da Tarde*, nos dias 22 e 23 de junho, comprovou que a televisão, por falta de conteúdo e pela pragmática estratégia de que conquistará audiência com cenas de violência e sexo pesado, se transformou num contínuo *clip*, assanhado e desregrado, em que as imagens deixaram de se relacionar diretamente com o que está sendo dito, espelho de sua indigência conceitual. Fala do Código de Ética da ABERT, lançado em fevereiro de 1991, código de Defesa do Consumidor e Estatuto da Criança e do Adolescente e a Portaria n° 773.

Nudez invade TV nas tardes de domingo: Na briga pela audiência, cresce a exposição de corpos nus e seminus nos programas do Gugu e do Faustão — *Jornal da Tarde*, 14/7/96. Reportagem sem assinatura. => Nós criamos um programa de auditório para todo tipo de pessoa: uma hora tem bunda, outra hora tem choro, outra tem atração para criança (Faustão). Se naquela tarde Divine pegasse o controle remoto e trocasse o programa do Gugu pelo do Faustão, assistiria à versão global para a matinê de domingo; um concurso das melhores nádegas, versão feminina e masculina, seguido pelos desfiles da miss bumbum Nilza Monteiro e da bubum-exportação Valéria Vanessa. Ilustrado.

Liberdade sem permissividade: Ministério da Justiça estuda propostas de aplicação de sistemas classificatórios para programas de televisão — Carmem Moretzsohn (Jornalista). *Jornal de Brasília*, 14/7/96. Reportagem assinada. => Em tempos de extrema velocidade de informação, intercâmbio de culturas, como respeitar os padrões morais, religiosos, éticos de cada família brasileira? Essas questões, no mínimo delicadas, têm sido alvo dos estudos do Departamento de Classificação do Ministério da Justiça. Há mais de um ano a equipe vem preparando propostas de aplicação de sistemas classificatórios específicos para cada veículo. Estamos discutindo um serviço que seja sustentado pelas próprias emissoras, com conteúdo voltado para o interesse público. Depoimento de pais e mestres.

Erotismo liberado para menores: A escalada sexual na TV influencia as crianças e preocupa os pais — *Veja*, matéria de capa, 26/7/96. Artigo sem assinatura. => Contém pesquisas sobre o conteúdo do sexo na TV, sobre o que a população acha desse conteúdo. Sete meninas e quatro meninos de 7 a 13 anos falam

sobre masturbação, uso de camisinha, virgindade e relações sexuais.

TVs fazem acordo para transmitir programas educativos infantis — Roger Fillion — Reuters (Jornalista, Correspondente). *Gazeta Mercantil*, 30/7/96. Notícia/reportagem. => Washington — As principais redes de televisão dos EUA passarão a transmitir pelo menos três horas semanais de programas educativos para as crianças segundo os termos de um acordo concluído com o governo, anunciou ontem o presidente Bill Clinton. O acordo ainda precisa ser aprovado pelo FCC, que até o momento se encontra em um impasse de 2 a 2 sobre a questão.

Toda nudez será permitida: Cenas de sexo em programas assistidos por crianças e adolescentes geram debate sobre limites do erotismo na televisão — Edna Dantas e Evan Cláudio (Jornalistas). *IstoÉ*-1400, 31/7/96. Reportagem assinada. => “O Gugu é taradinho. Seus jogos mostram os seios e o bumbum das mulheres” (Thiago Cacerelli, 9 anos). “Eu e minha namorada ficamos um em cima do outro como nas novelas” (Evandro da Silva, 11 anos). 70% das famílias não controlam o tempo em que seus filhos ficam à frente da televisão. O abuso em números (quantidade de cenas contabilizadas no período de 13 a 14 de julho, do meio-dia à meia-noite) — tabela. Margritt, diretora do Departamento de Classificação Indicativa do Ministério da Justiça.

Transpotting livre para entrar em cartaz: Promotora arquiva pedido de apreensão do filme. Acha difícil alguém se interessar por droga após vê-lo — *Jornal da Tarde*, 13/8/96. Reportagem sem assinatura. => Segundo o parecer da promotora, o pedido do

advogado não tem amparo legal, pois indica a existência de crime antes da exibição pública da fita.

Promotora pede arquivamento da representação de Coslovsky: Transpotting — Ministério Público condena eventual censura do filme — Fernando Oliva (Jornalista). *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 13/8/96. Reportagem assinada. => O advogado Coslovsky pede a proibição do filme por achar que ele incentiva jovens a consumir heroína, usando o art. 5° da Constituição.

O fim da censura: Ministério da Justiça propõe hoje a extinção do Departamento de Classificação Indicativa — Luiz Costa Pinto e Mànya Millen (Jornalistas). *O Globo*, 14/8/96. Reportagem assinada. => Os representantes do Governo vão propor na reunião de hoje a criação, dentro da ABERT, de uma espécie de conselho de autorregulamentação da produção e da programação audiovisual de nossos cinemas e de nossas emissoras de TV abertas.

Sensualidade refreada — Ana Lúcia do Vale. *Correio Braziliense*, 17/8/96. Artigo assinado. => Devido ao constante festival de peitos peludos e dorsos femininos à mostra nas novelas da Globo, o vice-presidente de operações da emissora, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni), resolveu tomar medidas para coibir o que alguns espectadores consideram um incômodo.

O sexo deve ser censurado na publicidade? — IstoÉ, Polêmica, 11/9/96. Reportagem sem assinatura. => “No meu entender, está tudo muito frouxo e largado, principalmente com as coisas que saem na televisão” — Nelson Gonçalves, cantor. “Toda uma geração criada com base na repressão sexual não diminuiu o número de estupradores” — Agnelo Pacheco, publicitário.

Domingo de horrores — Rosualdo Rodrigues (Jornalista). *Correio Braziliense*, 11/9/96. Reportagem assinada. => Seios, coxas e traseiros femininos se tornaram munição obsoleta na guerra pela audiência travada entre Globo e SBT todas as tardes de domingo. Para manter a liderança, os produtores de Domingão do Faustão e Domingo Legal perdem de vez o bom senso e apelam cada vez mais para o bizarro.

A TV deve ser regulamentada: Entrevista com Robin Moss, Chefe de transmissões educacionais da Comissão Independente de Televisão (ITC), órgão responsável pela concessão de licenças a emissoras comerciais e pela manutenção de padrões éticos nas transmissões da Inglaterra. — Cláudio Cordovil (Jornalista). *Jornal do Brasil*, 14/9/96. Entrevista. => Defende um conselho ético que fiscalize o conteúdo dos programas a partir de um código de conduta de agência diretamente ligada à esfera legislativa. Para Moss, conter os apelos generalizados de desregulamentação a todo custo em uma sociedade globalizada é a única maneira de fazer com que a televisão trabalhe para o povo e não contra ele.

TV — a hora do consumidor: Qualidade técnica não garante retidão ética. E sem ética é o vazio — Carlos Alberto di Franco (Diretor de Innovation, International Media Consulting Group, e professor de Ética Jornalística). *O Estado de São Paulo*, Espaço Aberto, 22/9/96. Artigo assinado. => As famílias têm direito a um parâmetro para seus filhos, com horários que sejam cumpridos. Senão ficam à mercê da guerra de audiência das emissoras. Comentário de Margritt Schimidt, diretora do Departamento de Classificação Indicativa do Ministério da Justiça. A decisão de criar um conselho para classificar a programação foi tomada em

reunião entre a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) e o Ministro da Justiça, Nélson Jobim.

França controla sexo e violência na TV: Conselho que rege concessões manda tevês informarem ao público sobre o grau de erotismo e pancadaria em filmes e programas. *Correio Braziliense*, 25/9/96. Reportagem sem assinatura. => “Fiz a luta contra a violência na televisão meu cavalo de batalha”, costuma dizer Hervé Burges, presidente do Conselho Superior de Audiovisual (CSA) da França. Acordos de renovação das concessões obrigam as emissoras a elaborar um código de informação ao público, em matéria de violência, erotismo e pornografia.

O direito de escolher — Margritt Dutra Schmitt (Diretora do Departamento de Classificação Indicativa do Ministério da Justiça). *Correio Braziliense*, 25/9/96. Artigo assinado. => Relata o andamento das negociações com a ABERT para criação de um organismo colegiado de autorregulamentação dos meios de comunicação de massa.

Guerra contra violência nas telas de TV: Na campanha de revisão moral que corre a Grã-Bretanha, governo estuda critérios para controlar exibição e venda de filmes — Lola Galán (Jornalista do *El País*). *Correio Braziliense*, 8/11/96. Reportagem assinada. => O governo britânico decidiu pôr fim à violência que chega às casas por meio da televisão ou dos filmes de vídeo. A ministra da Cultura e do Patrimônio, Virgínia Bottomley, convocou com urgência os responsáveis pela BBC, a Comissão Independente de Televisão — com responsabilidades sobre as cadeias particulares — e o órgão que analisa a qualidade dos programas que são transmitidos para discutir o pacote de medidas

destinadas a proteger os telespectadores mais vulneráveis à violência que é transmitida pela televisão: as crianças.

A tevê posta sob controle — Roque Spencer Maciel de Barros (Professor de Filosofia e Educação). *Jornal da Tarde*, 17/11/96. Artigo assinado. => Os pais devem ter condições de preservar seus filhos do bombardeio antieducativo da maioria dos programas de televisão. Fala do projeto de Lei n° 1.256/96, do deputado Cunha Bueno, que "dispõe sobre a obrigatoriedade de os novos aparelhos de televisão conterem dispositivo que possibilite o bloqueio temporário da recepção de programação inadequada". [*Vchip*].

Nudez altera o IBOPE: A novela Xica da Silva, exibida pela rede Manchete, conseguiu um significativo aumento de três pontos no IBOPE, na quinta-feira passada. Tudo por conta da primeira cena de nudez da atriz Taís Araújo, que até então estava proibida de tirar a roupa em cena, por ser menor de idade. — *Correio Braziliense*, 2/12/96. Reportagem sem assinatura. => O banho nu de Taís chegou a 3,9 milhões de domicílios — só na capital paulista — dois dias depois que a atriz completou os tão esperados 18 anos.

Nudez Esperada: Manchete faz suspense para tirar a roupa de Taís Araújo, mas a audiência cai — João Gabriel de Lima (Jornalista). *Veja*, Televisão, 4/12/96. Reportagem assinada. => Exibida na noite de quinta-feira passada, a nudez de Taís Araújo dura dois minutos e vinte segundos — um tempo enorme para a televisão. Taís tirou a roupa em Xica da Silva não como personagem, pois não havia nenhuma necessidade, na trama, para que o fizesse. Sua nudez foi um recurso — banal — para alavancar pontos na

audiência explorando suas formas de atriz. Ela não foi a primeira a chorar por esse motivo.

Meninas que viram mães antes da hora: Ah, esses nossos filhos — *Correio Braziliense*, Capa, 8/12/96. Artigo sem assinatura. => De repente, a barriga pesou sobre a calça s*aint-tropez*. O corpo tomou formas arredondadas e a menina sentiu um coração bater dentro de si. A chamada remete para a pág. 20, que tem o título: “Uma geração de mães ainda meninas”. Página inteira.

Acabou a brincadeira — Marcelo Abreu (Jornalista). *Correio Braziliense*, Cidades, 29/1/97. Artigo assinado. => Censo realizado pelo IBGE, no final do ano passado e divulgado este mês, mostra que as adolescentes com idade de 15 a 19 anos mudaram as regras do jogo. E estão engravidando numa proporção crescente.

Noite de prazer — Mernardo Scartezini (Jornalista). *Correio Braziliense, Dois, 29/1/97. Artigo assinado. => As madrugadas da Tevê Bandeirantes foram invadidas por filmes eróticos de qualidade duvidosa. O critério de seleção é objetivo: “Tem que ter mulher bonita e uma cena quente nos primeiros 20 minutos”, explica o programador da emissora*.

Caro leitor:

Acesse **www.ultimato.com.br** e faça seu comentário sobre este livro. Conheça também outros títulos da editora e a revista Ultimato.

Caixa Postal 43 | 36570-970 | Viçosa-MG
Tel.: 31 3611-8500
www.**ultimato**.com.br

ICABODE — da mente de Cristo à consciência moderna

Categoria: Ética / Igreja / Liderança

Copyright © 1998, Rubem Martins Amorese

Todos os direitos reservados

Primeira edição: Agosto de 1998

Projeto gráfico: Editora Ultimato

Capa: Marcelo Simão de Vasconcellos

Revisão: Bernadete Ribeiro

Luiz Carlos Alves de Oliveira

ISBN 978-65-86173-43-7

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.**ultimato**.com.br

facebook.com/**editora.ultimato** twitter.com/**ultimato**

instagram.com/**editoraultimato**